

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JACILDO DA SILVA DUARTE

**A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO RELIGIOSA NAS IGREJAS DIANTE DA
NOVA REALIDADE NAS IGREJAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS
BRASILEIRAS: NOVOS CAMINHOS DE UMA QUARTA ONDA DO
PENTECOSTALISMO**

Brasília-DF, 2021

JACILDO DA SILVA DUARTE

**A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO RELIGIOSA NAS IGREJAS DIANTE DA
NOVA REALIDADE NAS IGREJAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS
BRASILEIRAS: NOVOS CAMINHOS DE UMA QUARTA ONDA DO
PENTECOSTALISMO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação. Linha de Pesquisa: Identidades e Sociabilidades.

Orientador: Dr. José Ivo Follmann

Brasília

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sueli Costa CRB-8/5213

Duarte, Jacildo da Silva

A desinstitucionalização religiosa nas igrejas
diante da nova realidade nas igrejas pentecostais e
neopentecostais brasileiras: novos caminhos de uma quarta
onda do pentecostalismo / Jacildo da Silva Duarte. -
Brasília, 2021.
205 f.

Orientador: José Ivo Follmann

Tese (doutorado) - Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais,
2021

1. Desigrejados 2. Neopentecostalismo 3. Onda
pentecostal 4. Pentecostalismo 5. Protestantismo
I. Follmann, José Ivo II. Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais III. Título

CDD-284
D812d

JACILDO DA SILVA DUARTE

**A DESINSTITUCIONALIZAÇÃO RELIGIOSA NAS IGREJAS DIANTE DA
NOVA REALIDADE NAS IGREJAS PENTECOSTAIS E NEOPENTECOSTAIS
BRASILEIRAS: NOVOS CAMINHOS DE UMA QUARTA ONDA DO
PENTECOSTALISMO**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação. Linha de Pesquisa: Identidades e Sociabilidades.

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Ivo Follmann – Orientador (PPG-CS, UNISINOS)

Prof. Dr. José Rogério Lopes (PPG-CS, UNISINOS)

Profª. Dra. Adevanir Aparecida Pinheiro (PPG-CS, UNISINOS)

Prof. Celso Gabatz (PPG-TEO, EST)

Prof. Dr. Oneide Bobsin (PPG-TEO, EST)

A Deus, que ofereceu seu filho em sacrifício vicário em meu lugar; ao meu amado Salvador, Jesus Cristo, que me amou mesmo eu sendo ingrato e pecador; e àqueles cujos ombros sobre os quais pude subir e me apoiar para avançar em um campo do conhecimento desejava conhecer, mas me sentia incapaz. São tantas pessoas que não sou capaz de nomear neste momento. Mas não posso me esquecer da minha família, que a todo instante me incentivou, estendeu a mão para me ajudar a levantar quando a carga estava prestes a me sucumbir. Há também aqueles que, no anonimato, tornaram-se gigantes e me carregaram nos momentos em que as forças me faltaram. O que dizer dos meus mestres, que com humildade e paciência não consideraram minha incapacidade, mas a todo instante acrescentaram ao meu castelo de sonhos mais uma coluna a fim de torná-lo realidade. Há uma pessoa que, embora no silêncio, falava-me, com sua sabedoria, mais que qualquer outra – minha mãe: com seus 88 anos, parece uma criança, pelo entusiasmo com o qual me estimula nos estudos. Da mesma forma, o meu saudoso pai, repetidas vezes me estimulou a estudar, e usava uma frase que certamente ouviu alguém dizer: *“é filho de lavrador que chega a ser doutor”*. E o meu caro sobrinho, Cezar Augusto, que me estendeu a mão uma infinidade de vezes a fim de me orientar para lidar com as ferramentas da informática, ferramenta custosa, com a qual teria sido quase impossível lidar sem sua ajuda. O que posso dizer de minha esposa, que com seu apoio moral, afetivo e financeiro, não me deixou desistir? Dos meus filhos, Duarte Henrique, Álvaro, Jonatas, e a memória de meu eterno filho Matheus? Esses, sem dúvida, estiveram do meu lado o tempo inteiro. Para eles dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Sou grato, primeiramente, a Deus, Senhor da minha vida, mas também sou grato a todos que, de alguma forma, participaram deste empreendimento. Entretanto, seria ingratidão se não mencionasse aqui meu digno orientador, professor Dr. José Ivo Follmann, que com sua infinita paciência e imensa competência me fez gestar e ver nascer este texto que se apresenta como resultado de uma árdua tarefa realizada e, a todos os instantes, assessorada por ele, com correções, sugestões e muita orientação.

Não posso me esquecer da minha família – minha esposa, Reny Maria, que muitas vezes me incentivou quando a caminhada parecia maior que minha capacidade para realizá-la, além de abrir mão da minha presença em momentos tão especiais para nós.

Aos meus amigos, também incentivadores, que dedicaram períodos preciosos de suas orações em meu favor para que forças me viessem nos momentos mais duros da jornada. Àqueles que deram sugestões, ofereceram material de consulta e o tempo inteiro cobravam a elaboração deste texto.

Aos desigrejados, participantes desta pesquisa, que com coragem e desafiando um sistema centenário, tomaram a atitude que consideram a mais acertada, ao se desinstitucionalizarem e seguirem com afinco a serviço do Mestre e de sua obra.

Aos que me acenavam durante a caminhada, com palavras de incentivo, estímulo e encorajamento. Mas não devo agradecer apenas a estes, pois durante todo o período de realização desta jornada tive a cooperação dos colegas da turma, dos professores, dos funcionários da UNISINOS, em especial da Secretaria do Programa, como a Maristela. Portanto, a todos eu serei sempre muito agradecido.

Apeguemo-nos com firmeza à esperança que professamos, pois aquele que prometeu é fiel.

E consideremo-nos uns aos outros para incentivar-nos ao amor e às boas obras.

Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia.

(Hebreus 10:23-25)

RESUMO

O cenário religioso brasileiro sofreu mudanças a partir do final do século XIX, quando chegaram ao país as igrejas protestantes históricas, e no começo do século XX, com o início do movimento pentecostal. As igrejas pentecostais, principalmente, provocaram a quebra do monopólio da Igreja Católica no cenário religioso. Ocorreu uma ressignificação da religiosidade, com o despertar de lideranças emergentes nas igrejas, que iniciaram novas igrejas, implantando inovações na liturgia, no louvor e na pregação. Surgiu o fenômeno chamado neopentecostalismo. A nova metodologia/estratégia contribuiu para que milhares de pessoas começassem a frequentar o novo formato de culto, no que foram imitadas pela maioria das igrejas pentecostais e por algumas não pentecostais. Esta tese retoma a concepção de Paul Freston, também utilizada por Ricardo Mariano e por outros, a partir da qual se definem caracteristicamente três grandes ondas do pentecostalismo no Brasil, para, mediante variado material empírico, primário e secundário, juntar argumentos a fim de demonstrar a existência de características de uma *quarta onda do pentecostalismo* que vem sendo desenhada por meio do fenômeno crescente dos “desigrejados”, ou, mais propriamente, da desinstitucionalização religiosa no meio pentecostal e neopentecostal. O objetivo geral foi compreender as causas desse movimento. Especificamente, buscou-se identificar: *i*) a relação entre a liturgia praticada pelas igrejas pentecostais e neopentecostais e o afastamento das pessoas; *ii*) os principais motivos ou razões da rejeição e do afastamento dos membros das igrejas pentecostais e neopentecostais; *iii*) as novas expectativas por parte dos “desigrejados” após a desinstitucionalização. Teoricamente, a pesquisa fundamentou-se, principalmente, nos trabalhos realizados por Freston (1994); Mariano (2004; 2014); Romeiro (2005) nas abordagens e comentários sobre o neopentecostalismo; Berger (1985; 2017; 2017b) acerca das questões relacionadas ao processo de secularização; Hervieu-Léger (2015) ao comparar o movimento de secularização nas igrejas brasileiras e francesa; Souza e Martino (2004) e Teixeira e Menezes (2011) tendo em vista a relação da sociologia da religião e mudança social; Matos (2011; 2017) ao tratar da história das igrejas protestantes brasileiras. Além dessas obras, foram fundamentais a abordagem feita por Bauman (2013) conceituando o que chamou de modernidade líquida, expressão que ele adota para falar da volatilidade das relações interpessoais e sociais, de modo geral, tendo em vista que esse comportamento tem sido um dos indicadores do processo de desinstitucionalização, bem como os artigos publicados por Follmann (2006; 2007) com esclarecimentos sobre a

mudança de comportamento religioso em diversas igrejas. Foram, sobretudo, essenciais dezenas de entrevistas informais realizadas com as pessoas nas igrejas. Aplicou-se ainda dois questionários semiestruturados, um dirigido aos “desigrejados”, obtendo-se 31 respostas de 45, ou seja 69%, e outro aos pastores e líderes das igrejas pentecostais e neopentecostais, obtendo-se 17 respostas de 48, ou seja 35,4%. O estudo conseguiu desenhar um quadro de debate suficiente para que se possa manter a hipótese da *quarta onda do pentecostalismo* no Brasil, caracterizada basicamente pelo fenômeno da crescente multiplicação dos “desigrejados” ou da desinstitucionalização religiosa no meio pentecostal e neopentecostal. O estudo também assume um caráter de ciência aplicada, na medida em que buscou entrar em interlocução com preocupações pastorais internas presentes nas igrejas.

Palavras-chave: Desigrejados. Desinstitucionalizados. Neopentecostalismo. Ondas do Pentecostalismo. Pentecostalismo. Protestantismo.

ABSTRACT

The Brazilian religious scenario has suffered changes since the end of the 19th century when the historical protestant churches arrived in the country in the beginning of the 20th century with the start of the Pentecostal movement. The Pentecostal churches, in special, provoked the rupture of the Catholic Church's monopoly in the religious scenario. It occurred a religious resignification with the awakening of emerging church leaders and the opening of new churches bringing innovations on liturgy, worship and preaching. It emerged a phenomenon called Neo-Pentecostalism. The new *modus operandi* contributed so that thousands of people started to attend the new format de culto, which was copied by the majority of the pentecostal churches and also a few Non-Pentecostal ones. The thesis resumes Paul Freston's conception, also utilized by Ricardo Mariano and others, from which it is defined characteristically three big waves of Pentecostalism in Brazil in order to collect arguments to demonstrate, through various empiric material, primary and secondary, the existence of characteristics of a fourth wave of Pentecostalism that is being designed by this rising phenomenon of the "unchurched" or, more properly, of the religious deinstitutionalization among the Pentecostal and Neo-Pentecostal. The main purpose was to comprehend the causes of this movement. Specifically, it was sought to identify: *i*) the correlation between the liturgy practiced by Pentecostal and Neo-Pentecostal churches and the disengagement of people; *ii*) the main motives or reasons of rejection and of the disengagement of the members of these aforementioned churches; *iii*) the new expectancies of the "unchurched" after the deinstitutionalization. Theoretically, the research was based, mainly, on the works done by Freston (1994); Mariano (2004;2014); Romeiro (2005) on the approaches and comments about Neo-Pentecostalism; Berger (1985; 2017; 2017b) on the process of secularization matters; Hervieu-Léger (2015) comparing the secularization movement of the Brazilian and French churches; Souza and Martino (2004), and Teixeira and Menezes (2011) on the correlation of the religious sociology and social change; Matos (2011; 2017) on the history of the Brazilian protestant churches. Beyond these works, the approach taken by Bauman conceptualizing what he called liquid modernity, an expression he adopts to talk about the volatility of interpersonal and social relationships, in general, considering that this behavior has been one of the indicators of the deinstitutionalization process Bauman (2013), the papers published by Follmann (2006 and 2007) with

clarifications about the change of religious behavior on many churches were of the most importance. It was also, and above all, required to be performed dozens of informal interviews with people at churches. Two semi-structured questionnaires were applied, one for the “unchurched”, obtaining 31 answers out of 45 (i.e., 69%), and another directed to pastors and leaders of the Pentecostal and Neo-Pentecostal churches, obtaining 17 answers out of 48 (i.e., 35, 4%). The research was able to draw a line of debate that is sufficient to maintain the hypothesis of a fourth wave of Pentecostalism in Brazil, characterized basically by the phenomenon of the increasing multiplication of “unchurched” people or the religious deinstitutionalization in the mid of the Pentecostal and Neo-Pentecostal. The study also takes up a character of applied sciences, in the degree that it sought to enter in interlocution with pastoral internal concerns present at churches.

Keywords: Pentecostalism. Neo-Pentecostalism. Unchurched. Deinstitutionalization. Waves of Pentecostalism. Protestantism.

RESUMEN¹

El escenario religioso brasileño ha cambiado desde finales del siglo XIX, cuando las iglesias protestantes históricas llegaron al país y a principios del siglo XX, con el inicio del movimiento pentecostal. Las iglesias pentecostales, principalmente, causaron la ruptura del monopolio de la Iglesia Católica en la escena religiosa. Hubo una resignificación de la religiosidad, con el despertar de líderes emergentes en las iglesias que iniciaron nuevas iglesias, implantando innovaciones en la liturgia, la alabanza y la predicación. Surgió el fenómeno del llamado neo-pentecostalismo. El nuevo *modus operandi* contribuyó a que miles de personas comenzaran a asistir al nuevo formato de culto, en lo que fueron imitados por la mayoría de las iglesias pentecostales y también por algunas no pentecostales. La tesis retoma el concepto de Paul Freston utilizado también por Ricardo Mariano y otros, a partir del cual se definen característicamente tres grandes olas de pentecostalismo en Brasil, para recolectar argumentos para demostrar, mediante diversos materiales empíricos, primarios y secundarios, la existencia de características de una cuarta ola de pentecostalismo, que ha sido diseñada mediante el creciente fenómeno de los "desigrejados" o, más propiamente, de la desinstitucionalización religiosa en el ámbito pentecostal y neopentecostal. El objetivo principal era entender las causas de este movimiento. Específicamente, buscaba identificar: *i*) la relación entre la liturgia practicada por las iglesias pentecostales y neopentecostales y la lejanía de las personas; *ii*) las principales razones o motivos del rechazo y la lejanía de los miembros de las iglesias pentecostales y neopentecostales; *iii*) las nuevas expectativas, por parte de los "desigrejados", tras la desinstitucionalización. Teóricamente, la investigación se basó principalmente en la labor realizada por Freston (1994); Mariano (2004; 2014); Romeiro (2005) en los planteamientos y comentarios sobre el neopentecostalismo; Berger (1985; 2017; 2017b) en cuestiones relacionadas con el proceso de secularización; Hervieu-Léger (2015) comparando el movimiento de secularización en las iglesias brasileñas y francesas; Souza e Martino (2004) y Teixeira e Menezes (2011) la relación entre la sociología de la religión y el cambio social; Matos (2011; 2017) la historia de las iglesias protestantes brasileñas. Además de estos trabajos, fueron fundamentales el enfoque adoptado por Bauman al conceptualizar lo que llamó modernidad líquida, expresión que adopta para

¹ Traducción realizada con la versión gratuita del traductor www.DeepL.com/Translator.

hablar de la volatilidad de las relaciones interpersonales y sociales, en general, dado que este comportamiento ha sido uno de los indicadores del proceso de desinstitucionalización Bauman (2013), los artículos publicados por Follmann (2006 y 2007) con explicaciones sobre el cambio de comportamiento religioso en varias iglesias. Por encima de todo, docenas de entrevistas informales con gente de las iglesias fueron fundamentales. También se aplicaron dos cuestionarios semiestructurados, uno dirigido a los "desigrejados", obteniendo 31 respuestas de 45, o el 69%, y el otro a los pastores y líderes de las iglesias pentecostales y neopentecostales, obteniendo 17 respuestas de 48, o el 35,4%. El estudio pudo dibujar un cuadro de debate suficiente para mantener la hipótesis de la cuarta ola de pentecostalismo en el Brasil, caracterizada básicamente por el fenómeno de la creciente multiplicación de los "desigrejados" o de la desinstitucionalización religiosa en el entorno pentecostal y neopentecostal. El estudio también asume un carácter de ciencia aplicada, en la medida en que buscó entrar en diálogo con las preocupaciones pastorales internas presentes en las iglesias.

Palabras clave: Desigrejados. Desinstitucionalizados. Neopentecostalismo. Pentecostalismo. Ondas del Pentecostalismo. Protestantismo.

LISTAS DE ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

Abep – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa

ARA – Tradução da Bíblia feita por João Ferreira de Almeida, versão Revista e Atualizada

ARC – Tradução da Bíblia feita por João Ferreira de Almeida, versão Revista e Corrigida

BKJ – Bíblia King James – Tradução da Bíblia feita a pedido do Rei Tiago (James) da Inglaterra no século XVII

MEC – Ministério da Educação

NVI – Bíblia – Nova Versão Internacional

Rev. – Reverendo – Título que se dá aos dignitários eclesiásticos e aos sacerdotes em geral. (Dicionário *Priberam* da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/reverendo> [consultado em 27 out. 2020]).

WEB – nome pelo qual a rede mundial de computadores internet se tornou conhecida a partir de 1991. Web é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. O significado de web ganhou outro sentido com o aparecimento da internet. A web passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (WWW).²

World Wide Web – é um sistema de documentos dispostos na internet que permitem o acesso às informações apresentadas no formato de hipertexto. Para ter acesso a tais informações pode-se usar um programa de computador chamado navegador. Os navegadores mais famosos são: Internet *Explorer*, *Mozilla Firefox*, *Google Chrome* e *Safari*.³

² Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=WEB+QUAL+O+SIGNIFICADO&qs=n&form=QBRE&sp=-1&ghc=1&pq=web+qual+o+s&sc=0-12&sk=&cvid=618F088AEE1447358E449A44915552CD>

³ MARTINS, Elaine. O que é World wide web? **TecMundo**, 17 out. 2008. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/web/759-o-que-e-world-wide-web-.htm>.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E APROXIMAÇÕES AMPLAS DA TEMÁTICA	17
1.1 Introdução	17
1.2 Motivações Intrínsecas para a Escolha do Tema	36
1.3 O Cenário Religioso Brasileiro	40
1.4 Uma Visão Sociológica da Religiosidade Brasileira	49
1.5 O Protestantismo Brasileiro	57
2 REFINANDO O CONTEXTO E A TEMÁTICA EM PAUTA	67
2.1 O Movimento Pentecostal Brasileiro	67
2.2 O Crescimento do Pentecostalismo e o Início do Neopentecostalismo no Brasil	78
2.3 As Ondas do Pentecostalismo Brasileiro	82
2.4 Pentecostalismo Brasileiro e Mudança Social	87
3 NOS CAMINHOS DA SECULARIZAÇÃO E DO DESENCANTAMENTO RELIGIOSO INSTITUCIONAL	91
3.1 Arbitrariedade dos Líderes no Processo de Desinstitucionalização ...	92
3.2 O Desafio de Retornar ao Ponto de Divergência	98
3.3 A Necessidade de uma Nova Reforma?	100
3.4 A Questão Financeira nas Igrejas	105
3.5 A Teologia da Prosperidade.....	108
3.6 Secularização Religiosa	113
3.7 A Confissão Positiva	117
3.8 A Banalização da Mensagem: um breve histórico	119
3.9 A Troca do Essencial pelo Supérfluo	124
3.10 A Indiferença e a Arrogância das Lideranças nas Igrejas	129

4 BUSCANDO APROXIMAÇÕES NO HORIZONTE DE CONSTRUÇÃO DE SOLUÇÕES	148
4.1 Existe Solução para o Problema?	148
4.2 Uma Reação Sugerida para as Igrejas	153
4.3 As Causas do Processo de Desinstitucionalização	163
4.4 Consequências da Desinstitucionalização nas Igrejas	167
5 BUSCANDO SÍNTESES DE RESULTADOS E CONCLUSÕES	169
5.1 Conclusões no espelho dos objetivos e hipóteses	169
5.2 Ampliando as Considerações	172
REFERÊNCIAS	184
ANEXOS.....	190
Anexo 1 – Definição de Termos – Glossário	190
Anexo 2 – Questionário – Desinstitucionalizados	200
Anexo 3 – Questionário – Pastores / Líderes	202
Anexo 4 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	203
Anexo 5 – Informações sobre os Pesquisados	205

1 INTRODUÇÃO E APROXIMAÇÕES AMPLAS DA TEMÁTICA

Os tópicos a seguir oferecem uma orientação geral sobre a temática que se pretende pesquisar. Incluem as motivações intrínsecas referentes à escolha do tema, bem como os esclarecimentos sobre o envolvimento deste pesquisador com o objeto da pesquisa e sua relevância. Na sequência é apresentada, de forma resumida, uma descrição do cenário religioso brasileiro, acompanhado de uma tabela, fornecida pelo IBGE, cujo propósito foi demonstrar como se chegou ao atual estágio no cenário religioso brasileiro, quando a Igreja Católica, absoluta na condução da religiosidade do povo brasileiro, passou a perder terreno gradativamente, provocado pelo desenvolvimento e crescimento dos evangélicos. Além disso, com base no texto *Visão Sociológica do Protestantismo Brasileiro*, procurou-se demonstrar a importância de se fazer uma pesquisa sobre os seguimentos pentecostal e neopentecostal no Brasil por sua relevância sociológica, por serem estas as igrejas mais afetadas pelo fenômeno que aqui denominamos de *quarta onda do pentecostalismo*. Encerra-se com uma abordagem sobre o protestantismo brasileiro, de forma bastante generalizada.

1.1 Introdução

Falar sobre um tema que envolve tanto passionalismo e, ao mesmo tempo, manter-se isento, sem preconceitos, julgamentos, sem o tendencionismo⁴ que busca prevalecer quando o assunto é o comportamento dos cristãos nas igrejas pentecostais e neopentecostais, é sempre um grande desafio. Isso se torna mais comprometedor, principalmente quando se convive no ambiente de ocorrência do fenômeno, em um trabalho quase etnográfico. No entanto, o desejo de obter respostas diante de questões que nos inquietam pessoalmente, uma vez que mexem profundamente com convicções sedimentadas ao longo de décadas de envolvimento pessoal, encoraja-nos para encarar esta tarefa hercúlea.

Antes de tudo, havia motivações suficientes para encarar o desafio, embora não imaginasse que o riacho no qual foi colocada a pequena embarcação para nos levar nessa

⁴ Corrente de pensamento e atitudes voltadas para levar alguém a ter um pensamento igual àquele de quem tem a oportunidade de passar valores a outra pessoa. Tomar partido de um tipo de pensamento ou atitude para mudar ou manipular o pensamento de outrem para tirar proveito próprio ou tirar proveito para uma corrente de pensamento que lhe seja interessante. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/tendencionismo/>.

aventura fosse desaguar quase imediatamente em um caudaloso rio, com águas agitadas, correntezas, cachoeiras com tamanho e profundidade assustadora e cujas margens são alargadas pela violência das águas.

Entretanto, a única maneira de esclarecer as dúvidas que pairavam sobre as igrejas pentecostais e neopentecostais, instituições centenárias muito bem solidificadas, bem estruturadas, mas que, com o decorrer do tempo e com seu crescimento, as bases capazes de garantir a estabilidade se tornaram frágeis, incapazes de resistir às pressões que passaram a sofrer. Essa foi a principal motivação para fazer o que agora está apresentado neste trabalho de tese, que em suas limitações necessárias não consegue reproduzir toda importância que o assunto envolve nem os abismos ainda a serem transpostos para que realmente as dúvidas fiquem esclarecidas, ou pelo menos a maior parte delas.

Com uma longa caminhada no âmbito do tema em pauta, estávamos desejosos de entender os motivos pelos quais uma instituição que deveria funcionar de modo harmonioso enfrenta um turbilhão que assola todo o sistema, e faz com que pessoas que antes a abraçaram agora a rejeitem.

Em busca de respostas para o processo da desinstitucionalização das igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras decorrente do modelo de organização eclesiástica, de seus efeitos no processo de frustração e decepção religiosa de seus membros como elemento caracterizador do que podemos classificar como uma *quarta onda no pentecostalismo*.

Foi assim que nos aventuramos no intuito de descobrir por que as modernas igrejas pentecostal e neopentecostal brasileiras estão enfrentando uma das piores crises da sua história, que já soma mais de 110 anos. Nosso principal objetivo foi compreender as causas desse movimento – a frustração, insatisfação e desinstitucionalização dessas pessoas.

Especificamente, nossos objetivos foram: *i)* identificar a relação entre a liturgia praticada pelas igrejas pentecostais e neopentecostais e o afastamento das pessoas; *ii)* enumerar as principais razões do afastamento dos membros das igrejas pentecostais e neopentecostais; *iii)* delinear motivos que fazem com que as pessoas criem rejeição aos tipos de práticas desenvolvidas nessas igrejas; *iv)* identificar novas expectativas, por parte dos desigrejados, após a desinstitucionalização; e *v)* refletir sobre possíveis alternativas para solucionar o problema.

Para o levantamento dos dados que oferecessem respostas na consecução desses objetivos, foi organizado um questionário semiestruturado com seis questões fechadas e

vinte abertas. As principais questões abertas foram: Qual denominação você frequentava ao desinstitucionalizar-se? O que foi decisivo para você desinstitucionalizar-se? Você tem alguma crítica com relação às denominações religiosas? Qual a postura dos pastores diante da sua decisão? Como você analisa a postura da igreja em relação aos desigrejados? Qual sua sugestão para minimizar esse desapontamento dentro da Igreja? Após o seu afastamento da instituição, você continua praticando o cristianismo? Você chegou a compartilhar sua frustração com a liderança da denominação? Você tem intenção de voltar ao convívio de uma instituição religiosa? Justifique.

Devemos ressaltar que, segundo consta nas Escrituras e professam os seguidores, o pentecostalismo não iniciou com as igrejas atuais, remonta aos dias do cristianismo primitivo, no primeiro século da Era Cristã, quando os cristãos experimentaram o movimento promovido pelo Espírito Santo no dia de Pentecostes em Jerusalém,⁵ em cumprimento ao que profetizara o profeta Joel:

E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. (JL. 2:28-29)

Naquele dia os primeiros cristãos receberam o batismo no Espírito Santo, falaram novas línguas, (a xenolalia), profetizaram e foram capacitados de forma sobrenatural, literalmente dinamizados, para, com ousadia, testemunharem a mensagem que naquele momento se iniciava, como descrito por Lucas, no Livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 1, versículos 7 e 8:

Respondeu-lhes: Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra. (AT. 1:7-8)

⁵ O Pentecostes foi o dia em que o Espírito Santo foi derramado sobre os discípulos pela primeira vez. Antes disso, o Pentecostes era uma festa judaica instituída por Deus, para celebrar a colheita. Pentecostes é uma palavra grega que significa “quingagésimo”, porque acontecia 50 dias depois da Páscoa. Outros nomes que a Bíblia dá ao Pentecostes são: Festa das Semanas – porque acontecia sete semanas depois da Páscoa (50 dias são sete semanas) – Levítico 23:15-16. Festa da Colheita dos Primeiros Frutos – porque celebrava o início da colheita desse ano – Números 28:26. A festa do Pentecostes servia para agradecer a Deus pela comida que Ele providenciava. Acontecia no fim da primeira colheita do ano e os judeus se juntavam para oferecer uma porção da colheita a Deus. O Pentecostes era uma grande celebração, que todos os judeus deviam atender em Jerusalém. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/o-que-e-o-pentecostes/>.

Nossa pesquisa buscava levantar as causas desse processo que aqui chamamos, hipoteticamente, de *quarta onda do pentecostalismo*. Muitas foram as questões levantadas nas hipóteses: seria a forma de agir, posturas egoístas dos frequentadores, insubmissão, ou seria o modelo de organização e administração eclesial? Seria metodologia/estratégias adotadas nas igrejas estariam proporcionando essa mudança? O que a igreja poderia fazer para reverter ou ao menos diminuir esse movimento que já é uma realidade irreversível?

A temática do afastamento de fiéis de suas instituições religiosas não é tão simples como a princípio se pode imaginar. Ela é precedida por uma situação social mais profunda que a simples questão religiosa ou tendência por algum tipo de prática religiosa. O que está por trás é o processo de secularização, conforme abordado por Peter Berger:

por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesial, por exemplo. Quando falamos em cultura e símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo socio estrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. (BERGER, 1985, p. 119)

O fenômeno também foi identificado por Hervieu-Léger (2015), socióloga francesa que define a secularização como o impacto do pensamento moderno em diferentes níveis na sociedade, permeando a economia, a política, os meios intelectuais e os valores simbólicos sobre a religião, ou mais precisamente, como afirma, sobre a configuração tradicional das relações entre a religião e a sociedade.

Da mesma forma deve ser analisada a abordagem feita por Follmann (2007), que mesmo sem se propor a falar com exclusividade sobre o processo de desinstitucionalização religiosa o faz com muita clareza, trabalhando as estatísticas religiosas em diferentes estados do Brasil acerca do comportamento religioso da sociedade atual. Essa mesma abordagem serve também para registrar que há vários olhares sobre o mesmo tema, como esse registro que ora estamos fazendo. Diferente da nossa proposta de buscar respostas para o fenômeno, Follmann (2007) aborda o tema sob a ótica de quem olha para o processo de afastamento das pessoas das igrejas com base no processo de secularização que vem ocorrendo nas igrejas

brasileiras, mais fortemente institucionalizadas, deixando claro que o fenômeno não é privativo da Igreja Católica nem de qualquer denominação, mas de várias igrejas conforme mostram as estatísticas:

Podemos falar numa clara desinstitucionalização religiosa no Brasil. Esta se dá, sobretudo, pela via da descatoalização de forma particular, no contexto dos estados aqui mostrados como “cenário evangélico” e “cenário sem-religião”. Trata-se de um evidente dismantelamento do monopólio religioso. A descatoalização. Isto é, o fato de podermos visualizar outros “Brasis” com coloração religiosa diversa, no caso brasileiro, como em outros lugares, mostra que estamos em um caminho de secularização. Mas não se trata só de desmonopolização. Podemos falar, também, em desluteranização, em desepiscopalização, em despresbiteranização, em desmetodização, uma vez que o cenário do “Brasil evangélico” é crescentemente um cenário pentecostal e neopentecostal. Trata-se da substituição de soluções de compromisso comunitário por soluções individualizadas. (FOLLMANN, 2007, p. 18)

Pode-se perceber, portanto, o processo de secularização a partir do momento em que as pessoas decidem abandonar as instituições para desenvolver a vida religiosa separada das igrejas em um processo caracterizado por Follmann (2007) como perda da força institucional pública das igrejas (secularização) acompanhado por aquilo denominado pelo autor como “secularização encantada”, que significa *o abandono das instituições*, mas não a prática religiosa organizada no plano pessoal, sem orientação externa para a escolha do local de prestar seus cultos ou desenvolver as atividades religiosas.

Como ficou comprovado nas reflexões de Follmann (2007), as pessoas estão deixando não apenas a Igreja Católica, mas também outras igrejas mais fortemente institucionalizadas e históricas. Em sua análise, o autor deixa margem para trânsito religioso em busca de igrejas menos institucionalizadas, como seriam as pentecostais e neopentecostais e outras formas religiosas. O que nós estamos enfocando é a forte evidência de que o fenômeno da desinstitucionalização e do desigrejamento se faz sentir também nas igrejas pentecostais e neopentecostais. O fenômeno analisado nesta tese faz o levantamento dos motivos do afastamento das pessoas em um processo que chamamos de desinstitucionalização ou desigrejamento, mas que não fica só no afastamento – as pessoas passaram a promover palestras, numa tentativa de estimular outras a realizarem o mesmo processo, e alguns, inclusive, passaram a criticar severamente as instituições religiosas, como Frank Viola e George Barna, cuja obra ressalta diversos desvios das igrejas

evangélicas na formação de sua liturgia, copiados de práticas pagãs. Considerando o que foi dito, seria uma simples continuidade e ampliação do fenômeno já percebido há mais tempo nas igrejas históricas mais institucionalizadas ou haveria elementos novos a considerar? Estaríamos, talvez, diante de uma *quarta onda no pentecostalismo brasileiro*?

A partir de múltiplas interlocuções pessoais, fomos levados a nos colocar a hipótese de que estaríamos vivendo um processo de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, na perspectiva dos principais pesquisadores que procuraram compreender o assunto. E, de forma especial, adotamos e prosseguimos aqui com a terminologia utilizada por Freston (1994), que estabeleceu o que chamou de “*as ondas do pentecostalismo no Brasil*”. Portanto, neste trabalho, a expressão *quarta onda do pentecostalismo* tem a intenção de ser o prolongamento dos estudos realizados por Freston (1994), que alistou as três primeiras ondas da igreja pentecostal brasileira, a partir da chegada ao Brasil, em 1910, da Igreja Congregação Cristã no Brasil, e em 1911, da Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

A fim de proporcionar melhor entendimento, será apresentado um breve relato da origem do que foi classificado como *ondas pentecostais* nas igrejas protestantes brasileiras. O termo foi adotado por Freston (1994) no artigo intitulado *Breve história do Pentecostalismo Brasileiro*, publicado na obra *Nem Anjos Nem Demônios*, organizada por Alberto Antoniazzi. Freston utilizou a nomenclatura criada nos Estados Unidos para classificar os movimentos ocorridos dentro do cristianismo na história da igreja. [Informação dada por Mariano (2014) ao mencionar o pastor David Martin como autor da classificação do cristianismo nas seguintes ondas: a puritana (Inglaterra no final do século XVI); a metodista (Inglaterra, do século XVIII) e a pentecostal (Estados Unidos, início do século XX)].

Aproveitando-se dessa classificação, Freston (1994) faz uma adaptação da metáfora para o pentecostalismo brasileiro, classificando-o em ondas. Considerando que seu propósito foi distinguir os três momentos do pentecostalismo no Brasil (surgimento, desenvolvimento e consolidação) com o surgimento das igrejas neopentecostais da mesma forma que as ondas marítimas não são iguais, o movimento classificado como ondas também tem claras distinções um do outro.

Como exposto acima, Freston (1994) chamou de *primeira onda* a chegada ao Brasil das duas igrejas pentecostais clássicas ou históricas. Em 1910, a Congregação Cristã no Brasil, e em 1911 a Igreja Assembleia de Deus. A *segunda onda* foi considerada por Freston com a abertura no Brasil da Igreja do Evangelho Quadrangular (origem americana) em 1951;

a Igreja O Brasil para Cristo (origem brasileira) em 1955; e a Igreja Deus é Amor (origem brasileira) em 1962. A *terceira onda* com a abertura da Igreja de Nova Vida, em 1969; a Comunidade Sara Nossa Terra, em 1976; a Igreja Universal do Reino de Deus, em 1977; e a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1980.

Perceber as diferenças entre as igrejas de cada onda não é tão simples, pois há elementos comuns nas três ondas, mas basicamente a distinção se dá pelos seguintes elementos: as igrejas da *primeira onda* enfatizavam o falar em línguas, como evidência do batismo com o Espírito Santo (*glossolalia/xenolalia*), a *parousia*⁶ ou a volta iminente de Jesus para arrebatá-la igreja e julgar o mundo, a atualidade dos dons espirituais, alto grau de sectarismo em relação às demais igrejas/religiões, inclusive evangélicas, naquele momento.

As igrejas da *primeira onda* supervalorizavam a renúncia por seus membros aos hábitos chamados de mundanos, como diversão, lazer, participar de eventos sociais fora da igreja, a modéstia no vestir, a proibição quanto ao uso de adereços pessoais, principalmente para os membros femininos (chamado pelos pastores de usos e costumes) e forte aversão à formação teológica de seus líderes ou de qualquer de seus membros [De acordo com Freston (1994), essa tradição foi herdada dos fundadores do pentecostalismo sueco, pietistas, que se opunham à igreja luterana e, posteriormente, reforçado nos Estados Unidos e, por consequência, repudiavam as formalidades exigidas pela igreja “oficial” sueca quanto à formação de seus clérigos], além de não enfatizar o estudo secular, também considerado mundano, numa clara influência do pietismo⁷ das igrejas suecas que, juntamente com as igrejas pentecostais americanas, moldaram o pentecostalismo brasileiro e, por fim, praticantes de um grau de *ascese*⁸ religiosa.

⁶ A palavra “parousia”, vem do grego e significa volta, chegada, advento. Nas igrejas pentecostais significa a volta de Jesus Cristo no fim dos tempos, para o Juízo Final, descrito como o último julgamento de Deus sobre os seres da Terra.

⁷ O pietismo é uma doutrina protestante, surgida no lastro da Reforma Protestante do século XVI com uma perspectiva de olhar para o mundo como algo de extrema insignificância, pois se foca exclusivamente em tornar a alma individual melhor. Radicalmente individualista e profundamente gnóstico, o movimento evita o envolvimento político, denigre o exercício do domínio e algumas vezes faz adições à lei de Deus, enfatizava a conversão pessoal, a santificação, a experiência religiosa, diminuição na ênfase aos credos e confissões, a necessidade de renunciar o mundo, a fraternidade universal dos crentes e uma abertura à expressão religiosa das emoções. Disponível em: <http://monergismo.com/rcsprouljr/o-que-e-pietismo/>.

⁸ Ascese no cristianismo, como em todas as grandes religiões, é o conjunto de práticas austeras, comportamentos disciplinados e evitações morais prescritos aos fiéis, tendo em vista a realização de desígnios divinos e leis sagradas. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=ascese+significado&form=ANNTH1&refig=81a5acee99a1491db4c20fe4fad3b16&sp=5&q=AS&pq=ascese&sk=AS4&sc=8-6&cvid=81a5acee99a1491db4c20fe4fad3b16>.

Esse comportamento avesso à formação teológica se relaciona com a rejeição que sofreram os pentecostais desde o início do movimento pentecostal moderno [chamamos de pentecostalismo moderno o movimento atual, oriundo dos Estados Unidos, nas primeiras décadas do século XX para destacá-lo do movimento ocorrido no início do cristianismo, no primeiro século]. Conforme ressalta Mattos (2018)

Por seu lado, diante da rejeição generalizada que sofreram desde sempre, pentecostais acabaram por desenvolver um anti-intelectualismo que tem caracterizado a maioria do movimento doente quer que tenha se implantado, com grande desconfiança e até mesmo desprezo pela academia, particularmente pelas instituições teológicas. [...] a formação de teólogos pentecostais brasileiros entre pentecostais tem sofrido de um déficit histórico causado por diversos motivos, inclusive a uma recorrente resistência, até mesmo desconfiança, de pentecostais quanto à educação teológica mais formalmente institucionalizada. [...] o fato de nos últimos vinte anos novas gerações de pentecostais procurarem por instituições teológicas não pentecostais para estudos, quer em nível de graduação quer no de pós-graduação, acaba por produzir na verdade teólogos pentecostais sem teologia pentecostal. Por mais boa-vontade que tais instituições tenham ao acolher estudantes pentecostais, a verdade é que elas não têm condições de oferecer orientações cujas episteme e hermenêutica sejam próprias à experiência pentecostal em si mesma, possibilitando assim uma teologia pentecostal que se legitime por si só ainda que em diálogo com outras disciplinas. [...] O trágico resultado desta lacuna tem sido ou a alienação de estudantes pentecostais de suas comunidades originárias ou sua rendição a teologias de diversas matizes que, no fundo, pouco têm a ver com as narrativas das experiências pentecostais. (MATTOS, 2018, p. 13-16)

As igrejas da *segunda onda* continuaram aceitando a atualidade dos dons espirituais, o batismo com o Espírito Santo, mas não valorizaram o falar em línguas (*glossolalia/xenolalia*), eliminaram a maior parte do sectarismo religioso, desconsideraram as exigências do que era chamado de usos e costumes e priorizaram os meios de comunicação na pregação do Evangelho.

As igrejas da *terceira onda pentecostal* não valorizaram o batismo com o Espírito Santo, nem o falar em línguas (*glossolalia/xenolalia*), mas investiram fortemente na Teologia da Prosperidade (foco no acúmulo de riquezas material), a Confissão Positiva (o direito de cada cristão de receber de Deus o que pedir). Eliminaram completamente a questão dos usos e costumes, mas continuaram mantendo certo grau de sectarismo, principalmente com relação às religiões afro-brasileiras, com forte perseguição a essas religiões, ênfase aos

cultos de libertação com a prática do exorcismo, diálogos com as entidades espirituais que se apossam das pessoas, curas das enfermidades físicas e psicossomáticas. Em nosso entendimento, foi essa a perspectiva de Freston (1994) ao considerar as três ondas do pentecostalismo brasileiro.

Além de Freston, Mariano (2014) oferece, na sua perspectiva, o conceito de ondas pentecostais, conforme descreve a seguir:

Referindo-se à história mundial do cristianismo, David Martin (1990) distingue três grandes ondas: a puritana, a metodista e a pentecostal. A façanha desta última, para ele, foi ter atravessado a fronteira dos mundos anglo e hispânico em larga escala. O uso desta metáfora marinha para classificar distintos movimentos de renovação de linha pentecostal é comum nos EUA. Lá trabalha-se com três ondas, cada qual subdividida em correntes [...] a primeira onda é a pentecostal propriamente dita. Abrange as mais antigas denominações pentecostais, nomeadas de clássicas, criadas nas primeiras décadas do século (XX). A segunda onda, iniciada no final dos anos 50 e começo dos 60, constitui o movimento de renovação carismática, denominado inicialmente de neopentecostal, termo abandonado no final da década de 70. Inclui as igrejas carismáticas independentes e os cristãos que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais, mas que permaneceram como grupos renovados dentro de suas denominações não pentecostais. Discordam das crenças dos pentecostais clássicos de que falar em línguas seja o primeiro sinal do batismo com o Espírito Santo. A terceira onda, iniciada nos anos 80, é o *mainstream church renewal*. Inclui os *evangelicals* e os cristãos que, inspirados pelo Espírito Santo, praticam os dons, com pouca ênfase para o dom de línguas, enfatizam os sinais, os milagres e os encontros de poder, mas permanecem em suas igrejas não pentecostais. Não se identificam como pentecostais ou carismáticos, nem se organizam como grupos renovados no interior das denominações. (MARIANO, 2014, p. 28)

Neste ponto, devemos destacar que as igrejas Congregação Cristã no Brasil⁹ e Assembleia de Deus,¹⁰ em 1910 e 1911, respectivamente, eram ambas conduzidas por

⁹ A CONGREGAÇÃO CRISTÃ tem origem num pequeno grupo de evangélicos italianos que, na cidade de Chicago nos Estados Unidos da América, no ano de 1904, passou a se reunir em suas casas, buscando a guia Divina para seguir os ensinamentos bíblicos cristãos, dentro da simplicidade da fé apostólica. A CONGREGAÇÃO CRISTÃ não tem qualquer vínculo com partidos ou ideologias políticas e os integrantes de cargos espirituais, ou de administração, devem se abster de aceitar cargos ou encargos políticos, sendo incompatível o exercício concomitante de funções em ambas as esferas (cargo ou encargo político e função espiritual ou administrativa na igreja). Recomenda-se aos membros cumprir os deveres cívicos de cidadãos, consoante as leis do país. Disponível em: <https://www.congregacaocristanobrasil.org.br/institucional>.

¹⁰ A origem das Assembleias de Deus no Brasil está no fogo do reavivamento que varreu o mundo por volta de 1900, início do século XX, especialmente na América do Norte. Os participantes desse reavivamento foram cheios do Espírito Santo da mesma forma que os discípulos e os seguidores de Jesus durante a Festa Judaica do Pentecostes, no início da Igreja Primitiva, conforme está escrito em Atos 2. Assim, eles foram chamados de “pentecostais”.

missionários vindos dos Estados Unidos. Importante salientar que a Congregação Cristã no Brasil foi fundada em Chicago, EUA, em 1906, por um grupo de evangélicos italianos.

Essas igrejas foram exclusivas no segmento do Evangelho pentecostal até meados do século XX no Brasil. Na metade do século passado, teve início um processo de dissidência de parte da liderança que não parou mais, surgindo as novas igrejas pentecostais. Mas não foram somente os dissidentes que abriram novas igrejas. Outras lideranças surgiram no cenário evangélico brasileiro, com inovações, inserindo elementos na liturgia do culto, utilizando fortemente a mídia na divulgação do Evangelho, mais dinamismo na evangelização nos “cultos ao ar livre”,¹¹ prática utilizada pelas igrejas anteriores, mas de maneira menos atraente para aqueles que deles participavam.

O fenômeno chamado por Freston (1994) de *terceira onda ou neopentecostalismo*, como resultado da transformação e readaptação das igrejas pentecostais, veio à tona no final da década de cinquenta do século passado, segundo Giraldo (2015). São os novos cristãos surgidos entre os pentecostais históricos, enfatizando a realização de cultos de libertação espiritual, com a utilização de métodos não ortodoxos, para os padrões daquelas igrejas pentecostais.

O neopentecostalismo ou *terceira onda do pentecostalismo* é uma vertente do evangelicalismo que reúne igrejas do movimento de Renovação Cristã e, de acordo com Mariano (2014), designa o crescimento do movimento pentecostal no Brasil e na América Latina a partir dos dissidentes que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico e até mesmo das igrejas cristãs reformadas (batistas, metodistas, presbiterianas, congregacionais, entre outras), propondo uma nova forma de culto, liturgia e inovações nas

Exatamente como os crentes que estavam no Cenáculo, os precursores do reavivamento do século XX falaram em outras línguas que não as suas originais quando receberam o batismo no Espírito Santo. Outras manifestações sobrenaturais, tais como profecia, interpretação de línguas, conversões e curas também aconteceram.

¹¹ Culto ao ar livre é uma estratégia de se pregar o Evangelho com a finalidade de levar a mensagem aos lugares onde as pessoas que ainda não são evangélicas frequentam. É um método estratégico, porque se realiza o culto de forma bem objetiva direcionado a um público muito específico, sendo que a estrutura da pregação se faz em um local público (praças, ruas, coretos etc.) e geralmente com grande fluxo de pessoas. O diferencial do culto ao ar livre está ligado ao público-alvo, normalmente esse tipo de culto visa alcançar o maior número de pessoas possíveis da região em que é realizado. Até o final do século passado era uma estratégia muito utilizada pelas igrejas, mas não é mais tão frequente atualmente. Era um instrumento eficaz de evangelização em massa e produzia muitos resultados, tendo em vista que muitas pessoas se sentiam inibidas ao frequentarem uma igreja e usando essa estratégia estimulavam as pessoas a ouvirem a mensagem e decidirem a fazer parte de uma igreja evangélica, com muita liberdade no ambiente natural, em que as pessoas se sentiam muito mais à vontade por estar em sua zona de conforto.

práticas conservadoras praticadas pelas igrejas pentecostais históricas e sem o comportamento sectário característico daquelas denominações.

Ao empreender a pesquisa sobre o processo de desinstitucionalização, a hipótese levantada era de que a metodologia/estratégia adotada pelos pastores e líderes, as descobertas e a mudança de perspectiva em relação a esse comportamento por parte dos membros das igrejas seriam as principais causas para seu surgimento, e, como Pierucci (2013), com base nas ideias de Max Weber, fala de desencantamento do mundo, seria um reforço para essa postura.

Desencantamento do mundo é uma expressão cunhada pelo sociólogo alemão Max Weber a fim de explicar o processo de racionalização por que passou a religiosidade ocidental.

Embora em nossa sociedade a expressão “desencantamento” tenha a conotação de perda, de desilusão, não é esse o conceito atribuído a ele por Max Weber, tendo em vista que na língua alemã a expressão original tenha o significado de “desmagificar”, perder a magia. Na verdade, o conceito de Weber intenciona explicar o fenômeno que aconteceu no mundo ocidental, com o processo de religiosidade, e não lamentar eventuais perdas. Como explicado por Pierucci, “o desencantamento em sentido estrito se refere ao mundo da magia e quer dizer literalmente: tirar o feitiço, desfazer um sacrilégio, escapar da praga rogada, derrubar um tabu, em suma quebrar o encanto” (PIERUCCI, 2013, p. 7). Na verdade, a expressão está ligada à emergência do racionalismo ocidental, conforme acentua o autor, e nem de longe tem quaisquer conotações de sofrimento ou de decepção.

Por desencantamento do mundo, neste trabalho consideraremos as consequências das mudanças, no campo religioso ocidental, que têm levado ao afastamento de um contingente cada vez maior das instituições religiosas em um processo até agora inédito de desinstitucionalização e desigrejamento acentuadamente entre os evangélicos, pentecostais e neopentecostais no Brasil. E, em um segundo plano, a própria dinâmica da sociedade, com a descoberta de novos valores em decorrência do volume maciço de informações a que a população tem acesso, poderia também tê-lo motivado. Estabelecemos, a partir dessa hipótese, como objetivo geral da pesquisa compreender as causas do processo de frustração, insatisfação e desinstitucionalização nas igrejas pentecostais e neopentecostais, de forma a identificar as principais artérias do fenômeno que está levando as igrejas ao que chamamos de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*.

A fim de alcançar o objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: *primeiro*, identificar a relação entre a liturgia praticada pelas igrejas pentecostais e neopentecostais e o afastamento das pessoas; *segundo*, enumerar as principais razões do afastamento dos membros das igrejas pentecostais e neopentecostais; *terceiro*, delinear motivos que fizeram com que as pessoas criassem rejeição relacionadas às práticas desenvolvidas nessas igrejas; *quarto*, identificar novas expectativas, por parte dos desigrejados, após a desinstitucionalização; *quinto*, refletir sobre possíveis alternativas para solucionar o problema.

A consecução dos objetivos, geral e específicos, proporcionaram-nos segurança para entender, mesmo que de maneira incompleta, o problema sobre o qual nos propusemos a pesquisar o que denominamos, como já foi dito, de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*. E, com base na resposta obtida na pesquisa podemos dar sequência ao estudo realizado no final do século passado por Paul Freston, utilizado por Ricardo Mariano (2014) nos estudos sobre o pentecostalismo brasileiro,

visando analisar profundamente o neopentecostalismo, vertente pentecostal mais recente e dinâmica, responsável principalmente pela transformação teológicas, axiológicas, estéticas e comportamentais por que vem passando o movimento pentecostal (MARIANO, 2014, p. 9)

Na busca da compreensão do comportamento das pessoas entrevistadas que optaram por se desinstitucionalizar, procuramos também identificar a relação entre as atitudes dos pastores e líderes nos diversos níveis e departamentos dessas igrejas, relacionadas com a decisão tomada. E, na sequência, levantar os motivos que fazem com que as pessoas criem rejeição ao tipo de práticas desenvolvidas nessas igrejas; delinear novas expectativas, por parte dos desigrejados, após a desinstitucionalização das igrejas pentecostais e neopentecostais e, por fim, identificar as atitudes dos pastores e líderes a fim de evitar a continuidade do processo de forma crescente.

O tema tem sido debatido no âmbito dos desinstitucionalizados, e, com menos intensidade, também está ocorrendo na academia, principalmente nos cursos de teologia e história das religiões. Embora exista um grande número de publicações a respeito, a maioria delas ainda é classificada como fontes nativas, com exceção das obras de autores

consagrados,¹² deixando uma lacuna a ser explorada, apresentando um viés mais acadêmico. Acredita-se, portanto, na necessidade de uma abordagem isenta do passionalismo denominacional, visto claramente em muitas obras consultadas.

Nosso interesse em pesquisar o assunto se deve também à sua relevância, como movimento social que vem mudando a visão sobre os pentecostais e neopentecostais no cenário da igreja evangélica brasileira como elemento caracterizador de uma “nova onda pentecostal”, neste trabalho denominado de *quarta onda do pentecostalismo*, na sequência ao trabalho de Freston (1994) que já denominou as três primeiras ondas:

o pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada quase simultânea da Congregação Cristã (1910) e da Assembleia de Deus (1911). Estas duas igrejas têm o campo para si durante 40 anos, pois as suas rivais (vindas do exterior, como a Igreja de Deus, ou de cismas da Assembleia, como a Igreja de Cristo) são inexpressivas. A Congregação, após o grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a Assembleia se expande geograficamente nesse período como a Igreja protestante nacional por excelência. Em alguns Estados do Norte, o protestantismo praticamente se reduz a ela. Para todos os efeitos a única grande igreja protestante a implantar-se e irradiar-se do eixo Rio-São Paulo, a Assembleia firmou, nas primeiras décadas uma presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos *em meio a dezenas de menores) surgem: a Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e um outro grupo expressivo é a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). Novamente essas igrejas trazem uma atualização inovadora da inserção social e do leque de possibilidades teológicas, litúrgicas, éticas e estéticas do pentecostalismo. O contexto é fundamentalmente carioca. A vantagem dessa maneira de colocar ordem no campo pentecostal é que ressalta, de um lado, a versatilidade do pentecostalismo e sua evolução ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, as marcas que cada igreja carrega da época em que nasceu. (FRESTON, 1994, p. 70-71)

Em decorrência da escolha do título desta pesquisa, queremos chamar a atenção para a publicação de Paulo Rogério Rodrigues Passos, lançada em 2014, sob o título de *A quarta*

¹² São considerados autores consagrados aqueles que têm formação acadêmica nas áreas de sociologia, antropologia, história, filosofia ou formação religiosa em seminários maiores que incluem os alunos que estão já na última etapa da sua formação para o sacerdócio na Igreja Católica Apostólica Romana e que frequentam o curso superior de Teologia.

onda Pentecostal e os batalhadores no Brasil – O reencantamento religioso pela via do consumo, pela editora Novas Edições Acadêmicas, que traz, no nosso entendimento, mais um aspecto caracterizador da *terceira onda*, já abordada por Freston (1994).

Mesmo a obra de Passos (2014) tendo título similar ao atribuído a esta pesquisa, entendemos que o objetivo do autor foi evidenciar mais uma das consequências da *terceira onda* – o oferecimento de um leque de opções para aqueles que frequentam as igrejas, transformando-as em um mercado no qual os clientes podem adquirir o produto que mais lhes interessa. Portanto, a proposta daquela obra é distinta da que aqui se propõe, tendo em vista que Passos (2014) mostra mais uma tendência das igrejas identificadas na *terceira onda* para atrair mais adeptos. Nesta pesquisa, no entanto, não identificamos esse fato como uma quarta onda, na perspectiva apresentada por Freston (1994), pois ocorre apenas oferta de novas atrações nas igrejas que se caracterizaram por diversificar as ofertas das igrejas anteriores, quebrando barreiras que durante décadas estiveram presentes nas igrejas pentecostais históricas, mas os frequentadores desse “mercado” continuam nas igrejas da *terceira onda*, não se tornam desigrejados.

O mesmo processo ocorre com os objetivos propostos, pois enquanto a tese busca dar sequência ao que Paul Freston chamou de ondas do pentecostalismo brasileiro, a intenção desta tese é abordar o tema sob a mesma perspectiva, mas sob a égide de uma *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, como intitulamos o trabalho – A desinstitucionalização religiosa nas igrejas diante da nova realidade nas igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras: novos caminhos de uma *quarta onda do pentecostalismo*.

Esse fato – que, hipoteticamente, denominamos de surgimento da *quarta onda no pentecostalismo* – implica, necessariamente, o surgimento de novas formas de prática religiosa cristã, mas fora das instituições, o que podemos chamar de secularização, desinstitucionalização, Igrejas Orgânicas, Igrejas Domésticas ou outros e o trabalho de Passos (2014) foi produzido com uma proposta distinta, descrita nos seguintes termos:¹³

A configuração do campo religioso brasileiro vem sofrendo mudanças tão rápidas quanto à própria realidade. Pautado nessa perspectiva, novas denominações religiosas ajustam os seus serviços exatamente no sentido de suprir esses novos anseios. A Igreja Apostólica Fonte da Vida se caracteriza como uma entre outras que se enveredaram teologicamente para o caminho do empoderamento individual como meio de mobilidade e

¹³ Disponível em: <https://my.nea-edicoes.com/catalog/details/store/gb/book/978-3-639-61256-1/a-quarta-onda-pentecostal-e-os-batalhadores-no-brasil?search=manual%20de%20efici%C3%Aancia>.

inserção social. Com um rol de serviços destinados a classe média emergente e uma doutrina racional e proativa, o mote dos seus serviços consiste em inserir o indivíduo no mercado, bem como, integrá-lo na rede associativa da instituição. Com uma programação intensa de atividades de lazer e entretenimento, o membro encontra um significativo cardápio de possibilidades pessoais e sociais com seu ingresso na igreja. Com tantos diferenciais atrelados aos seus serviços, como também, o perfil socioeconômico do seu séquito de fiéis, podemos definir o estágio em que a Igreja Fonte da Vida se encontra como a 4ª onda do pentecostalismo brasileiro. (PASSOS, 2012, p. 7, grifo nosso)

Nesta tese, consideramos a pesquisa de Freston (1994) pioneira sobre os pentecostais no Brasil, pois foi ele quem adaptou para a igreja brasileira o que chamou de ondas no pentecostalismo. No entanto, o autor interrompeu seus estudos quando classificou as igrejas da *terceira onda*, tendo em vista que, na época da realização do seu trabalho, o movimento de desinstitucionalização ou desigrejamento das pessoas ainda estava, aqui no Brasil, em fase quase embrionária. A pesquisa por nós realizada avançou a partir do ponto em que Paul Freston parou e, após quase 30 anos, estamos propondo uma reanálise do movimento que vem ocorrendo nas igrejas pentecostais e neopentecostais, principalmente, mas que ocorre também em outras denominações, como as igrejas protestantes históricas e a Igreja Católica, como demonstrou Follmann (2007).

Por observarmos ao longo dos anos as multiformes reações daqueles que, filiando-se a essas denominações religiosas, tiveram experiências negativas e decidiram por abandoná-las, percebemos que tal fato merecia uma pesquisa mais profunda, visando chegar à causa do fenômeno e, de certa forma, também às suas consequências. E, embora não seja essa a categoria norteadora da pesquisa nem o recorte que ora se pretende realizar, não deve, contudo, ser ignorado, tendo em vista que na esteira desse assunto existem implicações que extrapolam o âmbito da prática religiosa de cada um dos seus praticantes.

Outros elementos que ensejam esta pesquisa são apresentados pela jornalista Marília de Camargo Cesar em sua obra *Feridos em Nome de Deus*, lançada em 2009. Narra histórias de cristãos feridos emocionalmente que tiveram a fé lançada por terra em razão do convívio com pastores, líderes e outros membros de igrejas nas quais julgavam que alcançariam respostas para seus anseios, mas se frustraram e, mais que isso, ficaram profundamente desiludidos.

Cesar (2009) registra em seu livro depoimentos dramáticos de “vítimas”,¹⁴ mas que não querem ser vistas como “vitimistas”¹⁵ e que entraram para as igrejas (CESAR, 2009, p. 29) “pela ingenuidade e pelo idealismo”. Aliás, em muitos depoimentos obtidos informalmente se percebe que esses dois componentes podem ter fornecido as motivações para muitos decepcionados terem aderido a essas igrejas, o que sugere novos questionamentos, mas que, neste momento, não serão contemplados nesta pesquisa.

Do ponto de vista do campo do conhecimento, a pesquisa se justifica, pois buscou informações que contribuem para o reconhecimento da situação de frustração das pessoas desinstitucionalizadas/desigrejadas, que neste início de milênio faz surgir um novo grupo de religiosos na comunidade cristã – os desigrejados – formado por aqueles que saíram das igrejas pentecostais e neopentecostais. Tal neologismo, de caráter reducionista para a definição desse grupo, foi criado para identificar os que, decepcionados com as denominações religiosas, abandonam-nas, mas não abandonam a fé cristã e a convicção de que o Evangelho é, de fato, importante para a estabilidade socioemocional do indivíduo e/ou do conjunto da sociedade. A socióloga francesa Hervieu-Léger (2015) apresenta o seguinte argumento para o surgimento desse fenômeno:

As crenças se disseminam. Conformam-se cada vez menos aos modelos estabelecidos. Comandam cada vez menos às práticas controladas pelas instituições. Tais tendências são os maiores sintomas do processo de “desregulação” que caracteriza o campo religioso institucional no final do século XX. Se a crença e a pertença não “mantêm” mais, ou mantêm cada vez menos unidos, é porque nenhuma instituição pode, de forma permanente em um universo moderno caracterizado tanto pela aceleração da mudança social e cultural como pela afirmação da autonomia do sujeito, prescrever aos indivíduos e à sociedade um código unificado de sentidos, menos ainda, impor-lhes a autoridade de normas que dele decorrem. Porque nenhuma delas escapa do confronto com o individualismo. (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 50-51, *grifo nosso*).

Para o levantamento dos dados apresentados, foi realizada pesquisa semiestruturada, com questionário distribuído pela ferramenta eletrônica *Google Formulários*, junto com o

¹⁴ Pessoas que tiveram seus direitos subtraídos de forma maldosa ou não, prejudicadas deliberadamente ou não, de modo que podem sofrer temporária ou permanentemente sequelas decorrentes de abusos e outros males que enfrentaram.

¹⁵ Os vitimistas deformam a realidade. Esse tipo de pessoa crê firmemente que a culpa do que lhe sucede é dos demais, nunca é sua. O problema é que têm uma visão deturpada da realidade. E acreditam que tanto as coisas positivas como as negativas que acontecem na sua vida não dependem diretamente da sua vontade, e sim das circunstâncias externas. Disponível em: <https://www.portalraizes.com/vitimista-cronico/>.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os quais foram respondidos somente por aqueles que se encontram no grupo dos desigrejados ou desinstitucionalizados, composto exclusivamente por pessoas que continuam praticando a religião cristã, sem frequentar as instituições religiosas, em várias partes do Brasil. O questionário, constante nos anexos deste trabalho, contém a seguinte estrutura: informações dos dados pessoais do participante – três questões; comportamento dos desigrejados em relação às instituições e sua postura diante do cristianismo – dezenove questões. Também foi aplicado um questionário aos pastores e líderes das igrejas pentecostais e neopentecostais a fim de levantar informações sobre a reação que estes demonstram perante o afastamento dos membros das igrejas que se desinstitucionalizam ou mesmo diante daqueles que se afastam, caracterizando-se como desviados. Esse questionário também faz parte dos anexos desta tese.

Ressalta-se que a opção pela utilização da plataforma do *Google Formulários* se deve ao fato de esta ser facilmente acessada pelos participantes que receberam o convite para participar da pesquisa e também para facilitar a apuração dos dados, tendo em vista que a plataforma faz a tabulação de todos os dados em mais de um formato e os disponibiliza para o pesquisador.

Após a realização da pesquisa e da obtenção dos seus resultados, será proporcionado um amplo compartilhamento com os pastores e líderes de cada instituição envolvida, o que poderá subsidiar a formulação de políticas e estratégias de ação dentro dos parâmetros regulatórios de cada instituição religiosa.

Ressalta-se, ainda, que foi adotada a pesquisa qualitativa que, segundo Gaskell (2002), é crítica e potencialmente emancipatória. Por isso, será dado retorno dos resultados alcançados a todas as igrejas participantes deste estudo, aos pastores e aos entrevistados que eventualmente se interessarem.

Concluídas as etapas anteriores, passou-se a dar preferência ao material impresso, mas, ao mesmo tempo, devido à publicação quase diária de assuntos relacionados ao tema e à grande quantidade de vídeos disponíveis na internet, na plataforma *YouTube*, foram necessárias buscas em sites com publicação mais recentes e que abordassem questões que ainda não estavam contempladas nos livros impressos a respeito do assunto. Os primeiros levantamentos remeteram aos textos produzidos a partir da última metade do século passado, que tratam do assunto de maneira mais acadêmica, como a obra de Alberto Antoniazzi *et al. Nem Anjos nem Demônios*, de 1994; a obra de Cândido Procópio F. de Camargo *Católicos, Protestantes, Espíritas*, de 1973; a obra de Carlos Rodrigues Brandão *Os Deuses do Povo*,

de 1980; e as obras de Faustino Teixeira e Renata Menezes *As Religiões no Brasil – continuidades e rupturas*, de 2006, e *Religiões em Movimento – o Censo de 2010*, de 2013. Outras obras produzidas a partir da fundação das próprias igrejas abordaram o assunto, mas muito restritamente sob o prisma denominacional, tendo em vista tratar-se exclusivamente de fontes nativas. Esse material não foi levado em consideração numa tentativa de manter a isenção passional com que a maioria dos autores fizeram suas abordagens.

Considerou-se no levantamento histórico dos neopentecostalismo no Brasil a obra de Ricardo Mariano *Neopentecostais: Sociologia do pentecostalismo no Brasil*, de 2014, em virtude de ter adotado em sua bibliografia um número considerável de autores que abordaram o tema, bem como a obra organizada por Beatriz Muniz de Souza e Luís Mauro São Martino – *Sociologia da Religião e Mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. Também foi adotado nos levantamentos históricos de cada denominação material produzido com o mínimo de isenção, falando da historicidade das denominações, principalmente referente à Igreja Assembleia de Deus, por ser a maior igreja pentecostal no Brasil; à Igreja Congregação Cristã no Brasil, por ter sido a primeira igreja pentecostal a chegar no Brasil; e às principais igrejas neopentecostais – Igreja Universal do Reino de Deus, (Bispo Edir Macedo); Comunidade Sara Nossa Terra (Bispo Robson Rodovalho e Bispa Sonia Rodovalho); Igreja Internacional da Graça de Deus (Missionário Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como Missionário R. R. Soares); Igreja Mundial do Poder de Deus (Bispo Valdemiro Santiago de Oliveira); Igreja Renascer (Apóstolo Estevam Hernandes e Apóstola Sônia Hernandes).

Para estabelecer o *link* entre o fato social analisado e o tema específico desta pesquisa, lançou-se mão de uma grande quantidade de textos e livros, como as obras de Peter L. Berger, *O Dossel Sagrado – Elementos para uma teoria sociológica da religião* (1985); *Os múltiplos Altares da Modernidade – Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista* (2017a); e *O Imperativo Herético – Possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa* (2017b); de José Bittencourt Filho, *Matriz Religiosa Brasileira – Religiosidade e mudança social* (2003); e de Faustino Teixeira e Renata Menezes, *Sociologia da Religião – Enfoques teóricos* (2011a).

Com relação ao tema da pesquisa, o tópico que mais demandou profundidade nas leituras foi o processo de desinstitucionalização dos membros das igrejas pentecostais e neopentecostais. Para isso, foram consultadas em sua totalidade mais de vinte obras e,

parcialmente, mais de quarenta obras. Somente as que foram diretas ou indiretamente citadas no corpo deste trabalho estão indicadas na lista de referências.

Embora o tema “igreja nos Estados Unidos” não fosse o foco da pesquisa, optou-se por consultas, mesmo que não profundas, na literatura e nos meios eletrônicos que dele trataram, em função de esse movimento ter ocorrido nas igrejas americanas com mais intensidade que nas igrejas brasileiras. Assim, foram consideradas as publicações do grupo Barna de Pesquisa Estatística disponíveis em português, o qual vem buscando informações sobre essa temática há alguns anos, inclusive para efeito das publicações pelo criador do grupo, George Barna, em sua obra mais conhecida – *Revolução* (do inglês, *Revolution*). Além desse material, que é vasto, foi feita a leitura do livro *Cristianismo Pagão – A origem das práticas de nossa igreja moderna*, de Frank Viola e George Barna.

Durante a realização da pesquisa, a primeira tarefa foi um levantamento bibliográfico, tanto do material impresso – livros, revistas, artigos, dissertações e teses – quanto do material disponível em meio eletrônico – nas redes sociais e sites de buscas especializados, sobre o tema pesquisado. A quantidade de material abordando o tema era superior à que se imaginava existir – o rio era realmente muito largo e caudaloso – e isso sem aprofundar o levantamento nos sites disponíveis fora do Brasil, principalmente nos Estados Unidos, país onde mais tem sido produzido artigos sobre o objeto de estudo, tendo em vista o início do fenômeno nas igrejas americanas pelo menos três décadas antes de iniciar no Brasil.

Em primeiro momento, a intenção era fazer o levantamento das causas da frustração, da insatisfação, bem como da conseqüente desinstitucionalização ou abandono da igreja por alguns membros, mas que permaneceram cristãos, em um processo de secularização religiosa, tendo em vista que se desligavam das igrejas, mas permaneciam ligados ao cristianismo. Hervieu-Léger (2015) chama a atenção para o seguinte aspecto religioso relacionado a esse comportamento:

A “secularização” das sociedades modernas não se resume, portanto, apenas ao processo de evicção¹⁶ social e cultural da religião com o qual ela é confundida, muitas vezes. Ela combina, de maneira complexa, a perda da influência dos grandes sistemas religiosos sobre uma sociedade que reivindica sua plena capacidade de orientar ela mesma seu destino, e a

¹⁶ A evicção consiste na perda total ou parcial da posse ou propriedade de um bem que uma pessoa adquiriu em favor de um terceiro, por meio de determinação judicial movida por outras partes. Disponível em: <https://www.significados.com.br/eviccao/>.

recomposição, sob uma forma nova, das representações religiosas que permitiram a esta sociedade pensar a si mesma como autônoma.

[...] Diferentemente daquilo que no dizem, não é a indiferença com relação à crença que caracteriza nossas sociedades. É o fato de que a crença escapa totalmente ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas. (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 37; 41-42)

Em um segundo momento, a pesquisa buscou respostas para uma proposta de solução para o fenômeno que vem se tornando gigantesco no âmbito das igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras, com o surgimento de movimentos e comportamentos que podem ser caracterizados como *quarta onda do pentecostalismo*, como se pretende sugerir.

Ao fazer o levantamento de dados e proceder à correspondente análise, procurou-se compreender aspectos pessoais e institucionais envolvidos no processo de desinstitucionalização como elemento caracterizador de uma “nova onda pentecostal”.

1.2 Motivações Intrínsecas para a Escolha do Tema

Embora reconheça que uma tese de doutoramento não é um texto que comporta certas digressões, pretende-se justificar a escolha pelo tema a partir da experiência deste estudioso como membro de uma igreja pentecostal há quarenta e cinco anos.

Dessa forma, portanto, parte do que compõe este texto é fruto de convivência com o objeto de estudo, de relações com a cúpula das igrejas evangélicas brasileiras, principalmente as igrejas pentecostais, mais especificamente a Assembleia de Deus, ambiente no qual temos militado durante esse período. Pode-se atribuir a uma preocupação da aplicabilidade da pesquisa de parte do autor.

Nosso ingresso na igreja aconteceu aos 20 anos de idade, em 1976. Dois anos mais tarde, iniciamos na carreira ministerial – vale ressaltar que, na Assembleia de Deus, a divisão do ministério é constituída dos seguintes cargos: auxiliar (sem atuação específica, um tipo de prestador de serviços gerais, não é participante do ministério); diácono/diaconisa (primeiro grau para ascensão ministerial, constituindo a base para prosseguir no ministério); presbítero (o terceiro cargo em importância no ministério da igreja, que de acordo com autorização de um membro superior, pode realizar certos ritos, como dirigir uma igreja de pequeno porte); evangelista (segundo cargo em importância dentro do ministério da igreja, pode realizar qualquer tipo de atividade dentro da denominação, inclusive presidir

convenções estaduais e nacional); missionários (homens e mulheres, cargos temporários que visam cumprir determinados fins na evangelização, principalmente); e pastor (cargo máximo dentro do ministério e, de acordo com o modelo episcopal de administração eclesiástica, tem toda autoridade na condução dos trabalhos da igreja, quando ocupar o cargo de dirigente, posto que lhe confere o título de “pastor presidente”).

Embora ultimamente tenha surgido em sua estrutura a figura do *bispo e bispo primaz* como títulos eclesiásticos, esses ainda são elementos estranhos, pois não são aceitos com naturalidade, como os demais cargos, e ainda são restritos a um número de líderes. Até porque a estrutura administrativa da igreja, iniciada em 1911, constituída de diáconos, evangelistas, presbíteros e pastores, nessa sequência, sofreu pouca alteração ao longo dos anos. Ressalta-se, ainda, que não era comum mulheres em cargo ministerial até os últimos anos do século passado, muito embora estas sempre exercessem cargos de liderança nos departamentos da igreja. A partir do início dos anos 2000, as mulheres passaram a ser consagradas para o cargo de diaconisas, depois foram separadas para serem missionárias e agora já chegaram ao cargo de pastoras, mas esse título ainda está restrito às esposas dos pastores presidentes das grandes igrejas ou sedes, embora de forma imprópria seja usado por esposas de pastores que não ocupam cargos de “pastores presidentes”.

Ao mesmo tempo que ocorria o envolvimento no ministério, percebia-se que na relação da membresia da igreja com as lideranças, com frequência, ocorriam choques, desentendimentos e, por vezes, atritos mais graves. Em regra, essas divergências decorriam da postura autoritária das lideranças e das exigências consideradas descabidas e, muitas vezes, impostas aos membros das igrejas, principalmente por pastores presidentes.

Fruto dessa convivência, percebemos que muita coisa não é bem recebida pelos membros das igrejas e por alguns obreiros (auxiliares, diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores que não ocupavam cargos de pastoreio), mas decorrente de um modelo episcopal de administração eclesiástica, aqueles que discordavam pouco ou nada podiam fazer, além de reclamar.

Essas divergências se acentuavam com o passar do tempo e muitos desses descontentes acabavam “se desviando”, expressão que, no jargão evangélico, significa “abandonar a igreja, apostatar da fé”. Esses descontentes que se desviavam, entretanto, não assustavam a direção das igrejas, pois eram tidos como rebeldes, desobedientes e inaptos para fazer parte da igreja. Muitas dessas pessoas voltavam para as igrejas, passavam por um processo de readaptação para novamente se tornarem membros, nos chamados *períodos de*

prova. Outros, entretanto, decidiam não se reconciliar – termo no meio evangélico que significa que a pessoa está arrependida de ter saído da igreja e quer retomar ao convívio com aquela comunidade e se submete às exigências impostas.

À medida que as pessoas se envolviam mais com os trabalhos das igrejas, essas divergências aumentavam, o que passou a atingir também aqueles que já pertenciam ao corpo ministerial, fazendo com que alguns, em princípio, e muitos, com o agravamento da situação, abandonassem as igrejas. Porém, ao saírem, não saíam sozinhos – “rachavam as igrejas” – expressão que significa dividir a membresia da igreja, pois muitos dos que saíam eram pessoas consideradas com boa capacidade de liderança e muito carisma entre os membros. Em geral, ao saírem com aqueles que os acompanhavam, abriam novas igrejas nas proximidades da igreja de onde haviam saído e procuravam atrair outros descontentes.

Essa atitude deflagrou a abertura de pequenas igrejas para agregar os descontentes, e o resultado foi a proliferação de um número muito grande de denominações evangélicas,¹⁷ com muitos daqueles que faziam parte do corpo ministerial saindo, abrindo novas igrejas, com outros nomes, buscando entre seus antigos “irmãos” os descontentes para fazerem parte dessa nova instituição.

Mas aquilo que poderia ser a válvula de escape para os descontentes se tornou um mais um motivo de crise, pois os líderes que fundaram essas novas instituições agiram da mesma forma que os líderes a quem estavam acusando. Citando uma frase atribuída ao educador Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor”.¹⁸ Esses novos líderes se tornaram também ditadores e opressores de seus seguidores, gerando, com isso, mais insatisfação e o conseqüente êxodo da membresia dessas novas igrejas. As pessoas que participaram desse êxodo constituem o maior contingente dos desigrejados, que neste trabalho são chamados de desinstitucionalizados.

Ao analisar a administração das igrejas pentecostais e neopentecostais, fica evidente que em todas elas o modelo adotado é o episcopal, ou seja, uma única pessoa exerce toda autoridade sem ter que prestar contas a ninguém, e quando o faz, faz para aqueles que, como eles, também exercem a mesma forma de gerência das igrejas. As novas igrejas pentecostais e neopentecostais que hoje somam milhares no Brasil são independentes. Seus líderes se

¹⁷ De acordo com uma pesquisa feita pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e publicada na revista *Esperança Viva*, em 2016, em artigo de Saraiva, hoje, no Brasil, existem mais de quarenta mil denominações religiosas.

¹⁸ Essa frase é de domínio público e está citada em diversas páginas da internet. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTM4MTYwNg/>. Acesso em: 5. ago. 2020.

autoproclamam “pastores, bispos, apóstolos, patriarcas etc.” e não aceitam dividir a autoridade com mais ninguém.

Em uma das igrejas pesquisadas, com mais de mil e duzentos membros e outras dezenas de congregações (filiais), o pastor presidente disse em alto e bom som que “o que Deus quisesse falar com a igreja, falaria com ele e ninguém teria autoridade para dar sugestões, propor atividades ou fazer correções ao que era feito ou dito por ele”. Ao propor para os membros da igreja que iria criar uma programação inovadora, para a qual não havia respaldo nas Escrituras, mas que traria boa repercussão entre os que gostam desse tipo de programa, disse simplesmente: “não interessa se não está na Bíblia, eu fui inspirado a fazer”. Isso implica ou subentende que a sua vontade se equipara ao que está prescrito na Bíblia.

Até bem pouco tempo, no meio das igrejas protestantes – sejam elas históricas, sejam evangélicas, pentecostais, sejam de outra confissão – isso era visto simplesmente como heresia, e não seria aceito, mas no modelo atual, qualquer um dos líderes pode fazer ou falar o que quiser sem ser questionado, pois eles se consideram intocáveis.

Segundo avaliações internas da igreja, esta teria se afastado tanto do projeto inicial estabelecido que seria preciso não uma reforma, mas uma revolução. Campos (2017) cita um ponto de vista bastante polêmico de George Barna, fundador e diretor do *Barna Research*, sobre essa questão, afirmando que são verdadeiros revolucionários os cristãos que decidem abandonar as igrejas atuais e criar uma nova forma de cristianismo, pois o que hoje vivemos está ultrapassado e somente uma revolução [note que ele não fala em reforma] poderia trazer luz sobre essa situação. Ou seja, na proposta de Barna, as atuais igrejas não têm condições de continuar propagando o Evangelho. Viola (2008) em outro texto, consultado para este trabalho fala taxativamente que o modelo de cristianismo praticado pelas igrejas evangélicas atuais tem raízes profundas no paganismo e afirma, Viola (2008):

Quase todo que é feito em nossas igrejas contemporâneas não tem nenhuma base na Bíblia. Enquanto pastores pregam de seus púlpitos sobre serem “bíblicos” e seguirem a “pura palavra de Deus”, suas próprias palavras os traem. A verdade é que pouquíssimo do que é observado hoje nas descrições do cristianismo contemporâneo tem algo da igreja do primeiro século. (VIOLA, 2008, p. 33-34)

Em outra igreja de menor porte, o pastor presidente transformou a congregação em um negócio familiar – colocou a filha como tesoureira, o filho como vice-pastor e escolheu outros parentes para alocar em postos-chave na instituição e, a partir daí, pôde fazer qualquer

esquema, pois o grupo de direção estava todo sob suas ordens e nada do que fosse feito poderia ser questionado. Quando indagado acerca de sua forma de administrar a igreja, disse simplesmente que era mais seguro, pois não se pode confiar em qualquer um.

Vale ressaltar que, nos dois casos mencionados, os pastores eram dissidentes de outras igrejas e fundaram seus novos núcleos com pessoas que estavam descontentes com as direções anteriores e, depois de estabelecidas as igrejas, agiram de forma mais arbitrária do que aqueles que antes os pastoreavam.

Tudo isso deve fazer com as pessoas que estão deixando essas igrejas e são muitas, reflitam sobre a necessidade de uma igreja para os conduzirem como cristãos. A primeira das igrejas aqui citadas já está com mais de quarenta anos, e a segunda com mais de vinte anos. Ambas fazem parte do grupo das igrejas pentecostais, e um aspecto que chama a atenção é que nenhuma daquelas pessoas que se juntaram para abrir essas igrejas ainda fazem parte do sistema, abandonaram e a maioria não foi para outra igreja, constituindo parte dos desinstitucionalizados ou desviados, como muitos são denominados.

Ao longo dos quarenta e quatro anos de nossa atuação, no âmbito dos trabalhos da igreja, verificamos que não somente a igreja Assembleia de Deus tem sido vítima desse comportamento – é um fenômeno que vem ocorrendo em todas as denominações, mesmo entre as igrejas reformadas ou históricas. Mas nas igrejas pentecostais e neopentecostais, esse processo se deu de forma acentuada.

1.3 O Cenário Religioso Brasileiro

O cenário religioso brasileiro está definitivamente marcado pelo crescimento acentuado das igrejas pentecostais e neopentecostais nos últimos 50 anos. Como afirmam Valle e Sarti (1994, p. 11), “a rápida expansão do pentecostalismo é, provavelmente, o fenômeno mais importante no cenário religioso do Brasil [...] neste final de século”. Essa afirmação foi feita no final do século passado, entretanto, a situação atual deixa esse crescimento mais evidente, porém com uma diferença: naquele momento foi observado principalmente entre a população mais pobre de grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo, e hoje esse crescimento é observado em quase todas as camadas sociais.

Esse crescimento trouxe no seu “pacote” um fenômeno até então desconhecido no cenário religioso brasileiro, ou pelo menos não o imaginávamos no âmbito da Igreja Católica – mesmo porque muitos daqueles que se dizem católicos fazem isso por tradição familiar ou

por não querer ser taxados como ateus. Esse fenômeno que aqui denominamos de desencantamento religioso pode ser observado sob óticas diferentes: por um lado, é uma desilusão com a própria religião, que já se mostrava em cores tão vivas há algum tempo; por outro lado, as frustrações com a forma de agir das novas igrejas que surgiram provocaram essa reação naqueles que deixaram de frequentar as igrejas católicas e migraram para as igrejas pentecostais e, posteriormente, para as igrejas neopentecostais.

Cruz (2004) fala de um processo de secularização religiosa que vem ocorrendo no Brasil nas últimas décadas e afirma que “o interesse religioso no Brasil ocorre em um contexto já secularizado, tanto no que se refere à visão de mundo como às formas de estruturar o cotidiano privado e público” (CRUZ, 2004, p. 17).

Correa (2014) diz que o Cenário Religioso Brasileiro é marcado pela enorme quantidade de ofertas, inúmeras portas abertas para cultivar a Deus e segui-lo em comunidade. Isso permite que aqueles que pretendem se filiar a uma denominação para a prática cristã, principalmente os oriundos da Igreja Católica, possam escolher entre várias igrejas aquela que mais se adequar ao seu gosto particular de prática religiosa – e existem os mais diversos segmentos e tipos de agremiações. Em um levantamento feito pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, registrou-se que “no Brasil existem cerca de quarenta mil denominações religiosas (evangélicas) e cada uma delas afirma ter a verdadeira e mais pura interpretação bíblica” (SARAIVA, 2016, p. 4), a maioria absoluta pentecostal e neopentecostal. Isso mostra quão fragmentado está o âmbito das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Falando sobre o cenário religioso brasileiro, Sell e Bruseke (2006, p. 184), afirmam que “o cenário religioso brasileiro é hoje um campo de profundas transformações de intensas polêmicas entre os cientistas sociais que debatem este tema”. Os autores justificam essa colocação com base em dados do Censo do IBGE de 2002. Registra-se à época 7,4% pessoas que se diziam sem religião, mas não é difícil identificar entre estes muitos desinstitucionalizados que preferiram manter sua prática religiosa sem as amarras institucionais e que, do ponto de vista social, seriam vistos como sem religião. Aliás, alguns desinstitucionalizados fazem questão de negar qualquer envolvimento com a religião para não parecer ligados a uma instituição.

Camurça (2011) afirma que, com a adoção da pesquisa quantitativa, a partir de 1990, várias observações puderam ser feitas nas pesquisas survey,¹⁹ utilizadas em determinados segmentos religiosos no Brasil. Muitas informações que não estavam visíveis puderam ser vistas de forma mais clara sobre o cenário religioso brasileiro.

O mapa religioso brasileiro, traçado a partir dos dados do censo 2010, pode ser comparado à “ponta de um grande *iceberg* da esfera religiosa do Brasil, que sinaliza para uma crescente “diversificação e pluralidade” – como diversas vezes o nosso orientador Follmann nos afirmou ao longo de nossos encontros” – “A esfera religiosa tende a se tornar uma esfera sempre mais diversificada e plural”.

Follmann (2011) explicita acerca do cenário religioso brasileiro:

Trata-se de um mundo que sempre foi difícil de ser delimitado. Um mundo que, a rigor, nunca coube dentro do mundo. Para visualizar-se de forma suficiente e adequada, a esfera religiosa em nossas sociedades, é necessário que não limitemos o enfoque às religiões instituídas, por mais diversificadas que sejam as suas expressões e manifestações. Por fora dos enquadramentos instituídos fazem-se visíveis e crescentes as religiosidades vividas no plano pessoal dos indivíduos, sem um vínculo expresso a uma instituição ou a um agrupamento mais ou menos organizado. É um mundo porque está, em grande parte, consubstanciado com o mundo e mais do que um mundo das religiões, revela-se efetivamente, um mundo das religiões e das religiosidades. (FOLLMANN, 2006, p. 11).

Como demonstrado pelos autores citados, o cenário religioso brasileiro é formado por um mosaico de denominações. São igrejas, terreiros, centros espíritas, mesquitas, pagodes, sinagogas, praças, locais que congregam a maioria da população religiosa brasileira, constituídas em sua maioria de cristãos, e estão subdivididos em várias categorias ou denominações – religiões de matrizes africanas, religiões orientais, tais como Budismo, Bramanismo, Islamismo, Hinduísmo, Sikismo, Xintoísmo, Judeus, Seicho-no-ie, por exemplo. Religiões de base doutrinária espírita, como o kardecismo e religiões esotéricas.

Por esoterismo, entendemos, para fins deste trabalho, como o conjunto de doutrinas cujos princípios e conhecimentos não podem ou não devem ser “vulgarizados”, os quais são comunicados a um restrito número de partidários adeptos. O único conhecimento que estaria

¹⁹ A pesquisa survey é um tipo de investigação quantitativa. Ela pode ser definida como uma forma de coletar dados e informações a partir de características e opiniões de grupos de indivíduos. O resultado encontrado, desde que o grupo seja representativo da população, pode ser extrapolado para todo o universo em estudo. Disponível em: www.opuspesquisa.com/blog/tecnicas/pesquisa-survey/.

à disposição das pessoas comuns (vulgo) seria o *exoterismo*.²⁰ Mas dada a natureza e propósito desta tese, não faremos abordagens dessas religiões ou conhecimentos, pois o objeto da pesquisa se limita a aspectos que nos ajudem a demonstrar a pertinência de se falar em *quarta onda do movimento pentecostal brasileiro* envolvendo, principalmente, as igrejas pentecostais e neopentecostais, surgidas na *terceira onda* do pentecostalismo.

A maior parte das igrejas cristãs, no conglomerado das instituições religiosas brasileiras, é a Igreja Católica Apostólica Romana, que conta com o maior número de frequentadores e representantes de todas as camadas da sociedade. Mas esta não receberá atenção especial nesta tese, tendo em vista não se caracterizar como uma instituição cujos frequentadores tenham tomado a atitude que neste trabalho classificamos como desigrejados ou desinstitucionalizados, embora Follmann (2007) tenha detectado em seus estudos, a partir das estatísticas religiosas, um processo por ele nomeado de “descatolização” ou a secularização do processo religioso individual.

Além da igreja Católica Apostólica Romana, há um elevado número de igrejas evangélicas que o IBGE categorizou em três grupos: *pentecostais e neopentecostais*, *evangélicos de missão* e *evangélicos não determinados*, porém neste trabalho adotaremos uma subdivisão diferente, visto que a classificação do IBGE colocou na mesma categoria todos os protestantes. Ocorre que essa divisão não considera um critério distintivo dos protestantes brasileiros, qual seja: a de que, na verdade, os que são chamados de protestantes históricos, como evangélicos de missão e não determinados, já estão incluídos nos *pentecostais*; portanto, a divisão adotada neste trabalho considerou três categorias principais – *igrejas protestantes históricas*, *igrejas pentecostais* e *igrejas neopentecostais*. Ressalta-se que pentecostais e neopentecostais se subdividem em várias denominações menores, e é sobre essas duas categorias que dedicaremos a maior parte deste trabalho, sem, entretanto, fazer citações específicas de cada uma das subdivisões ou denominações menores entre elas, tendo em vista que, ao se fazer uma busca rápida na internet pode-se detectar os nomes mais curiosos de centenas de igrejas pentecostais e neopentecostais, todos elas gozando de autonomia ministerial e doutrinária.

A fim de ordenar esse raciocínio sobre as denominações, será feita a seguinte caracterização: *igrejas protestantes históricas* – Igrejas Anglicanas, Batistas, Presbiterianas, Metodistas, Congregacionais, Luteranas, embora as igrejas Metodistas se enquadrem em

²⁰ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esoterismo>.

mais de uma categoria. São as maiores igrejas protestantes históricas brasileiras e que têm tido poucos membros desinstitucionalizados. *Pentecostais* – Congregação Cristão no Brasil, Igreja Assembleia de Deus, Igreja Pentecostal “o Brasil para Cristo”, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal Deus é Amor, Igreja Casa da Bênção e Igreja de Deus no Brasil, para citar apenas as principais. *Neopentecostais* – Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional de Graça de Deus, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Mundial do Poder de Deus, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Apostólica Fonte da Vida, Comunidade Cristã Paz e Vida e a Bola de Neve *Church*, também para citar somente as maiores.

As igrejas pentecostais e neopentecostais congregam a maior parte do que podemos chamar de *protestantes/evangélicos*, incluindo nessa categoria maior todos os cristãos frequentadores das centenas de denominações protestantes ou que não congregam na Igreja Católica Apostólica Romana, que como já foi dito, congrega o maior número dos cristãos brasileiros. Mas devemos considerar, como afirma Bobsin (2015), que o termo protestante está em desuso por conta do tratamento que esse termo vem recebendo da mídia: “O termo “protestante” está cada vez mais em desuso no Brasil. A grande mídia comprou a proposta de igrejas pentecostais que renomearam os cristãos não católicos apostólicos romanos como “evangélicos” (BOBSIN, 2015, p. 3).

Segundo o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, havia cerca de 42,3 milhões de fiéis evangélicos no país, o que representava 22,2% da população brasileira.

Em estudo realizado pelo Pew Research Center,²¹ entre 2013 e 2014, os protestantes já representavam 26% da população brasileira, ou aproximadamente 54,5 milhões, e segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Datafolha, no fim de 2014, os protestantes já seriam 29% da população do país, ou aproximadamente 60,9 milhões, o que mostra rápido crescimento do grupo religioso no Brasil. Segundo o *Latinobarómetro*, em 2017, 27% da população brasileira era protestante, ou seja, aproximadamente 56,7 milhões. Mesmo os números sendo diferentes, fica comprovado o crescimento acentuado dos evangélicos nas últimas décadas.

²¹ Pew Research Center é um centro de reflexão de fatos apartidários que informa o público sobre as questões, atitudes e tendências que moldam o mundo. Realiza pesquisas de opinião pública, pesquisa demográfica, análise de conteúdo de mídia e outras pesquisas empíricas de ciências sociais. Não assume posições políticas. É uma subsidiária da Pew Charitable Trusts. Disponível em: <https://www.translatetheweb.com/?from=en&to=pt&ref=SERP&refd=www.bing.com&dl=en&rr=UC&a=https%3a%2f%2fwww.pewresearch.org%2fglobal%2fbrazil%2f>.

Os números descritos nas pesquisas constituem um significativo avanço dos adeptos das religiões *protestantes/evangélicas*, e têm relação direta com o crescimento dos pentecostais e neopentecostais. É importante destacar que esse aumento do contingente de frequentadores foi mais acentuado na primeira década do século XXI com um incremento de quase 61%. Entre as igrejas pentecostais que mais cresceram no período de 2000-2010 foi a Assembleias de Deus, passando de 8,4 milhões para 12,3 milhões de frequentadores.

Entre os *pentecostais* e os *neopentecostais*, os grupos com o maior número de seguidores são Assembleia de Deus (12,3 milhões), Congregação Cristã no Brasil (2,3 milhões), Igreja Universal do Reino de Deus (1,8 milhão) e Igreja do Evangelho Quadrangular (1,8 milhão). Ressaltamos que, em decorrência desses números, a pesquisa priorizou as igrejas pentecostais, com olhar especial para a Assembleia de Deus.

Outro aspecto relevante – os dados do Censo do IBGE 2010 mostram que as religiões *protestantes/evangélicas* de matriz pentecostal são as que têm a maior proporção de fiéis com renda *per capita* inferior a um salário mínimo: 63,7% do total. Os dados também mostram diferenças entre as áreas rurais e urbanas do país. Nas zonas rurais, 77,9% são católicos e 10,1% são evangélicos de origem pentecostal, enquanto nas zonas urbanas esses percentuais são de 62,2% e 13,9%, respectivamente. Na média do país, 64,6% se declararam católicos e 12,2%, evangélicos pentecostais.

No mesmo período, a Igreja Universal do Reino de Deus passou de 2,102 milhões para 1,873 milhão. Já a Igreja Mundial do Poder de Deus ganhou 315 mil seguidores e apareceu pela primeira vez na lista de igrejas do Censo. A congregação foi fundada no final da década de 1990 pelo Pr. Valdemiro Santiago de Oliveira, após sua dissidência da Igreja Universal do Reino de Deus, onde era pastor. A Congregação Cristã no Brasil também sofreu queda no número de membros – somente no estado de São Paulo perdeu 27% dos membros em 10 anos.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, que não faz parte das igrejas pentecostais ou neopentecostais, tem mostrado crescimento no período de 2010-2015. Em 2011, relatou 1.011.300 membros, número 9,7% maior do que o obtido no Censo de 2010. Algumas instituições da igreja criticam a exaltação dos números de crescimento do protestantismo no Brasil, entendendo que esse fato deveria mudar mais significativamente os hábitos e comportamentos de seus membros.

Vale ressaltar que as igrejas reformadas históricas, como as presbiterianas, vêm sofrendo significativa mudança a partir da adesão de muitas delas ao segmento das igrejas

pentecostais, mesmo que isso custe a essas igrejas o desligamento das entidades organizadoras do governo das igrejas.

A Igreja Presbiteriana, por exemplo, como mostram Nascimento e Matos (2007), é organizada de maneira rígida com a seguinte estrutura: Conselho, Presbitério, Sínodo e Supremo Concílio, hierarquizados do menor para o maior, a partir do Conselho, e cada órgão supervisiona as ações do órgão imediatamente anterior, ou seja, o Conselho supervisiona os atos da igreja local; o Presbitério supervisiona os atos do Conselho; o Sínodo supervisiona os atos do Presbitério; e o Supremo Concílio supervisiona os atos dos Sínodos. Portanto, quando uma igreja incorre numa falta, o Conselho analisa e decide o que fazer e, assim, os julgamentos se seguem até chegar ao Supremo Concílio, que dá a última palavra sobre questões de doutrina e disciplina. É importante lembrar que as igrejas presbiterianas, diferentemente das igrejas Assembleias de Deus, não se reúnem em Convenções – cada igreja é independente para agir, mas não é independente para definir questões doutrinárias e disciplinares, isso cabe aos órgãos imediatamente superiores a cada uma delas e, caso ocorra qualquer tipo de insurreição, a igreja perde sua ligação com esses órgãos, a partir do Presbitério, e depois da decisão do Supremo Concílio, até o nome de Igreja Presbiteriana esse grupo deixará de usar, conforme orientam Nascimento e Matos (2007), considerando as instâncias de julgamentos transcorridas até o desfecho do julgamento, quando são definidas as punições adotadas pelo Supremo Concílio.

Uma pesquisa realizada em toda a América Latina, divulgada em 2014, relatou que o número de protestantes no Brasil já chegava a 26% da população brasileira, enquanto os católicos estariam em 61%. Segundo a pesquisa, 54% dos evangélicos no Brasil foram criados no catolicismo, mas o abandonaram a igreja por alguma razão.

Embora, conforme o Censo do IBGE, nenhuma das unidades federativas no Brasil tenha maioria protestante, em muitos municípios brasileiros os protestantes tiveram papel significativo na fundação e no desenvolvimento da cidade, como cidades de imigração alemã, principalmente Rio Grande do Sul, e as fundadas por missões presbiterianas ou luteranas.

O aumento significativo no número de membros também constituiu o ingresso de uma camada da população das classes A, B e C nas igrejas pentecostais históricas e neopentecostais. Esse fato por si só não quer dizer muita coisa, mas ao receber pessoas com um nível de escolaridade maior nas igrejas, e isso é perceptível ao se verificar a quantidade de membros com formação superior nos mais diversos cursos oferecidos por universidades

e instituições de Ensino Superior no Brasil, isso também trouxe uma nova exigência da membresia, que se evidencia pela cobrança por mais participação nas decisões de interesse comunitário e mais clareza nas exigências feitas pelas igrejas aos seus membros.

O que até meados do século passado era aceito de maneira submissa passou a ser questionado por esses membros com mais esclarecimento, maior poder aquisitivo e maior força de influência nas denominações. Por significarem mais recursos financeiros para as igrejas, passaram a ser tratados com distinção pelas lideranças, ao mesmo tempo que os componentes desse grupo mais bem informado e mais abastado foram convidados a participar do ministério, muitos deles, inclusive, queimando etapas, ou seja, não precisavam percorrer o mesmo caminho para chegar aos postos mais altos na liderança. No caso da Assembleia de Deus e nas demais igrejas pentecostais e neopentecostais, essa hierarquia é quase inexistente, ficando a cargo do pastor presidente [a figura e o papel do pastor presidente é analisada com riqueza de dados e detalhes por Correa (2020), que apresenta as incongruências por eles praticadas] decidir quem entra ou não no ministério.

Quadro 1 – Cenário Religioso Brasileiro em Números (2000 x 2010 – resumo)

	2000	2010	%
Católica Total	125.518.774	123.972.524	-1,23
Católica Apostólica Romana	124.980.132	123.280.172	-1,36
Católica Apostólica Brasileira	500.582	560.781	12,03
Católica Ortodoxa	38.060	131.571	245,69
Evangélicas Total	26.184.941	42.275.440	61,45
de missão total	6.939.765	7.686.827	10,76
Batista	3.162.691	3.723.853	17,74
Adventista	1.209.842	1.561.071	29,03
Luteranas	1.062.145	999.498	-5,90
Presbiterianas	981.064	921.209	-6,10
Metodista	340.963	340.938	-0,01
Congregacional	148.836	109.591	-26,37
Outras	34.224	30.666	-10,40
De origem Pentecostal Total	17.617.307	25.370.484	44,01
Assembleias de Deus	8.418.140	12.314.410	46,28
Congregação Cristã no Brasil	2.489.113	2.289.634	-8,01
Universal do Reino de Deus	2.101.887	1.873.243	-10,88
Evangelho Quadrangular	1.318.805	1.808.389	37,12

	2000	2010	%
Deus é Amor	774.830	845.383	9,11
Maranata	277.342	356.021	28,37
Brasil para Cristo	175.618	196.665	11,98
Casa da Benção	128.676	125.550	-2,43
Nova Vida	92.315	90.568	-1,89
Outras	1.840.581	5.267.029	186,16
Sem vínculo institucional Total	1.046.487		
De origem Pentecostal	336.259		
Outras	710.227		
Outras Evangélicas (Não determinada)	581.383	9.218.229	1.485,57
Espírita	2.262.401	3.848.376	70,10
Outras Cristãs Total	1.540.064	1.619.717	5,17
Testemunhas de Jeová	1.104.886	1.393.208	26,10
Mórmon	199.645	226.509	13,46
Outras	235.533		
Umbanda	397.431	407.331	2,49
Budismo	214.873	243.966	13,54
Novas religiões orientais Total	151.080		
Messiânica mundial	109.310	103.716	-5,12
Outras	41.770		
Candomblé	125.582	167.363	33,27
Judaísmo	86.825	107.329	23,62
Tradições esotéricas	58.445	74.013	26,64
Islâmica	27.239	35.167	29,11
Espiritualista	25.889	61.739	138,48
Tradições indígenas	17.088	63.082	269,16
Hinduísmo	2.905	5.675	95,35
Outras religiosidades	15.484	11.306	-26,98
Outras religiões orientais	7.832	9.675	23,53
Sem religião Total	12.492.403	15.335.511	22,76
Sem Religião		14.595.979	
Ateu		615.096	
Agnóstico		124.436	
Sem declaração	383.953		
Não determinada	357.648	628.219	75,65
Declaração de múltipla religiosidade		15.379	

Fonte: IBGE – 2000 / 2010.

Colaboração: Claudécir Bianco, postado em: 27 out. 2012.

1.4 Uma Visão Sociológica da Religiosidade Brasileira

Não restam dúvidas de que o povo brasileiro é forte defensor e praticante do cristianismo. Em todas as camadas sociais, é evidente o sentimento religioso, e o que se percebe é uma constante busca por assuntos ligados ao mundo espiritual, prática ensinada desde a infância para a maioria absoluta dos brasileiros. Cruz (2004, p. 14) afirma que “o ser humano é universalmente propenso a deuses, sacrifícios, rituais e experiências místicas”.

Nas últimas décadas, entretanto, a religião ou a igreja majoritária no Brasil, vem passando por um acentuado declínio desde o final do século passado, com a perda sempre crescente de seus seguidores. E hoje, como afirma Sanchis (2018, p. 160) “Quando se olha para o campo religioso brasileiro contemporâneo, um primeiro fato chama a atenção: a transformação introduzida nele pelo fim da hegemonia – quase que monopólio – católica”.

Ainda segundo Sanchis (2018), esse declínio pode ser observado na média da religiosidade nacional – em 1980, 88% da população se declararam católicos; em 1991, 80%; em 1994, 74,9%. Sem dúvida, esse cenário tende a ser mais acentuado em determinadas regiões do Brasil, por exemplo, a Região Nordeste concentra o maior percentual de seguidores do catolicismo.

Como afirma Sanchis, “hoje o catolicismo vai cada vez mais se constituindo como uma das religiões, entre outras dos brasileiros” (2018, p. 245). Isso alterou significativamente o cenário religioso em relação àquele que se mostrava há 70 anos, quanto ao questionamento: qual a sua religião? A resposta era única: católica. Hoje, entretanto, esse não é mais o cenário predominante. As muitas alterações no campo social produziram mudanças significativas no campo religioso. Aliás, observações empíricas mostram que, em geral, quando uma pessoa migra de uma religião para outra, a tendência é que adote os valores da sua nova religião, e essa adoção de novos valores e princípios provoca a mudança que referimos como mudança social.

Isso se torna mais evidente a partir do momento que observamos a mudança de uma sociedade majoritariamente rural para uma sociedade urbana. O sociólogo José Ivo Follmann (2007) chama esse fenômeno de desinstitucionalização religiosa acompanhada por “secularização encantada”. Nesta tese, caracterizamos a secularização encantada como o processo pelo qual passa a sociedade ocidental nas relações com a instituição religiosa, com a conquista de maior autonomia sobre interpretação religiosa, prescindindo da figura institucional, e adotamos essa definição na análise do processo de desinstitucionalização

religiosa ou desigrejamento que aqui denominamos de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*. Reportamo-nos, nesse sentido, igualmente, ao apoio nas reflexões de Bauman (2013) quando este trata da “modernidade líquida”, como está mencionado adiante.

Outro dado que chama a atenção sobre o crescimento das pequenas igrejas pentecostais e neopentecostais é o percentual de aumento dos seus seguidores em dez anos, entre 2000 e 2010, numa cifra quase inacreditável de 1.485,57%, ou seja, passou de 581.383 em 2000, para 9.218.229 pessoas, em 2010. Esse número significativo de pessoas começou a congregar nas pequenas igrejas dissidentes das pentecostais e neopentecostais mais antigas que foram surgindo no Brasil ao longo dos últimos anos e, se pegarmos os dados mais recentes esse número é ainda maior. Para se ter uma ideia do que isso significa, hoje, no Brasil, existem mais de 40 mil denominações religiosas, segundo pesquisa realizada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e publicada na revista *Esperança Viva*, em 2016, em artigo assinado por Saraiva.

O cristianismo no Brasil tem características bem peculiares. Percebe-se uma busca por experiências religiosas²² no mundo espiritual e, com isso, o crescimento dos pentecostais em quase todas as unidades da Federação tem sido evidente. O fenômeno parece ter se tornado mais claro a partir do envolvimento da sociedade brasileira com sobrenatural e, nesse aspecto, há significativa contribuição dos estudos desenvolvidos pela mística russa, Helena Petrovna Blavatsky, sistematizadora da moderna teosofia e cofundadora da sociedade teosófica, que nas últimas décadas vem influenciando a relação das pessoas com a chamada Nova Era, ou Era de Aquários, colocando em evidência esses aspectos sobrenaturais na experiência religiosa humana ou, como sugerido pelas próprias igrejas pentecostais e neopentecostais, a busca pelo misticismo.

Embora a Igreja Católica tenha se inserido no fenômeno chamado “movimento carismático”, em que as pessoas podem experimentar sensações semelhantes ou que se aproximam muito daquelas vivenciadas pelos evangélicos pentecostais e neopentecostais, esse movimento não conseguiu agregar o número de participantes suficientes para mudar o cenário do catolicismo no Brasil, mesmo tendo forte influência no comportamento de uma

²² Experiências religiosas são as que estão relacionadas à divindade. Nelas o sujeito estabelece uma relação com a realidade espiritual. O êxtase religioso pode mostrar uma experiência religiosa. Do mesmo modo que conversar sobre uma religião específica também mostra uma experiência íntima e exclusiva. De um ponto de vista geral, pode receber o nome de experiência religiosa a atitude de um ser humano que busca o valor da transcendência em sua vida. Uma busca pela espiritualidade que parte da capacidade do ser humano em fazer perguntas relacionadas à sua vida, à sua morte e à existência de um ser superior. Disponível em: <https://queconceito.com.br/experiencia-religiosa>.

camada mais simples e mais fervorosa da igreja,²³ tendo em vista que alguns padres aderiram ao movimento, e como esse componente do clero é o que mais tem contato com a comunidade, também é um dos que mais influencia a comunidade católica.

A Igreja Católica se mostrou, ao longo dos séculos – principalmente a partir do Concílio de Trento,²⁴ instalado para decidir várias questões pendentes e também para combater a Reforma Protestante – mais interessada em aproximar-se dos fiéis, mas as medidas adotadas não surtiram o efeito desejado em sua plenitude e também não a aproximou dos anseios da sociedade, o que a fez manter um comportamento conservador em relação ao ensino da Bíblia, não estimulando a leitura pela comunidade católica, ou estimulando pouco, diferentemente do que faz a maioria das igrejas evangélicas/protestantes. Ela manteve a rigidez de suas tradições – a liturgia da missa celebrada em latim, os paramentos do clero, as rígidas exigências muitas vezes impostas aos seus frequentadores.

Conforme Silvestre (*S./d.*), suas principais decisões conciliares foram:

condenar a venda de indulgências, conforme Lutero já as combatera e a igreja romana admitiu seu erro; condenou a intervenção de príncipes nos negócios da Igreja; condenou a doutrina protestante de justificação apenas pela fé e reafirmou que a salvação é pela fé e também pelas obras; que a missa deve ser ressaltada em sua importância na liturgia; ainda confirmou cultos aos santos, à virgem Maria e relíquias; reativou o Tribunal do Santo Ofício (Inquisição); reafirmou a doutrina da infalibilidade papal, do pecado original, da existência do purgatório e dos sete sacramentos (batismo, confirmação ou crisma, confissão, eucaristia ou comunhão, matrimônio, ordem e extrema unção); confirmou a indissolubilidade do casamento, mas o proibiu para membros do clero (celibato clerical) e criou seminários para formar seus sacerdotes. Também estabeleceu decretos e metas para a unidade católica, fortalecendo sua hierarquia. (SILVESTRE, [*S.d.*; *S.p.*])²⁵

²³ A Renovação Carismática Católica (RCC) é um movimento católico que surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960. Ele é voltado para a experiência pessoal com Deus, particularmente por meio do Espírito Santo e dos seus dons. Esse movimento busca dar uma nova abordagem às formas de doutrinação e renovar práticas tradicionais dos ritos e da mística católicos. Renovação Carismática surge da dimensão carismática da Igreja, o que significa dizer que ele é um sopro do Espírito, ninguém planejou criar a RCC, ninguém desejou senão o próprio Espírito Santo. “A Renovação é uma oportunidade para toda a Igreja” (Paulo VI, 1973). Disponível em: <https://metropolia.org.br/movimentos/movimento-da-renovacao-carismatica-catolica/>.

²⁴ Concílio é o mesmo que conselho, e se trata de uma reunião de cunho religioso. Tecnicamente o Concílio de Trento foi o 13º concílio da Igreja Católica e era chamado de Concílio Ecumênico. Ocorreu entre os anos de 1546 a 1563. Convocado pelo Papa Paulo III, em 1546, reuniu-se no Tirol italiano, na cidade de Trento. Também foi guiado por outros Papas, Júlio III, Paulo IV, Pio V, Gregório XIII e Sisto V, com a duração de 18 anos e concluindo seu trabalho somente em 1563. Foram realizadas 25 sessões plenárias, em três períodos diferentes (de 1545 a 1547; de 1551 a 1552; e de 1562 a 1563), quando todas essas sessões foram solenemente promulgadas em sessão pública. Disponível em: <https://www.infoescola.com/história/concilio-de-trento/>.

²⁵ SILVESTRE, Armando Araújo. Concílio de Trento. **InfoEscola – Navegando e Aprendendo**, [*S./d.*]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/concilio-de-trento/>. Acesso em: 5 ago. 2020.

As Resoluções Tridentinas (de Trento) foram promulgadas e aceitas imediatamente por Espanha, Portugal, Polônia e estados italianos. A França relutou em aceitá-las, durante o período das guerras religiosas, mas as aceitou oficialmente meio século depois. O cristianismo que já era dividido entre católicos romanos e ortodoxos, a partir do século XVI, mesmo com todo o esforço do Concílio de Trento, agora também se dividia entre católicos, ortodoxos e protestantes.²⁶

Vale ressaltar que algumas atitudes tomadas pela igreja começaram a provocar mudanças em meados da década de 1960, depois do Concílio Vaticano II, embora ainda continuasse prevalecendo a rigidez do sistema litúrgico, mesmo admitindo que a inclusão de grupos de jovens e músicas nas celebrações contribuíram para dar uma aparência nova aos serviços religiosos da igreja.

Na verdade, o Concílio de Trento foi uma reação da Igreja Católica à Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero em 31 de outubro de 1517, em Wittenberg, na Alemanha, quando foram publicadas as 95 teses propostas para contestar a postura da igreja. A esta altura havia grande preocupação da Igreja Católica com o crescimento do protestantismo na Europa e, por isso, buscou-se uma reação e ao conjunto das medidas implantadas pela Igreja para combater a reforma, a que historicamente deu-se o nome de Contrarreforma. Mas a atitude inicial de Lutero não visava à criação de uma nova igreja, como afirma o Dr. Oneide Bobsin, professor de Ciências da Religião na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo-RS: “Também precisamos considerar que a Reforma Protestante foi um movimento religioso dentro da cristandade ocidental heterogêneo e que não tinha como objetivo a cisão do cristianismo” (BOBSIN, 2015, p. 2).²⁷

De acordo com FERNANDO (2007), na verdade, Martinho Lutero não pretendia se desligar da Igreja Católica, muito menos criar uma nova religião, mas as circunstâncias levaram a ambas as coisas, após a Dieta de Worms.²⁸

²⁶ *Id., ibid.*

²⁷ BOBSIN, Oneide. “**Uma Igreja da Reforma precisa estar sempre sendo reformada**”. Entrevista especial com Oneide Bobsin. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/548502-uma-igreja-da-reforma-precisa-estar-sempre-sendo-reformada-entrevista-especial-com-oneide-bobsin>.

²⁸ A Dieta de Worms, realizada em 28 de janeiro de 1521, foi uma assembleia, convocada pelo imperador Carlos V, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico (24/2/1500-21/9/1558), que julgava Martinho Lutero por crimes cometidos contra a Igreja Católica, decorrente da publicação das noventa e cinco teses supostamente na porta da Capela de Wittenberg. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/a-dieta-de-worms-.htm>.

O sociólogo Ricardo Mariano (2014) registra o resultado de uma pesquisa feita no Diário Oficial do Rio Grande do Sul, Estado de elevada concentração de luteranos, boa parte de ascendência alemã, revelou que de cada dez templos evangélicos registrados entre 1992 e 1995, nada menos que sete eram pentecostais. O Censo Institucional Evangélico, realizado entre 1990 e 1992 pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) em treze municípios do Grande Rio, também trouxe preciosas informações sobre o avanço do pentecostalismo, mormente nas regiões e nos bairros mais pobres e periféricos. O ISER encontrou 85 diferentes denominações (igrejas com quatro ou mais filiais) no Grande Rio. Contabilizou 3.477 templos, 61% pentecostais, 39% protestantes históricos. Nesse período registrou-se em cartório no Estado do Rio de Janeiro a fundação de 710 templos evangélicos (média de cinco novos locais de culto por semana), 204 centros kardecistas, tendas de umbanda e terreiros de candomblé e apenas uma paróquia católica. Descoberta reveladora da magnitude da expansão pentecostal foi a constatação, com base em pesquisa no Diário Oficial do Estado do Rio, de que em cada dez templos evangélicos criados no período nove eram pentecostais. Somente nos municípios de Duque de Caxias e São João do Meriti pode se traçar uma comparação rigorosa entre o número de templos evangélicos e o de comunidades católicas. A desvantagem da Igreja Católica superou suas expectativas mais pessimistas: possuía 237 comunidades de culto, menos da metade dos 506 templos crentes [...]. O Censo do IBGE e as pesquisas citadas demonstram, de modo inequívoco, que a notável expansão numérica dos evangélicos nos últimos anos resulta sobretudo do crescimento acelerado do pentecostalismo. (MARIANO, 2014, p. 11)

Teixeira e Menezes (2011) falam de uma nova configuração do cenário religioso brasileiro decorrente do surgimento das novas formas de manifestação nesse campo, como as decorrentes dos movimentos pentecostal e neopentecostal. A esse fenômeno eles chamam de “vários processos de reconfiguração, de transformações, de surgimento de novidades que marcam uma ruptura com o que até então havia sido considerado habitual” (TEIXEIRA; MENEZES, 2011, p. 7)

Os mesmos autores chamam a atenção sobre o fenômeno do crescimento do segmento pentecostal e daqueles que se declaram sem religião. Fato também constatado por Follmann (2007). Mas, nesse caso, Teixeira e Menezes (2011) fazem uma ressalva, afirmando que muitos dos que se dizem sem religião estão, na verdade, em um processo de migração de uma religião para outra, pois ainda prevalece, principalmente no meio protestante/evangélico, a impressão de que pertencer a uma religião é fazer parte de uma denominação religiosa – igreja – e se o indivíduo não frequenta nenhuma igreja, deve ser considerado sem religião, ou como no jargão evangélico, é um desviado.

Outro aspecto a ser levado em consideração, no cenário religioso brasileiro, é o fato de haver uma sazonalidade muito grande nas igrejas. Não é difícil fazer levantamentos que comprovem a facilidade com que as pessoas mudam de uma para outra denominação religiosa. Esse fenômeno ocorre com muita frequência entre os protestantes/evangélicos, e com maior frequência entre as igrejas pentecostais e neopentecostais, particularmente devido ao apelo muito grande dos líderes de pequenas igrejas para atrair frequentadores de outras igrejas, comportamento denominado equivocadamente de proselitismo,²⁹ tendo em vista que o proselitismo é uma tentativa de arrastar uma pessoa de uma religião para outra.

Ainda é preciso levar em consideração o número elevado de novas igrejas pentecostais e neopentecostais abertas nas duas últimas décadas. Os números assustam. Conforme levantamento empírico feito com mais de 40 igrejas na região do Distrito Federal, a maioria delas pode ser chamada de “microigrejas”, com um número de membros que varia entre 20 e 30 pessoas. Entretanto, de acordo com o Censo do IBGE de 2010, essas igrejas que aparecem como “outras igrejas evangélicas” congregam um contingente de 9.218.229 pessoas, número muito expressivo, pouco menor que o dos frequentadores da maior e mais tradicional igreja pentecostal brasileira, a Assembleia de Deus, que conta com 12.314.410 membros.

Essa realidade pode ser observada em todo o território nacional, e é decorrente da insatisfação dos membros com os rumos das igrejas maiores, das quais fazem parte. Observação simples – em pelo menos dez regiões administrativas do Distrito Federal, as grandes igrejas pentecostais e neopentecostais vêm sofrendo sucessivas divisões nas últimas décadas.

A história das Assembleias de Deus no Brasil, contada com certo passionalismo pelos escritores que se dedicaram ao registro, após o início em Belém-PA, expandiu-se para o Amazonas e propagou-se para o Nordeste, principalmente entre as camadas mais pobres da população, embora isso venha mudando nos últimos anos, conforme registra Ricardo Mariano (2004).³⁰ A chegada no centro-sul do país se deu a partir da Região Sudeste, no

²⁹ O propósito do proselitismo é criar prosélitos (do grego *prosélytos*), ou seja, pessoas que foram convertidas para uma nova religião, doutrina, ideologia, filosofia ou causa, mesmo sem haver interesse inicial para essa conversão. Disponível em: <https://www.significados.com.br/proselitismo/>.

³⁰ Seus adeptos não se restringem somente aos estratos pobres da população, encontrando-se também nas classes médias, incluindo empresários, profissionais liberais, atletas e artistas. Ao lado e por meio disso, o pentecostalismo vem conquistando crescente visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social e deitando e aprofundando raízes nos mais diversos estratos e áreas da sociedade brasileira. MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. (Dossiê Religiões no Brasil). **Estudos avançados**,

estado do Rio de Janeiro, em 1922. Nesse ano, a igreja teve início no bairro de São Cristóvão, e ganhou impulso com a transferência de Gunnar Vingren, de Belém, em 1924, para a então capital da federal. Nesse mesmo período ocorreu a conversão daquele que seria um dos seus maiores líderes, Paulo Leivas Macalão, que teve uma experiência traumática, tendo em vista ser filho de um general do Exército brasileiro que não aceitava a escolha do filho. Macalão tornou-se o precursor do segundo maior ministério da igreja no Brasil, o Ministério de Madureira.

Conde (2000) afirma que houve forte influência da igreja sueca na formação assembleiana brasileira em razão da nacionalidade de seus fundadores e porque a igreja pentecostal escandinava, principalmente a Igreja Filadélfia de Estocolmo, que, além de ter assumido nos anos seguintes o sustento de Gunnar Vingren e Daniel Berg, enviou outros missionários para dar suporte aos novos membros em seu papel de fazer crescer a nova igreja.

Ainda de acordo com Conde (2000), em 1930, foi realizada na cidade de Natal-RN a primeira Convenção Nacional da denominação, quando a igreja passou a ter autonomia interna no Brasil, sendo administrada exclusivamente pelos pastores residentes no Brasil, sem, contudo, perder os vínculos fraternais com a igreja na Suécia. A partir de 1936, a Assembleia de Deus dos Estados Unidos, por meio dos missionários enviados ao país, os quais se envolveram de forma mais direta com a estruturação teológica da denominação, passou a exercer forte influência em sua administração, fazendo com que os suecos perdessem força na sua participação como organizadores da igreja.

Administrativamente, a Assembleia de Deus brasileira estruturou seu governo no modelo episcopal, constituído por igreja-sede, respectivas congregações, subcongregações e pontos de pregação.³¹ Com o crescimento da igreja, entretanto, sua administração passou a se caracterizar por um sistema misto entre o episcopal e o presbiteriano e, ultimamente, sob a liderança nacional atual, com o aparecimento da figura do “pastor presidente”, o modelo que prevalece quase soberano é o episcopal, em que ele tem a autoridade absoluta.

Na realidade, existe forte atuação dos pastores na condução do destino das igrejas, e a maioria dos líderes não compartilha sua liderança, mantendo um sistema muito fechado.

São Paulo, v. 18, n. 52, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lang=pt.

³¹ Ponto de pregação é um local cedido em uma residência onde se realizam cultos semanais visando atender aos membros residentes nas imediações daquela residência e que não podem se deslocar durante a semana para as congregações ou subcongregações.

Em geral, todas as decisões são tomadas pelo pastor presidente, e somente em alguns casos as decisões são compartilhadas com um grupo restrito de obreiros e outros pastores subordinados. Porém, com o crescimento das igrejas, nem todos os pastores se filiaram às convenções estaduais, limitando sua vinculação institucional à convenção nacional.

Correa (2020) afirma que:

Há mais de um século, as Assembleias de Deus nasceram congregacionais, mas o processo de institucionalização da igreja, em 1930, com a ascensão dos obreiros nacionais, transformou paulatinamente a estrutura eclesial da igreja. O excesso de poder atribuído a um pastor presidente, ainda que para muitos isso seja visto como “bíblico” e “natural” dentro da maior denominação pentecostal do país, não foi algo que se constituiu sem tensões e oposições por parte de muitos outros pioneiros. A figura mítica do pastor presidente, sem dúvida, é uma construção *a posteriori* ao nascimento das Assembleias de Deus no Brasil. A consolidação dessa função tão respeitada e temível para alguns possui relação intrínseca com a transformação do sistema de governo adotado pelas Assembleias de Deus em sua fase de expansão. (CORREA, 2020, p. 65)

Vale ressaltar que as grandes divisões começaram a ocorrer a partir do início dos anos 1980, por desentendimentos entre a liderança das igrejas de São Cristóvão e Madureira, ambas no Rio de Janeiro. A igreja de São Cristóvão foi aberta em 1922, e a de Madureira em 1930. Em 1958, a igreja de Madureira se tornou base de um ministério independente, que veio a ser o grande rival do ministério de São Cristóvão, sob a liderança dos pastores Paulo Leivas Macalão e Cícero Canuto de Lima. O ministério de Madureira tornou-se nacional e foi presidido por Macalão, até 1982, quando este faleceu aos 79 anos, no dia 26 de agosto.

Atualmente, não só no Brasil, país onde surgiu, mas em toda a América do Sul, existem centenas, talvez milhares de igrejas Assembleias de Deus autônomas e independentes. Até 2020 podiam ser contadas dezenas de ministérios independentes, filiados ou não a convenções nacionais, mas entre essas quatro se destacam como os maiores, os quais congregam a maior parte dos seus mais de 12 milhões de membros:

- Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), fundada em 1930, com sede no Rio de Janeiro. A CGADB conta com centenas de pastores e missionários espalhados pelo mundo. É afiliada à Associação Mundial da Assembleia de Deus. Dentre as centenas de ministérios que a compõem, está ligada a ela o Ministério do Belém-SP, bairro da cidade de São Paulo (não confundir com a igreja-mãe de Belém-PA, que é ligada à CADB).

- Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil ou Ministério de Madureira (CONAMAD), fundada em 1958. Sua sede está localizada em Brasília, é a convenção que agrega o maior número de igrejas espalhadas por todo o território nacional.
- Convenção da Assembleia de Deus no Brasil (CADB), fundada em 2017. Sua sede está localizada em São Cristóvão (Rio de Janeiro). Uma particularidade dessa Convenção é que ela congrega a primeira Assembleia de Deus no Brasil, conhecida como igreja-mãe, fundada pelos missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren em Belém do Pará, em 1911.
- Convenção Regional do Serviço de Evangelização dos Rios Tocantins e Araguaia, (SETA), fundada em julho de 1953.

Além dessas convenções, que congregam um número significativo de igrejas grandes e pequenas, o Censo de 2010 do IBGE registrou que a maior parte das igrejas que congrega os quase 10.000.000 pessoas não fazem parte de nenhuma convenção.

1.5 O Protestantismo Brasileiro

Uchoa (2017, p. 129) faz um registro que merece reflexão, ao se referir às igrejas brasileiras: “a Igreja evangélica brasileira é multifacetada e hoje constitui um caleidoscópio eclesialístico do tipo que, quanto mais se mexe, mais suas cores mudam e uma nova configuração surge”. Esse aspecto do protestantismo brasileiro decorre da facilidade com que as pessoas abrem novas igrejas a partir do descontentamento com as lideranças das igrejas nas quais congregavam. Mas descrever esse fenômeno é relativamente fácil, como afirma Sell e Bruseke (2006).

Difícil é interpretar, ou seja, não basta apontar as transformações. É preciso esclarecer por que elas acontecem e o significado que elas trazem. [...] de que forma a sociologia da religião no Brasil vêm interpretando as transformações e mutações do campo religioso brasileiro? O principal recurso analítico dos cientistas sociais que buscam entender o que se passa hoje com a religião no Brasil é o paradigma da secularização. (SELL; BRUSEKE, 2006, p. 184-185)

Por conta disso, o protestantismo brasileiro, ao longo da sua história, enfrentou várias divisões e subdivisões que fizeram com que se tornasse muito distante do que chegou em

nosso território em primeiro momento, ou do que pretendiam aqueles que o trouxeram para o Brasil, no final do século XIX, e com a chegada dos pentecostais em 1910 e 1911. Ao longo desse período, poucos estudos foram realizados a fim de levantar as suas causas, e quando isso foi feito, observou-se somente esse aspecto da secularização, mas esse é apenas um dos detalhes que deveriam ser observados, principalmente as causas e não as consequências.

A razão do desinteresse da academia pela pesquisa sobre os pentecostais está ligada às origens do movimento que foi totalmente rejeitado e ridicularizado tanto pelos estudiosos quanto pelos protestantes, conforme descreve Mattos (2018, p. 14), que afirma: “tanto no campo teológico como no das ciências humanas, a discussão acadêmica só passou a ser considerada devido à explosão do movimento nos quatro quadrantes do mundo nos anos após a Segunda Guerra Mundial”. Contudo não fugiu à tradição do que aconteceu após a reforma, quando os reformadores enfrentaram muitas crises provocadas por grupos que se levantaram a fim de incitar mudanças, sendo o primeiro grupo a se levantar os anabatistas³² na Alemanha de Lutero e depois deles muitos outros grupos.

Segundo o IBGE, os primeiros protestantes que se instalaram no Brasil foram os luteranos, em 1811, quando foi aberto um cemitério protestante na cidade de Sorocaba-SP. Em seguida, partiram de lá, em 1824, e se instalaram em Nova Friburgo-RJ.

Os primeiros 40 anos foram muito duros para os evangélicos, tanto na vida civil quanto familiar, pois não tinham direito sequer de professar sua fé em público. O casamento feito pelos evangélicos não tinha validade, e todos os casais eram considerados em concubinato. Os sepultamentos eram em alas segregadas dos cemitérios. Os templos protestantes não podiam ter aparência de igrejas nem símbolos religiosos, como cruzeiros, torres e sinos.³³

Segundo Giraldi (2015), esse tipo de situação fez com que, ainda no século XVIII, pouca coisa mudasse no cenário religioso nacional com a chegada dos primeiros protestantes – a sua influência quase não foi percebida, principalmente pela maciça atuação da Igreja

³² O Anabatismo foi um movimento religioso surgido com as Reformas Protestantes do século XVI, inspirado nas ideias de Martinho Lutero, que foram desenvolvidas contra o poder religioso, social e político da Igreja Católica. O nome foi em decorrência dos batizados dos anabatistas ocorrerem na fase adulta da vida, escolhendo conscientemente se entregar à religião cristã, em oposição ao ritual católico, por exemplo, em que o batismo é realizado com recém-nascidos. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/anabatistas-igualdade-social.htm>.

³³ MAYRINK, José Maria. Protestantismo tem várias divisões no país. **Estadão**, 30 out. 2017. Disponível em <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,protestantismo-tem-varias-divisoes-no-pais,70002065412>.

Católica. Embora na metade do século XVIII (1759) os jesuítas tenham sido expulsos de todo o território nacional por divergências com o governo português, as marcas daquele trabalho permaneceram, e a Igreja Católica exercia forte influência social. Além disso, o assunto era tratado com muito rigor entre aqueles que eventualmente tentavam passar para outra religião, e isso impedia que um contingente mais expressivo aderisse aos apelos das igrejas protestantes que estavam chegando. Com essa pequena adesão, boa parte dos que tentavam mudar acabava desistindo, o que desestimulou a continuidade dos trabalhos dessas igrejas.

Em muitos locais, principalmente na Região Nordeste, aqueles que aderiam às igrejas protestantes não podiam desfrutar de outros serviços que, em sua maioria, eram controlados pela igreja. O Bispo Diocesano da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Edward Robinson de Barros Cavalcanti, afirma que, durante a vigência da Constituição Imperial (1824), o documento de identidade era a Certidão de Batismo na Igreja Católica Romana. Quem não fosse batizado nem existia, nem era cidadão. Os protestantes e os demais, que não frequentavam a Igreja Católica, não podiam ser funcionários públicos, não podiam se candidatar a cargos eletivos, seus casamentos eram nulos (tecnicamente “amasiados” por amor a Cristo), porque o único documento de casamento válido era o emitido pela Igreja Católica Romana. Quando o protestante morria, tinha que ser “plantado” em algum terreno, porque todos os cemitérios eram administrados pelas paróquias católicas romanas, e neles só podiam ser enterrados quem tivesse recebido o rito de extrema-unção de um sacerdote daquela confissão.

Com a Constituição Republicana de 1891 veio a separação Igreja-Estado, cessaram as discriminações legais, mas aumentaram as perseguições. As novas levas de padres e freiras missionários que foram trazidos pela Igreja de Roma na Primeira República (1889-1930) vinham com a missão de “combater os protestantes”. Crianças e jovens eram perseguidos nas escolas, profissionais nos empregos, proibia-se o aluguel de imóveis comerciais e residenciais para os “nova seita”, também conhecidos como “bodes”, igrejas eram apedrejadas, pessoas eram fisicamente agredidas, amizades e vínculos familiares eram rompidos. A imprensa incitava contra essa fé “estrangeira”. O hino de um Congresso Eucarístico cantava: *“Quem não for bom católico, bom brasileiro não é”*. Bíblias eram queimadas. Paredes de templos protestantes eram levantadas de dia para serem derrubadas de noite. *“Protestante é pobre, burro e feio”*. *“Casar minha filha com um deles, nem pensar!”* era propagado pelos católicos mais fervorosos.

Na cidade em que habitava minha família materna, em Alagoas, um padre holandês, referindo-se à artéria onde residiam as melhores famílias da cidade, compusera a quadrinha de gozação:

Na Rua do Rosário, ninguém pode mais passar
São bodes e cabrinhas, todos eles a berrar...

Com raras exceções localizadas, esse quadro não mudou muito até o início dos anos 1960, e a realização do Concílio Vaticano II.

Toda essa primazia da Igreja Católica era devido ao que exarava a Constituição Federal de 1824, que instituiu o catolicismo como a religião oficial do Império em seu artigo 5º, assim redigido:

Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma, exterior do Templo. (*sic*).

A primeira igreja evangélica, ou protestante, como chamaremos as igrejas calvinistas que por aqui chegaram, foi a Igreja Congregacional, que se instalou no Rio de Janeiro, em 1855, onde realizou a primeira Escola Bíblica Dominical em 19 de agosto, em Petrópolis, graças ao esforço do Reverendo Robert Reid Kalley, missionário inglês que se dispôs a pregar o Evangelho em terras brasileiras.³⁴

Após a chegada da Igreja Congregacional, denominação religiosa, outras igrejas chegaram e, somente para fins didáticos, podemos fazer a seguinte divisão no Brasil: *reformadas históricas* – conforme Lopes (2013), é sinônimo de igrejas históricas organizadas dos Estados Unidos e Europa, e mandaram os primeiros missionários que vieram ao Brasil trazendo o Evangelho nos padrões das igrejas protestantes, que hoje abençoam milhões de brasileiros. As igrejas históricas organizadas criaram e sustentam as sociedades bíblicas que traduziram a Bíblia do grego, hebraico e aramaico para o português, permitido, assim, que hoje os brasileiros que não leem nem grego e nem hebraico leiam a Palavra de Deus em português.

³⁴ IGREJA Evangélica Congregacional do Brasil. Disponível em https://igrejacongregacional.org.br/?page_id=38.

Entre as principais igrejas históricas estão a Luterana, a Anglicana, a Presbiteriana, a Batista, a Metodista e a Congregacional. Ressalta-se que só a Igreja Metodista Reformada não aderiu ao movimento pentecostal, mas a Igreja Metodista Wesleyana fundada no Brasil em 1967 faz parte das igrejas pentecostais.

Essas igrejas se denominam históricas, adotam o cristianismo histórico, pois consideram que surgiram da reforma do século XVI, têm uma história, e as demais igrejas, as pentecostais e neopentecostais surgiram a partir do início do século XX, da dissidência das igrejas tradicionais, fato que não se pode negar.

Além disso, as igrejas protestantes históricas se consideram vanguardistas na luta pela liberdade religiosa no Brasil, tendo em vista que durante o período imperial só havia liberdade de culto para os católicos.³⁵

Pentecostais – Um dos trabalhos mais completos no estudo do pentecostalismo na igreja brasileira, embora não tenha sido o primeiro, foi feito por Mariano (2014). Este autor fez uma abordagem do tema classificando o pentecostalismo em três vertentes: pentecostalismo clássico, chamado por Freston (1994) de *primeira onda* do pentecostalismo; *segunda onda* do pentecostalismo ou deuteropentecostalismo; e *terceira onda* ou neopentecostalismo. Em seu trabalho, Mariano (2014) teve a preocupação de fazer um levantamento do pentecostalismo desde a chegada ao Brasil, com a Congregação Cristã no Brasil, e a vinda, um ano mais tarde, de dois missionários suecos enviados pela igreja dos Estados Unidos, os quais fundaram a Igreja Assembleia de Deus, após dissidência na Igreja Batista. Mariano (2014) define essas duas igrejas como pentecostalismo clássico, modelo que vai prevalecer até meados do século passado.

Para Mariano “existe um consenso quanto a classificação das primeiras igrejas pentecostais estabelecidas no país, que são comumente chamadas de clássicas, reproduzindo-se assim a tipologia norte-americana” (MARIANO, 2014, p. 24). O autor afirma ainda que a designação clássica utilizada por ele significa a restrição à ideia de antiguidade ou pioneirismo histórico dessas denominações. Também é destacado nesse trabalho o sectarismo adotado por essas igrejas numa tentativa de se tornarem exclusivas e evitar o comprometimento de seus membros com o que a igreja chama de mundanismo.

³⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/AugustusNicomemusLopes/posts/s%C3%B3-lembrandoas-igrejas-hist%C3%B3ricas-organizadas-dos-estados-unidos-e-europa-mandar/912387332147012>. Acesso em: 27 nov. 2018.

O pentecostalismo herda a postura de rejeição e afastamento do mundo diretamente do metodismo e do movimento *Holiness*,³⁶ dos quais se originou. Provém daí as raízes puritana e pietista do movimento pentecostal. Tal como no puritanismo, para o crente pentecostal mostrar-se santificado, ele precisa exteriorizar sinais, por meio de comportamentos ensinados e exigidos pela comunidade religiosa, que os diferentes da sociedade inclusiva. Assim procedendo, ele denota sua condição de salvo em Cristo. A fim de atingir a perfeição em Cristo, é fundamental que o crente, como vaso e templo do Espírito Santo, afaste-se dos prazeres, interesses e paixões do mundo. Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesse do mundo, os líderes pentecostais procuram imprimir na conduta dos fiéis, desde a conversão, normas e tabus comportamentais, valores morais, usos e costumes de santificação. (MARIANO, 2014, p. 190)

Além da pesquisa feita por Mariano (2014), merece destaque, pela abrangência da abordagem, o trabalho realizado pela pesquisadora Marina Correa (2020), exclusivamente sobre a implantação da Igreja Assembleia de Deus, por ser um relatório abrangente e consistente da história da igreja desde seu início até a atualidade, com vasto material sobre o pentecostalismo brasileiro.

Neopentecostais – fato novo que ocorreu no cenário religioso brasileiro a partir dos anos 1970, com o incremento de elementos ritualísticos aos cultos das igrejas pentecostais e por novas igrejas que surgiram em nosso território. São as principais: a Igreja de Nova Vida, criada no Rio de Janeiro, ainda em 1960; a Igreja Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, fundada em Goiânia, em 1976; a Igreja Apostólica Fonte da Vida, fundada em Goiânia, em 1976; a Igreja Universal do Reino de Deus, criada também no Rio de Janeiro, em 1977; a Comunidade da Graça, fundada em São Paulo, em 1979; a Igreja Internacional da Graça de Deus, fundada no Rio de Janeiro, em 1980; e a Comunidade Cristã Paz e Vida, fundada em São Paulo, em 1982. Sobre esse movimento há diversas manifestações de pesquisadores, entre eles Follmann (2006).

O fenômeno neopentecostal, [...] é considerado como uma nova forma, bastante dinâmica e criativa, de adaptação religiosa aos nossos tempos. Trata-se, sem dúvida, apesar da oposição teológica que provoca no restante

³⁶ *Holiness Movement* ou Movimento de Santidade nas igrejas metodistas ensina que a natureza carnal da humanidade, ou o modo natural do ser humano se comportar, pode ser transformado (literalmente purificado) por meio de uma atitude de fé com a ação do Espírito Santo em sua vida. Possibilita sua transformação em uma pessoa obediente e submissa à Palavra de Deus e ter os seus pecados perdoados, pela fé no sacrifício vicário de Cristo. Isso traz benefícios espirituais e capacidade para se manter puro, incorrupto diante das tentações do mundo. No Brasil, a Igreja Holiness é a que carrega essa bandeira do movimento, na busca da perfeição cristã ou santificação total.

das denominações cristã, de uma inserção religiosa bem-sucedida no mundo moderno.

O fenômeno neopentecostal faz-nos lembrar de um outro fenômeno religioso de forte expansão que é o da religiosidade de arranjo pessoa, juntamente com o crescente número dos que se declaram sem-religião. São identidades religiosas que se criam e costumam à revelia do disciplinamento institucional das religiões que, em geral, chamam ao compromisso comunitário. (FOLLMANN, 2006, p. 13)

Essas igrejas introduziram, de forma generalizada, elementos que inovaram a liturgia dos cultos, transformando-os em reuniões de adoração, com muito dinamismo, mas principalmente um atrativo para os mais jovens, que procuravam naquele momento se estabelecer nas igrejas evangélicas, tendo em vista que o crescimento era intenso e o apelo para participar era muito forte.

Os cultos de caráter conservador das igrejas protestantes reformadas e pentecostais históricas foram remodelados pelas novas igrejas, com apresentação de conjuntos de jovens, utilização de instrumentos modernos, como sintetizadores, guitarras, bateria, criação dos chamados “ministérios de louvor”, “bandas musicais”, com características das bandas de música popular brasileira, bandas de rock e outros ritmos, além da liberdade que passou a ser dada aos frequentadores, algo inadmissível, nas demais igrejas. Esse incremento colocou por terra o conservadorismo dos cultos nas igrejas até então e exerceu forte atrativo para adolescentes e jovens e, com isso, houve uma explosão no seu crescimento. Mariano (2014) afirma:

Não se pode perder de vista as genealogias e os vínculos institucionais na hora de analisá-las e classificá-las. Para ser enquadrada como neopentecostal, portanto, uma igreja fundada a partir de meados da década de 70 deve apresentar as características teológicas e comportamentais distintivas dessa corrente. Quanto mais próxima destas características estiver, tanto mais adequado será classificá-la como neopentecostal. Isto é, quanto menos sectária e ascética e quanto mais liberal e tendente a investir em atividades extra igreja (empresariais, políticas, culturais, assistências), sobretudo naquelas tradicionalmente rejeitadas ou reprovadas pelo pentecostalismo clássico, mais próxima tal hipotética igreja estar do espírito, do *ethos* e do modo de ser das componentes da vertente neopentecostal. (MARIANO, 2014, p. 37)

Quando muitos pastores e líderes das igrejas pentecostais perceberam que esse era o novo “filão” das igrejas evangélicas brasileiras, começaram a surgir quase diariamente novas denominações decorrentes dos “rachas” nas igrejas. Mas toda efervescência na criação de

novas igrejas acabou levando seus fundadores ao afastamento dos princípios que nortearam, por décadas, a liturgia dos cultos.

Schewertley (2001) afirma que, embora os pentecostais não possuíssem, como os protestantes históricos, um princípio regulador do culto – como trata o “*Sola Scriptura*” dos reformadores –, a liturgia desenvolvida seguia um padrão conservador, limitando o uso de instrumentos musicais, dos cânticos do hinário da igreja, de mensagem, geralmente temática ou biográfica, utilizando um personagem da Bíblia. Nada de cenários modernos, coreografias, bandas, ministérios de louvor, teatro, dança, e todas as novidades inseridas nos cultos pelos neopentecostais.

Geralmente, a liturgia dos cultos era resumida à seguinte programação: abertura feita pelo pastor, oração, cânticos de três ou quatro hinos da Harpa Cristã (hinário oficial da Assembleia de Deus), mas que foi adotado por todas as igrejas pentecostais com pequenas modificações, algumas participações dos membros, que davam algum testemunho falando de experiências na vida cristã ou cantando um hino especial e em sua maioria à capela.

Outro aspecto relevante introduzido pelas igrejas neopentecostais foi o sincretismo religioso. Este foi adotado pelas igrejas Universal do Reino de Deus, Renascer, Mundial do Poder de Deus, Internacional da Graça de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra e demais, que misturaram elementos seculares aos de outras religiões, inclusive dos cultos afro. Esse fato por si só provocaria a rejeição de grande parte dos membros dessas igrejas, tendo em vista que muitos dos seus frequentadores já teriam tido contato com aqueles cultos e, ao passarem para uma igreja evangélica, pretendiam romper com quaisquer das práticas ritualísticas que pudessem ligá-los aos antigos hábitos referentes ao misticismo, e mesmo considerando que a palavra misticismo é polissêmica, neste trabalho atribuímos esse sentido.³⁷

Essa tentativa de oferecer algo diferente para atrair as pessoas se tornou, na realidade, mais um aspecto negativo, como afirma Antônio Flávio Pierucci (2010) ao tratar sobre a desmoralização dos cultos nas igrejas neopentecostais:

³⁷ O misticismo neopentecostal é a mistura de figuras, objetos e símbolos para representarem elementos espirituais. Eles tomam figuras do Antigo e do Novo Testamento e as espiritualizam, transformando-as em “proteções” semelhantes às usadas pelas magias pagãs. E deste ato aparecem crentes com fitinhas no braço, com medalhas de símbolos bíblicos, unguendo portas e janelas com azeite, colocando sal ao redor da casa para impedir a entrada de maus espíritos; outros bebem copos de água abençoada, usam óleos consagrados em Jerusalém, guardam gravetos que misteriosamente aparecem brilhando nos montes, ungem roupas para libertar as pessoas. Disponível em: <http://ministeriobbereia.blogspot.com/2012/10/misticismo-religioso-no-contexto-da.html>.

elas oferecem um tipo de religião que é muito pouco exigente eticamente. Ou seja, as religiões estão deixando de propor pautas de conduta, de dizer o que é certo, o que é errado e estão oferecendo serviços que na linguagem de sociologia da religião se chamam de serviços mágicos (PIERUCCI, 2010, [S./p.])³⁸

Araújo (2013) faz uma comparação um tanto forte, mas absolutamente proporcional ao que está acontecendo nas igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras. Ele relembra a tragédia de chuvas excessivas em 2011. No Brasil, esse episódio ocorreu principalmente no estado do Rio de Janeiro, na Serra de Petrópolis, onde centenas de pessoas perderam a vida e milhares perderam toda a esperança ao ver o que haviam construído ao longo de toda a vida ser destruído por chuvas torrenciais e avalanches de lama. Em sua analogia, Araújo chama a atenção para uma reportagem feita à época, que mostrava crianças brincando sobre os escombros da destruição provocada pelo temporal, e afirma:

aquele cenário caótico e aquelas crianças se divertindo despreocupadamente em meio a tamanha tragédia ilustram outra realidade também muito trágica: a dos falsos profetas, tanto os antigos quanto os contemporâneos. Quem são? São homens e mulheres dados à brincadeira inconsequente, que ignoram evidências claras de destruição. São adultos agindo como crianças sorrindo e convidando ao sorriso, num contexto onde deveria chorar e suplicar com voz retumbante. São pessoas que vivem como se o mundo fosse um grande parque de diversões, sem o mínimo compromisso com a realidade, profetizando simplesmente para agradar. Deus distinguiu essas pessoas chamando-as de insensatas (Ezequiel, capítulo treze, versículo 3 – Assim diz o Senhor Deus: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto!), irresponsáveis, (Jeremias capítulo vinte e três, versículo trinta e dois – Eis que eu sou contra os que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, e os contam, e com as suas mentiras e leviandades fazem errar o meu povo; pois eu não os enviei, nem lhes dei ordem; e também proveito nenhum trouxeram a este povo, diz o Senhor.), e revelou-nos a inutilidade delas ao compará-las às raposas nos desertos (Ezequiel, capítulo treze, versículos 3-4 – Assim diz o Senhor Deus: Ai dos profetas loucos, que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto! Os teus profetas, ó Israel, são como raposas entre as ruínas.) (textos das referências bíblicas foram acrescentados ao texto original) (ARAÚJO, 2013, p. 44-45)

³⁸ PIERUCCI, Antonio Flávio. A des-moralização das religiões. **Casa Poderosa dos Filhos de Yemanjá**, 29 jun. 2010. Disponível em: <https://soberanayemanja.blogspot.com/2010/06/des-moralizacao-das-religoes.html>.

Nada poderia ilustrar mais claramente o que está acontecendo nas igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras.

2 REFINANDO O CONTEXTO E A TEMÁTICA EM PAUTA

Uma vez que a proposta do presente trabalho é analisar o fenômeno da desinstitucionalização religiosa no Brasil, principalmente dentro do universo das igrejas pentecostal e neopentecostal, que neste trabalho denominamos de *quarta onda do pentecostalismo*, é essencial trazermos um panorama histórico sobre as origens do movimento pentecostal no Brasil, o que é feito no tópico “*O movimento pentecostal brasileiro*”. Contudo, como estamos diante de um movimento sem uniformidade absoluta e dogmática, é necessário analisarmos algumas nuances em seu desenvolvimento, mencionando suas instituições pioneiras, bem como o processo de seu desenvolvimento em uma perspectiva apresentada por Freston (1994) como ondas do pentecostalismo, tendo em vista que essa questão está ligada ao tema abordado no presente trabalho. Essas reflexões são mais claramente abordadas nos tópicos “*O crescimento do pentecostalismo e o início do neopentecostalismo no Brasil*” e “*As ondas do pentecostalismo brasileiro*”. Por fim, com uma abordagem de natureza mais sociológica, foi feita breve análise de como as instituições pertencentes a esse movimento acabaram por moldar aspectos da cultura e da sociedade brasileiras ao longo do processo dialético de sua interação no tópico “*Pentecostalismo brasileiro e mudança social*”.

2.1 O Movimento Pentecostal Brasileiro

Não pretendemos ser exaustivos ao fazer a proposição a seguir, mas somente deixar mais evidente o papel e a importância do fenômeno. O movimento pentecostal brasileiro é um segmento religioso que cresceu e vem crescendo nas últimas décadas em decorrência de vários fatores, a saber: o povo brasileiro possui a tendência natural de aderir a algum tipo de prática religiosa que o coloque em contato com o sobrenatural, ocasiões em que pode ter experiências emotivas. Além disso, o forte apelo das denominações pentecostais e neopentecostais na apresentação de soluções imediatas para os problemas que afligem boa parte da população brasileira, notadamente das classes C, D e E, vem possibilitando a essas igrejas um crescimento numérico acentuado. Mas esses não são os únicos motivos que fazem com que as pessoas procurem o suporte espiritual nas igrejas pentecostais e neopentecostais. Há também fatores sociais que influenciam esse fenômeno, como o favelamento dos grandes

centros, lugares onde o crescimento dessas igrejas tem sido notável; problemas financeiros que atingem a maior parte da população brasileira nos grandes centros urbanos; e dificuldades encontradas pelas camadas menos favorecidas da sociedade na resolução de problemas de saúde e obtenção de recursos para sobrevivência vêm contribuindo significativamente para esse crescimento. Esses fatos relacionados às igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras têm chamado a atenção de pesquisadores nesse campo social, como afirma Araújo (2013):

o momento presente é sem dúvida muito fértil ao nascimento de profetas. Há muita sede de transcendência nesses nossos dias. Não que tal anseio seja exclusividade contemporânea, mas o afunilar dos tempos tem gerado nas pessoas um desejo veemente de tocar o sagrado, mais até que em outras épocas, diríamos. Vê-se nitidamente um mover acelerado do ser humano em busca de significado e isto o conduz inevitavelmente à dimensão espiritual. É nesse terreno que profetas e profetisas da paz são aclamados, buscados e confirmados pelo povo. (ARAÚJO, 2013, p. 81)

Sell e Bruseke (2006) também chamam a atenção para um aspecto social relevante em relação ao surgimento dessa onda de interesse pelo sobrenatural, afirmando:

há muito que se fala da “magia” no campo religioso brasileiro. Os milagres no pentecostalismo, as curas no catolicismo carismático, os favores conhecidos pelos orixás nas religiões afro-brasileiras; tudo isto nos indica que a magia, enquanto forma de comportamento religioso está por todo lado. Tal fenômeno, embora possa ser reconhecido por todos os estudiosos como unânime, não alcança o mesmo consenso quando se trata de interpretá-lo. Seguindo a teoria weberiana, que tem no recuo da magia o elemento central para entender o desencantamento do mundo, os estudiosos veem este fenômeno com olhares diferentes. Para alguns, a forma da magia representa a “volta do sagrado”. Para outros, não há nenhum contraste entre esta volta da magia e a efetiva “secularização” na sociedade brasileira. (SELL; BRUSEKE, 2006, p. 183)

Os autores concluem: “o cenário religioso brasileiro é hoje um campo de profundas transformações e de intensas polêmicas entre os cientistas sociais que debatem o tema” (SELL; BRUSEKE 2006, p. 184)

Esse elenco de motivos que atraiu as pessoas, contudo, tornou-se um problema, impedindo que muitos continuassem. Os que buscavam resolução de problemas, alcance de bênçãos, alívio no sofrimento, curas de enfermidades, restaram decepcionados com as igrejas, pois não encontraram o que esperavam e, acrescido a isso, o comportamento pouco

ou nada ortodoxo das lideranças, que se revelaram incapazes de ajudarem essas pessoas, o que só contribuiu para fazerem-nas e sair para constituir o contingente dos desigrejados ou desinstitucionalizados, ou se afastar em definitivo da própria religião cristã, caracterizando-se como “desviados”.

O que está acontecendo nas igrejas pentecostais e neopentecostais em relação a essa oferta de serviços, que nem sempre é cumprida pela igreja, recebeu uma crítica severa do sociólogo Antonio Flávio Pierucci, professor do Departamento de Sociologia da USP, ao afirmar que

As religiões que estão crescendo no Brasil são em primeiro lugar as igrejas protestantes de estilo pentecostal. Entre as pentecostais, as que mais crescem são as que se convencionou chamar de neopentecostais, como Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça Divina (*sic*), Renascer em Cristo, Deus é Amor, e por aí vai. Elas oferecem um tipo de religião que é muito pouco exigente eticamente. Ou seja, as religiões estão deixando de propor pautas de conduta, de dizer o que é certo, o que é errado e estão oferecendo serviços que na linguagem de sociologia da religião se chamam de serviços mágicos. (PIERUCCI, 2010, [S./p.])

Por serviços mágicos, Pierucci (2010) esclarece:

São serviços tópicos. Você resolve problemas, aqui e agora: dor, desemprego, um filho drogado, um problema pessoal de droga. Mas não é só isso. O mercado religioso no Brasil ficou muito competitivo, é por isso que você tem a impressão de que as religiões são muito dinâmicas. Elas não podem deixar de ser dinâmicas, porque estão competindo entre si. Com isso, elas passam a oferecer, além dos serviços mágicos, sensações: a missa tem de ser agradável, o culto tem de ser emocionante, tem que ter algum transe, alguma chamada experiência religiosa, êxtase, calor no coração, uma certa corrente social de solidariedade que passa entre as pessoas. Também nesse sentido as religiões passam a oferecer sensações imediatas às pessoas. Tudo isso é um quadro de desmoralização das religiões. As religiões deixam de ser religiões moralizantes e passam a ser religiões mágicas. Elas não exigem que você necessariamente mude de vida e aprenda a se comportar independente (*sic*) de estar em estado de graça, em contato com Deus ou não. O processo de passagem da magia para a ética, das religiões mágicas para as religiões éticas, foi um processo de moralização. (PIERUCCI, 2010, [S./p.])

E explorando mais a desmoralização religiosa, afirma:

Quero explorar um pouco mais a palavra desmoralização. Entendo que, além de as religiões estarem desmoralizadas no sentido em que falei antes, como estão muito midiaticizadas, como estão se expondo em excesso, começam a ficar banalizadas. Você liga a televisão, o rádio, a qualquer hora, tem alguém falando alguma coisa. Há uma hiperexposição da religião. Isso representa um risco de desmoralização da religião, que passa a ser algo importante, mas nem tanto... Porque os próprios agentes passam, agora, a disputar fiéis de todas as formas possíveis, e as religiões ficam cada vez menos exigentes. Hoje quem é exigente é o seguidor religioso. Ele procura uma religião que funcione. E encontra um mercado amplo aí. Se, digamos, a Igreja Católica não está resolvendo os problemas dele, ele pode sair. Se ele entrou numa igreja evangélica ou num culto afro-brasileiro e não está gostando, vai procurar outro melhor. Agora, na competição por fiéis, são os profissionais da religião que passam a ser menos exigentes. E oferecem uma religião que exige menos rigor na conduta pessoal, portanto menos ética, e proporciona mais festa, mais prazer. (PIERUCCI, 2010, [S./p.])

Portanto, todo o marketing criado para atrair pessoas e fazê-las aderir a essas igrejas acaba por se constituir em mais um motivo de afastamento, gerando a situação que esta pesquisa buscou aprofundar a fim de caracterizar o elemento criador de uma nova onda pentecostal ou *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, como denominamos esse movimento.

Esse fato fez com que Mariano (2014) afirmasse que, com o neopentecostalismo, portanto, a velha “mensagem da cruz”, discurso teológico que pregava o sofrimento terreno do cristão, caiu por terra e, sem qualquer compadecimento sumariamente foi soterrada. Em outras palavras, os neopentecostais não conseguiram cumprir as promessas e não transmitiram a mensagem evangelística que as pessoas precisavam, conforme demonstrado na crítica de Antonio Flávio Pierucci (2010), levando o pastor presbiteriano, Reverendo Augustus Nicodemus Lopes a assim se expressar:

é minha convicção que o evangelicalismo brasileiro está chegando a uma etapa que denuncia seu fim, com seus pastores e mestres minados pelo liberalismo teológico presente em seminários e escolas de teologia, com seus membros contaminados pelo pragmatismo e pelo relativismo neopentecostais, pouco tempo lhe resta, pois, essa dose dupla é fatal. (LOPES, 2011, p. 11).

Concordamos com o Reverendo Augustus Nicodemus Lopes, e vemos nesse comportamento dos pastores e líderes das igrejas pentecostais e neopentecostais a senha que iniciou ou deu continuidade ao que estamos chamando de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, e, em nossa opinião, marcará uma nova etapa das igrejas pentecostais brasileiras

e da forma de se praticar o cristianismo de linha protestante, notadamente, pentecostal e neopentecostal.

O descontentamento e a frustração religiosa motivaram vários estudiosos e religiosos brasileiros a fazerem pronunciamentos veementes a respeito do assunto. Romeiro (2005) relata vários casos de frustrações e decepções nas diversas igrejas neopentecostais como consequência da utilização de uma teologia dissociada daquela estabelecida nos Evangelhos e nos ensinamentos epistolares do Novo Testamento. Esse contingente vem engrossando a cada dia a massa dos insatisfeitos com a metodologia/estratégia adotada nas igrejas pentecostais e neopentecostais e, diante do quadro que se evidencia, as igrejas admitem que nem todos que vão para essas instituições na busca de solução para seus problemas conseguem resolvê-los.

Temos observado que milhares (sic) de pessoas que chegam à igreja fazem-no porque buscam desesperadamente encontrar alguma solução para seus problemas. Ninguém vem por amor ou pura curiosidade, mas sim por estar enfrentando uma situação precária. Na verdade, todos querem vencer, sair da miséria, resolver as dificuldades na família, pagar as dívidas, ser curado de uma doença, enfim, querem uma vida feliz. Entretanto, são poucos os que conquistam (ROMEIRO, 2005, p. 142).

No cotidiano dos cultos e na vasta programação de rádio e TV dos neopentecostais, conhecer Jesus, ter um encontro com Ele e a Ele obedecer constituem, acima de tudo, meios infalíveis para o converso se dar bem nesta vida. Nos templos e na mídia, Cristo é propagandeado como panaceia para todos os males terrenos. Haja vista que a tarefa primordial desse Deus, razão aliás pela qual o Todo-Poderoso é tão assediado por seus dedicados servos, é a de protegê-los e abençoá-los pronta e abundantemente em todos os campos da vida. Seus cultos evangelísticos ou não, praticamente batem só nesta tecla. Funcionam como prontos-socorros espirituais e como tais são procurados (MARIANO, 2014, p. 9).

Entre os relatos de frustração não existem explicações oferecidas pelos líderes dessas igrejas que prometem toda sorte de soluções para as mazelas na vida dos seus frequentadores. Quando ocorre uma decepção, a saída é dizer “não temos explicações” ou simplesmente as pessoas saem das igrejas e não recebem nenhum tipo de apoio para uma possível volta ao convívio com a instituição.

Em levantamentos realizados com pastores das igrejas pentecostais, a maioria afirma que aqueles que saem da igreja o fazem por não aceitar as regras, por tentarem inovar a maneira de a igreja proceder, e muitos acusam os desigrejados de saírem por estarem em

pecado, preferem sair a confessar. Poucos fazem *mea culpa* e admitem que a igreja precisa mudar, precisam repensar sua prática e o modo de ensinar aqueles que chegam na esperança de receber ajuda e a solução imediata para suas dificuldades. Mas, mesmo os que gostariam de mudar, esbarram no arcaísmo do sistema, que não tem abertura para diálogos com os descontentes, e o máximo que fazem é tentar conversar para convencer as pessoas de que elas devem se ajustar ao sistema; assim, a resposta que a maioria deu foi a de que eles vão orar pelos desigrejados, que eles na verdade tratam como desviados.

É preciso ressaltar que nas igrejas pentecostais e neopentecostais o termo desigrejados e desviados são tratados como sinônimos. Mas existem diferenças significativas entre as duas situações. Fica embaraçoso para os líderes pentecostais e neopentecostais provocadores desse movimento de desinstitucionalização admitirem que o erro está na maneira de conduzir as prioridades que a igreja deveria apresentar. Ou seja, a igreja mudou o foco e deixou de pregar o Evangelho visando à transformação de uma pessoa, como as Escrituras ensinam, em uma “nova criatura”, conforme diz a segunda carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 5, versículo 17 “E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (II CO. 5:17). Passou a priorizar os problemas pessoais, financeiros, conjugais, familiares, profissionais, por exemplo, mas estes nunca foram e não serão prioridades da igreja, embora esta deva e ajude as pessoas, nessas áreas, muitas vezes.

Em uma igreja evangélica, quando uma pessoa se desvia, significa que ela apostata da fé. Ela simplesmente não quer mais saber de vida cristã, passa a viver sem se definir em termos de prática religiosa, pois não permanece nas igrejas. Mas nem todas as pessoas que saem das igrejas retornam às antigas práticas. Elas permanecem no limbo religioso, não se definem. Ressalte-se que a maioria dos que ingressam nas igrejas pentecostais e neopentecostais no Brasil saíram da Igreja Católica ou das religiões de matriz africana. Portanto, um(a) desviado(a) deixa de praticar até mesmo sua antiga religião, na maioria das vezes.

Os desigrejados, como está amplamente caracterizado neste trabalho, são pessoas que percebem que para viver o cristianismo não precisam da instituição religiosa, mas podem praticá-lo de forma mais completa sem as limitações impostas pelas denominações e sem os vícios que perceberam nas lideranças sob as quais estiveram servindo nas igrejas instituídas.

A questão dos desviados ou apóstatas é tratada pelas igrejas pentecostais e neopentecostais de forma tão ostensiva que existem centenas de publicações prevenindo

líderes e os próprios membros sobre o perigo de se apostatarem, como a lista apresentada por Richard Owen Roberts em seu livro *Avivamento*, publicado pela Shedd Editora, em 2015, que a seguir transcrevemos:

1. Quando a oração deixa de ser uma parte vital de uma vida cristã professa, a apostasia está presente.
2. Quando a busca pela verdade bíblica cessa e a pessoa se torna contente com o conhecimento de coisas eternas já adquirido, não pode haver dúvida quanto à presença da apostasia.
3. Quando o conhecimento bíblico possuído ou adquirido é tratado como um fato externo e não aplicado internamente, a apostasia está presente.
4. Quando pensamentos ardentes sobre as coisas eternas deixam de ser regulares e consumidores, isso deveria ser como um sinal de alerta para o apóstata.
5. Quando as atividades da igreja não geram mais prazer, provavelmente existe uma condição de apostasia.
6. Quando discussões espirituais profundas são um constrangimento, há certamente uma evidência de apostasia.
7. Quando os esportes, a recreação e o entretenimento são uma parte grande e necessária de seu estilo de vida, você pode concluir que está ocorrendo apostasia.
8. Quando os pecados do corpo e da mente podem ser praticados sem uma revolta na sua consciência, a sua condição de apostasia é certa.
9. Quando as aspirações por uma santidade semelhante à de Cristo param de dominar sua vida e seu pensamento, a apostasia está ali.
10. Quando a aquisição de dinheiro e bens materiais se torna uma parte dominante de seu pensamento, você tem uma clara confirmação de apostasia.
11. Quando você pode pronunciar canções e palavras religiosas sem o coração, tenha certeza de que a apostasia está presente.
12. Quando você pode ouvir o nome do Senhor ser tomado em vão, questões espirituais ridicularizadas e questões eternas tratadas de forma frívola, sem ser levado à indignação e ação, você está apostatado.
13. Quando você pode assistir a filmes e programações de televisão degradantes e ler literaturas moralmente debilitantes, você pode estar seguro de sua apostasia.
14. Quando quebras de paz na irmandade não são motivo de preocupação para você, isso é uma prova de apostasia.
15. Quando a menor desculpa parece suficiente para afastar você do dever e da oportunidade espiritual, você é apóstata.
16. Quando você fica satisfeito com sua falta de poder espiritual e não mais busca repetidos revestimentos de poder do alto, você está apostatado.
17. Quando você desculpa seu próprio pecado e preguiça dizendo que o Senhor entende e lembra que somos pó, você revela sua condição de apostatado.
18. Quando não há mais música em sua alma e em seu coração, o silêncio testifica sua apostasia.
19. Quando você se ajusta alegremente ao estilo de vida do mundo, seu próprio espelho vai lhe dizer a verdade sobre a sua apostasia.
20. Quando a injustiça e a miséria humana existem ao seu redor e você não faz nada para aliviar o sofrimento, fique certo de sua apostasia.

21. Quando a sua igreja caiu em declínio espiritual e a Palavra de Deus não é mais pregada ali com poder e você permanece satisfeito, você está em uma condição de apóstata.
22. Quando a condição espiritual do mundo declina ao seu redor e você não consegue percebê-lo, isso é testemunho da sua situação de apostasia.
23. Quando você está disposto a enganar seu empregador, a apostasia é patente.
24. Quando você se acha rico em graça e misericórdia e se maravilha com sua própria piedade, então você caiu profundamente em apostasia.
25. Quando suas lágrimas estão secas e a realidade espiritual dura e fria de sua existência não é suficiente para fazê-las rolar, veja isso como um terrível testemunho da dureza de seu coração e da profundidade de sua apostasia.³⁹ (ROBERTS, 2015, p. 43-45)

Note que a responsabilidade da igreja e a conduta dos pastores e líderes não foram consideradas em nenhum dos itens como causadoras do desvio das pessoas, mas toda culpa e motivação recaem sobre a pessoa que se desvia ou se apostata, e o resultado disso é trágico, pois, pensando assim, a igreja não fará nada para impedir que as pessoas se afastem, e o pior – não assumirá sua responsabilidade. Um líder de uma grande igreja disse em um culto de ensinamentos que *“a tarefa da igreja é ensinar as pessoas como se comportarem e a obrigação do membro é obedecer”*. Nada mais legalista do que isso pode existir.

Hoje, ao que parece, existem milhares de pessoas que, frustradas com o que encontram nas igrejas evangélicas, afastaram-se dela, constituindo o grupo dos desigrejados ou os desinstitucionalizados, caracterizados pelos que defendem a bandeira do cristianismo, mas não admitem fazer parte das instituições religiosas.

Em certos casos, essas saídas têm gerado aversão às igrejas, com bem descreve Cesar (2009). Pode-se, ao analisar esse fenômeno, fazer uma ligação com as pesquisas de Hervieu-Léger (2015) que em estudo feito na igreja francesa afirma que *“A paisagem religiosa da modernidade é caracterizada por um movimento irresistível de individualização e de subjetivação das crenças e das práticas. A modernidade religiosa é o individualismo”* (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 139). Esse individualismo apontado na igreja francesa teve motivos peculiares daquela sociedade bem distintos dos que provocam esse fenômeno no Brasil, os quais são apontados por Mariano (2014) e, de forma geral, por Follmann (2007).

Em 16 de outubro de 2018, o *GI* reportagem relatou o caso de um fiel do estado de Mato Grosso que se sentiu enganado pela direção de uma igreja neopentecostal – este fez a

³⁹ THORN, Joe. 25 marcas de um cristão desviado. **Voltemos ao Evangelho**. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/12/joe-thorn-25-marcas-de-um-cristao-desviado/>.

doação de um automóvel em momento de profunda emoção, mas após as decepções não somente deixou a igreja, mas entrou na justiça para reaver o bem doado. A justiça considerou ter sido, de certa forma, coagido pela liderança da igreja, mesmo que de forma indireta ou subliminar.

A Justiça de Mato Grosso do Sul determinou que uma igreja evangélica de Campo Grande, devolva R\$ 23 mil a um comerciante que frequentou o templo durante três anos e doou um carro ano 2007/2008. A decisão foi publicada nesta terça-feira (16) no site do Tribunal de Justiça do Estado (TJ/MS). Durante o processo, o homem disse aos juízes que passava por dificuldades financeiras quando começou a frequentar a igreja, e que foi enganado e coagido pelos pastores a fazer a doação em busca da "fé perfeita e um encontro com Deus". Ele afirmou ainda, que após forte pressão psicológica doou o único veículo da família, que era usado para entregar marmitas do restaurante dele. Ainda de acordo com o comerciante, os representantes da igreja lhe deram a chave de um carro importado e disseram a ele que Deus lhe daria um automóvel de luxo em troca. Sem o veículo para fazer as entregas, o comerciante alegou à Justiça que foi obrigado a fechar o restaurante. Para o Desembargador Sideni Soncini Pimentel, as provas dos autos demonstram que a vítima foi induzida ao erro ao acreditar que a doação poderia resolver os problemas financeiros dele. "Levando em consideração o grau de comprometimento que possuía com a igreja, certamente o maior temor era não só a desaprovação divina e sua ira como também o da própria igreja. Daí que, psicologicamente, a doação passa a ser dever, e não liberalidade", escreveu o desembargador na decisão.⁴⁰

Casos como esse existem às dezenas, talvez centenas espalhadas pelo Brasil, e, basta uma busca nos tribunais para comprovar essa afirmação.

Não há consenso sobre o que vem provocando a desinstitucionalização religiosa, mas é possível perceber alguns indicadores, por exemplo: a partir do crescimento do número de membros nas igrejas pentecostais e neopentecostais houve significativa variação na liturgia, o que, em princípio, contribuiu para atrair mais adeptos, ao final acabou se revelando paradoxalmente uma forma de afastamento dos neófitos.

Ou, ainda, como afirma Sousa (2012), "os líderes modernos nem de longe se comparam aos santos do passado. Muitas igrejas vêm se transformando em centros de

⁴⁰ JUSTIÇA de MS determina que igreja devolva valor de um carro a fiel que se arrependeu da doação. **G1**, 16 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2018/10/16/justica-de-ms-determina-que-igreja-devolva-valor-de-um-carro-a-fiel-que-se-arrependeu-da-doacao.ghtml>. Acesso em: 16 out. 2018.

entretenimento religioso. Perderam a noção do que significa ser cristão” (SOUSA, 2012, p. 27).

Mas a questão do gosto pessoal não parece ser a única a fazer com que as pessoas se afastem das igrejas. Como disse Sousa “o domínio próprio é uma das virtudes que mais desafiam o cristão moderno. Perdemos a integridade porque nosso corpo, nossas emoções, razão, vontade e sexualidade funcionam sem harmonia alguma” (SOUSA, 2013, p. 11). Esta, aliás, apresenta-se como uma das principais razões para as divergências nas instituições. O egoísmo e o hedonismo têm sido a motivação de muitos, pois na busca incessante do prazer e facilidade a qualquer preço se arriscam em experiências que nem sempre resultam no benefício pretendido, como atender aos constantes apelos dos líderes por contribuições financeiras, com a promessa de retorno numa medida infinitamente maior em relação ao valor ofertado.

Falando sobre a liturgia adotada, aspecto do culto que mais tem sofrido variações nas igrejas neopentecostais, Romeiro (2005) descreve com clareza algumas posturas inovadoras, sempre com o propósito de atrair mais membros, mesmo que para isso tenham que fugir quase totalmente do modelo tradicional adotado pelas igrejas evangélicas.

[...] quase todas as igrejas neopentecostais abandonaram os hinários tradicionais em prol das músicas do mercado evangélico, a chamada “música gospel” [...] a mudança, contudo, não foi apenas rítmica. Enquanto os hinos tradicionais do pentecostalismo apregoam mensagens de abnegação e busca da felicidade após a morte, de exaltação do sofrimento e de condenação dos prazeres do mundo, as músicas entoadas nos cultos neopentecostais incentivam a busca dos bens materiais e da felicidade terrena. O movimento neopentecostal também introduziu na liturgia uma série de práticas e doutrinas novas, como mapeamento espiritual, cura interior com regressão, [...], espíritos territoriais, cair no espírito, gargalhada sagrada e dentes de ouro (ROMERO, 2005, p. 133).

Essas propostas de satisfação garantida, facilidades e resolução de quaisquer problemas, do financeiro ao emocional, exerceram forte atração, e o que aconteceu foi uma adesão em massa nessas igrejas. Para manter esse poder de atração, as lideranças promoveram mudanças, e várias delas radicais para os padrões das igrejas evangélicas brasileiras, como as relatadas por Romeiro (2005), visto que a maioria é marcada pelo tradicionalismo em seus rituais, tanto no estilo musical quanto no modelo de mensagens.

No campo musical, por exemplo, boa parte, senão a maior parte, das músicas utiliza temática de autoajuda, desprovida do cerne da mensagem tradicionalmente bíblica, modelo

até então adotado pelas igrejas evangélicas pentecostais históricas. Algumas passaram a usar novo modelo litúrgico, dando origem ao neopentecostalismo, mas com muitas divergências, principalmente no que se refere ao rito e ao estilo de mensagens e ritmos musicais, além de outras inovações. Sem considerar que a maioria dos pastores e mensageiros dessas igrejas não possui nenhuma formação básica em teologia, tornando esse território mais um campo para aventureiros.

A maioria dos cursos formadores de teólogos não se preocupa com a hiperetologia nem com a poimênica, e alguns nem mesmo se importam com aspectos homiléticos e hermenêuticos da mensagem. Nos cursos que participaram da pesquisa, os alunos não são cobrados a fazer o estudo da Bíblia durante a realização dos seus estudos, e isso traz outro dado assustador – muitos pastores, mais de 50% deles, nunca leram a Bíblia toda sequer uma vez⁴¹ – e nenhum deles oferece disciplinas que deem base para compreensão dos textos originais, hebraico e gregos.

Outro aspecto que chama a atenção nos cursos de formação de pastores para as igrejas pentecostais e neopentecostais é que eles são mantidos por denominações reformadas históricas [Luteranas, Anglicanas, Presbiterianas, Batistas, Metodistas e Congregacionais] e o grande número de professores com formação essencialmente calvinista,⁴² divergente daquela que deveria ser exigida para ministrar em cursos de teologia para alunos de igrejas fundamentalistas, como os segmentos pentecostais e neopentecostais, tendo em vista que existe pouca teologia comum entre os calvinistas e os pentecostais arminianos.

Vale ressaltar que não é o fato de um professor ter formação na linha calvinista que o torna inapto para ensinar em uma instituição de linha arminiana, ou vice-versa, visto que a academia deve conviver com a divergência e saber lidar com pontos de vistas diferentes. Além disso, entendemos que tanto calvinistas como arminianos têm contribuições significativas para oferecer aos estudantes de teologia, independentemente da linha adotada, mas a afirmação acima se refere ao fato de os estudantes pentecostais e neopentecostais

⁴¹ 50,68% dos pastores e líderes nunca leram a Bíblia Sagrada por inteiro pelo menos uma vez. O resultado é fruto de uma pesquisa feita pelo atual editor e jornalista da Abba Press & Sociedade Bíblica Ibero-Americana Oswaldo Paião, com 1.255 entrevistados de diversas denominações, sendo que 835 participaram de um painel de aprofundamento. O motivo é a falta de tempo, apontaram os entrevistados. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/ler-a-biblia-toda.html>.

⁴² Considerando que aqueles que se formam em cursos de linha calvinista são contrários à maioria dos princípios adotados pelo que seguem uma linha arminiana, caso de todos os pentecostais e neopentecostais, nisso está o paradoxo.

estarem se formando pelas vias de uma instituição que não guarda identidade com a linha teológica que professam.

2.2 O Crescimento do Pentecostalismo e o Início do Neopentecostalismo no Brasil

Provavelmente, mais que em qualquer outro lugar na América Latina, as igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras cresceram visivelmente como demonstrou a pesquisa do IBGE de 2010:

Em 30 anos, percentual de evangélicos passa de 6,6% para 22,2%. Os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no Brasil no período intercensitário. Em 2000, eles representavam 15,4% da população. Em 2010, chegaram a 22,2%, um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Em 1991, este percentual era de 9,0% e em 1980, 6,6%.

Já os católicos passaram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010. Embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos desde o primeiro Censo, realizado em 1872. Até 1970, a proporção de católicos variou 7,9 pontos percentuais, reduzindo de 99,7%, em 1872, para 91,8%.

Esta redução no percentual de católicos ocorreu em todas as regiões, mantendo-se mais elevada no Nordeste (de 79,9% para 72,2% entre 2000 e 2010) e no Sul (de 77,4% para 70,1%). A maior redução ocorreu no Norte, de 71,3% para 60,6%, ao passo que os evangélicos, nessa região, aumentaram sua representatividade de 19,8% para 28,5%.

“O pentecostalismo brasileiro originou-se nos Estados Unidos e chegou ao Brasil pelos pastores suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. E, tanto em sua vertente sueca, como americana influenciou o pentecostalismo brasileiro em suas primeiras décadas” (PICOLOTTO, 2015, [S./p.]).

Pereira Lopes (2010) informa que, no Brasil, o pentecostalismo surge em 1910, com a Igreja Congregação Cristã no Brasil, que havia chegado, sob a liderança de Louigi Francescon, mas foi fortalecido após a chegada de dois missionários suecos que se instalaram na cidade de Belém-PA e iniciaram suas atividades na Igreja Batista, de onde se iniciou a que seria em pouco tempo a maior igreja pentecostal e protestante do país e hoje a maior do mundo – a Igreja Assembleia de Deus.

Na bagagem, eles trouxeram dos Estados Unidos a experiência do batismo com o Espírito Santo, que haviam recebido antes de embarcarem para o Brasil. Nessa experiência, semelhante ao que viria acontecer nos movimentos carismáticos da Igreja Católica iniciado

em fevereiro de 1967, conforme descrito na *História Mundial da Renovação Carismática Católica*

A Renovação Carismática Católica, ou o Pentecostalismo Católico, como foi inicialmente conhecida, teve origem com um retiro espiritual realizado nos dias 17-19 de fevereiro de 1967, na Universidade de Duquesne (Pittsburgh, Pennsylvania, EUA).

Em uma carta enviada dois meses após (29 de abril de 1967), a um professor, Monsenhor Iacovantuno, Patti Gallagher, uma das estudantes que participou do retiro, assim relatou o que aconteceu naqueles dias:

Tivemos um Fim de Semana de Estudos nos dias 17-19 de fevereiro. Preparamo-nos para este encontro, lemos os Atos dos Apóstolos e um livrinho intitulado "A Cruz e o Punhal" de autoria de David Wilkerson. Eu fiquei particularmente impressionada pelo conhecimento do poder do Espírito Santo e, pelo vigor e a coragem com que os apóstolos foram capazes de espalhar a Boa Nova, após o Pentecostes. Eu supunha, naturalmente, que o Fim de Semana me seria proveitoso, mas devo admitir que nunca poderia supor que viria a transformar a minha vida!

Durante os nossos grupos de discussão, um dos líderes colocou em tela o fato de que nós devemos confirmar constantemente os nossos votos de Batismo e de Crisma, assim como devemos ter a alma mais aberta para o Espírito de Deus. Pareceu-me curioso, mas um pouco difícil de acreditar quando me foi dito que os dons carismáticos concedidos aos apóstolos são ainda dados às pessoas nos dias atuais – que ainda existem sinais do poder divino e milagres – e que Deus prometeu emanar o seu Espírito para que se fizesse presença a todos os seus filhos. Decidimos, então, efetuar a renovação dos votos de Batismo e de Crisma como parte do serviço da missa de encerramento, no domingo à noite. Mas, no entanto, o Senhor tinha em mente outras coisas para nós! [...]. (RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA, [S.d.; s.p.]

Diversos irmãos da igreja batista onde estavam congregando tiveram a experiência do batismo com Espírito Santo, falaram em línguas estranhas, a glossolalia, e em decorrência, foram afastados da igreja e iniciaram, com mais 19 pessoas, uma nova igreja e adotaram o nome de Missão da Fé Apostólica, que viria a ser mais tarde a Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Juntas, essas igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus, comandaram o movimento pentecostal brasileiro por mais de quatro décadas e, a partir dessas duas instituições, que sofreram diversas divisões, surgiram outras igrejas (CONDE 2000; OLIVEIRA, 1987; ROMERO, 2005).

Nesta segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciado após o predomínio das Igrejas Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus, outra igreja surge, desta vez genuinamente brasileira, a Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo, que na opinião de Giraldi (2015), foi o início do movimento neopentecostal no Brasil, pois assim se expressa:

os neopentecostais surgiram no Brasil na década de 1950. Em 1951, o missionário Harold Williams fundou a Igreja do Evangelho Quadrangular, em São João da Boa Vista, SP. Em 1956, a Igreja O Brasil para Cristo foi fundada pelo missionário Manoel de Mello, em São Paulo, e de acordo com os dados do IBGE, a população evangélica brasileira, que era de 1,7 milhões em 1950, aumentou para 2,8 milhões em 1960 – um crescimento de mais de 60%. [...] o primeiro grande líder neopentecostal que surgiu no Brasil foi o missionário Manoel de Mello. Ele se destacou em São Paulo, na década de 1950, fundando uma denominação que se tornou na época uma das maiores do país e construiu um templo na capital paulista que foi considerado o maior do mundo (GIRALDI, 2015, p. 352).

No site oficial da igreja O Brasil para Cristo, registra-se que Manoel de Mello era um trabalhador da construção civil, que veio do sertão de Pernambuco para São Paulo em busca de oportunidades. A maior delas aconteceu quando se converteu na Assembleia de Deus.

Após sua conversão, juntou-se ao movimento Cruzada Nacional de Evangelização, movimento que deu origem à Igreja do Evangelho Quadrangular na década de 1950. Enviado para os Estados Unidos, em 1955, foi ordenado Ministro pela Igreja do Evangelho Quadrangular (*International Church of the Foursquare Gospel*) e, como acontece com a maioria dos fundadores de denominações religiosas, por exemplo, como Charles Taze Russell, que em 1870 fundou a Igreja Testemunha de Jeová; Ellen White e Guilherme Miller, que em 1844, fundaram a igreja Adventista do Sétimo Dia; Joseph Smith Jr., que em 1820, fundou a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, ou a igreja dos Mórmons; Manoel de Mello disse que em 1955 teve uma visão de sua chamada por Deus e iniciou o movimento que veio a se tornar a Igreja O Brasil para Cristo.⁴³

Como a maioria das igrejas evangélicas brasileiras,

a Igreja o Brasil Para Cristo cresceu, principalmente, nas áreas pobres e operárias da cidade de São Paulo, vindo, pôr fim a se tornar uma das maiores denominações pentecostais brasileiras originando, como eles mesmos informam, a outras denominações, como a Igreja Pentecostal Deus é Amor, iniciada pelo Pr. David Miranda e a Casa da Bênção, iniciada com o Missionário Doriel de Oliveira.⁴⁴

⁴³ “Em 1955 tive uma visão espiritual na qual o Senhor Jesus me apareceu e me deu ordens para começar, no Brasil, um movimento de reavivamento espiritual, evangelização e cura divina, e o Senhor Jesus mesmo deu-me o nome: 'O Brasil Para Cristo'. Obedeci a ordem. Aleluia! Sem dúvida alguma começava no Brasil o maior movimento de evangelização e reavivamento espiritual de toda a América Latina.” Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Igreja_Evang%C3%A9lica_Pentecostal_O_Brasil_Para_Cristo

⁴⁴ Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/em-trajetoria-marcada-por-persegucoes-igreja-o-brasil-para-cristo-celebra-60-anos.html>. Acesso em: 18 nov. 2018 (adaptado)

Outra igreja neopentecostal que nasceu a partir de “revelações especiais” que tiveram seus fundadores foi a Comunidade Sara Nossa Terra, iniciada em 1975/1976 pelo Bispo Robson Rodovalho, em Goiânia-GO, como ele mesmo afirma:

Nesta ocasião, pedindo a Deus que mostrasse um caminho para seguir na vida. Ali mesmo foi criado um espaço destinado a reunir jovens que traziam as mesmas inquietações que tomavam seus sentimentos e suas reflexões, que já eram evangélicos de outras denominações. Juntos, esses jovens mergulhavam nas Escrituras à procura do que seria sua verdadeira interpretação, a mensagem que lhes trouxesse paz, força e lhes sinalizasse caminhos para a vida.⁴⁵

Porém, o que mais chama a atenção no movimento pentecostal que veio para o Brasil foi sua divisão em dezenas, talvez centenas de denominações que foram surgindo a partir das igrejas que inicialmente chegaram ao nosso território.

As mudanças ocorridas no âmbito do pentecostalismo brasileiro foram tantas que surge daí o neopentecostalismo ou deuterpentecostalismo, como foi denominado por Freston (1994), que no Brasil teve início nos anos 1950, como movimento de inspiração religiosa, na esteira da divisão das denominações evangélicas históricas.

Entretanto, definir o neopentecostalismo não é tarefa simples, “pois as novas igrejas multiplicam-se rapidamente sempre introduzindo alguma novidade na liturgia e na teologia, tornando-se cada vez mais amplo e complexo esse movimento” (ROMEIRO, 2005, p. 49).

Embora a definição do termo neopentecostalismo seja difícil, por sua relação próxima com o pentecostalismo, ele vem mudando as características das igrejas pentecostais no cenário religioso brasileiro, pois se apresenta com dinamismo, não é sectarista como o movimento pentecostal que o originou e os membros das igrejas neopentecostais têm oportunidade de participar de reuniões cujo objetivo não se limita ao culto, mas também de movimentos sociais de caráter secular, de inclusão e ações sociais diversas, visando atender às necessidades da membresia e da própria comunidade onde as igrejas estão inseridas. A Igreja Universal do Reino de Deus tem uma ação social muito ativa na Região Nordeste, na busca de oferecer melhores condições de vida para a comunidade carente tanto nas grandes cidades como nas regiões rurais.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.findglocal.com/BR/Lavras/341363346008725/Sara-Nossa-Terra-6%C2%AA-Igreja>.

2.3 As Ondas do Pentecostalismo Brasileiro

O pentecostalismo brasileiro se desenvolveu ao longo dos anos sob forte influência das igrejas suecas e norte-americanas desde o seu nascedouro. Segundo Bledsoe (2012, p. 25) “o pentecostalismo brasileiro é consequência de uma série de movimentos em constante mudança e seu desenvolvimento ocorreu na medida que os seus adeptos começaram a propagar suporte bíblico às suas experiências sensoriais”.

O primeiro pesquisador a se referir às divisões do pentecostalismo brasileiro ocorrido em ondas foi Paul Freston (1994), conforme já referido, assinalando que a partir da *primeira onda* – chegada das igrejas Congregação Cristã no Brasil, em 1910, e Assembleia de Deus, em 1911 – o pentecostalismo começou a sofrer divisões, a que ele chamou de ondas, por analogia com o movimento das marés.

Neste trabalho, a expressão *ondas do pentecostalismo* tem a intenção de ser o prolongamento dos estudos realizados por Freston (1994). Para esse autor, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus deram início ao movimento pentecostal, e ele denominou o trabalho realizado por essas igrejas de *primeira onda do pentecostalismo*. As novas igrejas pentecostais surgidas nos anos 1950/1960, principalmente, a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja o Brasil para Cristo (1956), a Igreja Deus é Amor (1962), a Igreja Tabernáculo Evangélico de Jesus ou Casa da Bênção (1964) e a Igreja de Nova Vida (1965) deram início ao que ele chamou de *segunda onda do pentecostalismo*.

O crescimento do movimento no Brasil proporcionou o surgimento de novas igrejas criadas a partir das dissidências tanto das igrejas pentecostais históricas, quanto das igrejas evangélicas reformadas. Essas igrejas – entre as quais se destacam a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Comunidade Sara Nossa Terra (1976), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) – deram início ao que Freston (1994) denominou de *terceira onda do pentecostalismo*. Destaque-se que o surgimento das igrejas a partir da Igreja Universal do Reino de Deus também marca o início do neopentecostalismo. Portanto, o que pretendemos é demonstrar que aquilo que ocorre hoje no movimento pentecostal e neopentecostal, caracterizado pelo afastamento dos membros dessas igrejas autodenominando-se *desigrejados*, é o que estamos chamamos de *quarta onda do pentecostalismo*.

Na perspectiva apresentada por Freston (1994) o primeiro momento foi chamado de pentecostalismo e, na sequência, após o surgimento das novas igrejas nos anos 1950, foi

chamado de pentecostalismo clássico, com suas características peculiares – valorização das manifestações dos dons espirituais, como registrados na Bíblia nas cartas de Paulo aos Coríntios, Romanos e Efésios, principalmente. Outras características são manifestação do batismo com o Espírito Santo, realização de curas, expulsão de demônios e a preparação da igreja para o arrebatamento antes da Grande Tribulação, distinguindo-os como pré-tribulacionistas e dispensacionalistas, conforme interpretação feita nos escritos escatológicos dos Evangelhos e nos livros de Daniel (Velho Testamento) e Apocalipse (Novo Testamento). Enfatizava energicamente a evangelização, na qual todos os membros da igreja deveriam se envolver, e se caracterizava por um isolamento dos protestantes históricos. Essa *primeira onda* se estendeu até aproximadamente 1950/1960, de acordo com Bledsoe (2012).

O segundo momento ou *segunda onda* ocorreu a partir de 1950/1960 com o surgimento das novas igrejas pentecostais – Igreja do Evangelho Quadrangular, que inovou no trabalho de evangelização e expulsão de demônios, Igreja de Nova Vida, Igreja O Brasil para Cristo e Igreja Deus é Amor. Iniciou-se o que foi chamado de deuteropentecostalismo, mantendo as características dos pentecostais históricos, mas diminuiu ou quase eliminou o isolamento dos demais protestantes, em que não se observava o sectarismo das igrejas anteriores, com exceção da Igreja Deus é Amor, que se manteve isolada das demais e ainda mantém esse comportamento.

Mas o que dinamizou significativamente o trabalho dessas igrejas foi o novo modelo de evangelização adotado na *segunda onda do pentecostalismo*. Passaram a utilizar a mídia disponível naquele momento, principalmente rádio, revistas e jornais, e o intenso trabalho de distribuição de literaturas, Bíblias, partes da Bíblia, Novos Testamentos, livros e folhetos com mensagem de evangelização. Nesse mesmo período, foram criadas pelas igrejas as primeiras gráficas, com a finalidade quase exclusivas de produzir material para propagação da mensagem pentecostal.

Por sua dinamicidade e forte apelo emocional, essas igrejas cresceram rapidamente provocando a reação principalmente da Igreja Assembleia de Deus, que assumiu a vanguarda do trabalho de abertura de novos templos em todo o território nacional, principalmente nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste e Nordeste, mas sem ignorar as demais regiões, vindo a se tornar a maior igreja evangélica brasileira. No entanto, esse crescimento teve um preço alto – a divisão da igreja, fato que se tornou evidente com o desconforto de muitos líderes de menor expressão que, por discordar do modelo de gestão e liturgia, tornaram-se dissidentes.

Essa dissidência não ficou apenas nas divergências – essas pessoas se desligaram da igreja muitas vezes com os relacionamentos desgastados e, imediatamente, abriram novas igrejas. E esses dissidentes, no início dos anos 1970, iniciaram as igrejas que se transformaram nas igrejas chamadas neopentecostais – Igreja Universal do Reino do Deus – dissidente da Igreja de Nova Vida – da qual Edir Macedo foi membro por dez anos, de onde saiu por considerá-la uma igreja de elite, fato largamente divulgado por ele mesmo. Depois de deixar a Igreja de Nova Vida, em 1977, juntamente com alguns irmãos, fundou a Igreja Universal do Reino de Deus declarando-se “Bispo”, título que ele considera superior ao de Pastor. Igreja Apostólica Renascer em Cristo é uma igreja evangélica apostólica fundada em São Paulo, em 1986, por Estevam Hernandes e Sônia Hernandes, inicialmente em sua própria residência, onde acolheram alguns jovens que enfrentavam problemas pelo uso de drogas ilícitas. O nome “apostólica” foi adotado, de acordo com o Apóstolo Estevam Hernandes, por acreditar na existência da figura do apóstolo como um cargo eclesiástico válido na atualidade. A Igreja Renascer, como é conhecida, iniciou suas atividades com um trabalho voltado principalmente para o contingente mais jovem. Igreja Internacional da Graça de Deus – é uma igreja evangélica neopentecostal com sede em São Paulo, fundada em 1980 por Romildo Ribeiro Soares, ou como é mais conhecido Missionário RR Soares. A igreja foi criada após RR Soares entrar em litígio com o Bispo Edir Macedo, de quem é cunhado. Ambos haviam saído da Igreja Pentecostal de Nova Vida e juntos fundaram a Igreja Universal do Reino de Deus, após decidirem abrir a própria igreja. À época da fundação, foi chamada de “A Cruzada do Caminho Eterno” e “Casa da Bênção”. Após os desentendimentos, por questões administrativas, RR Soares desligou-se da igreja que já contava com quinze pastores.⁴⁶ Igreja Apostólica Fonte da Vida, fundada por Cesar Augusto, após a divisão da Comunidade Evangélica de Goiânia, que havia sido fundada com Robson Rodovalho, em 1976. Comunidade Cristã Paz e Vida, fundada em 1982, em São Paulo, pelo Pastor Juanribe Pagliarin, dissidente da Igreja do Evangelho Quadrangular.

O retrato que se tem do movimento pentecostal brasileiro é o que se pode chamar de pós-pentecostalismo, ou, seguindo a nomenclatura dada por Freston (1994) às três ondas do pentecostalismo, estaríamos na presença de uma *quarta onda do pentecostalismo*. Freston (1994) obviamente não fala em *quarta onda* em seus estudos, pois o que ocorre hoje nas

⁴⁶ Disponível em: <http://www.ongrace.com/porta1> e <http://www.universal.org.br>.

igrejas extrapola o que foi mostrado por ele naquele momento histórico da igreja, com características próprias, embora ainda se intitulem de pentecostais.

A *terceira onda do pentecostalismo* ou neopentecostalismo veio acompanhada de mudanças significativas, pois as igrejas que tiveram suas origens nos movimentos anteriores não guardam mais identidade com aquelas, formando o que se pode chamar de igrejas pós-pentecostais ou como são mais conhecidas de neopentecostais.

Suas principais características são:

a) não valorizam os princípios que marcaram o surgimento do pentecostalismo clássico, como batismo com o Espírito Santo, a glossolalia/xenolalia, curas ou atualidade dos dons espirituais;

b) supervalorizam os recursos da mídia na evangelização e atração de novos membros e incrementaram a liturgia dos cultos, transformando-os em espetáculos, nos quais foram adicionados, dinamismo nos cânticos, inovações com a introdução de conjuntos musicais, as chamadas “bandas”, instrumentos modernos, fazendo com que os cultos se transformassem em um momento de descontração e lazer;

c) o marketing passou a ser adotado pelas igrejas, o que significa a interferência de especialistas em comunicação de massa, evangélicos ou não, visando modernizar as reuniões e os cultos; e

d) a introdução de elementos até então estranhos aos cultos nas igrejas pentecostais nas celebrações, inclusive a venda de objetos supostamente com poderes místicos e curadores. Em alguns aspectos, esse comportamento aproxima as atuais igrejas neopentecostais à Igreja Católica da Idade Média, com a venda de indulgências, um dos fatos que motivou a reação dos reformadores no século XVI.

Essas mudanças tornaram muito grande o distanciamento entre as igrejas pentecostais históricas e as neopentecostais, a ponto de, hoje, as igrejas neopentecostais não serem mais consideradas evangélicas, principalmente pela falta de identidade com o que marcou a fase inicial do pentecostalismo no Brasil. Sem considerar que as igrejas protestantes históricas nunca aceitaram que as igrejas neopentecostais fossem incluídas no rol das igrejas evangélicas brasileiras. Aquelas alegam para esse posicionamento que a maneira como são feitas as celebrações e pregações distanciam esses cultos das liturgias das demais igrejas, caracterizando-as como um novo segmento do evangelicalismo brasileiro, mas os problemas apontados pelas igrejas históricas em relação às igrejas neopentecostais não serão contemplados nas discussões neste trabalho.

Outros aspectos adotados pelas igrejas neopentecostais, que as diferenciaram das demais igrejas evangélicas foram: o tipo de pregação, em que foi adotado como coluna vertebral a Confissão Positiva e a Teologia da Prosperidade; a supervalorização dos cultos de libertação; o combate em que se convencionou chamar de batalha espiritual ou satanismo no meio evangélico, cuja ênfase está na expulsão de demônios; o mapeamento espiritual das cidades, a fim de identificar onde está o trono de satanás naquela localidade e, após identificar o local, a realização de vários tipos de cerimônias com a finalidade de desalojar aquela entidade, estabelecendo áreas onde há maior influência dos demônios sobre a vida das pessoas; a prática de milagres; e a busca da realização pessoal a fim de obter sucesso na vida secular, material.

Por esse modelo de análise da ação satânica sobre a vida das pessoas, os neopentecostais apontam que existe no mundo espiritual uma hierarquia rígida entre os agentes satânicos e, para cada tipo de crime, pecado, comportamentos e atitudes, existem demônios específicos. Afirmam isso com base na carta de Paulo aos Efésios, capítulo 6, versículo 12, que diz: “porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (*grifo nosso*). Na perspectiva dos neopentecostais, principados, potestades, dominadores deste mundo tenebroso e forças espirituais do mal são áreas específicas de ação dos agentes malignos e contra eles promovem uma verdadeira guerra que chamam de *Batalha Espiritual*.

Essa fragmentação da ação dos demônios na sociedade é tão detalhada pelos neopentecostais que existem demônios designados para cada tipo de pecado ou problema enfrentando pela sociedade e pelos indivíduos em particular. Por exemplo, existe um demônio responsável por provocar a separação dos casais e provocar divórcios; existem demônios encarregados de levar os jovens e adolescentes a se envolver com as drogas; existem ainda os demônios encarregados por seus superiores de provocar violência, assassinatos, desvio de conduta. E um detalhe que foi exaustivamente mostrado pelos neopentecostais é a hierarquização dos demônios, com a liderança maior de satanás, até chegar aos espíritos inferiores.

2.4 Pentecostalismo Brasileiro e Mudança Social

Ribeiro (2017) afirma que a teologia pentecostal propõe mudanças profundas no modo de viver por parte daqueles que passam a frequentar as igrejas pentecostais. Diz ainda:

a teologia pentecostal propõe a construção de um ego social baseado na noção social de *imago Dei*⁴⁷, que corrobora valor individual e agência moral. Essa noção carrega fortes implicações psicossociais e culturais. Ao se encontrar com a cultura brasileira, a experiência religiosa pentecostal confronta paradigmas que comunicam limites sociais ao valor do *self* e propõe ao recém-convertido a reconstrução de sua noção de valor bem como a possibilidade da invenção de um novo destino. (RIBEIRO, 2017, p. 39)

Partindo do senso comum, podemos entender mudança social como alterações que ocorrem nas instituições sociais e na vida dos indivíduos com relativa profundidade e duração e que os tornam mais ou menos tolerantes. A religião tem elevado poder de influenciar o comportamento desses indivíduos, fato evidente desde o início do cristianismo, que alterou radicalmente a forma com que as pessoas encaravam a vida, e as mudanças que decorreram da Reforma Protestante, no século XVI, como as descritas por Bobsin (2015), quando a igreja proporcionou mudanças significativas na política, na educação, nas artes, na relação Igreja-Estado, influenciando inclusive a formação dos Estados Modernos e o interesse pela leitura da Bíblia, entre outras áreas.

Um exemplo dessas alterações é a aceitação de boa parte da sociedade da nova forma de relacionamentos afetivos, incluindo os casais homoafetivos, com naturalidade. Outra mudança que se pode perceber é a nova estrutura familiar, em que as famílias, chamadas tradicionais, foram alteradas por novos modelos, com a perda da influência do patriarcado em favor das famílias mantidas e administradas por mulheres, bem como maior liberdade sexual entre os jovens.

Ainda se referindo às famílias, pode se destacar a nova relação entre pais e filhos que nos primeiros anos do século XXI foi significativamente modificada, com os pais dando mais e quase ilimitada liberdade aos filhos sobre quase todos os assuntos, inclusive nas famílias evangélicas, consideradas tradicionais e mais fechadas.

⁴⁷ Expressão oriunda do latim que significa “imagem de Deus” e se refere à doutrina de que o homem foi criado à imagem Divina. É a resposta bíblica a como o homem surgiu, criatura singular entre os existentes. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/227268576/o-Significado-Da-Imago-Dei>.

No que se refere às mudanças de comportamento em função da religiosidade, a principal delas é o aumento expressivo dos novos grupos religiosos, ou novas religiões no cenário religioso brasileiro, fazendo com que em pouco mais de 30 anos uma parcela significativa da sociedade deixasse a Igreja Católica e passasse a frequentar as igrejas evangélicas. Houve também um incremento significativo nas consideradas religiões esotéricas⁴⁸ e orientais. Essa mudança não somente mexeu com as estruturas da Igreja Católica que se viu obrigada a reagir de forma diferente diante do desafio, quebrando a rigidez da sua liturgia e de seus costumes e inserindo em sua programação pequenas, mas significativas inovações. Um bom exemplo desse tipo de atividade foram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Essas comunidades, de caráter inclusivo, tornaram-se mais atuantes, principalmente pelos incentivos da Teologia da Libertação, que aliás também pode ser considerada como mais um elemento das mudanças ocorridas no âmbito da Igreja Católica.

Em geral, essas CEBs estavam (e estão) ligadas a paróquias, nos centros urbanos e nas capelas, nas zonas rurais, espalharam-se a partir dos anos 1960 e incrementaram-se nos anos 1970 e 1980, tanto no Brasil quanto na América Latina. Caracterizavam-se pelo engajamento social e político da comunidade religiosa, de forma especial em locais de maior carência e miséria social, compostas por pessoas com certa consciência política que, insatisfeitos com as circunstâncias, de forma geral, baseadas na leitura bíblica (algo também novo no âmbito da Igreja Católica).

E mais significativas ainda são as mudanças que vêm acontecendo na forma com que o Vaticano, destaque para o Papa Francisco, tem lidado com questões como homossexualidade, famílias matriarcais e participação feminina nas atividades da igreja. E, talvez, as mais profundas e questionáveis mudanças de que já se fala em círculos cada vez maiores é a ordenação de pessoas casadas em localidades onde há carência de clérigos e a quebra do celibato, instituição mantida desde os tempos mais primitivos da igreja. Além de se considerar a existência do ministro extraordinário da sagrada comunhão, que é na Igreja

⁴⁸ Esoterismo é um termo acadêmico para uma ampla gama de ideias e movimentos não convencionais vagamente relacionados que se desenvolveram dentro de sociedade ocidental. O esoterismo permeou várias formas de filosofia ocidental, religião, pseudociência, arte, literatura e música, continuando a afetar ideias intelectuais e da cultura popular. [...] Esoterismo faz referência a um conjunto de tradições e interpretações de filosofia das doutrinas e religiões que procuram descobrir seu sentido oculto. Por extensão, o esoterismo refere-se a qualquer doutrina que requer certo grau de iniciação para estudá-la em toda a sua profundidade. Em contraste, o conhecimento exotérico é facilmente acessível para o público comum e transmitidos livremente. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/categoria/esoterismo>.

Católica um leigo a quem é dada permissão, de forma temporária ou permanente, de distribuir a comunhão aos fiéis, na missa ou em outras circunstâncias, quando não há um ministro ordenado que o possa fazer. Tomás Eloy Martinez, jornalista e escritor argentino, publicou artigo sobre o celibato o qual foi reproduzido pelo *Jornal La Nacion* de 9 de maio de 2009, no qual afirma:

A maioria dos católicos ignora que aos sacerdotes e bispos não era proibido o matrimônio durante os primeiros dez séculos da vida cristã. Além de São Pedro, outros seis papas viveram em matrimônio. Até o Concílio de Elvira, que o proibiu no ano 306, um sacerdote podia inclusive dormir com sua esposa na noite anterior a celebrar a missa. Isso começou a mudar dezenove anos mais tarde, quando o Concílio de Niceia estabeleceu que, uma vez ordenados, os sacerdotes não podiam mais casar-se. Em 1073, Gregório VII impôs o celibato. Definiu-se que o matrimônio dos sacerdotes era herético, porque os distraía do serviço ao Senhor e contrariava o exemplo de Cristo. Dezenas de historiadores supõem que a decisão de impor o celibato foi também um meio para evitar que os bens dos bispos e sacerdotes casados fossem herdados por seus filhos e viúvas em vez de beneficiar à Igreja. Em 1123 o Concílio de Letrán decretou a invalidade do matrimônio dos clérigos e, dezesseis anos mais tarde, o segundo Concílio de Letrán confirmou. (MARTINEZ, 2009, [S./p.])⁴⁹

Essa instituição milenar está sendo questionada em função das mudanças sociais ocorridas no âmbito do Catolicismo Romano, algo inadmissível até bem pouco tempo.

No Brasil, não se pode negar que a partir do final do século passado, com a perda expressiva de membros, a Igreja Católica vem repensando sua estratégia de evangelização e o envolvimento da comunidade de forma efetiva em suas atividades, mesmo aquelas que até pouco tempo eram exclusivas do clero, como o sincretismo religioso que vem ocorrendo em algumas regiões do país.

De forma significativa, os protestantes evangélicos entraram nas grandes cidades buscando contato com a população mais pobre e, de forma massiva, atraiu um enorme contingente para suas igrejas. Essa mudança de foco religioso da comunidade fez com que outras mudanças ocorressem em áreas como a alfabetização, principalmente, pelo interesse na leitura da Bíblia, atividade que a maioria não tinha hábito de fazer.

⁴⁹ SAIBA história. **O celibato na igreja católica começou.** Disponível em: <https://saibahistoria.blogspot.com/2009/05/o-celibato-na-igreja-catolica-comecou.html>, acessado em 05.05.2020.

A partir dessas mudanças, outras foram acrescentadas. Por exemplo, os pentecostais se envolveram mais em projetos sociais e buscaram a participação na política partidária, ocupando cargos no Poder Executivo nos três níveis – municipal, estadual e federal. O número de candidatos evangélicos nas eleições aumentou significativamente, e houve mais organização dos evangélicos no processo eleitoral, com as igrejas assumindo o papel de fazer campanha para seus membros que participavam do processo. Isso é notório pelo número de parlamentares evangélicos eleitos nas últimas eleições, ligados a igrejas como Universal do Reino de Deus, Assembleia de Deus, motivando a criação da Bancada Evangélica na Câmara dos Deputados.

Entre os teóricos da sociologia, Max Weber (1864-1920) talvez tenha sido quem mais profundamente abordou a questão da influência da religiosidade nas transformações sociais, tanto no aspecto teórico quanto no aspecto empírico (Weber era de ascendência protestante). Ele chegou a comparar as diversas religiões que existiam no seu tempo, avaliando o papel que a religiosidade exerce na conduta dos indivíduos em sociedade. Ele confirmou que existe um potencial intrínseco à vida religiosa adotada pelo indivíduo capaz de provocar transformações em vários aspectos de sua vida, inclusive de ordem social, econômica, política, cultural.⁵⁰

⁵⁰ CANCIAN, Renato. O papel que as crenças religiosas desempenham na vida social. **Pesquisa Escolar – Sociologia**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/religiao-o-papel-que-as-crencas-religiosas-desempenham-na-vida-social.htm?cmpid=copiaecola>.

3 NOS CAMINHOS DA SECULARIZAÇÃO E DO DESENCANTAMENTO RELIGIOSO INSTITUCIONAL

Após uma abordagem dos aspectos históricos e da descrição de como se deu o desenvolvimento dos movimentos ligados àquilo que temos denominado de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, apontaremos os motivos que acreditamos estar ligados a esse fenômeno teo-sociológico.

Uma análise do panorama geral da situação, com base em investigações de campo, tornou evidente que os motivos mais acentuados para esse “êxodo eclesiástico” não são exatamente novos na história institucional da Igreja Cristã, recebendo apenas roupagens mais “modernas”, no caso das igrejas pentecostais e neopentecostais.

Poderíamos citar como um dos principais motivos para esse êxodo a truculência e arbitrariedade com a qual muitos líderes religiosos dessas instituições foram conduzindo seu “rebanho”, gerando insatisfação na membresia, que se tornava cada vez mais esclarecida à medida que níveis de escolaridade avançavam, o que está explicitado no próximo tópico “*A arbitrariedade dos líderes no processo de desinstitucionalização*”. Essa arbitrariedade das lideranças, associada a práticas teológicas cada vez mais distantes dos ideais que historicamente nortearam a fé, acelerou o processo nas últimas décadas, gerando, no meio eclesiástico pentecostal e neopentecostal, questionamentos acerca de necessidade de uma “*Nova Reforma Protestante*”, para enfrentar questões semelhantes às enfrentadas pelo monge Martinho Lutero em seu tempo. Sobre esse assunto fizemos uma reflexão no tópico “*A necessidade de uma nova reforma?*”.

Pretende-se estabelecer uma reflexão, sobretudo, acerca do crescente materialismo e mercantilismo no qual os movimentos pentecostais e neopentecostais brasileiros tem mergulhado ao longo das últimas décadas. E, essas condutas, a despeito de atraírem ainda um volume grande de fiéis aos templos religiosos, têm afastado e provocado o que aqui denominamos de desinstitucionalização e desencantamento de muitos outros, que enxergam nesse exercício da fé apenas vícios históricos, que, em outros tempos, como na Idade Média, macularam a fé.

Por fim, a banalização das mensagens nos púlpitos, muitas vezes transformadas em mensagens de autoajuda ou psicologismo barato, tem acelerado ainda mais esse fenômeno. Essas questões são, portanto, abordadas nos tópicos “*A questão financeira nas igrejas*”, “*A*

teologia da prosperidade”, “*A secularização religiosa*”, “*A confissão positiva*”, “*A banalização da mensagem: um breve histórico*” e “*A troca do essencial pelo supérfluo*”.

3.1 Arbitrariedade dos Líderes no Processo de Desinstitucionalização

Ao ver como agem os desigrejados, percebemos que, invariavelmente, existem feridas não cicatrizadas deixadas na vida daquelas pessoas por homens que deveriam ser seus cuidadores, que deveriam ter o remédio para a dor, mas que em vez disso infligiram maior sofrimento aos males que aqueles já carregavam.

Recentemente comemoramos os 500 anos da Reforma Protestante e, de acordo com Queiroz (2017):

Esse movimento de repercussões múltiplas, que mudou a paisagem espiritual, política e econômica do mundo, montou as bases para muitos avanços, não só na compreensão e na prática da fé cristã, mas também no que se refere à redefinição da mentalidade do homem ocidental moderno. Ao exaltar a autonomia do indivíduo frente à autoridade eclesiástica e às estruturas de poder religioso, a Reforma abriu espaço para muitos outros movimentos posteriores, servindo de impulso para a liberdade humana na busca pelo conhecimento, assim como para a luta contra toda forma de obscurantismo religioso e intelectual. (QUEIROZ, 2017, p. 189)

Entretanto, nem mesmo a Reforma Protestante foi capaz de colocar em prática tudo o que defendeu como bandeira para a ruptura com os sistemas existentes na igreja do século XVI, e uma dessas bandeiras deixadas de lado por séculos, ou pelo menos muito negligenciada, é o sacerdócio de cada cristão. Na perspectiva bíblica e dos reformadores, todos os crentes partilham desse sacerdócio. Isso se expressa principalmente nas áreas da adoração, do serviço e do testemunho, conforme ensinado pelo apóstolo Pedro em sua primeira carta, capítulo 2, versículo 5, que afirma: “Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo” (I PE 2:5). E, ainda no mesmo capítulo 2, versículo 9, da mesma carta: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (I PE 2:9).

Dessa forma, os pastores, bispos, apóstolos e patriarcas atuais exigem para si o direito de ser os únicos representantes do sacerdócio na igreja, o que contraria um dos princípios

fundamentais da reforma e vem servindo de combustível para os desinstitucionalizados mostrarem os desmandos das lideranças, pois, na opinião deles, a liderança atual não permite a contestação de nenhuma de suas decisões exatamente com a alegação de que tem o selo de garantia de que suas decisões e escolhas são respaldadas pelos cargos que ocupam.

Segundo Queiroz (2017), o próprio Lutero afirmou que os pastores efetivamente têm autoridade para o ensino e a liderança da Igreja, mas assegurou também que essa função é designada pela própria congregação e é algo que pode ser dado e tirado por ela, visto que a ordenação de um ministro por meio da oração e da imposição de mãos não lhe confere uma marca indelével, ou o que poderia ser chamado de natureza espiritual permanentemente diferenciada. Esse poder de decisão é dado aos membros das igrejas reformadas, pois podem pedir o afastamento do pastor nos casos em que este não estiver agindo de forma a agradar parte deles – e não necessita ter cometido falhas. Assim a igreja tem participação decisiva no recebimento de um novo pastor.

Pelo que afirmou o próprio Lutero, os pastores não têm o direito de se perpetuarem nos cargos, independentemente de estarem ou não de acordo com a vontade da congregação. Mas hoje, para se tirar um líder do cargo, não basta a vontade da igreja local – é necessária a intervenção, nas igrejas pentecostais, de uma Junta Conciliadora e até mesmo da direção da Convenção Nacional da qual a igreja estiver ligada. E nas igrejas neopentecostais não há como os membros recorrerem, pois a única autoridade é o pastor que as dirige, que em muitos casos se intitulam bispos, apóstolos, patriarcas ou missionários, como no caso do fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, missionário RR Soares.

Aqueles que estão descontentes com as lideranças apontam diversas atitudes que justificam mudanças na direção das igrejas, mas que não podem ser feitas devido à postura desses pastores que tem como exclusivo do ministério (entendidos aqui como os pastores que estão na liderança). Entre essas atitudes, pode ser citada: a eliminação do mito do Super-Homem de Deus, pois impede que qualquer medida seja tomada contra aquele que está na direção da igreja, por ele ser o ungido do Senhor. Para afirmar isso, utilizam de forma descontextualizada passagens bíblicas, como o Salmo 105, versículo 15 – “Não toqueis os meus ungidos, e não maltrateis os meus profetas” (SL. 105:15). Ou primeiro livro das Crônicas, capítulo 16, versículo 22 “Não toqueis os meus ungidos, e aos meus profetas não façais mal” (I CR. 16:22).

Os atuais líderes, a todo instante, em qualquer situação em que se sentem ameaçados, apelam para textos como estes, nos quais se agarram sem a menor preocupação com o seu

contexto. Outro trecho escolhido por eles é primeiro livro de Samuel, capítulo 16, versículo 22: “E disse aos seus homens: O SENHOR me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do SENHOR, estendendo eu a minha mão contra ele; pois é o ungido do SENHOR” (I SM. 16:22).

Em nenhum momento é assegurada a inculpabilidade dos líderes decorrentes de serem ungidos de Deus. Aliás, essa expressão passou a ter sentido muito pejorativo no meio evangélico a partir da postura de certos líderes que cometem todo tipo de atrocidade em nome de Deus, como nos exemplos descritos por Marília de Camargo Cesar em obra já citada diversas vezes.

Uma segunda atitude apontada pelos desigrejados a ser eliminada refere-se à dicotomia – trabalho sagrado x trabalho secular. Para os líderes, existe o trabalho sagrado – entendido por eles como o serviço exclusivamente religioso – e o trabalho secular, exercido para obtenção de ganhos visando à sobrevivência. A alegação dos desigrejados é que não existe nas Escrituras essa dicotomia, pois todo tipo de trabalho deve ser encarado como algo que dignifica o homem diante de Deus, pois após o pecado, deveria trabalhar duro para retirar da terra o seu sustento, e isso continua até os dias de hoje, de maneira que seja um serviço desempenhado na igreja ou em qualquer lugar, diante de Deus estão em pé de igualdade. Afirma Queiroz (2017)

A igreja primitiva experimentou muito bem o privilégio de ser uma *communio sanctorum*, onde todos entendiam o seu papel. Mas a profissionalização do clero, especialmente após o perigoso casamento da igreja com o estado, no século IV, fez adormecer a chama de uma vida cristã integral no coração dos leigos, condenando-os ao papel de meros espectadores das performances clericais. (QUEIROZ, 2017, p. 195)

A terceira atitude que a igreja precisa superar é a falta de critérios claros nos seus Estatutos e Regimentos Internos, tendo em vista que raramente está prevista uma punição para a liderança maior da igreja nesses documentos. Não fica claro a quem cabe estabelecer uma eventual punição a um pastor presidente de uma igreja pentecostal ou como tirar da liderança um pastor de uma igreja neopentecostal. O máximo que consta nos documentos reguladores do funcionamento da igreja é a expressão “enquanto permanecer fiel à palavra de Deus”, mas quem decide se ele está sendo fiel? Para essa pergunta não existe resposta.

Isso ocorre devido ao modelo de gestão no qual os líderes são os donos das igrejas e não há quem exerça qualquer tipo de autoridade sobre eles. Quando uma pessoa está

descontente com a direção, é ela quem deve mudar e aceitar ou sair, pois no líder não há quem possa tocar. Esse tem sido um dos grandes provocadores da saída de muitos membros das igrejas.

Em quarto lugar, a atitude a ser tomada refere-se à maneira de fazer discípulos nas igrejas pentecostais e neopentecostais. Escrevendo aos Efésios, no capítulo 5, versículo 1, Paulo ensina que devemos ser imitadores de Deus “Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados” (EF. 5:1). É esse o modelo ensinado por Cristo durante o processo de formação do colégio apostólico e todos os ensinamentos que Ele proferiu. Os discípulos deveriam aprender dele, como no Evangelho de Mateus, capítulo 11, versículo 29: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas” (MT. 11:29, *grifo nosso*), pois, dessa forma, a caminhada na vida cristã seria facilitada pelo aprendizado adquirido na relação com o Mestre.

A diferença entre o que é ensinado nas Escrituras e o que ensinam os líderes pentecostais e neopentecostais é que eles querem fazer discípulos deles, a fim de que as pessoas os admirem, os imitem, mas não é este o modelo bíblico de discipulado. Desde os tempos do Velho Testamento, o ensino deve primeiro ser assimilado e depois repassado aos discípulos a fim de que eles cresçam. O apóstolo Paulo, doutrinando a seu discípulo Timóteo, falou que os líderes devem aprender e ensinar a outros a fim de que também possam ensinar a outros, como descrito na segunda carta escrita a Timóteo, capítulo 2, versículo 2 “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros” (TM. 2:2). Se olharmos para o modelo de discipulado nas igrejas atuais, veremos que os líderes têm necessidade de formar admiradores que valorizem o seu trabalho.

É comum nas igrejas pentecostais e neopentecostais o “culto à personalidade”. O que se espera em uma igreja é que o centro da adoração seja a pessoa de Jesus Cristo, mas em função dos “milagres” que realizam, da intimidade que gozam com Deus, o centro da adoração em muitas igrejas são os pastores. Aliás, é comum alguém se referir à igreja onde congrega como “a igreja do pastor fulano de tal”, por exemplo.

A partir do momento em que os pastores, bispos, apóstolos e patriarcas das igrejas de hoje entenderem que se deve formar seguidores de Cristo, discípulos de Cristo, essa perspectiva que as pessoas têm hoje da vida cristã poderá mudar e o culto à personalidade deverá acabar.

Neste ponto, deve-se ressaltar que, a partir do momento em que as lideranças comecem a fazer discípulos para Cristo, e não para eles, as igrejas se tornarão maduras e os cristãos formarão comunidades mais resistentes aos problemas que enfrentarem no dia a dia.

A quinta atitude a ser tomada pelos líderes diz respeito à prática pastoral ou à teologia pastoral. No Evangelho de Marcos, capítulo 10, do versículo 42 ao 45, Jesus ensina que a maneira de ser grande no reino de Deus é servindo:

Mas Jesus, chamando-os a si, disse-lhes: Sabeis que os que julgam ser príncipes dos gentios, deles se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre eles; Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal; E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos. (MC. 10:42-45, *grifo nosso*)

Como afirma Azevedo (2010, p. 54), o que falta às igrejas são homens que se coloquem como servos, e não como senhores. Diz ainda: “o poder de um líder é o poder do serviço. A força de um líder é a forma do seu exemplo. A autoridade de um líder está na sua obediência à Palavra de Deus”. Entendemos que o comportamento dos líderes, pastores, bispos, apóstolos e patriarcas tem provocado o afastamento de muitas pessoas das igrejas. Os líderes confundem poder para servir (pois são pastores), com poder para mandar. O pastor não tem que ser o dono da igreja, e sim servi-la. O poder dele não é para presidir, ele não é dono da igreja, não é Jesus, mas deveria se considerar, como todas as pessoas, servo Dele (AZEVEDO, 2010).

A sexta atitude que tem afastado muitos das igrejas é a falta de perdão dos líderes àqueles que erram, que cometem atos falhos. Hoje, literalmente, nas igrejas se pratica o que Jesus condenou nos fariseus – coamos mosquitos e engolimos camelos. Evangelho de Mateus, capítulo 23, versículo 24 “Condutores cegos! Que coais um mosquito e engolis um camelo” (MT. 23:24). Na prática, os líderes querem condescendência diante dos seus erros, ou não aceitam que erram, mas agem sem a menor piedade quando julgam outros. Como dizia o ex-presidente Getúlio Vargas, “para os amigos, tudo; para os inimigos, a lei”.

É comum ouvir relatos de truculência, ameaças e agressões durante reuniões para tratar de problemas de pessoas que poderiam fazer sombra para as lideranças. Também é comum excluir pessoas da liderança quando apresentam ideias contrárias às de seus

superiores. Isso significa que para fazer parte do sistema, enquanto não for um dos grandes, é preciso manter-se calado e concordar com tudo. Esse tem sido ao longo dos últimos anos o *modus operandi* das lideranças das igrejas pentecostais e neopentecostais. O perdão, como expressão da vida cristã não é praticado por muitos líderes, que preferem afastar aqueles que de alguma forma os ameace, mesmo que os erros cometidos tenham sido insignificantes. Segue-se literalmente o comportamento do Velho Testamento: olho, por olho, dente, por dente. E mais – nem sempre a retribuição é na medida da ofensa; um pequeno delito pode gerar uma pena pesada.

A lista das atitudes dos líderes que vêm provocando o afastamento das pessoas da igreja poderia continuar com mais citações, mas creio que esse trabalho não esgotaria o assunto, mesmo que acrescentássemos muitas outras ações praticadas no âmbito da direção das igrejas que têm prejudicado aqueles que as procuram. No entanto, queremos citar mais uma atitude que, por não ser posta em prática, tem contribuído muito para o êxodo que estamos vendo acontecer: o tipo de mensagem que é apresentado nos cultos das igrejas pentecostais e neopentecostais. Em primeiro lugar, por faltar base teológica, hermenêutica e homilética para que os pregadores apresentem esse tipo de mensagem, descontextualizada com a situação e também dissociada da Bíblia; e em segundo lugar, por ser uma mensagem com a qual podem interpretar de maneira alegórica as Escrituras, retirando delas aquilo que eles querem, e não o que o texto ensina.

Por conta disso, é comum pregadores fazerem a leitura de um texto e apresentarem uma mensagem eloquente. Leem as Escrituras por ler, por hábito, mas se não lessem, não faria a menor diferença, pois fazem a leitura e não fazem dela a aplicação correta para seus ouvintes – gritam, gesticulam, cobram atitudes e comportamentos que eles mesmos não estão dispostos a praticar, impõem uma conduta para a igreja e eles mesmos estão distantes de colocá-la em prática.

Numa entrevista realizada com um operador de som de uma grande igreja, este questionou a mensagem apresentada pelo pastor, o qual falava de gentilezas e bons modos para tratar as pessoas. O jovem afirmou que trabalhava naquela igreja desde a sua adolescência, conhecia o pastor há mais de 20 anos, no entanto este nunca se dirigia a ele o chamando pelo nome, mas simplesmente pela função que ele desempenhava na igreja, além de ser grosso quando qualquer coisa não saía como ele desejava. Isso fez com que aquele rapaz, criado na igreja, que tomou parte das atividades do departamento dos adolescentes e

jovens, simplesmente tomasse ojeriza da igreja, afirmando que se aquilo fosse ser pastor, preferiria estar fora da congregação, como ele estava, e servir a Deus como estava servindo.

3.2 O Desafio de Retornar ao Ponto de Divergência

Outra grande questão que a igreja do século XXI precisa responder com urgência, além daquela apresentada por Schaeffer (1995, p. 53): “haverá um futuro para a igreja do final do século XX?”. E como e/ou o que fazer para conter essa quarta onda do pentecostalismo brasileiro que se apresenta avassaladora? Que resposta ela precisa oferecer para dar satisfação aos que descontentes com a situação estão na porta de saída?

Responder a essas e a outras indagações relacionadas ao tema não é tarefa fácil, mas elas precisam ser enfrentadas e algo precisa ser feito, e rápido, antes que o Brasil se torne um país pós-cristão, como a Europa e os Estados Unidos já se tornaram na visão dos mais pessimistas. E, para aqueles que acham que falar de pós-cristianismo soa muito forte, no maior país católico do mundo, podemos usar um eufemismo e considerar que poderemos ser um país pós-igreja. Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos a igreja deixou de fazer a diferença na vida das pessoas e as estatísticas deixam claro que as pessoas não estão interessadas em se envolver com as igrejas instituídas. Pelo contrário, a cada dia que passa o número de pessoas descompromissadas com a igreja vem crescendo de forma quase exponencial.

Viola e Barna (2005) e Barna (2007) são radicais ao afirmar que a igreja atual está completamente divorciada dos princípios que nortearam a igreja cristã primitiva nos primeiros dois séculos e afirmam que, a partir da suposta conversão de Constantino, a igreja foi se afastando cada vez mais das suas origens e adotando rituais que não tinha nenhuma relação com a Bíblia e o ensinamento dos apóstolos, a começar pela imposição do primeiro dia da semana, o domingo, como o dia de adoração,⁵¹ da inclusão do símbolo criptograma *Chi-Rho*,⁵² identificador do cristianismo. Para eles, foi exatamente a inclusão desses e de outros rituais na liturgia do culto que afastou a igreja do seu caminho e, isso vem ocorrendo

⁵¹ ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago. Constantino. **InfoEscola – Navegando e Aprendendo**. [S./d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/constantino/>.

⁵² O símbolo, de caractere $\chi\rho$, é formado pela sobreposição das duas primeiras letras (iniciais) *chi* e *rho* (XP) da palavra grega “*ΧΡΙΣΤΟΣ*” (que quer dizer Cristo), símbolo que também foi usado por pagãos gregos escribas para marcar, na margem, uma passagem particularmente valiosa ou relevante. Disponível em: <https://verdademistica.wordpress.com/2014/06/12/chi-rho-o-cristograma/>.

exatamente por falta de conhecimento dos verdadeiros fundamentos da fé cristã. E vão além, afirmando que “houve três períodos históricos em que várias mudanças foram feitas em práticas cristãs comuns: a era de Constantino, as décadas próximas à Reforma Protestante e o período Renascentista nos séculos XVII e XIX” (VIOLA; BARNA, 2005, p. 18).

Entre essas mudanças citadas por Viola e Barna estão a adoção de ritos pagãos, a ordenação de pastores, a cobrança de dízimos e a construção de gigantescas igrejas. Mas elas não param apenas nesses aspectos exteriores e separados dos cultos. Elas atingiram de maneira direta a pregação da Bíblia. Entre essas inovações está o que os autores chamam de “prova de textos” – uma prática de retirar versos não relacionados e distintos das Escrituras, frequentemente fora do contexto, para “provar que nossas posições se encaixam na Bíblia” (VIOLA; BARNA, 2005, p. 18).

Os autores usam a figura de um avião a jato para estabelecer uma comparação com a figura da igreja – o que ela era e o que ela é: durante sua viagem realiza milhares de correções de curso, visando garantir que o avião pouse na pista e no local certo. E o que eles afirmam é que “a igreja contemporânea é como um avião a jato que não tem a capacidade para correções de curso durante o voo” (VIOLA; BARNA, 2005, p. 20). Ainda segundo afirmam, se olharmos historicamente veremos que “as práticas atuais da igreja em nossos hábitos religiosos são escolhas feitas por homens”.

Se a igreja atual pretende retomar a direção certa em sua caminhada, precisa parar, voltar para dentro de si mesma, ver em suas práticas as que estão fora dos padrões bíblicos e tomar o novo curso. E a primeira coisa a fazer é voltar-se para a Bíblia Sagrada sem a intenção de tirar dela o que queremos, mas ver o que ela realmente ensina e colocar isso em prática. Devemos eliminar definitivamente o método alegórico de interpretação que vem sendo usado há séculos e adotar um princípio mais coerente, que passe por um estudo cuidadoso, uma interpretação isenta da passionalidade denominacional e uma aplicação que realmente possibilite mudar. O Evangelista Moody⁵³ afirmava que “a Bíblia foi deixada para mudar nossas vidas, e não para aumentar nosso conhecimento”.

Para retomar a direção, é preciso também ver o perfil dos desigrejados ou desinstitucionalizados que estão abandonando a igreja por não concordar com seu *modus*

⁵³ Dwight Lyman Moody, (1837- 1899), proeminente evangelista americano que estabeleceu o padrão para evangelismo posterior em grandes cidades, tendo iniciado seus trabalhos em Northfield, Massachusetts. Disponível em: <https://www.translatetheweb.com/?from=en&to=pt&ref=SERP&refd=www.bing.com&dl=en&rr=UC&a=https%3a%2f%2fwww.britannica.com%2fbio%2fDwight-L-Moody>

operandi. Buscar uma resposta que possa resolver essa questão, evitando que esse desentendimento se acentue e mais pessoas se afastem. A pesquisa realizada para fundamentar esta tese apontou três principais grupos de pessoas que estão entre os desigrejados. É para esses grupos que a igreja deve olhar e buscar a forma de agir para evitar consequências piores.

Mesmo considerando que este pode ser mais um ponto de vista pastoral e que contém certo grau de passionalismo, entendemos ser relevante afirmar que as Escrituras dizem no Evangelho de Mateus, capítulo 18, versículo 20 – “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (MT. 18:20). Para os desigrejados, isso não é totalmente verdadeiro, pois existe uma nova forma de estar unido com Cristo e com a igreja – por meio das redes sociais – o uso de um aplicativo para assistir a um programa evangélico é suficiente para colocá-los em sintonia com o mundo espiritual. Portanto, esse texto de Mateus poderia ser mais bem traduzido da seguinte forma “onde alguém estiver ouvindo uma programação evangélica que satisfaça às suas necessidades pessoais, aí Cristo está presente”. A partir dessa cosmovisão sobre os desigrejados, podemos categorizá-los a fim de identificar o que pode ser percebido como resultado da pesquisa.

3.3 A Necessidade de uma Nova Reforma?

Uma observação que se pode fazer referente ao que estamos propondo como *quarta onda do pentecostalismo brasileiro* – a desinstitucionalização – é que as pessoas colocaram seus interesses antes dos interesses institucionais, e para muitos a igreja deixou de ser essencial e a prática religiosa passou ser menos sacralizada. Aos poucos, muitos perceberam que a figura do pastor não representa o que deveria – deixaram de vê-lo numa roupagem de santidade, pureza e intocabilidade e forçaram a abertura das portas da igreja para todo tipo de inovação, procurando desestabilizar uma instituição que no Brasil já é centenária. E, mesmo com todo esse movimento, que trouxe marcas profundas e deixará feridas que dificilmente cicatrizarão, os pastores ficaram indolentes, sem se preocupar com o que poderia acontecer.

Quando Matos (2017) reuniu um grupo de eminentes pastores e líderes das igrejas reformadas para analisar o cenário da igreja evangélica brasileira, a conclusão a que chegaram foi que ela precisa passar por uma nova reforma. A verdade é que a igreja evangélica do século XXI passou por muitas mudanças, influenciada por fatores diversos, e

continua mudando, trilhando caminhos nunca antes trilhados. Isso não parece ter muita importância para um grupo específico de igrejas – as pentecostais e neopentecostais, talvez embriagadas pelo fermento do rápido crescimento, estão alheias aos problemas que estão ocorrendo em seu interior. Na verdade, elas não se prepararam adequadamente para receber o contingente que chegou de forma torrencial e não tinha em estoque alimento nem acomodações para tanta gente. Além disso, o sal com que deveria preparar os alimentos para essa grande multidão – o ensino eficiente da palavra de Deus – tornou-se insípido e “está sendo pisado pelos homens”,⁵⁴ pois não servia para mais nada diante do que precisava ser feito.

Os princípios da Reforma Protestante do século XVI – *Sola Scriptura* (só a Escritura); *Solus Christus* (só Cristo); *Sola Gratia* (só a Graça); *Sola Fide* (só a fé); e *Soli Deo Gloria* (Glória somente a Deus) – foram esquecidos, e no lugar de estar sempre se atualizando, mantendo-se fiel a esses princípios, foram introduzidas inovações que tornaram a igreja incapaz de se sustentar. Pensar em sua reabilitação diante dessa crise é mais que pensar em renovação espiritual ou uma nova teologia, como afirma Oscar (2017, p. 206): “O alvo é restaurar a inspiração que explodiu no coração de um homem em busca da verdade, e levar o cristão de hoje a abraçar o desafio proposto pela Palavra de Deus: viver pela fé”.

Quando olhamos para as tentativas de mudanças na igreja evangélica, nas últimas décadas, nos segmentos pentecostal e neopentecostal, alguns aspectos ficam evidentes. Vemos que o crescimento numérico das igrejas não trouxe junto a melhoria na qualidade do ensino, a melhoria da qualidade dos seus púlpitos, não houve preocupação com a qualificação de pastores para esse novo desafio que se apresentou a partir do final do século XXI, pelo contrário, os cursos de capacitação de obreiros pegaram o que havia de mais superficial, comprometeram-se com o Estado no afã de ver os certificados dos cursos de teologia reconhecidos e, com isso, o empenho de séculos da Reforma para trazer algo novo para o cristianismo ocidental se perdeu na ganância, pois o que foi vislumbrado pelos pastores não foi necessariamente a preparação de pessoas para servir o reino de Deus nos moldes ensinados por Cristo no Evangelho de Mateus, capítulo 28, versículos 19 e 20:

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as

⁵⁴ Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. (MT. 5:13)

coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (MT. 28:19-20)

Fazer crescer o número de membros nas igrejas a qualquer preço, mesmo banalizando da liturgia, transformando os cultos em reuniões de entretenimento; aumentar as contribuições financeiras, construir megaigrejas e transformá-las em *holding* familiar da fé.⁵⁵ Nesse aspecto se pronunciou de forma muito clara Schaeffer (1995):

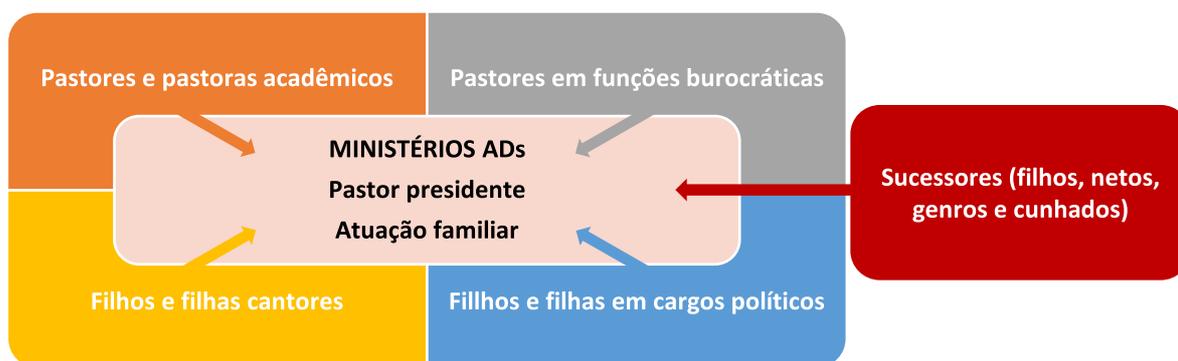
a grande tragédia em todos os nossos países está em que o movimento evangélico, com o nome de evangélico, está destruindo o próprio movimento. A ortodoxia, como o nome de ortodoxia, está destruindo a ortodoxia. Veja-se por exemplo, a Universidade Livre de Amsterdam, uma grande escola que, sob a orientação de Abraham Kuyper⁵⁶, realmente pregou em nome de Deus, não só na Teologia como também na interpretação da cultura. Hoje a Faculdade de Teologia da Universidade Livre destrói as Escrituras. A mesma situação se passa nos Estados Unidos. Temos seminários teológicos que se dizem evangélicos e não mais se apoiam nas Escrituras, [...] O mesmo acontece na Inglaterra. T.H. Huxley falou como profeta em 1890, quando disse que não estava muito distante o dia em que a fé seria separada de qualquer acontecimento (especialmente de toda a história de antes de Abraão) e continuaria triunfante para sempre. Aí é que não somente os teólogos liberais, mas também os evangélicos, os teólogos ortodoxos é que começam a atenuar a verdade, a verdade preposicional das Escrituras que Deus nos legou.

Correa (2020) fez um estudo profundo nas Igrejas Assembleias de Deus, maior igreja pentecostal brasileira, conforme dados do IBGE de 2010, mostrando como a transmissão hereditária de cargos dentro da igreja alterou a relação de poder pelos chamados “pastores presidentes”, e afirma:

⁵⁵ *Holding* familiar é uma empresa que tem por objetivo controlar o patrimônio de pessoas físicas da mesma família, que passam a ter participações societárias. O objetivo é proteger os ativos familiares e planejar as regras de gestão corporativa dos sucessores. O objetivo da *holding* familiar é proteger os ativos familiares já conquistados contra dívidas futuras e das demais hipóteses de perda de patrimônio. Disponível em: <https://www.aurum.com.br/blog/holding-familiar/#:~:text=Holding%20familiar%20%C3%A9%20uma%20empresa,de%20%20gest%C3%A3o%20corporativa%20dos%20sucessores.>

⁵⁶ Abraham Kuyper (1837-1920) era um teólogo reformado, Doutor em Teologia pela Universidade de Leiden (1855-1862). Ministro ordenado da Igreja Reformada Holandesa, e pastor em Beest (1863-1868), Utrecht (1868-1870) e em Amsterdam (1870-1874). Era editor do diário *De Standaard* (1872-1876 e 1878-1919) e do semanário *De Heraut* (1878-1919). Eleito membro da Segunda Câmara do Parlamento Holandês em 1874, 1894, 1901 e 1908. Fundador da Universidade Livre de Amsterdam (1880). Professor de Teologia na Universidade Livre de Amsterdam (1880-1908). Líder do movimento da renovação eclesiástica e da secessão (1886), fundando em 1886 a *Christelijke Gereformeerde Kerken* – Disponível em: [http://www.seminariojmc.br/index.php/2017/12/06/abraham-kuyper/.](http://www.seminariojmc.br/index.php/2017/12/06/abraham-kuyper/)

[...] se antes uma carreira pastoral exigia sacrifícios e inseguranças, e as preocupações com o futuro material eram frequentes, isso foi mudando paulatinamente com a autonomia local dos ministérios/pastores presidentes. Talvez, isso tenha gerado a necessidade de profissionalização imediata de parentes para ocuparem cargos para desempenhar um resultado ainda melhor dentro da administração em seus ministérios regionais e convenções estaduais/nacionais. O certo é que tal profissionalização passou a ser percebida pelos filhos, netos e genros como uma opção de carreira, mesmo porque as possibilidades de emprego em empresas seculares a cada dia foram ficando mais difíceis, com novas exigências nas seleções de seus candidatos. (SCHAEFFER, 1995, p. 46-47)



Fonte: (CORREA, 2020, p. 113)

Uma pergunta apresentada por Schaeffer (1995, p. 53) precisa ser respondida pela igreja evangélica brasileira: “haverá um futuro para a igreja do final do século XX?”. É provável que para responder a essa questão tenhamos que refletir sobre o papel da igreja atual de forma profundamente crítica. Um futuro certamente haverá, pois, a igreja independe da atuação humana para se desenvolver, mas isso em sentido espiritual. Em se tratando de organização, também cremos ser possível um futuro para ela. No entanto, para que esse futuro seja de crescimento e participação na formação da identidade religiosa da sociedade brasileira, deverá:

- definir exatamente qual o seu papel como agência a serviço do reino de Deus, e esse talvez seja o papel mais difícil de ser identificado, tendo em vista que o foco da igreja parece não ser mais o de atrair pessoas para o reino de Deus, mas de usar as pessoas;
- tomar uma posição clara em relação a esse papel, e não se deixar comprometer e corromper pela ganância na obtenção de ganho material. Certamente uma *holding* familiar não será uma dessas igrejas;

- assumir o papel de influenciar positivamente a sociedade, não somente com uma pregação sólida e consistente da palavra de Deus e, ao mesmo tempo, distanciar-se cada vez mais da sedução imposta pelo mundo.⁵⁷

Existe uma máxima do meio evangélico sobre a qual gostaríamos de refletir antes de fazer uma abordagem sobre o assunto: “profetas não vencem concurso de popularidade”.

Refletindo sobre essa afirmação, poderemos chegar à seguinte conclusão: as nossas lideranças estão mais preocupadas em agradar as pessoas a fim de se tornarem simpáticas, visto que não querem se expor e apresentar uma mensagem que seja centrada nas Escrituras. Antes, fazem uma *eisegese* do texto e dão aos seus ouvintes exatamente o que querem ouvir. Percebemos nelas a postura que foi seriamente condenada pelo apóstolo Paulo na segunda carta de Paulo a Timóteo, capítulo 4, versículos 1 ao 5:

Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino, que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas. Mas tu, sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério. (II TM. 4: 1-5)

É necessário, portanto, uma tomada de posição por parte dos líderes, pastores, a fim de transformarem a pregação do Evangelho numa mensagem que ajude a moldar o temperamento e a personalidade cristã daqueles que frequentam as igrejas.

Olhando para a realidade das igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras, não se pode vislumbrar algo que a tire do lamaçal em que se atolou nas últimas décadas, tendo em vista que a religiosidade do povo brasileiro se sedimenta na condição social em que vive grande parte da população, e a saída para esse drama social parece estar na religião.

O fato de não se vislumbrar uma saída é decorrente da postura da igreja diante das exigências sociais com as quais tem-se mostrado incapaz de lidar ou resolver. De acordo com Hervieu-Léger (2015, p. 139): “a paisagem religiosa da modernidade é caracterizada

⁵⁷A sedução imposta pelo mundo ou o mundanismo é o modo como a igreja se comporta em relação ao que é secular, isto é, cada vez mais ela se torna uma igreja menos sacralizada e mais comprometida com os valores temporários em detrimento dos valores eternos. Dessa forma, age se acomodando aos padrões praticados pela sociedade e inverte os papéis, pois, em vez de influenciar a sociedade, é influenciada por ela. Perverte o ensino da Palavra de Deus, utiliza-se de meios não ortodoxos e desvirtua a mensagem colocando ideias contrárias à doutrina cristã. Temos claro que a pouca influência da igreja no comportamento da sociedade se dá exatamente porque a sociedade influencia muito o seu comportamento.

por um movimento irresistível de individualização e de subjetivação das crenças e das práticas”, e fecha dizendo que “a modernidade religiosa é o individualismo”. Mas a igreja, longe de encarar essa realidade, característica da pós-modernidade, mostra-se centralizadora e empodera-se no sentido de ser ela a que pode apresentar uma panaceia, a que pode mitigar esse sofrimento, embora se considere que a igreja já não é mais formada somente pessoas das classes mais pobres, mesmo sendo esse contingente predominante, conforme as estatísticas apresentadas pelo IBGE, no Censo de 2010, e também se considerarmos que a igreja convive com uma realidade complicada na política, pois o Brasil é um país onde prevalecem políticas assistencialistas de governo e pouca política de Estado.

3.4 A Questão Financeira nas Igrejas

O novo modelo de gestão nas igrejas pentecostais e neopentecostais começou a ser utilizado, transformando-as em empresas nas quais passou a existir um presidente [pastor presidente] e, diferentemente das igrejas anteriores, o cargo passou a ser vitalício. A arrecadação de dinheiro deixou ter finalidade de cobrir despesas e atender às demandas específicas para um modelo centrado na concentração de renda e formação de caixa, com as tesourarias recebendo atenção especial dos pastores presidentes. Em algumas igrejas grandes foram instalados postos de atendimento bancário (PAB), mas não parou nisso. Hoje as igrejas utilizam o que existe de mais moderno no mercado financeiro a fim de aumentar suas arrecadações. Os cartões de crédito passaram a ser valorizado e os membros foram estimulados a utilizá-los para entregarem dízimos e ofertas. Em alguns casos, a arrecadação recebe mais atenção do que as demais partes do culto.

Atualmente, a maior parte das igrejas de médio e grande porte, com um quantitativo entre quatrocentos e mil e quinhentos mil membros estão utilizando os serviços bancários mais avançados, como *picpay* e *pix*.

Nessa nova forma de administração, sob forte influência do modelo episcopal e mercantil, o controle financeiro se tornou muito mais rígido para aqueles que fazem parte do ministério, daqueles que dirigem as congregações (filiais), sendo obrigados a cumprir metas, não sobre o número de membros, mas de valores que deveriam ser enviados para a sede dessas igrejas. No mesmo instante em que a centralização nas mãos de uma única pessoa lhe dava plenos poderes para decidir sobre os rumos da denominação. Assim é que na Igreja

Universal do Reino de Deus, a maior autoridade é o Bispo Edir Macedo, a quem compete tomar todas as decisões. Na Igreja Internacional da Graça de Deus, o mesmo ocorre com o Pastor Romildo Ribeiro Soares, mais conhecido como Missionário R. R. Soares. O Bispo Robson Rodovalho na Comunidade Sara Nossa Terra; Cesar Augusto, na Comunidade Fonte de Vida; Juanribe Pagliarin, na Comunidade Cristã Paz e Vida; e o Apóstolo Agenor Duque e a Bispa Ingrid Duque, sua esposa na Igreja Apostólica Plenitude do Trono de Deus fundada em São Paulo, em 2006.

Esse comportamento acabou por influenciar as demais, e hoje a maioria das igrejas protestantes evangélicas, pentecostais e neopentecostais, estão intimamente ligadas à figura de um pastor presidente vitalício. Geralmente, esses pastores recebem como prebenda altos salários, chegando, em alguns casos, a cifras acima de 150 salários mínimos por mês. Tendo em vista que as igrejas pertencentes a esses grupos são, como já visto, frequentadas em sua maioria por pessoas com baixos salários, é de se admirar que esses líderes recebam tanto dinheiro. Sem considerar que esse dinheiro, em muitos casos, é recebido em espécie e não decorre nenhum tipo de desconto. Além disso há os ganhos adicionais, indiretos, como telefone celular, geralmente, sem limite de consumo, ajuda para pagamento de aluguel, mesmo os pastores residindo em imóveis próprios, veículos importados, alguns inclusive blindados, e em algumas igrejas de São Paulo e do Rio de Janeiro, os pastores têm à disposição para seus deslocamentos helicópteros e aviões.

O livro de Eclesiastes, capítulo 5, versículo 10 afirma que “quem amar o dinheiro jamais dele se fartará; e quem amar a abundância nunca se fartará da renda; também isto é vaidade”. Essa verdade é evidenciada na conduta dos “donos” das igrejas. Já não se lembram mais de textos como o conselho do apóstolo Paulo ao seu discípulo Timóteo na primeira carta a Timóteo, capítulo 6, versículo 8 de que “Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes” (I TM. 6:8). Pode-se dizer que a partir do momento em que as lideranças voltaram a atenção para o lado financeiro da igreja, o processo de desinstitucionalização aumentou significativamente, pois a cobrança por contribuições diversas e a entrega dos dízimos ocuparam o lugar mais importante nos cultos. Isso é tão evidente que existem em algumas igrejas um momento especial para as contribuições financeiras, e nesse momento são pronunciadas palavras que emocionam, são entoadas músicas que falam de prosperidade, incentivo para renunciar os bens materiais em favor da igreja, reservando-se um quarto do tempo do culto para essa atividade.

Outro aspecto que envolve muito dinheiro nas igrejas são as despesas com a construção de templos modernos, com equipamentos eletrônicos de última geração visando oferecer o que há de mais novo no mercado do entretenimento. Com isso, definitivamente, as igrejas abandonaram a simplicidade em suas reuniões. São telões, equipamentos de imagem e som e muitas luzes. Tudo isso evidentemente envolve altas somas. Em uma das igrejas pesquisadas, o pastor, para justificar as contribuições que solicitava, informou que o telão que a igreja utilizava, com mais de quinze metros quadrados, havia custado mais de R\$ 250.000,00 (duzentos e cinquenta mil reais). Uma filmadora, utilizada na transmissão do culto *on-line*, havia custado mais de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), equipamento considerado de última geração, iguais aos utilizados pelas maiores redes de TVs do país.

Percebe-se com essa pequena amostra que a questão financeira é hoje muito importante nas igrejas e passa a ser mais valorizada que atividades relacionadas ao evangelismo, às missões, à assistência social e à educação religiosa. Uma marca registrada das igrejas pentecostais históricas era a caixa de missões para as quais eram destinados um percentual dos dízimos e das ofertas para bancar o serviço de evangelismo, o envio de obreiros para propagação do Evangelho. Hoje, tanto a caixa de missões quanto o trabalho de evangelismo recebem pouca ou nenhuma atenção por parte das igrejas. Nada mais é destinado para essa finalidade e as igrejas preferem investir pesado na mídia para ter mais visibilidade e atingir mais pessoas.

Outro aspecto relevante é sobre a administração desses recursos. Um superintendente da Escola Bíblica Dominical, principal agência de ensino, de uma grande igreja, com mais de mil e quinhentos membros, que realiza cinco reuniões semanais, com uma entrada mensal de aproximadamente R\$ 180.000,00 (cento e oitenta mil reais), solicitou uma importância insignificante de R\$ 800,00 (oitocentos reais) para despesas com material pedagógico e teve seu pedido negado por não ser, naquele momento, a prioridade da igreja. Outra igreja, com menos membros em sua sede, mas com aproximadamente 140 filiais, cuja entrada mensal na tesouraria chega próximo aos R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais), recebeu o pedido de uma senhora para aquisição de um botijão de gás no valor de R\$ 72,00 (setenta e dois reais), no entanto esta teve seu pedido negado e ouviu do pastor que a igreja não poderia gastar dinheiro comprando o gás, pois tem prioridades maiores.

Em todo o território nacional existem casos como esses, em que os líderes estão dando mais valor ao acúmulo de dinheiro do que qualquer outra atividade que a igreja poderia exercer. O mau uso dos recursos financeiros em detrimento de necessidades

prementes foi o motivo alegado por muitos desigrejados para se tornarem desinstitucionalizados. Tal motivo fez com que muitos deixassem, inicialmente, de contribuir e, depois, de congregar. E como não poderia deixar de ser, as pessoas cujas contribuições na tesouraria são maiores são tratadas com privilégios e proteção, não lhes sendo exigido o comportamento que é exigido, por exemplo, de um membro menos aquinhoado, que contribui com um valor pequeno, ou que não contribui.

A realidade é que a maioria das igrejas valoriza mais o dinheiro que as pessoas. São inúmeras as críticas aos pastores das igrejas pentecostais e neopentecostais devido ao exagerado apelo para receber contribuições, dízimos, ofertas, deixando às vezes as pessoas constrangidas. Além disso, há também o comércio dentro das igrejas, com o oferecimento de produtos que vão de Bíblias a rifas, de aparelhos celulares a motos e automóveis, e sempre com muito constrangimento para que as pessoas os adquiram. No entanto nunca há prestação de contas sobre os valores arrecadados, ficando a igreja sem saber quanto e para onde foi o valor arrecadado. Muitos pastores não aceitam que dele seja exigida transparência sobre os valores que a igreja arrecada com dízimos, e pouco se sabe sobre o destino desse dinheiro. Mesmo considerando que a maioria dos cargos ocupados nas igrejas são preenchidos por voluntários, que não recebem nenhum tipo de ajuda financeira, com exceção dos tesoureiros que, em geral, são remunerados e, em alguns casos, nas igrejas maiores, os secretários também recebem alguma forma de pagamento.

3.5 A Teologia da Prosperidade

A Teologia da Prosperidade⁵⁸ e a Confissão Positiva⁵⁹ transformaram a forma de os neopentecostais encararem os bens materiais que fazem parte da vida.

⁵⁸ Teologia da Prosperidade ensina que quem tem fé em Deus terá muitas riquezas e sucessos materiais. Pobreza, doença e sofrimento são vistos como castigo de Deus por causa da falta de fé. A Bíblia diz que há coisas muito mais importantes que os bens materiais. A Teologia da Prosperidade é muito popular porque ensina que Deus vai fazer você ficar rico. Ser crente é uma troca comercial: você “investe” em Deus e Deus lhe devolve mais. Ensina que o crente tem direito a prosperidade material. O crente pode exigir bênçãos de Deus. Disponível em: <https://www.respostas.com.br/o-que-e-a-teologia-da-prosperidade/>.

⁵⁹ Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek Willian Kenyon. A expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “confissão positiva” se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão. ROMEIRO, Paulo. **Super Crentes** – o evangelho segundo Krenneth Hagin, Valnice Milhomesns e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

De acordo com o pensamento neopentecostal, com base na Teologia da Prosperidade, todo cristão tem o direito de exigir, de Deus uma vida próspera em todos os sentidos, mas, principalmente, em relação aos bens materiais que podem ser desfrutados neste mundo. Esse pensamento deu uma nova perspectiva para a vida cristã, que deixou de ter um caráter de renúncia à vaidade, um viver simples, para exigir que nesta vida possamos desfrutar de todas as benesses dos bens materiais. Isso faz com que os membros das igrejas pensem que vida espiritual bem-sucedida é uma vida em que não falte os melhores bens para serem desfrutados aqui e agora.

Os defensores da Teologia da Prosperidade se baseiam em textos como o de Mateus capítulo 19, versículo 29: “E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna” (MT. 19:29). Para eles, essa promessa deve ter seu cumprimento imediato, e todo cristão pode exigir que isso ocorra em sua vida já no presente.

A Teologia da Prosperidade, segundo Ricardo Mariano (2014):

A Teologia da Prosperidade baseia-se “nas crenças sobre cura, prosperidade e poder da fé”. Tais pressupostos estão presentes na mensagem religiosa, especialmente o tema “ser próspero”. Esse, de forma recorrente e em momentos diversos, é enfatizado pelos clérigos, através da mensagem falada em diferentes cultos e, por excelência, nos Cultos de Prosperidade Bíblica. A Teologia da Prosperidade é também enfatizada em diferentes pregações e testemunhos veiculados através de programas de rádio e televisão, em programas de igrejas adeptas da ICMD, conforme os dados coletados na pesquisa (MARIANO, 2014, p. 151).

Ainda, de acordo com Mariano (2014):

A teologia da prosperidade subverte radicalmente o ascetismo pentecostal. Promete prosperidade material, poder terreno, redenção da pobreza nesta vida. Ademais segundo ela a pobreza significa falta de fé, algo que desqualifica qualquer postulante à salvação. Seus defensores dizem que Jesus veio ao mundo pregar o Evangelho aos pobres justamente para que eles deixassem de ser pobres. Da mesma forma, Ele veio pregar aos doentes porque desejava curá-los. Deus não é sádico, tem grande prazer no bem-estar físico e na prosperidade material de seus servos. O contrário não tem respaldo nem sentido bíblico. Os reais servos de Deus não são nem nunca serão párias sociais. Durante muito tempo o diabo obscureceu a visão dos crentes a respeito destas verdades, mas agora, conscientes da ardileza satânica, eles começam a tomar posse das promessas divinas. (MARIANO, 2014, p. 159)

O que se pode perceber ao examinar os fundamentos da Teologia da Prosperidade é que seus defensores se aproveitam da condição de pobreza e miséria de boa parte da sociedade ocidental, e, no nosso caso, da sociedade brasileira, para apresentar esse ensino.

O Brasil é um país que vem, ao longo das últimas décadas, enfrentando problemas econômicos seríssimos, e boa parte da população vive na pobreza ou abaixo da linha da pobreza. As igrejas pentecostais e neopentecostais, reconhecidamente, são frequentadas majoritariamente, por representantes das classes C, D e E, o que significa que a maioria de seus membros sobrevive com baixos salários e/ou do subemprego. Sem considerar que o alto índice de analfabetismo ou de pessoas com pouca escolaridade contribui para as investidas de aventureiros dentro das igrejas.

Para entender a facilidade com que se pode influenciar a forma de agir das pessoas, basta olhar para o tipo de publicidade que muitas vezes é feito na mídia e com a panfletagem de igrejas que oferecem todo tipo de ajuda para que os indivíduos possam superar suas mazelas simplesmente indo às igrejas e fazendo menção delas diante de um pregador, um visionário que proferirá palavras capazes de ver materializados todos os desejos daqueles que ali comparecerem.

Além disso, a credence do brasileiro é potencializada quando as pessoas passam a frequentar igrejas pentecostais e neopentecostais que, com fortíssimo apelo emocional, fazem com que os fiéis acreditem em todo tipo de promessa, de modo que, quando uma dessas igrejas, das quais existem milhares no Brasil, publicam anúncio com um apelo igual ou semelhante ao anúncio a seguir transcrito, a resposta é imediata e dezenas e até centenas de pessoas acorrem às suas reuniões:

Meu amigo, se você está desempregado, com dificuldades financeiras, sofre de depressão, sente vontade de se suicidar, é atormentado pelo sentimento de solidão, seu casamento está destruído, a sua família está desunida, sofre de vícios de álcool, drogas (cocaína, crack, maconha, LSD, remédios controlados etc.), está com uma doença incurável e foi enganado pelos médicos, seja câncer, AIDS, sofre de dores constantes, já fez exames e os médicos não sabem diagnosticar o seu problema... Está com insônia, desejos homossexuais, perturbações espirituais (você vê vultos, ouve vozes, tem pesadelos, foi vítima de bruxaria, macumba, inveja ou olho grande), não dá sorte no amor, perdeu todo ânimo para viver... Saiba que o seu problema tem solução, nós podemos te ajudar! Participe das nossas reuniões de milagres e solução de problemas! E você verá a sua vida mudar complementarmente! Nós temos a solução para tudo que você está sofrendo!

Embora esse anúncio tenha sido apenas uma ilustração, existem milhares semelhantes a ele sendo espalhados nas ruas neste momento. Essa forma de apelo repercutirá na vida de muitas pessoas, que a atenderão, tendo em vista que essa é a condição em que muitos estão vivendo. E quando o Estado é omissivo, situações desse tipo ocorrem com mais frequência, pois a população não tem à disposição hospitais que possa atender a esse tipo de demanda. A educação básica pública é de baixa qualidade, e não oferece apoio aos que dela necessitam. Essas são, na opinião de vários pesquisadores, as principais razões para que esse modernismo na igreja prospere, e Romeiro (2005) lista o que, em seu modo de ver, vem contribuindo sistematicamente para o avanço desse ensino: a prática dinâmica e inovadora das igrejas neopentecostais, muita criatividade, liderança carismática, abandono das exigências exteriores referentes a usos e costumes, descontração durante a realização das reuniões e, principalmente, uso maciço da mídia.

Embora tenha surgido antes da Teologia da Prosperidade, a Confissão Positiva só tomou um impulso a partir da busca pelos bens materiais. A partir desse momento, estimulados pelo desejo de obter bens de consumo, adotaram a forma proporcionada pela Confissão Positiva, por meio da qual começaram a incentivar que as pessoas fizessem afirmações que possibilitasse o alcance das bênçãos que desejavam.

Conforme demonstrado em um dos inúmeros sites que abordam o tema, a Confissão Positiva pode ser vista da seguinte forma:

A Confissão Positiva, movimento que influencia igrejas neopentecostais, tanto no Brasil quanto no mundo, tem origem no século 19, quando Essek William Kenyon, nascido em 1867, passou a pregar influenciado pelas ideias de Finéias Parkhusst Quimby, conhecido como curandeiro e hipnotizador, além de fundador de uma corrente chamada “Novo Pensamento”. Os envolvidos na influência dessa corrente na pregação de Kenyon são Mary Baker Eddy, fundadora da Igreja da Ciência Cristã e introdutora de Kenyon a respeito das teses de Quimby, além de Charles Emerson, fundador da “Emerson School of Oratory” [...] onde o pregador Kenyon estudou e recebeu orientações de Charles Emerson. (CHAGAS, 2012, [S./p.])⁶⁰

E, segundo um dos mais ferrenhos críticos tanto da Teologia da Prosperidade, quanto da Confissão Positiva, ela é descrita da seguinte forma por Romeiro (1993):

⁶⁰ CHAGAS, Tiago. Confissão positiva: O que é e como funciona a teologia que prega prosperidade e saúde através do poder da palavra. **Gospel +**, 13 jan. 2012. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/confissao-positiva-teologia-prega-prosperidade-29281.html>.

Confissão positiva é um título alternativo para a teologia da fórmula da fé ou doutrina da prosperidade promulgada por vários televangelistas contemporâneos, sob a liderança e inspiração de Essek Willian Kenyon. A expressão “confissão positiva” pode ser legitimamente interpretada de várias maneiras. O mais significativo de tudo é que a expressão “confissão positiva” se refere literalmente a trazer à existência o que declaramos com nossa boca, uma vez que a fé é uma confissão. (ROMEIRO, 1993, p. 6)

Para aqueles que defendem esse tipo de conquista pelos evangélicos, afirmando que o crente deve ser bem-sucedido nesta vida, negar essa possibilidade é quase um sacrilégio, tendo em vista que, como filhos de Deus, temos o direito de possuir todas as coisas que Ele deixou à disposição dos homens, incluindo-se toda forma de bens materiais, tais como imóveis, automóveis, riquezas de forma geral, bons empregos e o direito de exigir de Deus quaisquer bens que sentirem vontade de possuir.

Na perspectiva da confissão positiva, qualquer crente pode, com o poder de suas palavras, diante de Deus, proferir uma bênção para sua vida, pois cada um é dotado desse poder e tem o direito de exigir de Deus o cumprimento de suas promessas sobre dar aos seus filhos o que eles pedirem. Para isso, baseiam-se em passagens bíblicas como as do Evangelho de Mateus, capítulo 21, versículo 22: “E, tudo o que pedirdes em oração, crendo, o recebereis” (MT. 21:22); João capítulo 15, versículo 16: “Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós, e vos nomeei, para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto em meu nome pedirdes ao Pai ele vo-lo conceda” (JO.15:16); João capítulo 16, versículo 23: “E naquele dia nada me perguntareis. Na verdade, na verdade vos digo que tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar.” (JO. 16:23).

Como as pessoas estão passando por situações financeiras complicadas, esse tipo de discurso atrai a muitos, mais com a intenção de se beneficiar financeiramente do que manter um relacionamento efetivo com Deus por meio da religião, infelizmente.

3.6 Secularização Religiosa

Secularização é um termo polissêmico e de difícil definição, mas Sell e Bruseke (2006), sem falar diretamente de secularização, dão uma ótima definição que facilita a compreensão do que se passa nas igrejas pentecostais e neopentecostais, nesse aspecto, e, mesmo não tendo intenção, deixaram o termo muito claro, como a seguir:

o que caracteriza a nossa época não é tanto a indiferença religiosa ou a descrença; mas, acima de tudo, o fato de que as crenças religiosas escapam ao controle das grandes igrejas e das instituições religiosas (SELL; BRUSEKE, 2006, p. 189-190)

Follmann (2007) também abordou o assunto, quando tratou da secularização encantada em uma palestra na Igreja Luterana sobre “O luteranismo no contexto religioso brasileiro”, como a seguir descrito:

Secularização é um processo que conduz, essencialmente, à afirmação da autonomia das realidades terrestres. Após tempos de distorções e ressecamentos, como efeito perverso da modernidade, de mais a mais, desperta a consciência de que essas realidades são complexas e cheias de encanto e de dimensão do eterno. Existe um novo encontro com o religioso, mediado pela liberdade de opção e não determinação institucional. Às vezes, as religiões, no afã de colocar-se a serviço dessa dimensão de encanto e do eterno, nas realidades terrestres, se apropriaram e apropriam de tal modo dessa dimensão que a sufocam, ressecam ou atrofiam. (FOLLMANN, 2007, p. 12)

Outra definição que também esclarece e abre os horizontes para compreensão da secularização foi apresentada por Dom Orlando Brandes, Arcebispo Metropolitano de Aparecida:

A secularização é um processo gradual de abandono, por parte do homem, da religiosidade na sua vida. Isto é, o seu modo de viver passa a ficar cada vez menos estruturado na visão e nos hábitos relacionados à religião. [...] “Secularização significa viver sem Deus, sem religião, porque século significa mundo. Secularização é um estilo de vida, uma cultura, um jeito de viver, sem fé, sem Deus, sem a dimensão espiritual da vida. Viver no mundo, no século e sem transcendência. A medida de tudo é o próprio homem, a razão humana”. (LOPES, [S./d.; s./p.]⁶¹)

⁶¹ LOPES, Rodrigo Herrero. Secularização: O que é? Características, causas e exemplos. **Gestão Educacional**. [S./d.]. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/secularizacao-o-que-e/>.

Caracterizado o processo de secularização, nota-se que as igrejas pentecostais e neopentecostais estão levando o homem a desvalorizar sua relação e dependência das instituições religiosas, as igrejas. Por conta desse desvalor atribuído a essas agências, privatizar a forma religiosa de viver e não a sujeitar à direção de outra pessoa (no caso, os líderes religiosos) é mais prático e elimina a figura do representante de Deus nessa relação e assim é que milhões de pessoas estão optando por se desinstitucionalizar, abandonando sua relação com as igrejas.

Isso vem ocorrendo com maior frequência a partir do momento em que a igreja foi transformada em um lugar de entretenimento, tendo necessariamente que diminuir o valor dos seus produtos. Pessoas foram trocadas por contribuições, vidas transformadas foram substituídas aglomerações, mas sem vida cristã. O que aliás fez com que um pregador afirmasse algo comprometedor no modo de vida religiosa daqueles que estão nos cultos: “as igrejas estão cheias de crentes vazios de Cristo”. Isso tem uma estreita relação com o apelo exagerado que se faz para que as pessoas venham para as igrejas, mas não são orientadas devidamente a fim de terem suas vidas transformadas pelo poder do Evangelho.

Para alcançar seus novos objetivos, passou-se a oferecer qualquer coisa em lugar do que deveria ser o produto original: a mensagem bíblica, e aquilo que era mais importante nas suas atividades foi transformado em algo de somenos importância. O santo quase dá lugar ao profano e, em vez de pregadores dedicados, comprometidos com o modelo de pregação expositiva da palavra, tiveram lugar profissionais da comunicação, apresentando mensagens antropocêntricas, de autoajuda, massageando o ego dos ouvintes, deixando-os felizes com sua forma de viver. O importante não é a relação do homem transformado com Deus, mas que se sinta bem consigo e não seja exigido nada dele, cumprindo o que Paulo disse a seu discípulo Timóteo em sua segunda carta, capítulo 4, versículos 3 a 7:

prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas. Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério. (II TM. 4:3-7)

Esses profissionais, distantes do comprometimento com a pregação bíblica, “a sã doutrina”, preocupados em atrair pessoas para as igrejas com promessas de milagres, solução de problemas, sucesso na vida profissional e retorno garantido de qualquer quantidade investida, estão prestando um péssimo serviço à igreja. Dizem que não existe um profeta que tenha vencido um concurso literário nem de popularidade com sua mensagem, pois a mensagem dele certamente não agradará à maioria. Mas se a igreja quiser se tornar protagonista na transformação das vidas para o reino de Deus, a pregação da mensagem não pode tornar barato aquilo que há de mais precioso.

O que vem a seguir, após essa mudança na comunicação da mensagem, é que aqueles que, ao observarem esse processo nas igrejas, perceberam que ela é dispensável, e a prática religiosa não necessita estar ligada a uma instituição, e aí começa o processo de secularização religiosa, afastando os frequentadores das reuniões e, mesmo encantados, como afirma Follmann (2007), seguem o seu próprio modo de ser religioso.

Essa situação de instabilidade religiosa comprova a tese da liquefação das instituições sociais de Bauman (2001), que aponta o processo de mudança que vem ocorrendo com a sociedade atual, liquefazendo-se em suas instituições, provocando mudanças nas áreas da sociedade que até recentemente eram muito sólidas.

O polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) foi um sociólogo, filósofo e professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia. É conhecido, entre tantos motivos, por ter desenvolvido o conceito sociológico de liquidez, tendo-o aplicado a diversos campos da sociologia. Em seu livro *Modernidade Líquida*, publicado no Brasil pela Editora Zahar, em 2001, Bauman faz esclarecimentos sobre o processo de transição de um comportamento social sólido para um comportamento mais instável “nos ajudando a entender e repensar os conceitos e esquemas cognitivos usados para descrever a experiência individual humana e sua história conjunta”. Escreveu também *Amor Líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos*, publicado no Brasil pela Editora Zahar, em 2004, e *Tempos Líquidos*, publicado no Brasil pela Editora Zahar, em 2007. Conforme afirma Basílio (2010)

Bauman é um sociólogo atual, que transmite sua percepção do mundo sem saudosismo. Neste sentido, em suas últimas obras tem empregado o termo "liquefação" ou "fluidez" como uma metáfora adequada para expressar o dinamismo do processo de transição entre a modernidade e a fase atual,

que o próprio Bauman prefere compreender como uma pós-modernidade. (BASILIO, 2010, p. 439)⁶²

A ideia de Bauman é a de que, principalmente nas últimas décadas do século XX, a cultura ocidental, que se manteve sólida durante séculos, passou por um processo de liquefação acelerado, com diversas mudanças ocorrendo em um ritmo cada vez mais frenético, restando a impermanência como a única permanência em sua dinâmica. Heráclito de Éfeso (540 a.C.) afirmava que “a única coisa imutável em todo o universo é a mudança”. Para Heráclito, tudo que existe está em transformação. Considerado o pai da dialética, chamou de “*devir*” a constante mudança do mundo.

Nesse sentido, diversas áreas da sociedade estariam sob a influência desse fenômeno de liquidez, desde os pilares mais centrais da civilização judaico-cristã até as relações afetivas entre as pessoas, como nos é apontado em *Amor Líquido* (2004).

Quando aplicamos o conceito de Bauman à esfera da espiritualidade e religiosidade humana, percebemos que, de certo modo, ele também se encontra presente nesses campos.

A religião, que tem sido desde os primórdios da organização social da humanidade um porto seguro para muitas pessoas, tem sucumbido também, em boa parte, à “liquidez” de nosso tempo e ao mercado de consumo, não resistindo aos anseios daqueles que participam das atividades em diversos nichos religiosos. Neste trabalho, abordaremos essa influência somente nas igrejas pentecostais e neopentecostais.

Quando analisamos, por exemplo, a situação do cristianismo no Brasil, especialmente o protestantismo, percebemos esse fenômeno com nitidez.

Ora, durante séculos o Brasil foi uma país de sólida tradição católico-romana. E, embora as igrejas protestantes tenham chegado no Brasil ainda no século XIX, tiveram pouca influência no cenário religioso durante as primeiras décadas do século XX, e reforçada pela chegada dos pentecostais, principalmente pelo predomínio da Igreja Católica tanto nos aspectos sociais quanto políticos até então.

Essa situação, contudo, começou a se modificar com o crescimento das igrejas pentecostais a partir do avanço principalmente da Igreja Assembleia de Deus nas regiões Norte e Nordeste do país, mas foi quando chegaram à Região Sudeste, a partir do final da década de 1930, que isso se tornou mais evidente. Num curto período de tempo, as

⁶² BASILIO, Marcio Pereira. Tempos Líquidos. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 23, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000100016.

denominações, como Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, tiveram um crescimento vertiginoso, que logo começou a relativizar a hegemonia romana. Muitos adeptos do catolicismo abraçaram o culto evangélico como nova profissão de fé.

A situação durante as cinco ou seis primeiras décadas do século XX se manteve, entretanto, com certa estabilidade, com a cristandade brasileira orbitando entre evangélicos pentecostais e católicos romanos, em sua maioria.

Porém, e agora já refletindo a ideia de liquidez de Bauman, a partir do fim da década de 70 do século passado, surge com vigor no Brasil o movimento neopentecostal, cuja principal característica é a liquidez institucional e organizacional. Ademais, seu caráter faccioso reforça as ideias do sociólogo polonês no campo religioso brasileiro.

A partir dos movimentos neopentecostais, o que se viu no Brasil foi uma migração constante de membros indo de uma denominação à outra. Agora não apenas católicos romanos migrando para as igrejas neopentecostais, mas também os próprios evangélicos.

Mais recentemente, ainda no frenesi neopentecostal, mercado que se diversifica continuamente, há uma constante troca mesmo entre os próprios pentecostais e neopentecostais, que disputam avidamente um mercado cada vez mais exigente de “clientes espirituais”, sendo certo que a permanência e a existência de uma comunidade efetiva e sólida são cada vez mais raras nas comunidades cristãs brasileiras.

Quando não é a constante migração interdenominacional a grande responsável pela liquidez institucional no Brasil, o recente fenômeno dos “desigrejados” ou a desinstitucionalização religiosa, ou seja, cristãos que já não se identificam com nenhuma denominação ou seguimento cristão específico, surge também para reforçar a ideia de impermanência, que tem sido uma marca cada vez mais constante no cenário religioso eclesial brasileiro. Portanto, fundamenta, de forma clara, o conceito que nesta tese atribuímos ao processo que denominamos de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*.

3.7 A Confissão Positiva

Confissão Positiva é uma prática desenvolvida nas igrejas pentecostais e neopentecostais como forma de estimular as pessoas e obterem aquilo que desejam em qualquer área de suas vidas. Assim, por meio da Confissão Positiva, o indivíduo declara o que quer com base em algum texto isolado da Bíblia e tudo se realiza ou deveria se realizar. Alguns exemplos de textos utilizados para justificar o pedido são os que se encontram em

Mateus, capítulo 21, versículo vinte e dois: “E, tudo o que pedirdes em oração, crendo, o receberéis” (MT. 21:22); João, capítulo 14, versículo 13: “E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho” (JO. 14:13); Efésios, capítulo 3, versículo 20: “Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera” (EF. 3:20); primeira carta de João, capítulo 5, versículo 15: “E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos” (I JO. 5:15).

Dessa forma, os adeptos da Confissão Positiva entendem que podem obter bens materiais e espirituais com base nessas promessas, pois esses e outros textos lhes conferem autoridade para confessar o que pretendem obter, e isso lhes será concedido.

Ainda de acordo com a Confissão positiva, a pessoa “confessa” que tem aquilo que quer ter, e assim será feito. A Bíblia não ensina a Confissão Positiva. Esse movimento teve início em algumas igrejas neopentecostais que naquele momento iniciavam suas atividades, a partir da década de 1970, numa estreita relação com a Teologia da Prosperidade. Vale ressaltar que a Confissão positiva se baseou numa interpretação alegórica da Bíblia, em que o intérprete das Escrituras pode “encontrar” quase qualquer coisa que quiser no texto bíblico. A partir daí começaram a ensinar que podemos exigir que Deus nos dê o que queremos pela simples invocação das palavras da Bíblia.

O movimento, embora esteja profundamente enraizado nas igrejas neopentecostais, surgiu nas igrejas reformadas históricas: Igreja Presbiteriana Renovada, em 1975; Igrejas Pentecostais Livres: Sinais e Prodígios, fundada em 1970, e Socorrista, em 1973. A partir daí, igrejas com pouca ou nenhuma estrutura eclesial, com pastores sem nenhuma formação teológica, com uma direção estabelecida com base na autoridade de uma única pessoa, como a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, as Comunidades em diversas localidades e outros movimentos originados inclusive no âmbito da Igreja Católica Romana aderiram a esse tipo de mensagem.

Na esteira da Confissão Positiva, surgiram outros movimentos de menor expressão, mas que ajudaram a atrair pessoas sempre na expectativa de obter favores e bênçãos de maneira mais fácil. Entre esses movimentos destacam-se – Evangelho da Saúde e da Prosperidade, Quebra de Maldições, Quebra de Maldições Hereditárias, Quebra de Maldição de Família e Pecado de Geração. Por trás desses movimentos há sempre alguém com boa capacidade persuasiva, que se aproveita da carência e da ingenuidade dos fiéis para apresentar suas propostas. Todos eles, sem nenhuma base exegética bíblica ou qualquer base

teológica consistente, ensinam lendo nas cartilhas de pregadores como Essek William Kenyon, considerado o pai desses ensinamentos e de seus principais discípulos, Kenneth Hagin (recentemente falecido), Marilyn Hickey, Kenneth Copeland, Robert Schüller, Benny Hinn, Jorge Tadeu, Joyce Meyers e Valnice Milhomens.

3.8 A Banalização da Mensagem: um breve histórico

Após analisar a história da igreja percebe-se que ela passou por vários estágios e várias mudanças desde sua instituição, conforme descrita no Evangelho de Mateus, capítulo 16, versículos 18 e 19:

Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus. (MT. 16:18-19)

Com base nesse princípio de liderança e orientação apostólica, a igreja se estabeleceu e se espalhou até os confins da terra, propagando a mensagem evangelística ordenada por Jesus, conforme o Evangelho de Mateus, capítulo 28, versículos 18 ao 20:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século. (MT. 28:18-20)

Cumprindo essa determinação, os cristãos, espalhados pelo Império Romano e sob a ação evangelizadora e apostólica de Paulo (São Paulo), principalmente, mas contando com um número grande de colaboradores, como Pedro (São Pedro), Timóteo, Barnabé, Tito, Silas, Apolo, Áquila e Priscila, Lucas e muitos outros, abriram igrejas em diversas províncias e cidades do império (GONZALES, 2011).

Durante todo esse período, os cristãos foram duramente perseguidos pelos judeus, que tentaram de todas as formas extirpar a nova religião que surgia no seio do judaísmo, ainda que os judeus não considerassem o cristianismo uma nova religião, mas uma seita dentro do judaísmo tradicional. Essa situação de perseguição prevaleceu nos primeiros anos

de expansão da igreja, mas diminuiu sensivelmente, após a destruição de Jerusalém, no ano 70 d.C.

No período apostólico e no período patrístico⁶³ a perseguição mais severa se deu a partir do governo do imperador Nero, prosseguindo até o governo de Deocleciano, no início do século IV. A igreja sofreu as mais severas perseguições impostas pelos imperadores romanos. A esse período podemos chamar de período de sofrimento, perseguições, martírio dos cristãos, mas de estabilização da igreja de crescimento, pois os cristãos chegaram a todos os lugares dentro do Império Romano, literalmente o mundo inteiro.

A situação melhorou para os cristãos com o episódio envolvendo o imperador Constantino que, por se julgar inspirado por um sinal no céu, tornou-se adepto do cristianismo. Posteriormente, o imperador Teodósio oficializou o cristianismo como religião do império. A partir daí, por quase dois séculos, os cristãos puderam viver em paz.

Do século V até início do século XVI, a igreja caminhou paralelamente à igreja oficial, com comando central sediado em Roma, após a implantação do papado. Nesse período não se pode dizer que a igreja esteve tranquila, mas as perseguições eram diferentes daquelas impostas nos primeiros séculos e durante os duros anos de perseguição dos imperadores, mas foram inúmeros os cristãos que, sob acusação de heresia, foram condenados à morte.

Esse caminhar paralelo da igreja com a igreja de Roma continuou do início da Idade Média até a Reforma Protestante, pois com a Reforma ocorreu a ruptura entre os reformadores e a igreja em Roma e, desta vez a igreja reformada sofreu, mas não o mesmo tipo das perseguições anteriores.

Pode-se dizer que, desde a Reforma, a igreja enfrentou diversas divisões, com o surgimento de grupos dissidentes dentro da própria igreja reformada. Os primeiros foram os anabatistas que, naquele momento inicial da reforma, já sugeriam uma reforma mais ampla

⁶³ Os santos Padres ou os pais da igreja foram os corajosos e sábios pioneiros da difusão do Evangelho, da sua apresentação bem adaptada para a vida dos fiéis e das comunidades, nos primeiros séculos do cristianismo. Eles inauguraram o diálogo com as formas de pensamento e com as correntes filosóficas de seu tempo e realizaram, de maneira exemplar, a primeira e bem-sucedida inculturação do Evangelho. Assim se realizava a consolidação da Igreja na fidelidade criativa ao seu divino fundador, na docilidade ao Espírito de amor e de santidade e na estima dos grandes valores culturais, éticos e espirituais da humanidade. Os primeiros pais da igreja, os santos Padres — Clemente de Roma, santo Inácio de Antioquia, são Policarpo de Esmirna — prolongaram o labor dos apóstolos, organizando e estruturando as comunidades eclesiais. Com zelo e inteligência, esses pastores e doutores dotavam a jovem Igreja com os elementos e recursos necessários para que o Evangelho, os sacramentos, os ministérios pudessem estar presentes e bem ajustados ao mundo de então.

e radical.⁶⁴ Contudo, a igreja reformada se desenvolveu na Europa e rapidamente se espalhou – inicialmente foi para os Estados Unidos e de lá para outras partes do mundo.

Com o crescimento da igreja reformada e as insurgências ocorridas, a igreja foi se diversificando, cada uma seguindo suas próprias formas de culto e *modus operandi* e, em pouco tempo, a igreja resultante da reforma estava dividida. A primeira dessas divisões foi entre os luteranos, calvinistas e anabatistas, mas a partir do momento que a igreja reformada conquistou novas terras em cada lugar, algo novo aconteceu. Foi assim que nos Estados Unidos surgiu, no final do século XIX, o pentecostalismo que, rapidamente, foi adotado por outras igrejas e assumiu a vanguarda na evangelização, com um intenso trabalho missionário na América Latina, na Ásia (incluindo o extremo oriente), na África e na Oceania.

No Brasil, como já foi mostrado, os pentecostais chegaram vindo dos Estados Unidos, com a Igreja Congregação Cristã no Brasil e, posteriormente, com a Igreja Assembleia de Deus, no início do século XX. Se antes do início do movimento pentecostal já havia divisões dentro da igreja reformada, com o pentecostalismo essas divisões aumentaram significativamente, mas a principal subdivisão do pentecostalismo foi o surgimento do deuteropentecostalismo, também chamado de *segunda onda do pentecostalismo*, nos anos 1950, e o neopentecostalismo nos anos 1970, ou *terceira onda do pentecostalismo*, conforme Mariano (2014). Esses novos ramos do pentecostalismo, modificaram de forma intensa as formas de culto e sobretudo as mensagens que passaram a ser e são pregadas nas igrejas hoje.

A mensagem pregada nas igrejas reformadas obedece fielmente ao princípio regulador do culto e aos pilares da Reforma Protestante, conforme Schwertley (2001), cuja prioridade sempre foi a exposição da palavra de Deus, a Bíblia. As igrejas deuteropentecostais, introduziram instrumento musicais e grupos de cânticos, a mensagem deixou de ser expositiva para dar lugar à mensagem temática e a exposição bíblica deixou de existir. Os cultos ficaram mais dinâmicos, a liturgia foi alterada com brados de aleluia, glória a Deus, mais fervor nas orações, glossolalia ou xenolalia, suprimiram o formalismo,

⁶⁴ Os anabatistas formaram um grupo caracterizado pela rejeição do batismo em idade infantil. Eles alegavam que os indivíduos deveriam ser batizados na idade adulta, pois assim estariam aptos e maduros para fazê-lo. Os anabatistas se associaram ao movimento luterano, já que viam nele uma força aliada na subversão das premissas católicas. A principal proposta anabatista consistia na reivindicação do modelo igualitarista da Era Apostólica. Com isso, almejavam a partilha das riquezas que estavam sob a posse de aristocratas abastados e de clérigos. Essa reivindicação partiu, inicialmente, de nobres de baixo prestígio social, isto é, cavaleiros que não tinham propriedades e nem heranças de valores vultosos. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/anabatistas-as-revoltas-seculo-xvi.htm>.

característico dos cultos reformados, consagraram pastores leigos para dirigir as igrejas e muitas pessoas comuns foram colocadas na direção e liderança dos trabalhos.

Mas as grandes mudanças chegaram por meio das igrejas neopentecostais, nas quais praticamente não existem pregações, pois introduziram elementos novos na liturgia dos cultos – declarações de bênçãos, unção dos presentes a fim de alcançarem as bênçãos prometidas pela Teologia da Prosperidade e pela Confissão Positiva. Introduziu-se o uso de elementos novos, muitos deles com fortes ligações aos serviços de adoração do judaísmo, como o *shofar*, o *Quipá*, o Candelabro, Óleo de Unção, Estola Sacerdotal, Colarinho Clerical, o manto sacerdotal, o *gazofilácio* para recolhimento de ofertas, por exemplo. Nas igrejas neopentecostais, inclusive, em alguns casos, os paramentos do culto judaico são utilizados pelos pastores.

Não foram essas alterações, entretanto, que influenciaram nas mudanças da mensagem das igrejas pentecostais e neopentecostais, e sim a transformação do culto e da mensagem em um serviço de entretenimento, de descontração. É comum nas igrejas a presença de um *stand up comedy*, um *coach*, e pessoas especializadas em apresentações de palestras motivacionais. Essas inovações prejudicaram as mensagens, pois aquilo que deveria conduzir as pessoas a uma mudança de comportamento, passou a diverti-las. Em vez de as pregações chamarem a atenção das pessoas por conta de seus pecados, passou a entretê-las e, com isso, seu conteúdo foi banalizado.

O ambiente de muitas igrejas pentecostais e neopentecostais, inclusive, passou a ter a configuração de uma casa de espetáculo, com luzes, cores e estruturação tornando-o mais adequado à apresentação de um espetáculo de diversão, um show, em vez de um culto mais solene. As pregações nas igrejas pentecostais são sempre encerradas com um convite, parte essencial da mensagem para que as pessoas que estão participando como convidadas possam também fazer parte da igreja. Aqueles que aceitam o convite, recebem as primeiras orientações, bíblias e agenda da congregação; e nas igrejas neopentecostais, esse convite para uma mudança de postura na relação da pessoa com Deus e com a igreja deu lugar a um convite para uma reunião social para uma conversa e discussão de algum tema de interesse do grupo e, em muitas igrejas, não se faz mais nenhum tipo de convite, deixando a decisão à escolha da própria pessoa.

Essa banalização da mensagem tem feito com que muitas pessoas considerem a igreja mais como um lugar de terapia, descontração e entretenimento do que um lugar onde ela possa desenvolver uma nova relação com Deus. O culto resume-se a um conjunto de regras

mágicas, que devem ser seguidas para que as forças divinas sejam imediatamente movidas em favor dos interessados, e o ensino bíblico consistente deu lugar a histórias triunfalistas, descontextualizadas da palavra de Deus. A adoração deu lugar a shows e a formas estereotipadas, sem nenhuma conexão com a mensagem do Evangelho, mas que incentiva as pessoas a brincarem de fugir da realidade até que elas acordem na segunda-feira para enfrentar uma nova semana com os mesmos dilemas.

Ao que parece, como a maioria das instituições, as igrejas pentecostal e neopentecostal devem refletir sobre o seu papel na sociedade, repensar a maneira como elegem as pessoas que vão ocupar cargos de direção a fim de que não vivam de vender ilusões, pois as pessoas não podem viver de ilusões. Disso somente vivem os imaturos ou doentes. Infelizmente a igreja pentecostal brasileira está doente, conforme afirma Araújo (2014).

O psicoterapeuta suíço e pastor da igreja reformada Paul Tournier, autor de vários livros dedicou o seu livro “Mitos e Neuroses” aos seus filhos Jean-Louis e Gabriel e à geração jovem de seu tempo, pedindo “perdão por lhe haver legado um mundo tão enfermo”.

Duas observações são necessárias. O mundo não estava doente só na época em que Tournier escreveu o livro (1947). O mundo sempre esteve enfermo. Basta ler os muitos volumes da história. A outra observação é que para tratar de um mundo doente, nada melhor do que uma Igreja saudável. Acontece, porém, que a Igreja está tão doente quanto o mundo, embora em seu seio haja várias e bem-aventuradas ilhas de resistência. Em vez de ser a luz do mundo e o sal da terra, a Igreja deixou-se contagiar com o mundo. (AMARAL, 2013, [S./p.])⁶⁵

Pode-se supor que, de todas as atividades desenvolvidas pelas igrejas evangélicas, nenhuma delas é mais importante do que a pregação, pois para isso a igreja foi instituída, de acordo com o ensino das Escrituras, e qualquer coisa que seja menos que isso é um desvio dos propósitos e da conduta daquela que foi criada para ser uma das mais importantes instituições a serviço dos filhos de Deus.

⁶⁵ AMARAL, Paulo Cesar. A igreja está tão doente quanto o mundo. **Revista Ultimato**. 2013. Disponível em: <https://www.pcamaral.com.br/2013/11/a-igreja-esta-tao-doente-quanto-o-mundo.html>.

3.9 A Troca do Essencial pelo Supérfluo

Desde os primeiros dias da igreja, ela tem passado por dificuldades decorrentes de sua postura em relação a Deus e à sua palavra. No entanto, nos últimos dias ela vem enfrentando uma nova forma de crise. Trata-se de um problema interno, provocado pela ação daqueles que querem colocar o Evangelho a um preço muito baixo. Pregam um Evangelho que não exige nada e oferece tudo, enriquece as pessoas e fecha os olhos para os erros que essas mesmas pessoas cometem.

Na obra *Por que amamos a igreja*, DeYoung e Kluck (2010) agrupam em quatro categorias as razões pelas quais as pessoas estão deixando de congregar:

Razão missiológica. Para esse grupo, a igreja deixou de exercer o seu papel no Reino de Deus, parou de crescer, estagnou e não exerce nenhuma influência na sociedade. Os jovens, após a conclusão do ensino médio, têm demonstrado ser o ponto crítico de abandono das igrejas. A igreja fechou os olhos para os problemas sociais da comunidade ao seu redor. “A verdade nua e crua é que a igreja falhou”. É necessário que algo seja feito para resolver essa lacuna deixada pela igreja, pois esta deixou de cumprir seu papel em decorrência de sua visão mercantilista.

Não restam dúvidas de que a igreja, ensimesmada, não tem dado a devida atenção ao que acontece com a sociedade em seu entorno; tornou-se egoísta, busca apenas seus interesses, não importa o preço a ser pago para isso, podendo ir desde uma programação voltada para pequenos grupos em seu interior até as negociatas em tempos de eleição, a fim de obter lucros financeiros e prestígio para seus membros, principalmente os componentes da cúpula. Isso se torna evidente com o número de evangélicos dos segmentos pentecostais e neopentecostais que vem ocupando cargos de comissão no Executivo municipal, estadual e nacional.

Razão pessoal. Nesta categoria se encontram aqueles que acham que a igreja parou no tempo, mas não no sentido de evangelizar, atentar para os que estão à sua volta, mas “porque seus líderes são ultraconservadores, hipócritas, misóginos, homófobos e julgadores”. Para essa categoria, a questão da igreja é de imagem – ela tem causado constrangimento para seus membros diante da sociedade em função desse retrocesso de seus líderes. Dessa forma, a igreja se tornou ditadora, impondo sobre seus membros pesadas cargas e exigindo comportamentos que já não fazem parte da sociedade pós-moderna. Por conta dessa visão retrógrada, os cultos se tornaram maçantes, os sermões não têm nenhum

atrativo e os pastores querem apenas massagear o ego daqueles que fazem parte de suas panelinhas a fim de manterem o *status quo*.

Os que são participantes das igrejas pentecostais e neopentecostais há mais de trinta anos já viram todas essas coisas acontecerem, pois a partir do momento que a preservação da posição e do “emprego” se tornou mais importantes que a condução do rebanho de Deus, os líderes se perderam e trocaram o ministério por qualquer coisa que aumentasse seu prestígio. Numa conversa com a direção de uma grande Assembleia de Deus, ao ser indicado para pastoreá-la, o indicado destacou como questão mais importante para tomar sua decisão de aceitar ou não a indicação (que já era um privilégio) qual seria a renda mensal daquela igreja, visto que, do montante, ele teria direito a retirar como prebenda até 30%, além de receber ajuda para manutenção e combustível do automóvel, pagamento do aluguel do imóvel residencial que passaria a ocupar, telefone celular e eventuais despesas com passagens aéreas para participar de reuniões convencionais fora de sua cidade. Ao saber que a renda não lhe asseguraria mais que R\$ 8 mil de prebenda, sua resposta foi não. Note que em nenhum momento se levou em consideração a importância do pastorado daquela comunidade, mas o lucro decorrente do trabalho.

Em outra situação, um pastor foi indicado para uma igreja de médio porte, que passava por situação financeira difícil em função da divisão que havia acontecido com a saída de um dos líderes há alguns anos. O novo pastor não conseguira recuperar financeiramente a igreja, e como não poderia continuar à frente da igreja, por questões particulares, indicou um novo pastor que, ao saber que a igreja não teria condições de manter sua prebenda desejada, simplesmente disse que não queria assumir a direção daquele trabalho.

Razão histórica. Para os participantes dessa categoria, tudo o que se realiza na igreja hoje não passa de uma caricatura do idealizado para a igreja no primeiro século. Para eles, sermões, prédios, pastores, liturgia, ofertas e tudo o mais que é realizado durante um culto não tem nada com a igreja verdadeira criada no período apostólico. O que existe hoje é uma superinstitucionalização do que chamamos de cristianismo. Considerando as mudanças havidas na igreja após a morte dos apóstolos, seguidas pelas promovidas pelos pais da igreja, e quando da conversão do Imperador Constantino, em 312, e, posteriormente, com a oficialização do cristianismo no Império Romano por Teodósio, o fato é que a igreja ocidental se tornou corrupta com registro ao longo dos anos de atrocidades sem medidas

cometidas ao longo dos séculos, o que levou Karl Marx, repetir uma frase que hoje é atribuída a ele “a religião é o ópio do povo”.

Historicamente, alega-se que a igreja tem sido um fracasso ao longo dos séculos, e somente uma nova maneira de organizar o cristianismo poderá construir o reino, principalmente com a participação efetiva daqueles que têm opiniões diversas dos que estão na direção pode fazer alguma diferença.

Razão teológica. Essa categoria alista aqueles que consideram como gravíssimas as críticas bíblica e teológica levantadas contra a igreja. Para essa categoria, a igreja é, na verdade, a reunião de duas ou três pessoas que confessam a Cristo no mesmo lugar. “Ser parte da igreja não significa mais que dizer que amamos Jesus e as pessoas” (DEYOUNG; KLUCK, 2010, p. 17).

A igreja, com seu formalismo organizacional, hierarquização do ministério, pragmatismo e cultos em determinados dias definidos da semana, não tem nenhuma identidade com a orientação bíblica. A transformação da igreja em pequenos impérios foi a pior mudança havida no meio do povo de Deus, e a única forma de voltar ao primitivismo do cristianismo é promover uma ruptura com todo esse aparato humano que assumiu o lugar da igreja.

Campos, (2017) se propôs a contribuir para a discussão do tema em sua obra, afirmando que faria sua abordagem sob duas categorias: “decepcionados com a liderança e críticos do *modus operandi* da instituição”.

Na primeira categoria – *decepcionados com a liderança* – ele se reporta ao trabalho apresentado pela jornalista Marília de Camargo Cesar (2009), no qual ela descreve as decepções e frustrações de frequentadores de igrejas que se tornaram desigrejados.

Cesar (2009) inicia sua exposição relatando a motivação que a levou a se interessar pelo tema, descrevendo sua própria experiência negativa para, em seguida, apresentar várias outras. No caso mais emblemático, faz referência a um senhor de meia-idade que desenvolvia uma sólida carreira profissional, formado pela Universidade de São Paulo (USP), empolgado com a experiência cristã em uma igreja, abandonou a carreira e passou a colaborar com uma instituição de ensino na própria igreja em que se tornara membro; após algum tempo, percebeu que estava sendo profundamente explorado, e decepcionou-se ao perceber o comportamento daqueles que deveriam ser exemplos de vida cristã.

O segundo caso narrado pela autora não é menos constrangedor, pois se trata de um advogado, também formado pela USP, que abandonara a advocacia para servir como

funcionário da igreja que passara a frequentar. Ele voltou para a igreja após ter passado algum tempo fora (havia congregado quando criança). A experiência desse advogado foi decepcionante, pois percebeu que aquelas pessoas que deveriam manter um comportamento exemplar para os membros da igreja demonstravam o contrário. Conta, por exemplo, que por falar bem o inglês, era convidado a viajar ao exterior com o pastor para servir de intérprete, e via a maneira como aquele líder ostentava e abusava dos gastos na compra de produtos caros enquanto ele sobrevivia com um pequeno salário pago pela igreja como funcionário.

Esse mesmo senhor ainda menciona que, em uma das viagens ao exterior, estava com pouco dinheiro quando o pastor pediu de presente algo que custaria quase todo o dinheiro que havia levado, e foi constrangido a comprar o presente sob a alegação de que se abençoasse o pastor, também seria abençoado por Deus. A esposa desse jovem senhor, constrangida com a situação, pois não concordava com a subserviência do marido ao pastor tão esnobe, decidiu pôr fim ao seu casamento. Todos esses constrangimentos resultaram em frustração, decepção e afastamento da igreja.

Além desses, há outros casos de abusos dos quais foram vítimas membros de diversas igrejas pentecostais e neopentecostais narrados pela autora, e todos de alguma forma se relacionam com arrogância, despotismo e péssimos exemplos de lideranças mostrados por pastores, bispos e apóstolos. Casos nos quais membros bem posicionados socialmente abandonaram suas carreiras para se dedicarem ao serviço das igrejas e, quando dela precisaram, foram por ela traídos. Como a jornalista que deixou seu trabalho profissional para se dedicar ao serviço da igreja, e quando se viu em dificuldades financeiras e pediu uma remuneração pelo serviço prestado, além de ter seu pedido negado, foi orientada que o seu trabalho deveria ser voluntário, sem visar a lucros financeiros.

Na segunda categoria estão os críticos com o *modus operandi* da igreja entre os quais se encontram aqueles que, segundo Campos (2017), consideram a igreja uma instituição ultrapassada, longe do modelo estabelecido por Cristo e propagada pelos apóstolos. Viola e Barna (2005) afirmam que a igreja atual age sob o signo do paganismo, de onde tirou a maioria de suas práticas litúrgicas. Nessa concepção, em vez de uma instituição capaz de mudar a situação das pessoas envolvidas no pecado, afastada de Deus, surge uma entidade pecadora e preocupada em manter o *status quo* dos seus dirigentes. Se você olhar essa igreja, verá a seguinte imagem, de acordo com DeYoung & Kluck (2010), é uma instituição que está muito longe dos seus propósitos, sua liderança é comprometida com o pecado e corrupta

e as pessoas que as frequentam são infelizes. Os cultos são frios, desconectados com a realidade, as músicas são mundanas, cujo propósito é muito mais de entreter do que despertar as pessoas para um momento de adoração e louvor a Deus. A congregação como um todo é passiva, ultraconservadora, de maneira que a coisa toda faz sentir medo.

Nessa mesma linha de raciocínio, aparecem muitos outros autores questionando o modelo atual da igreja e apontando os seus erros. Nessa lista, destacam-se Frank Viola e George Barna (2005), autores do livro “*Cristianismo pagão? A origem das práticas de nossa igreja moderna*”, que denunciam os desvios que a igreja vem cometendo, afirmando que sua liturgia e suas práticas nada tem daquilo que foi ensinado por Cristo ou pelos apóstolos, mas foram agregados do paganismo e do helenismo.

Viola e Barna (2005) não concordam, por exemplo, com o exagero que os pastores dão à construção de templos modernos; à ordenação de ministros, com base em cursos teológicos oferecidos por instituições, tendo em vista que esse não é um modelo bíblico de eleição de homens para a obra de Deus. Os autores afirmam que os pastores, que tinham mais um papel de administradores da igreja, recebiam a chamada com base em dons espirituais, e não em formação teológica e escolha de homens. Outro fato apontado por eles como um equívoco da igreja moderna são os sermões apresentados pelos pastores. Eles afirmam que em nenhum momento nas Escrituras esse foi o modelo de pregação apresentado nas igrejas, e nem mesmo no Velho Testamento – quando os profetas se dirigiam ao povo, faziam uso desse tipo de mensagem, mas suas palavras eram sempre contextualizadas, e não sistematizadas como são as mensagens de hoje.

Outro crítico ferrenho do *modus operandi* da igreja institucionalizada é George Barna, fundador, como já foi dito do *Barna Research*, com sede na Califórnia, EUA. Barna publicou, em 2005, nos EUA, o livro “*Revolution*”. No Brasil, o livro foi publicado com o título de “Revolução”, em 2007, no qual faz as seguintes considerações: a igreja, no passado, enfrentou várias fases, as quais ele denomina “era”, como a “Era Apostólica, a Era dos Mártires, a Era dos Pais do Deserto, o Período Místico, a Reforma Protestante, o Grande Despertamento e a Era Missionária, mas agora se desenha uma nova era na igreja a Era Revolucionária”. Barna chama de Era Revolucionária o momento que a igreja enfrenta, o qual passa por uma verdadeira revolução, com a postura daqueles que, descontentes com os rumos que a igreja está tomando, decidiram promover essa revolução, e afirma que, no seu tempo, Jesus Cristo foi o maior revolucionário, e os revolucionários de hoje devem agir nos mesmos moldes de Jesus.

Para Barna, existem três motivos pelos quais as pessoas estão se tornando desigrejados ou abandonando as igrejas:

Primeiro, diz respeito à adoração – a igreja se tornou o único lugar de adoração e, de cada dez pessoas na igreja, apenas oito sentem que entraram na presença de Deus no período de adoração, quando, na verdade, as pessoas que vão às igrejas não estão interessadas na adoração, e sim em obter “experiências” místicas.

Segundo, com respeito ao testemunho pessoal – afirma que a maior parte dos cristãos não levará uma pessoa sequer a conhecer ou se relacionar com Jesus Cristo, e poucos crentes oram pela conversão de alguém; não o fazem por achar que a evangelização deve ser feita apenas por pessoas que têm um dom especial.

Terceiro, o modelo de vida cristã – ele afirma que apenas 9% dos que se declaram nascidos de novo entendem e aceitam uma moral absoluta contida na Bíblia e que os demais 91% possuem uma perspectiva fragmentada acerca dessa moral absoluta e das declarações centrais como a de que Jesus viveu sem pecado e que o único meio de salvação é a justificação pela fé.

Para esse grupo que discorda do *modus operandi* da igreja, a solução para o problema está em voltar ao cristianismo primitivo, época das igrejas nos lares, pois foi esse modelo de igreja de conquistou o Império Romano. Para esse grupo, a igreja necessariamente terá que passar por uma Nova Reforma que vá além de uma reforma teológica, como a promovida por Martinho Lutero. Essa reforma deverá ser estrutural, alterando todo o modo de proceder das igrejas evangélicas, tornando-as mais comprometidas com a realidade social do momento. Esse grupo entende que, quanto mais a igreja se afastar do ideal para o qual ela foi estabelecida, tanto mais perderá sua eficácia. A igreja precisa entender que os tempos são outros e que não será com a imposição que obterá êxito, mas com uma visão voltada para aqueles que a buscam na tentativa de solucionar os seus problemas.

3.10 A Indiferença e a Arrogância das Lideranças nas Igrejas

Algo muito sério está acontecendo com a igreja evangélica brasileira, mais especificamente com as igrejas pentecostais e neopentecostais. Afirma Correa (2014, p. 13): “depois de vivermos uma época em que o crescimento evangélico foi nítido e explosivo, vivemos agora um momento singular no Brasil, que se destacam os evangélicos sem vínculos com a igreja-instituição”. Está ocorrendo um êxodo dos seus membros para se tornarem

desigrejados ou desinstitucionalizados, uma situação totalmente diferente daquela que muitos buscaram quando decidiram congregar numa igreja e se institucionalizarem a fim de melhor servirem a Deus. Conforme afirma Silva (2020, p. 80):

o mundo cristão contemporâneo está realmente vivendo um êxodo de pessoas que se declaram “desigrejadas”. Esse é um termo inédito, para muitos, pejorativo, usado para descrever aquela parcela considerável da população que diz amar Jesus, mas não quer compromisso com esse organismo chamado “igreja”. Nos Estados Unidos, esse fenômeno recebeu o nome de *Churchless Christianity* e já rendeu muitos estudos a respeito. Até o conhecido grupo Barna de Pesquisa Estatística publicou um livro sobre o assunto. O grupo concluiu que nos anos 1990 cerca de 30% dos cristãos se diziam sem igreja. No ano 2000, esse número havia saltado para 33%. Mais recentemente, na metade da última década, 43% dos cristãos afirmam não ter compromisso com uma igreja. Na Alemanha dos anos 1970, era comum o grito de ordem: *Jesus já! Kirche nein! Jesus já: Kirche nein!* – “Jesus sim, igreja não” Esse grito era entoado pelos mais jovens. Foi-se o tempo do aforismo de Cipriano de Cartago, que dizia no 3º Século: *“extra ecclesiam nulla salus”* – “fora da igreja não há salvação”. A ideia, agora, é repetir ironicamente, com alguns teólogos franceses, que Jesus havia sonhado com o reino e, quando acordou, encontrou a igreja. (SILVA, 2020, p. 80)

Há quem afirme que é normal a Igreja Católica perder os seus membros para as igrejas evangélicas, mas agora está acontecendo algo que precisa ser analisado: “a igreja evangélica está perdendo seus membros para lugar nenhum”, como disse Correa (2014). Isso significa um profundo desencantamento religioso, pois são inúmeros os motivos que estão fazendo com que as pessoas se tornem desinstitucionalizadas ou desigrejadas, a ponto de ser difícil a abordagem de todos os motivos, mesmo se tratando de um trabalho que pretende ser abrangente, visto que em cada denominação, e existem centenas, talvez milhares delas espalhadas por todo o território nacional, os motivos às vezes coincidem, mas em muitos casos estes são diversos. As causas podem ser desde o simples desapontamento de um novo convertido que não teve suas expectativas atendidas até a discordância pelo uso dos dízimos e das ofertas pelos líderes, ou aspectos administrativos das igrejas, além de desentendimentos entre os líderes, incluindo-se aí pastores das igrejas.

A dificuldade começa na identificação daqueles que se afastam das igrejas. Para alguns, eles não são desigrejados, mas evangélicos independentes, sem rótulos, ou ainda cansados da igreja, sem igrejas e até pós-igrejas, numa tentativa ousada de afirmar que a fase da igreja institucionalizada passou e agora é a hora da igreja ser transformada sem o autoritarismo das lideranças. É o início do período pós-igreja. Esse grupo, que é enorme,

afirma orgulhosamente: “*é bonito dizer: preciso de Jesus, mas não preciso da Igreja*”. Com isso, os desinstitucionalizados passaram de ofendidos a ofensores, tratando os institucionalizados de forma irônica, como se fossem pessoas sem esclarecimento, ignorantes, que necessitam ser guiados por líderes para prosseguir como cristãos.

Bruce L. Shelley, professor sênior de História da Igreja e Teologia Histórica no Denver Theological Seminary, com mestrado pelo Fuller Theological Seminary e doutorado na University of Iowa, afirmou que “a igreja é como a arca de Noé: se não fosse a tempestade lá fora, não seria possível suportar o cheiro dentro dela”. Embora Shelley tenha larga experiência no ensino sobre a igreja, tendo, inclusive, escrito um dos mais famosos livros sobre a História do Cristianismo, sua afirmação coloca a igreja como um abrigo para aqueles que estão desesperados, à semelhança dos que entraram na Arca a fim de escapar do dilúvio e que estão à procura de algo a que possam se agarrar para superar suas mazelas. Do ponto de vista da eclesiologia, a igreja é mais que uma válvula de escape para os que dela se aproximam. Para muitos, é a redenção social, a oportunidade para uma nova vida, uma nova direção a se tomar após sucessivos fracassos e decepções com a sociedade pós-moderna, ou, como afirma Bauman, já não vivemos na pós-modernidade, mas numa modernidade líquida,⁶⁶ insensível à dor e ao sofrimento alheio. Na verdade, a igreja, nas condições que muitos a procuram, mais se assemelha a um abrigo, um lugar de conforto em um momento de muita dificuldade e abandono, em vez de um lugar para um encontro com Deus, o início da ponte para uma mudança de vida.

Acostumamo-nos, ao que parece, ao sofrimento e à dor do outro, e já não nos assusta ver uma pessoa angustiada à procura de uma saída para seus dilemas. O cinema, a TV e a mídia em geral nos tornaram insensíveis a ponto de, com ou sem intenção, deixarmos de ter empatia, e passamos a ignorar o outro. Hoje, vemos a violência, a brutalidade cometida contra as pessoas como se fosse algo normal, inevitável, que, de uma forma ou de outra, todos um dia enfrentarão. Contentamo-nos em ouvir as estatísticas sobre tragédias que estão acontecendo em todos os lugares sem que isso nos comova e mexa com a nossa sensibilidade.

Um levantamento entre aqueles que se afastaram das igrejas, mesmo se sentindo cristãos verdadeiros nos mostra que a igreja está distante de atender às necessidades daqueles

⁶⁶ PORFÍRIO, Francisco. Modernidade líquida. **Mundo Educação – Sociologia**. [S./d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>.

que a procuram. “As causas para membros, líderes e pastores após muitos anos abandonarem a igreja são inúmeras”, afirma Corrêa (2014, p. 15).

No levantamento feito entre os desigrejados que voluntariamente participaram da pesquisa, foram detectadas algumas das principais queixas, comentadas a seguir:

Abandono pastoral. Percebe-se que muitas igrejas são dirigidas como empresas, e nelas as pessoas são vistas como semoventes. Aquilo que dá lucro é valorizado, tratado com cuidado, mas o que não traz benefícios pode ser descartado. Dessa forma, pessoas que não contribuem com dízimos, ofertas e presença constante nas reuniões são deixados de lado. Não importa se aquele que procurou a igreja esteja passando por uma crise emocional, dificuldade financeira ou familiar; se não representa lucro, não tem valor.

Uma senhora já na terceira idade, frequentadora há anos de uma igreja pentecostal, fez a seguinte afirmação: “hoje em dia, pertencer a uma igreja evangélica é muito caro, e o retorno é muito baixo”. Ela disse após comprovar que as pessoas na igreja eram convocadas pela liderança a oferecer altas somas em dinheiro para ajudar a igreja em diversas atividades sem que isso contribuísse efetivamente para melhorar a situação dos fiéis como cristãos. Segundo ela, a cada reunião, a liderança apresentava uma lista de benfeitorias que precisavam ser feitas com a contribuição voluntária dos irmãos, sem considerar os dízimos e ofertas normais que eram oferecidos.

O pastor explicava que deve haver uma diferença entre os três tipos de contribuições que os membros fazem nas igrejas: o primeiro tipo de contribuição são os dízimos, conforme descrito no livro do profeta Malaquias, capítulo 3, versículo 10: “Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro, para que haja mantimento na minha casa; e provai-me nisto, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós bênção sem medida” (ML. 3:10). Ou seja, 10% de todos os ganhos de uma pessoa durante o período que ela eleger para dizimar, podendo ser semanal, quinzenal, mensal e até diário, no caso dos autônomos. O segundo tipo de contribuição são as ofertas voluntárias, conforme descritas no livro de Números, capítulo 29, versículo 39: “Estas coisas fareis ao Senhor nas vossas solenidades além dos vossos votos, e das vossas ofertas voluntárias, com os vossos holocaustos, e com as vossas ofertas de alimentos, e com as vossas libações, e com as vossas ofertas pacíficas” (NM. 29:39). As ofertas devem ser dadas de forma voluntária, sempre que a pessoa se sentir abençoada por Deus em qualquer área de sua vida, e não somente na questão financeira. A terceira forma de contribuição é a oferta alçada, conforme ensinada no livro de Levíticos, capítulo 7, versículos 29 e 30:

Diga aos israelitas: Todo aquele que trazer sacrifício de comunhão ao Senhor terá que dedicar parte dele ao Senhor. Com suas próprias mãos trará ao Senhor as ofertas preparadas no fogo; trará a gordura com o peito, e o moverá perante o Senhor como gesto ritual de apresentação. (LV. 7:29-30)

Dessa forma, os pastores se sentem à vontade para solicitar que cada membro da igreja contribua o máximo possível. Deve ser considerado ainda que, quando a igreja quer fazer determinado investimento, geralmente é criado um fundo separado de todas as contribuições a fim de suprir aquela necessidade.

Uma pessoa de outra igreja, que pertencia à denominação há mais de 30 anos, passava por uma crise, após uma situação de luto que não conseguia superar pela perda de um filho. Ela afirma que procurou a direção da igreja durante seis meses para marcar uma conversa e não foi possível, pois não havia agenda disponível para atendimento, embora incontáveis vezes o pastor ficasse conversando despretensiosamente com várias pessoas, não dando a menor importância ao seu desespero. Afirma, ainda, que procurou a liderança de outra igreja e que a resposta não poderia ser mais desalentadora: “infelizmente não posso fazer nada para ajudá-la, pois o senhor não é membro desta igreja”; ou seja, não cooperava com nada naquela igreja, por que seria ajudado?

Acerca dessa questão, uma olhada rápida em sites de pesquisa mostra que existem inúmeros trabalhos divulgados e todos eles chegam quase às mesmas conclusões, como mostrado nesta a seguir.

A maioria dos jovens aponta a sensação de que Deus ‘não está’ na igreja como um dos motivos para afastamento e isso tem sido encarado como uma “epidemia” por líderes religiosos. Essa geração está optando por sair da igreja por três principais fatores: citam a irrelevância da igreja, a hipocrisia e os fracassos morais de seus líderes; sentem que Deus está faltando na igreja e sentem que ter dúvidas é proibido. (PESQUISA, 2019, [S./p.]⁶⁷)

Silva (2020) afirma que a igreja precisa admitir que vem provocando tantos escândalos, causando mais estragos entre seus membros do que os que o governo traz à população. Se atentarmos com cuidado, veremos que existem mais problemas, além dos escândalos provocados pela igreja, mas esses têm chamado muito a atenção. Esse aspecto é

⁶⁷ PESQUISA aponta que 59 dos jovens criados na igreja abandonam a instituição. **Empoderadxs**, 31 jan. 2019. Disponível em: <https://empoderadxs.com.br/2019/01/31/pesquisa-aponta-que-59-dos-jovens-criados-na-igreja-abandonam-a-instituicao/>.

tão grave que uma pesquisa recente feita nos Estados Unidos, segundo afirma o mesmo autor, mostrou que a profissão de pastor estaria entre as mais desacreditadas e desconsideradas do país. Esse dado, por si só, revela o estrago que esses líderes vêm causando à igreja.

Julgamentos desnecessários. Não é segredo que as igrejas pentecostais históricas nasceram sob o signo do sectarismo e do legalismo religioso, considerando que as demais igrejas estavam cometendo falhas, e elas vieram para corrigir os erros perpetrados contra os evangélicos ao longo da história pelas igrejas protestantes históricas, após a reforma do século XVI, tal como intentaram fazer os anabatistas, no século XVI e os pietistas,⁶⁸ no século XVII, valorizando as experiências pessoais na prática religiosa, levantando-se contra o que se chamou de negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião. Essa conduta, no entanto, foi agravada quando se passou a exigir de seus próprios frequentadores um comportamento asceta, com demonstração externa de santidade que dificultava a permanência de muitas pessoas que as frequentavam.⁶⁹ Por conta disso, era exigido das pessoas que abandonassem antigos hábitos e se reeducassem com base numa nova forma de se comportar, na qual era excluído todo tipo de vícios – forma de falar (proibia-se o uso de gírias, piadas, brincadeiras, palavras chulas e os homens não podia usar barba, por exemplo).

Essas exigências, no início do século XX, não causaram estranheza, tendo em vista que a maioria das pessoas que frequentavam as igrejas era das classes mais pobres e menos escolarizadas, portanto, supostamente, mais fáceis de serem manipuladas. Porém, fazer as mesmas exigências no final do século XX e início do século XXI soa invasivo e apresenta um retrocesso na própria dinâmica do comportamento social que cada dia se torna mais dinâmico, conforme Zygmunt Bauman afirma, classificando a sociedade atual vivendo em uma modernidade líquida. Bauman (2013) usa essa expressão em substituição ao termo “pós-

⁶⁸ O pietismo nasceu na Alemanha protestante do século XVII. Acentua a fé pessoal em protesto contra a secularização da Igreja. Surgiu como reação da guerra dos “trinta anos” na Alemanha e estendeu-se um pouco por toda a Europa sempre que a religião se divorciava da experiência pessoal. Foram vários os motivos imediatos desse movimento, entre eles o endurecimento escolástico do luteranismo diante dos seus adversários, e a influência vinda do exterior, das obras dos puritanos ingleses. Disponível em: <https://historiadaigreja-com.webnode.com/o/pietistas-sec-xvii/>.

⁶⁹ Em vários lugares, os membros das igrejas Assembleia de Deus, principalmente nas cidades do interior, eram proibidos de usar sabonetes, deveriam usar sabão em barra comum, não podiam tomar refrigerantes, não usavam perfumes, não usavam nenhum tipo de adereço (as mulheres), não podiam se relacionar com nenhuma pessoa que não fosse da igreja, não podiam tomar refrigerantes, não entravam em bares e lanchonetes, não podiam ouvir rádio, eram desestimulados a estudar, sob a alegação de que a “letra mata” e só passaram a ter aparelhos de TV em casa a partir da metade da década de 1980.

modernidade”, que para ele se tornou mais uma ideologia do que um tipo de condição humana. Segundo esse sociólogo, a busca do prazer individual é o fim último da sociedade líquida.⁷⁰ Ou seja, uma sociedade hedonista não está disposta a aceitar esse tipo de imposição.

A imposição de comportamentos, de forma a restringir a liberdade das pessoas, torna a igreja, se não antipática, bem menos atraente, agindo apelativamente sobre o emocional das pessoas. A queixa que se faz quanto às suas exigências diz respeito às proibições e exigências de demonstrações externas de uma forma de viver que não pode ser internalizada. Julgar alguém pelo que veste ou como usa seu cabelo, além de ser invasivo, torna-se uma indelicadeza, para se dizer o mínimo.

Muitas pessoas que procuram as igrejas estão em busca de uma saída para a situação opressiva que vivem, pelo isolamento social imposto por sua condição financeira. Ao entrarem, esperam receber o que vieram buscar e se entregam completamente, mas a partir do momento em que as exigências e os julgamentos se tornam mais importantes que seu bem-estar, inicia-se o processo de insatisfação, que tem culminado com o afastamento dessas pessoas das igrejas.

Falta de liberdade de expressão. Na mesma linha de raciocínio do motivo anterior, a falta de liberdade de expressão, queixa apresentada por alguns desigrejados, evidencia a forma coercitiva a que as pessoas são expostas em muitas igrejas pentecostais e neopentecostais. Os discursos não podem divergir da opinião das lideranças. Apresentar um ponto de vista diferente daquele defendido pela liderança sobre qualquer tema é inadmissível. Um exemplo clássico sobre essa questão é a centenária discussão sobre a doutrina calvinista (*calvinismo*) e a doutrina arminiana (*arminianismo*). Tratada inicialmente no Sínodo de Dort – (1618-1619) foi um concílio da Igreja Reformada holandesa convocado por delegados dos Estados Gerais a fim de que as doutrinas defendidas pelo sistema conhecido como Arminianismo fossem colocadas sob julgamento.⁷¹

⁷⁰ SIQUEIRA, Vinicius. Zygmunt Bauman e a sociedade líquida. **Colunas Tortas**, 11 abr. 2014. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/sociedade-liquida/>.

⁷¹ O Sínodo de Dort foi um sínodo nacional que teve lugar em Dordrecht, na Holanda em 1618/1619, pela Igreja Reformada Holandesa, com o objetivo de regular uma série controvérsias nas Igrejas Holandesas iniciada pela ascensão do Arminianismo. A primeira reunião do sínodo foi tida a 13 de novembro de 1618 e a última, a 154ª foi a 9 de maio de 1619. Foram também convidados representantes com direito de voto vindos de 8 países estrangeiros. O nome "Dort" era usado na altura em inglês para a cidade holandesa de Dordrecht. O sínodo é por vezes chamado de Sínodo de Dordt, ou Sínodo de Dordrecht. O sínodo decidiu pela rejeição das ideias arminianas, estabelecendo a doutrina reformada em cinco pontos: depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, vocação eficaz (ou graça irresistível) e perseverança dos santos. Essas doutrinas, descritas

Em nenhuma hipótese um pentecostal ou neopentecostal pode defender quaisquer dos cinco pontos doutrinário do calvinismo, sob pena de ser taxado de herege, e quem persistir com a ideia é prontamente desligado da instituição e, no mínimo, se for membro do ministério, é impedido de fazer qualquer pronunciamento na igreja.

Essa questão não para somente com relação aos pontos considerados fundamentais da doutrina pentecostal, mas envolve também a opinião dos líderes. Aqueles (membros comuns ou participantes do ministério) que discordam da opinião dos líderes sobre quaisquer temas são praticamente alijados do processo, e se forem participantes do ministério da igreja são postos na berlinda e passam a sofrer todo tipo de cerceamento dentro da instituição. Esse comportamento inibe qualquer membro da igreja de apresentar sua opinião ou defender suas ideias sobre as questões mais simples. Não há debates, discussões quando se quer tratar de assuntos de interesses denominacionais, os líderes (aproveitando-se do modelo episcopal de administração da igreja) impõem suas opiniões e pronto. Em geral, fazem reuniões simplesmente para que os líderes informem o que deverá ser feito a partir daquele momento sobre determinado assunto, e nunca como um foro de debate e troca de opiniões.

Outro exemplo de imposição da opinião dos líderes é o caso de obra publicada que contenha alguma informação com a qual a igreja não concorde. Recentemente, foi publicada uma obra para adolescentes em uma das maiores editoras evangélicas brasileiras versando sobre a conduta adequada do adolescente cristão e, em um capítulo que tratava de questões sexuais, foi dito pela autora, uma psicóloga, que após esclarecer sobre a necessidade da pureza sexual no comportamento do adolescente, citando referências bíblicas, ela afirmou que, sob determinadas circunstâncias e controle do adolescente, a masturbação é permitida. Bastou isso para que essa autora fosse execrada nas reuniões ministeriais (reuniões que congrega os membros do ministério para tratar de assuntos relevantes para a igreja) – a obra foi considerada uma afronta aos bons costumes e à santidade dos jovens e adolescentes.

Corrupção dentro da igreja. A partir do momento em que as igrejas passaram a ser administradas por um sistema episcopal; em que a palavra do líder prevalece sem qualquer questionamento e o poder dentro da instituição tornou-se hereditário, sem prestação de contas sobre o que se gasta ou como se gastam os valores arrecadados referentes a dízimos e ofertas, a probabilidade de corrupção dentro do sistema é muito grande. Essa corrupção

no documento final chamado Cânones de Dort, são também conhecidas como os Cinco pontos do calvinismo. Disponível em: https://cristianismo.wikia.org/wiki/S%C3%ADnodo_de_Dort.

pode ocorrer de mais de uma maneira: quando há desvio de dinheiro para fins não esclarecidos, quando os líderes usam de prerrogativas criadas por eles mesmos para aquisição de bens móveis, imóveis, semoventes, para proveito próprio. Ou, quando os líderes mantêm em seu poder a “chave do cofre” e fazem uso dos recursos sem prestar contas, em conivência com os tesoureiros da instituição que muitas vezes são parentes próximos, como filhos, cônjuges, irmãos.

São inúmeras as instituições pentecostais e neopentecostais que procedem dessa forma, sem que nenhum dos seus membros possa questionar. Além disso, existem muitas igrejas, entre as pentecostais, chamadas de “sedes”, cujos líderes, autodenominados “presidentes”, estipulam suas próprias prebendas, que chegam a cifras de mais de 150 (cento e cinquenta salários mínimos). E como as igrejas são isentas de fazer perante ao Estado qualquer tipo de declaração de rendimentos ou de gastos, essas altíssimas somas são recebidas sem nenhum tipo de desconto e sem nenhum controle.

O que ocorre, nessas igrejas (sedes), em raríssimos casos, com relação a esses salários vitalícios quando pastores são jubilados – o cargo é ocupado por um dos filhos ou outro parente próximo, que recebe de presente todas as prerrogativas do cargo. Se, porventura, essa transferência hereditária não ocorre, após a morte do “presidente”, a esposa continua recebendo a prebenda integral ou, em alguns casos, um percentual, que nunca é inferior a 50% do que era recebido.

Levantamentos feitos mostram que esse não é o pior tipo de corrupção que existe dentro dessas instituições, pois muitas vezes os recursos obtidos com a contribuição de pessoas que ganham menos de dois salários mínimos, caso, aliás, da maioria dos membros dessas igrejas, conforme Mariano (2014), são utilizados para fins ainda menos dignos, que podem chegar até a pagamento de propinas ou subornos a fim de encobrir falhas cometidas na condução e administração da igreja. Esses subornos podem acobertar vários tipos de condutas impróprias para a liderança, como adultério (comprando o silêncio das vítimas) e obtenção de vantagens nas Convenções Estaduais ou Nacional (caso das igrejas pentecostais), por exemplo, para permanecerem “santos” perante a membresia (caso da maioria das igrejas neopentecostais) que não possuem convenções, mas são autônomas e seus pastores presidentes, seus bispos, seus apóstolos são, na verdade, seus verdadeiros donos e não prestam contas a ninguém superior a eles, pois não existe ninguém acima deles. Nessa categoria se enquadra a maioria das grandes igrejas neopentecostais.

A maioria das igrejas pentecostais mantém um sistema de administração episcopal, em que os “presidentes”, que podem ser pastores, bispos, apóstolos ou patriarcas, organizam-se em um modelo constituído por uma “sede” e várias “subsedes” ou “congregações”, e algumas estão dando um nome mais comercial de “sede” e “filiais”. Nesse caso, ocorre algo que se pode chamar de confrarias, nas quais os interesses mútuos dos líderes são tratados com evidentes trocas de favores.

Mercantilismo dentro da igreja. As Escrituras dizem no Evangelho de Mateus, capítulo 21, versículos 12 e 13 o seguinte:

Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores. (MT. 21:12-13)⁷²

Na opinião de entrevistados para este trabalho, os motivos pelos quais se desinstitucionalizaram são vários, mas o mais relevante foi o fato de as igrejas pentecostais e neopentecostais transformarem as áreas externas e até a área interna em quiosques, bancas de negócios, livrarias, bazares e comércio de todo tipo de artigos, desde objetos importados de Israel, como água do Rio Jordão, objetos ungidos, pedras do Vale de Elá, de onde Davi retirou as cinco pedras para combater o gigante Goliás, azeite feito com as azeitonas do Jardim das Oliveiras, até consórcios de veículos e imóveis. Além disso, as igrejas oferecem uma infinidade de produtos com fins de angariar fundos para as mais diversas atividades, que podem incluir recursos para comemoração do aniversário de membros de destaque, festas dos departamentos e campanhas diversas.

Além disso, as igrejas pentecostais e neopentecostais passaram a priorizar o aumento da receita, não importando se para isso lancem mão de expedientes nem sempre convencionais, como o caso da venda de objetos tidos como carregados de poder curador ou abençoador para os que os adquirem, muito parecido com o comércio praticado por Tetzal, o camelô das indulgências na Idade Média.⁷³ Esse mercado, exercido livremente, vem causando constrangimento aos frequentadores e, por não serem ouvidos em suas queixas,

⁷² Tradução de João Ferreira de Almeida (ARA).

⁷³ Johann Tetzal (1465 – 1519) foi um alemão católico romano, frade dominicano e pregador. Além disso, foi um Grande Inquisidor de Heresia na Polônia, e mais tarde tornou-se o Grande Comissário para indulgências na Alemanha. Tetzal ficou conhecido pela concessão de indulgências em troca de dinheiro, o que permite a remissão de pena temporal devida ao pecado, a culpa do que foi perdoado, uma posição fortemente contestada por Martinho Lutero. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=johann+tetzal&FORM=QSRE2>.

acabam abandonando as igrejas. Ressalta-se que os quiosques onde são comercializados esses vários produtos, tolerados mediante o pagamento de uma taxa de ocupação do espaço, são cedidos para pessoas que não fazem parte da comunidade da igreja.

Incoerência entre o que as Escrituras ensinam e as igrejas pentecostais e neopentecostais fazem/ensinam. Quando os entrevistados se referiram a essa incoerência, afirmaram (alguns deles) que as igrejas pentecostais e neopentecostais fazem uma verdadeira lavagem cerebral nas pessoas que começam a frequentar os cultos, muitas vezes provocando-lhes medo, criando terrorismo em torno da vida espiritual e sobre o que lhes pode acontecer se não agirem conforme o ensino. Na verdade, a Bíblia não apresenta nada disso, pelo contrário, encoraja os mais fracos a se fortalecerem, a continuarem na caminhada, mesmo existindo momentos de fraqueza. Mas o que se vê nas igrejas é um tipo de vida cristã dissociada da prática e da realidade. Isso significa que, ao passar a frequentar uma igreja pentecostal ou neopentecostal, a pessoa deve desistir de si mesma, e não negar a si mesma, como as Escrituras ensinam no Evangelho de Mateus, capítulo 16, versículo 24: “Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me” (MT. 16: 24), vivendo uma farsa, uma utopia cristã na qual a realidade não pode ser vivida. Para essas igrejas, a pessoa precisa ostentar um ar de santidade desde os primeiros momentos, deve renunciar a qualquer tipo de diversão, lazer, e se limitar a orar, ler a Bíblia, frequentar as reuniões e fazer as contribuições financeiras regularmente. Se isso não acontecer, é porque não se converteu de verdade, então começa a ser pressionada.

Alguns dos entrevistados disseram que não foi isso o que aprenderam lendo as Escrituras, mas que o crescimento espiritual é lento e, em alguns casos, difícil, mas possível, se você é persistente e se mantém focado naquilo que deseja, mesmo que não viva como um asceta e submisso a todas as exigências feitas pela igreja.

Percebe-se que os princípios bíblicos são quase ignorados nessas igrejas – pouco se vê em termos de ensinamentos genuinamente centrados na Bíblia. Mas os mandamentos são sempre muito valorizados. A maioria de suas mensagens são temáticas, muito raramente se ouve uma mensagem expositiva, e o que piora a situação é que a maioria dos pregadores utiliza o método alegórico ou o método histórico-crítico na interpretação bíblica. Cabe ainda ressaltar que a pessoa que fez esse comentário renunciou a um pastorado de mais de vinte anos ao se tornar um desigrejado, portanto, suas colocações se fundamentam na sua formação teológica e na sua experiência pessoal.

Vaidade dos líderes ao querer colocar a opinião pessoal em pé de igualdade com a Bíblia. A decepção das pessoas, nos casos mais graves, é que elas não se decepcionaram apenas com os pastores e com as igrejas, mas com o próprio Deus, pois conheceram um Deus que, diferente do ser todo poderoso do qual ouviam falar desde a infância, viram um Deus que mais se parecia com um mágico a serviço de alguém. Viram seus pastores assumirem o lugar de Deus, ordenando, impondo suas vontades e, para aqueles que enfrentaram esse tipo de comportamento da liderança das igrejas, isso soou como a desvalorização da Bíblia, porque jamais, por mais sábio e competente que seja a palavra de um pastor, bispo ou apóstolo atual, pode se equiparar ao que as Escrituras dizem, afirmam. Ao que parece, ao fazerem isso, os líderes pentecostais e neopentecostais querem demonstrar para os membros das igrejas que a palavra deles tem tanta autoridade quanto ao que está escrito na Bíblia. Paulo, ensinando aos Gálatas, capítulo 1, versículos 8 e 9, diz:

Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim, como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema. (GL. 1:8-9).

Portanto, o que se vê nas igrejas é um quase abandono da Bíblia no momento das pregações, pois mesmo tendo lido alguma passagem bíblica, o que sempre ocorre, dizem aquilo que lhes interessa naquele momento para manipular e ameaçar as pessoas.

Na realidade, os líderes querem passar a impressão de que sabem muito e que, com base nesse conhecimento, podem afirmar e afirmam o que querem. Entretanto, muitos deles sequer têm formação em curso superior de teologia, sendo, em alguns casos, autodidatas. E, com a quantidade de informação disponível na internet, das quais muitas não se pode confirmar a procedência, é perigoso se basear apenas nessas informações para desenvolver um padrão de ensino – e o pior – equiparando-o com a Bíblia. Muitos pastores, ao serem confrontados, não têm argumentos para discutir pontos de vista com base na palavra de Deus, e simplesmente afirmam que a pessoa que discorda está sendo usada pelo diabo e que está se rebelando contra a direção da igreja.

Grande parte dos “formados” em teologia fazem apenas cursos médios, cursos livres, e, posteriormente, o que é chamado de “complementação teológica” em uma faculdade de teologia reconhecida pelo MEC e, com mais algumas matérias, recebem o diploma de curso superior de teologia sem que tenham estudado as disciplinas básicas necessárias para a formação pastoral. Usar esses diplomas convalidados por instituições reconhecidas com

apoio apenas em complementação teológica não dá condições aos pastores para o exercício pastoral, mas são indicados para pastorearem por conta do apadrinhamento, do nepotismo, e quando assumem a direção das igrejas agem como donos da verdade, equiparando suas mensagens com o teor da Bíblia. Não há como corrigir isso, devido ao o corporativismo no ministério, que é muito grande e, dificilmente, alguém que se levantar contra essa situação obterá êxito, pois, dizem os líderes “quem dirige a igreja é o Espírito Santo, que coloca quem ele quer e somente Ele pode tirar”.

O pecado no âmbito do ministério da igreja. A partir do momento em que os líderes equiparam o que dizem ao que a Bíblia diz, eles podem fazer o que quiserem e nunca serão contestados. São inúmeros os casos, afirmam os entrevistados, de pastores que cometem todo tipo de pecado – desde desfalque no tesouro da igreja até adultério, e nada acontece. Para aqueles que optaram por se desinstitucionalizar, essa situação é inaceitável, pois os pastores usam dois pesos e duas medidas na hora de julgar o pecado de um membro e o pecado de um líder. Se um membro comum da igreja comete qualquer tipo de pecado e não tiver nenhuma “proteção” por parte do ministério, poderá ser advertido, posto em prova e até excluído, mas a mesma coisa não acontece com um pastor, pois na maioria das vezes não há quem julgue o seu caso, somente os seus pares nas convenções ou nas Juntas Conciliadoras nos Estados.⁷⁴ Como são corporativistas, a apuração acaba resultando em nada. Um entrevistado afirmou que o pastor da igreja que frequentava, cometia adultério e ato de pedofilia – neste caso, passível de punição pela justiça, inclusive com prisão e restrição da liberdade – no entanto foi transferido para outra igreja, em outro estado, e não se falou mais no assunto. Uma visita a alguns sites especializados mostra vídeos nos quais são apresentadas situações em que as decisões da Junta Ministerial são contestadas. Isso evidencia e comprova o que os desigrejados levantam como motivo para desacreditarem na instituição.

⁷⁴ Juntas Conciliadoras Estaduais, como colegiado parecerista, são constituídos por membros da CONAMAD*, exercendo suas atividades ministeriais nos respectivos estados originários. Art. 41. As Juntas Conciliadoras Estaduais, para seu funcionamento, deverão ter o Presidente, o Relator e o Secretário, indicados pela Mesa Diretora da CONAMAD. Art. 42. São atribuições das Juntas Conciliadoras Estaduais: I. Promover a paz, a conciliação cristã e a harmonia entre as Igrejas Filiadas e os Ministros (Pastores e Evangelistas), Missionários e Missionárias, no Estado; II. Reunir-se sempre que necessário para apreciar os casos enviados pela Mesa Diretora da CONAMAD, emitindo parecer; III. Encaminhar à Mesa Diretora da CONAMAD, relatório anual das atividades no Estado; IV. Acionar a Comissão Jurídica, através da Mesa Diretora da CONAMAD, nos processos litigiosos; V. Encaminhar à Mesa Diretora da CONAMAD, depois de concluída a fase ordinatória e instrutória, parecer sobre assuntos de seu peculiar interesse, dentro de sua jurisdição eclesiástica, conforme as normas estatutárias e regimentais da CONAMAD, cumpridas as formalidades; *CONAMAD – Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil Ministério de Madureira.

Ressalte-se, no caso da Assembleia de Deus, que até o final do século passado e início dos anos 2000, havia as chamadas “reuniões de ministério”, nas quais casos de disciplina eram tratados em relação aos membros da igreja – obreiros, evangelistas e pastores – nas juntas, mas membros, presbíteros, diáconos, diaconisas e auxiliares tratavam nessas reuniões, as advertências, provas e exclusões. Esse tipo de reunião impunha que todos os membros da igreja – obreiro ou não – também fossem julgados, mas para se evitar abordar assuntos disciplinares de obreiros – a não ser nos casos de obreiros comuns – essas reuniões ministeriais foram retiradas da programação. Inclusive, em alguns casos, os pastores foram orientados pela liderança regional discutirem publicamente ou de forma privada casos que envolvessem comportamentos impróprios dos membros da igreja e questões de disciplinas. Esse tipo de decisão não somente escancarou as portas da “liberdade total” para os membros que não tiveram mais que dar satisfação de seus atos, mas permitiu que os pastores e demais obreiros fizessem o que bem entendessem sem que em decorrência disso fossem questionados. Essa medida “liberou geral”, para se usar uma expressão popular da falta de limites e da total permissividade. Nesse ponto concordamos com Agostinho de Hipona, embora não tenhamos o registro da frase atribuída a ele que disse: “em se tratando de igreja organizada-visível muitas ovelhas estão fora e muitos lobos estão dentro”, numa clara alusão ao comportamento de muitos que estão nas igrejas, mas na verdade não pertencem ao corpo de Cristo.

Abuso religioso. Esse tema é analisado pela jornalista Marília de Camargo Cesar em sua obra *Feridos em Nome de Deus* (2009), que descreve com riqueza de detalhes as experiências vividas por pessoas que compartilharam com ela suas decepções. Esse fato ocorre muitas vezes devido à ingenuidade dos que acreditam que os pastores e líderes das igrejas são indivíduos acima de quaisquer suspeitas e confiam inteiramente no que fazem e no que dizem.

Em geral, muitos chegam às igrejas fragilizados, desiludidos, cansados de tentar uma saída para seus dilemas e não encontrar. Passam a servir, muitas vezes, quase como um empregado, colocando as prioridades das igrejas antes das suas. E, não raro, as pessoas que mais sofrem esse tipo de situação são aquelas que mais sinceramente querem agradar a Deus. Muitas delas se tornam vítimas da ingenuidade e do idealismo, como afirma Cesar, (2009). Após a decepção de se ver manipulado por um pastor aproveitador, uma dessas vítimas fez a seguinte declaração: “faz dez meses que não abro a Bíblia, e quando vejo um pastor pregando televisão, sinto vontade de vomitar”.

O pior é que o abuso e a manipulação ocorrem a partir da amizade entre o manipulador e a vítima. Muitas pessoas acreditam em tudo que os pastores dizem e fazem sem questionarem nada – não duvidam de nada até perceberem que nem tudo que reluz é ouro e que existe muito mais pirita⁷⁵ do que o precioso metal tão raro quanto o desejado, e quando aqueles que se julgavam ricos descobrem que o que possuíam não tem o menor valor, ficam profundamente frustrados. E como é necessário algum conhecimento para diferenciar o ouro da pirita, assim também aqueles que confundem os falsos com os verdadeiros pastores se decepcionam profundamente quando descobrem a verdade de que aqueles a quem julgavam verdadeiros representantes de Deus não passam de charlatães. As decepções são desmedidas.

Esse tipo de abuso envolve diversas situações que vão desde a apresentação de mensagens, profecias e revelações falsas até ameaças veladas e declaradas para controlar pessoas. Por exemplo, quando um falso pastor fala para um membro de sua comunidade religiosa que Deus está lhe mostrando algo na vida daquela pessoa e que ela deve desapegar-se de bens materiais, preferencialmente fazendo doações para as igrejas, ou quando entrega uma profecia prometendo algo que é muito desejado pela pessoa, como a restauração de uma relação amorosa, um casamento, a conquista de um bem material, um emprego, fica mais fácil obter a lealdade dos seguidores. Isso, aliás, é muito próprio dos pastores que se apresentam travestidos de homens de Deus, com ares de muito mistério. Em muitos casos, eles fazem secretamente levantamentos sobre interesses, sonhos e dificuldades que a pessoa enfrenta para aparentemente demonstrar seu grande poder de ter da parte de Deus as revelações sobre a vida das pessoas.

Em caso recente, um pastor, desejando impressionar seus seguidores com seu “alto grau de intimidade com Deus”, fez um levantamento de problemas que as pessoas enfrentavam, mas de forma muito discreta, como doenças, problemas familiares, tipo de emprego desejado. Em posse de todas as informações, inclusive nomes de pessoas, começou a “ter revelações” sobre o que Deus estava lhe mostrando, dizendo, por exemplo, que ali estava uma pessoa que enfrentava problema em sua família e descrevia o problema com riqueza de detalhes, depois dizia que Deus estava resolvendo aquele problema naquele

⁷⁵ O famoso ditado “nem tudo que reluz é ouro” tem estreita ligação com essa pedra, que tem propriedades especiais, e quando entra em choque com outro material rijo, produz faíscas, daí o significado do seu nome, de origem grega – “pedra de fogo”. Dizem que na época da corrida do ouro nos EUA, século XIX, ficou famosa por ter sido usada por garimpeiros vigaristas que enganavam as pessoas vendendo-as como se fossem “pedras de ouro”. Por conta disso, a pirita ficou conhecida na época como “ouro de tolo”.

momento e, para confirmar que era aquela pessoa, dizia que o nome dela começava com a letra tal. Esse tipo de atitude fazia com que as pessoas acreditassem piamente que era Deus que estava mostrando para o pastor. Esse, aliás, é um tipo de abuso muito recorrente nas igrejas.

Outra forma de impressionar os fiéis que vêm sendo utilizada cada vez com mais frequência é a contratação de pessoas para representarem determinadas situações nas reuniões. Indivíduos que chegam fingindo estar gravemente doentes e após receberem orações ficam “milagrosamente curados”.

Percebe sempre que o abuso religioso ocorre a partir do momento que os pastores, maldosamente, aproveitam-se da dificuldade das pessoas e distorcem seu papel. Muitas vezes eles se apresentam como se fossem profissionais de psicologia, terapeutas e até com conhecimentos de medicina e, como muitas pessoas chegam às igrejas com problemas emocionais graves, com sérias dificuldades financeiras, tratam o gabinete pastoral como se fosse um consultório médico ou um conselho financeiro.

Com isso, não queremos dizer que não existam pastores que sejam psicólogos, médicos e outros profissionais com grande competência, mas as circunstâncias vêm provocando o surgimento desses abusadores da boa-fé de muitos cristãos, com consequências danosas tanto para a vida das pessoas quanto para a igreja que pretende ser isenta de quaisquer comportamentos impróprios de seus líderes. Como afirma Correa (2014, p. 37) “a liderança bíblica não consiste em decidir para o liderado ou influenciar abusivamente em sua decisão, mas em mostrar o que Jesus, através das sagradas escrituras faria no seu lugar”.

Hipocrisia. Quando praticada pela liderança, por pastores, é talvez o comportamento que mais fere as pessoas. Todos os que chegam às igrejas vêm com uma expectativa de encontrar ali um ambiente diferente daquele que comumente é encontrado fora dela. Muitos chegam feridos por traições conjugais, decepções, querendo superar o vício do uso de drogas, o luto e outros tipos de problemas, e a única coisa que querem é encontrar apoio para superar essas dificuldades, e ao se verem em um ambiente carregado de falta de sinceridade, mentiras, falsidade, a dor que trouxeram quando entraram é potencializada. Começam a perceber que as pessoas dizem uma coisa e fazem outra. Dizem que a base do relacionamento cristão é o amor e o perdão, mas não veem isso na prática. Existem mágoas, ressentimentos, decepções, e muitas pessoas simplesmente se “desviam”, abandonando a fé.

Os desinstitucionalizados formam um grupo que entende que a vida cristã é a melhor alternativa para superar suas dificuldades, mas não dentro da igreja. A igreja é uma instituição como outra qualquer, em que existem pessoas boas e más, sinceras e não, honestas, desonestas, santas, mas também existem pecadoras, e isso torna esse ambiente insuportável e muitos desigrejados têm verdadeira aversão às instituições religiosas. Muitos percebem que, ao colocarem numa balança pecadores e “santos”, veem que nem sempre os “santos” são mais leves, às vezes ocorre o contrário. São pessoas que acusam, apontam o erro do outro, e não usam o mesmo critério quando analisam os próprios erros. Um dos entrevistados se lembrou de uma famosa parábola – a do Monge e a Prostituta.

O Monge e a Prostituta – Parábola de Sri Ramakrishna

Vivia um monge nas proximidades do templo de Shiva. Na casa em frente, morava uma prostituta. Observando a quantidade de homens que a visitavam, o monge resolveu chamá-la.

– Você é uma grande pecadora – repreendeu-a. – Desrespeita a Deus todos os dias e todas as noites. Será que você não consegue parar e refletir sobre a sua vida depois da morte?

A pobre mulher ficou muito abalada com as palavras do monge; com sincero arrependimento orou a Deus, pedindo perdão. Pediu também que o Todo-Poderoso a fizesse encontrar uma nova maneira de ganhar seu sustento.

Mas não encontrou nenhum trabalho diferente daquele. E, depois de uma semana passando fome, voltou a prostituir-se.

Mas, cada vez que entregava o seu corpo a um estranho, rezava ao Senhor e pedia perdão.

O monge, irritado porque seu conselho não produzira nenhum efeito, pensou consigo mesmo: “A partir de agora vou contar quantos homens entram naquela casa – até o dia da morte desta pecadora”.

E desde esse dia, ele não fazia outra coisa a não ser vigiar a rotina da prostituta: a cada homem que entrava, colocava uma pedra num monte.

Passado algum tempo, o monge tornou a chamar a prostituta e lhe disse:

– Vê este monte? Cada uma dessas pedras representa um dos pecados mortais que você cometeu, mesmo depois de minhas advertências. Agora torno a dizer: cuidado com as más ações!

A mulher começou a tremer, percebendo como se avolumavam seus pecados. Voltando para casa, derramou lágrimas de sincero arrependimento, orando:

– Ó Senhor, quando Vossa misericórdia irá me livrar desta miserável vida que levo?

Sua prece foi ouvida. Naquele mesmo dia, o anjo da morte passou por sua casa e a levou. Por vontade de Deus, o anjo atravessou a rua e também carregou o monge consigo.

A alma da prostituta subiu imediatamente aos Céus, enquanto os demônios levaram o monge ao inferno. Ao se cruzarem no meio do caminho, o monge viu o que estava acontecendo e clamou:

– Oh, Senhor, essa é a Tua justiça? Eu que passei a minha vida em devoção e pobreza, agora sou levado ao inferno, enquanto essa prostituta, que viveu em constante pecado, está subindo ao Céu!

Ouvindo isso, um dos anjos respondeu:

– São sempre justos os desígnios de Deus. Você achava que o amor de Deus se resumia a julgar o comportamento do próximo. Enquanto você enchia seu coração com a impureza do pecado alheio, esta mulher orava fervorosamente dia e noite. A alma dela ficou tão leve depois de chorar, que podemos levá-la até o Paraíso. A sua alma ficou tão carregada de pedras, que não conseguimos fazê-la subir até o alto. (Autor: Desconhecido)⁷⁶

Na verdade, o comportamento dentro de muitas igrejas é semelhante ao que se vê em qualquer instituição: competições, disputas nas quais se fazem qualquer coisa par estar acima do outro. Muitos desigrejados afirmam que hoje a igreja é o pior lugar para encontrar Deus e servi-lo, pois, como dizem as Escrituras acerca dos fariseus em Mateus capítulo 23, versículo 13: “Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!” (MT. 23.13).

A ingenuidade de muitas pessoas, afirmam os desigrejados, possibilita o comportamento hipócrita que se vê por parte de muitos líderes e pastores que se fazem passar por santos, enganando a muitos com o interesse de levar vantagem. Para esses, o Evangelho deixou de ser uma prática cristã que vise ao bem comum e ao crescimento espiritual da igreja para servir a interesses particulares, dar prestígio e enriquecer. Uma sugestão que os desigrejados dão aos que querem levar vantagens é que eles deveriam se perguntar: “se todos fossem iguais a mim, como seria a igreja?”.

Muitos desigrejados chegaram a essa condição ao perceber que nas igrejas pentecostais e neopentecostais – mas não é exclusividade delas – muitos pastores “apascentam a si mesmos” em vez de pastorear o rebanho de Deus. Em algumas ocasiões, esses pastores que a si mesmos se apascentam viajavam ao exterior e gastavam altas somas em artigos pessoais. Um daqueles que mais tarde seria um desigrejado (Adriano) tomou parte para acompanhar “o homem de Deus” e, durante uma visita a uma loja famosa nos Estados Unidos, o pastor lhe pediu de presente uma bolsa masculina cujo valor era mais de quatrocentos dólares, único dinheiro que aquele rapaz dispunha para comprar algo para si mesmo. Este foi constrangido pelo “homem de Deus”, que proferiu: “E isto afirmo: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e “o que semeia com fartura com abundância também ceifará”, e com isso estimulava os irmãos ofertarem a fim de gastar em proveito próprio. Nessa mesma viagem, nenhum produto foi adquirido para ser utilizado pela igreja. Cesar (2014) descreve:

⁷⁶ Disponível em: <https://motivacaoefoco.com.br/o-monge-e-prostituta/>. Acesso em: 12 maio 2020.

Adriano presenciou isso várias vezes, o que o incomodava. Além das ofertas generosas e do salário mensal, que na época comparava-se ao de um diretor de empresa de grande porte, a igreja pagava o aluguel da casa do pastor, um plano de saúde, previdência privada, as despesas com o automóvel e seguros. Enquanto isso, Adriano e seus colegas seminaristas, que trabalhavam na igreja em tempo integral, sustentavam a família com dois mil reais por mês, e a maioria sem registro em carteira. “aprendemos que tínhamos de batalhar pelo nosso sustento e aquele que desejasse ser rico não podia entrar na obra de Deus”. (CESAR, 2014, p. 57)

O que esse rapaz – Adriano – descobriu foi que aquele pastor, considerado “homem de Deus” que ele tanto amava no princípio, na verdade apresentava traços de caráter inconsistentes com um servo de Deus, agindo como um aproveitador e explorador da ingenuidade dos fiéis. Só que essa atitude teve um custo muito alto, pois fez com que aquela pessoa simples, ávida por um bom relacionamento com Deus fosse profundamente abalada pela conduta equivocada daquele pastor.

Infelizmente não foi apenas esse rapaz que enfrentou decepção tão grande. Existem milhares de desigrejados que passaram pelas mesmas experiências, e sempre os motivos são os mesmos – a hipocrisia daqueles que deveriam ser exemplo de conduta séria, altruísta e sincera diante da igreja.

Não ver nada do que foi prometido se cumprir – muitas pessoas chegam às igrejas trazidas pelas asas da esperança, com o desejo de ver seus problemas resolvidos, pois nessas igrejas Deus atua de forma diferente. Logo que chegam ouvem as mais bonitas histórias de milagres, solução de problemas, mas com o decorrer do tempo todas essas coisas são do passado; no presente o Deus todo poderoso não age mais. As doenças não são curadas, as decepções não são resolvidas, os problemas financeiros continuam e o fio de esperança se vai, quando ouvem que é preciso esperar o tempo de Deus, que é diferente do nosso tempo.

Além dessas falhas observadas no comportamento dos pastores e líderes, existem os agravantes considerados institucionais, que fazem com que o número de desigrejados aumente significativamente.

4 BUSCANDO APROXIMAÇÕES NO HORIZONTE DE CONSTRUÇÃO DE SOLUÇÕES

Nos tópicos constantes deste capítulo, procuramos apresentar propostas que contribuam para identificar as principais causas do fenômeno da *desinstitucionalização*, tendo em vista que o problema existe e, embriagadas pelo crescimento rápido, a maioria das igrejas pentecostais e neopentecostais não estão se apercebendo de que a sua forma de agir está provocando o que aqui denominamos hipoteticamente de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*.

No tópico “*Existe solução para o problema?*”, procuramos analisar alguns dos problemas causadores do fenômeno. Ficou claro que, de imediato, as igrejas pentecostais e neopentecostais devem identificar as categorias nas quais se encontram seus membros. Após essa identificação, devem engendrar esforços para reverter esse quadro. Em seguida, apresentamos o tópico “*Uma reação sugerida às igrejas*”, no qual apresentamos possíveis ações a ser desenvolvidas a fim de deter este que é um dos piores problemas enfrentados. Não existe uma única resposta para resolver o problema, pois o fenômeno é multicausal.

No tópico “*As causas do processo de desinstitucionalização*” identificamos as principais queixas dos entrevistados, e isso pode ser o início de uma longa estrada a ser percorrida pelas igrejas a fim de diminuir a gravidade do problema. Por fim, apresentamos o texto “*Consequências da desinstitucionalização nas igrejas*”, no qual procuramos demonstrar, fruto das observações empíricas e dos dados formal e informalmente levantados, que a situação é comprometedora em médio e longo prazos para essas igrejas, principalmente tendo em vista que o problema não afeta somente os desinstitucionalizados, mas a igreja como um todo.

4.1 Existe Solução para o Problema?

A pesquisa realizada não tem resposta pronta para essa indagação, mas podemos refletir sobre as causas e as consequências do problema, bem como sobre possíveis soluções. Em primeiro lugar, a igreja precisa identificar com clareza as diversas categorias nas quais se enquadram os seus membros – as pessoas que a frequentam hoje. Ela precisa investir para reverter o quadro de insatisfação que vem aumentando a cada dia. Em segundo lugar, a igreja

precisa identificar aqueles que ainda podem ser ajudados a se inserir e a permanecer nela, de maneira que essa insatisfação comece a diminuir, evitando, dessa forma, que o número de desinstitucionalizados continue aumentando.

Olhando para as pessoas nas igrejas, identificamos algumas categorias bem distintas que reagem de formas diversas ao que ocorre no âmbito delas e, de maneira objetiva, gostaríamos de fazer uma abordagem dessas categorias, tentando identificar suas principais características e que pessoas nas igrejas apresentam mais características de cada uma dessas categorias.

A primeira categoria, e a que tem maior participação, é a dos que estão satisfeitos com a igreja. Para eles, a igreja está correta em tudo o que faz, não necessita fazer nada para mudar, e os inconformados é que precisam se ajustar a ela. Esses são os que podemos chamar de tradicionais, conservadores, são facilmente manipulados, nunca faltam às reuniões, aprovam tudo o que a liderança propõe ou faz, criticam os que discordam – afirmando que estão querendo mandar na igreja, e asseguram, ingenuamente, que a igreja está nas mãos de Deus e os escolhidos dele para governá-la devem ser respeitados. Essa categoria é composta, majoritariamente, por pessoas com baixa escolaridade, baixa renda, muitas delas recebem eventualmente uma cesta básica da igreja e sempre dão *quórum* para as reuniões que a igreja precisa realizar.

Com essa categoria, a liderança pode fazer e pedir o que quiser que ela prontamente atenderá, mas politicamente ela não tem muita força, pode ser dominada pelos demais grupos da igreja, embora seja a maioria, pois em geral não é uma categoria que gosta de debates.

A segunda categoria é formada pelas pessoas que podemos chamar de desanimadas – cansadas de frequentar uma igreja e não ver nada acontecendo em suas vidas, por isso ficam ali enquanto for possível, mas na verdade já não fazem mais parte da igreja. Esse grupo é classificado no linguajar evangélico/protestante como “indiferentes, frios na fé”. Em algum momento de suas vidas, estando envolvidos na igreja, aconteceu algo que os tirou de sintonia com o que a igreja exige. Como não tiveram oportunidade de conversar com um pastor, ou um líder de seu departamento, foi se “esfriando”, termo pejorativo usado para se referir a pessoas que eram envolvidas, mas que com o passar do tempo e por alguma razão perderam o seu encanto com as atividades da igreja. Embora a maioria que está nesta categoria não admite, na realidade a vida cristã para ela já não faz muito sentido. Muitas vezes são adultos que não querem falar sobre a situação com a família para não prejudicar a relação dos filhos com a igreja; outras vezes são jovens que não querem dar motivos para seus pais ficarem

chateados. Existem ainda as pessoas que cometem pequenos deslizes e se sentem envergonhadas pelo ato praticado e, da mesma forma, preferem se afastar por não se sentir pertencendo mais ao grupo. Como se pode ver, existem muitas possibilidades que levam uma pessoa a ficar dentro dessa categoria.

A terceira categoria é formada pelos apáticos/acomodados, que não estão preocupados com debates teológicos, pelas questões de liberalismo ou conservadorismo, não opinam, não questionam, estão acostumados a frequentar a igreja, mas não se importam se a pregação foi temática, expositiva, se o pastor é moderno ou conservador, mais jovem ou mais velho, se a juventude da igreja promove sociabilidade, brincadeiras ou reuniões de oração e estudos bíblicos. Eles estão na igreja, mas não fazem parte dela. Sua única preocupação é estar ali, mas o que acontece além disso não importa.

Essa categoria, em geral, é formada por pessoas que frequentam a igreja há mais tempo, já fizeram parte do grupo dos liberais, mas desistiram de lutar por mudanças, cansaram de propor algo e não serem levados em consideração; quase não frequentam reuniões de estudos bíblicos, não restituem seus dízimos, não estudam ou apenas leem pouco as Escrituras⁷⁷ e não aceitam cargos na igreja. Essas pessoas, em geral, são maduras, tanto pela idade quanto pelo convívio nas denominações, e se sentem em condições de contribuir para melhorar o convívio e o desempenho na igreja.

Uma quarta categoria é formada pelos que se podem chamar de consumidores de produtos oferecidos nas igrejas. Estão na igreja, mas não querem vínculos formais, não se tornam membros, mas contribuem financeiramente. Nessa categoria estão aqueles que nasceram na pós-modernidade ou na modernidade líquida, adotando aqui um conceito de Zygmunt Bauman:

⁷⁷ Diferença entre o estudo bíblico e a leitura bíblica.

Embora possamos achar que todo tipo de contato com o texto bíblico produz mudança na vida daquele que faz esse contato, existe diferença entre estudar a Bíblia e ler a Bíblia.

No estudo bíblico prioriza-se a interpretação, a compreensão do texto tanto do ponto de vista homilético como exegético. Precisamos saber o que o texto diz, interpretá-lo e aplicá-lo às nossas vidas, isso é estudo da Bíblia. No estudo da Bíblia, somos mais racionais e menos emotivos, aliás, um impacto emocional muito forte pode prejudicar a compreensão da mensagem.

Quando estudamos a Bíblia, precisamos estar centrados da mensagem que o autor do texto quis entregar. Devemos entender o que ele diz, e não o que queremos ouvir.

Quando estudamos um livro da Bíblia, buscamos ser controlados pela intenção do autor. O estudo da Bíblia, quase sempre, muda as pessoas. Esse processo nos revoluciona a vida.

Na leitura bíblica a prioridade é a aplicação, mesmo que a compreensão do texto não tenha ficado clara. O importante é o que o texto significa para mim, e não exatamente o que o texto ensina.

A leitura devocional diária é, certamente, recomendável, porém ela não é estudo.

O conceito de modernidade líquida foi desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman ((1925-2017)) e diz respeito a uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. O conceito opõe-se, na obra de Bauman, ao conceito de modernidade sólida, quando as relações eram solidamente estabelecidas, tendendo a serem mais fortes e duradouras. A modernidade sólida era caracterizada pela rigidez e solidificação das relações humanas, das relações sociais, da ciência e do pensamento. A busca pela verdade era um compromisso sério para os pensadores da modernidade sólida. As relações sociais e familiares eram rígidas e duradouras, e o que se queria era um cuidado com a tradição. Apesar dos aspectos negativos reconhecidos por Bauman da modernidade sólida, o aspecto positivo era a confiança na rigidez das instituições e na solidificação das relações humanas. (PORFÍRIO, [S./d.; s.p.]⁷⁸)

Não aceitam regras, moldam-se às circunstâncias, gostam de liberdade e autonomia. O comportamento daqueles que fazem parte dessa categoria é bem caracterizado, são exigentes. Se o produto oferecido não lhes agrada, procuram em outro lugar, ou seja, a igreja deve estar sempre oferecendo o que eles gostam de consumir, mensagens sem cobranças, dirigidas às emoções, cultos em horários alternativos, não muito longos, uma hora, no máximo uma hora e meia, música alegre de boa qualidade, preferencialmente apresentada por músicos profissionais, mesmo que a igreja tenha que pagar para isso. Dão preferência a igrejas grandes, onde permanecem no anonimato. Não questionam com os líderes, simplesmente param de frequentar a igreja quando não recebem pelo que estão pagando, pois na verdade, como se diz internamente “não restituem seus dízimos”, mas pagam “uma taxa” pelos serviços prestados pela igreja, e cobram isso.

Para exemplificar isso, uma senhora pertencente a essa categoria precisava usar as dependências sociais da igreja para realizar o aniversário de sua filha e, ao ser informada de que deveria pagar para que alguém pudesse limpar o que ficasse sujo, recolher todo o lixo e arrumar o salão, ela alegou que não pagaria, pois para isso é que ela “entregava o dízimo”, ou seja, para ela o dinheiro entregue como dízimo era, na verdade, uma taxa que lhe dava direito de usar a igreja para fins pessoais. As pessoas estão ali mais pelo hábito de frequentar uma instituição religiosa, mas não é difícil que uma delas saia de uma reunião na igreja e vá para uma festa em uma boate para se divertir.

A quinta categoria, também numerosa, é formada pelos que querem mudanças, querem mais abertura, acham a igreja muito cerceadora da liberdade das pessoas, castradora,

⁷⁸ PORFÍRIO, Francisco. Modernidade líquida. **Mundo Educação – Sociologia**. [S./d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>.

dominadora, invasiva, e entendem que esse modelo de igreja não atende mais ao que a sociedade está reclamando. Podem ser chamados de progressistas, liberais, inovadores. Essa categoria entende que a igreja não deve ser dogmática (como se isso fosse possível), preocupada com aparências, com o legalismo religioso, mas deve se preocupar em apresentar uma programação mais voltada para as necessidades sociais de seus membros, mais contextualizada com a realidade da sociedade atual, pertencente a essa modernidade líquida, utilizando os serviços de profissionais, para suprir suas necessidades de consumo, até um *stand-up show*, por exemplo.

Mas uma característica também marcante nessa categoria é que seus componentes não querem colocar seus pescoços na guilhotina da siseudez da liderança da igreja, na guilhotina do autoritarismo, nem mesmo estão dispostos a ficar debatendo com os tradicionais sobre a necessidade de avanços. É uma categoria que forma um grupo de pressão que exerce papel mais relevante que os conservadores. Fazem *lobbying*, pois nessa categoria estão as pessoas com maior nível de escolaridade, com maior renda mensal, que em geral fazem parte da classe média da população.

Por fim, a sexta categoria com a qual a igreja tem que lidar em decorrência de sua postura, omissa, autoritária, moralista, mas que, ao mesmo tempo faz certas concessões quando é conveniente, oferece mais do que é capaz de dar e cobra muito caro por seus produtos – são os desigrejados ou desinstitucionalizados. Embora essas pessoas não façam mais parte do seu rol de membros, exercem influência significativa direta. Resultado direto do processo de secularização religiosa, os desigrejados constituem um grupo que se cansou da igreja, conforme afirma Azevedo (2010) e decidiu por uma prática religiosa isenta das imposições das instituições. Caracterizam-se por alto grau de autonomia e conhecimento do funcionamento institucional e potencializam suas opiniões divergentes da igreja com o uso intenso da mídia, principalmente as redes sociais.

4.2 Uma Reação Sugerida para as Igrejas

Os dados levantados na pesquisa, com base na reação das pessoas, evidenciam que a igreja deve reagir, tendo em vista que a omissão agora pode tornar a situação incontornável.

Algumas das respostas apresentadas chamam a atenção. Por exemplo, um dos entrevistados, ao ser questionado sobre a possibilidade de voltar para uma igreja, sua resposta foi sintomática: “não. Quando o rio se torna mar, não cabe mais dentro do rio. Uma vez que você amplia seus horizontes, eles não se reduzem mais”. Frase muito parecida com uma atribuída a Albert Einstein, que disse que “uma mente que se abre a uma nova ideia jamais volta ao seu tamanho original”.⁷⁹ Se ele não quis copiar o autor dessa frase, os princípios são coincidentes, senão iguais.

Aliás esse tem sido o problema de muitas pessoas que pensam “fora da caixa”, mas permanecem nas igrejas; eles têm dificuldade de se encaixar no sistema. E, isso por uma questão simples – a igreja não aceita quem não se deixa levar, quem ousar ir além, quem questiona e propõe algo novo. O que se percebe é que a igreja atual, diferentemente da instituição criada no primeiro século, fechou-se em uma redoma e não aceita ideias novas e nada que não seja proposto por aqueles que estão na sua direção. Já foi dito que a hierarquia da igreja é mais rígida que qualquer outra, inclusive a militar, e olhando essa situação, isso fica claro, mas é estranho, pois no início da igreja, a liberdade, o dinamismo foi sua marca registrada.

Com base nos resultados apontados na pesquisa, e a partir do nosso ponto de vista, as principais causas do processo de desinstitucionalização são visíveis, mas os caminhos que a igreja deve seguir para superar essa crise não são tão simples. A resposta não é fácil, também não existe uma única resposta para resolver o problema, pois o fenômeno é multicausal. Logo, as atitudes também devem ter abrangência ampla, e algumas medidas devem ser tomadas para evitar agravar a situação, que já é grave.

Antes de se tomar qualquer atitude, é necessário repensar a forma como são escolhidas as pessoas para ocuparem os cargos de direção nas igrejas pentecostais e neopentecostais a fim de se eliminar um dos focos geradores do problema – a imposição de uma liderança quando a igreja não aceita. A liderança da igreja deve olhar com uma visão

⁷⁹ Disponível em: <https://quemdisse.com.br/frase/a-mente-que-se-abre-a-uma-nova-ideia-jamais-volta-ao-seu-tamanho-original/10128/>.

mais crítica os seus próprios líderes, os critérios de escolha, a capacitação exigida para o exercício da função, e estabelecer o intervalo de tempo ideal de permanência de um pastor à sua frente.

Primeiro, procurar superar a propaganda negativa que esse fenômeno está causando, tendo em vista ser mais grave que qualquer outro tipo de problema enfrentado pela igreja nessa crise e ao longo do tempo. Cada pessoa que se sente ferida, preterida, desvalorizada, humilhada, explorada se constitui em um propagandista contra a igreja institucionalizada, pois a maioria das pessoas que sai tem senso crítico aguçado, tem bom nível de escolaridade e bom nível de informação, muitos deles com formação em cursos superiores e usa muito bem as redes sociais. Isso é tão claro que o tema “desigrejados” é um dos mais discutidos nas redes sociais e para cada pessoa que critica a postura de um desigrejado existem muitos que defendem.

A verdade é que os desigrejados estão mais bem preparados para um debate sobre o tema do que aqueles que estão defendendo as instituições, pois faltam argumentos para justificar a atitude de pastores que cometem todos os desmandos provocadores do afastamento das pessoas. Esse fenômeno tem chamado a atenção de modo que existem muitas pesquisas sobre ele e uma das mais contundentes é a apresentada pelo Grupo Barna, citado por Silva (2020), que publicou o resultado de uma pesquisa feita nas igrejas protestantes americanas em diversas denominações, a partir do final do século passado com os seguintes dados: na década de 1990, o percentual dos evangélicos sem compromisso com as igrejas era de 30%; no início dos anos 2000, esse percentual subiu para 33%; e os últimos dados, publicados com informações mais recentes, apontam para 43% de cristãos desinstitucionalizados.

Segundo, repensar e mudar a metodologia/estratégia adotada nas igrejas, pois o modelo adotado é ultrapassado e anacrônico, tendo em vista a liturgia não conseguir chamar a atenção das pessoas, pois fala uma coisa, mas a realidade é outra. São mensagens que falam de amor, mas na prática esse amor não aparece. A igreja prega uma mensagem que massageia o ego das pessoas, mas não atinge suas reais necessidades. Os pastores se apresentam como santos, mas quando postos à prova se revelam vingativos, rancorosos, hipócritas, muitos deles escondem atrás dos seus títulos e posições pecados que excluiriam qualquer membro comum da igreja. Falam de honestidade, moralidade, porém, em muitos casos, se buscarem seus CPFs nos bancos de dados dos maus pagadores eles estão sempre lá.

O dono de uma livraria evangélica de uma grande cidade brasileira foi procurado para saber o nível de confiabilidade nos clientes que se apresentavam como pastores. Ele foi ao escritório da empresa e pegou em um armário uma pilha de cheques de mais de dez centímetros de altura, devolvidos pelos bancos, alguns deles há mais de dois anos, sem que seus emitentes tivessem procurado para resgatá-los. Mas o que chamou a atenção foi que muitos daqueles emitentes eram pastores (pessoas físicas) e igrejas (pessoas jurídicas). Dessa forma, esses pastores não têm credibilidade para pregar ou ensinar nem sobre honestidade nem sobre moralidade, temas sempre recorrentes em suas mensagens.

Algo comprometedor para os pastores e para as igrejas é o fato muitos pastores de estarem à frente das igrejas e em seu segundo, terceiro e até quarto casamento, tendo em vista que o divórcio sempre foi repudiado no meio evangélico, principalmente no ministério. A pergunta de uma pessoa entrevistada era: “Qual a autoridade que esse pastor tem para falar sobre família, amor, perdão, fidelidade, altruísmo, pois na maioria dos casos de divórcio na igreja esses problemas estão evidentes?”. De fato, ninguém poderia oferecer uma resposta que fosse convincente sobre uma pessoa que ensina sobre amor, celebra casamentos, fala de fidelidade e perdão e não conseguiu resolver o problema dentro de sua casa. Além disso, muitos divórcios ocorrem por infidelidade dos pastores e isso dificulta ainda mais qualquer tentativa de responder a essas indagações.

Na maioria das igrejas pentecostais e neopentecostais, a preocupação é com o entretenimento para encher as igrejas. As mensagens são sem conteúdo e os pastores ocupam o tempo mais em oferecer formas de superar problemas emocionais, como não se deixar abater diante de um fracasso, como se dar bem em uma atividade profissional, mais parecendo um profissional fazendo palestra de autoajuda do que mensageiros da palavra de Deus.

Terceiro, a igreja precisa ajustar sua mensagem ao propósito da evangelização e formação de cristãos maduros que consigam caminhar sozinhos, enfrentando as dificuldades do dia a dia, e não somente viver de modismos religiosos, como afirma Bobsin (2015):

Mas, diante da complexidade da vida, de novos desafios e de novas perguntas, as instituições precisam descongelar a tradução das doutrinas para que possam ser relevantes para os novos tempos. Uma instituição religiosa que não sabe traduzir sua mensagem para novos tempos certamente trai seus princípios. Um dos problemas das Igrejas, muitas vezes, reside na dificuldade de tradução de princípios. A tradução das palavras de Cristo é um problema complexo, que merece revisão no sentido de atualização, mas sem cair em modismos. (BOBSIN, 2015, p. 4)

A igreja deve apresentar mensagens mais consistentes, com base nas Escrituras, tendo em vista que uma queixa também recorrente dos entrevistados é a superficialidade das pregações, que não despertam as pessoas para suas reais condições diante de Deus. A igreja precisa mudar sua mensagem, pois a atual não as prepara para vencer na vida do ponto de vista secular, com base nas mensagens de autoajuda que apresentam. Os pastores querem entrar no campo da psicologia, da antropologia, da sociologia, da poimênica, para fundamentar seus sermões, mas como não têm conhecimento ou formação para fazer isso o resultado tem sido constantes fracassos. Nem mesmo o papel elementar do aconselhamento eles conseguem fazer, pois não ousam uma conversa frente a frente com uma pessoa que precisa ser aconselhada, não conseguem lidar com a realidade daqueles que estão sob seus pastorados. Além disso, suas mensagens não são respaldadas por seus exemplos.

Na prática, a mensagem pregada nas igrejas hoje, conforme Araújo (2013), massageia o ego das pessoas, fazendo-as se sentirem empoderadas, donas das suas vontades, cria uma perspectiva de sucesso pessoal, mas fecha os olhos para os seus erros, não mostra suas impurezas e sujeiras. Como disse o profeta Jeremias, capítulo 6, versículo 14: “E curam superficialmente a ferida da filha do meu povo, dizendo: Paz, paz; quando não há paz” (JR. 6:14).

As igrejas pentecostais e neopentecostais devem refletir sobre suas condutas, pois conforme Araújo, (2013:

quando nossos primeiros pais deram ouvidos à voz da serpente (satanás), toda a criação passou a estar sob os efeitos diminutivos do pecado. Os resultados estão aí, bem diante dos nossos olhos: é o filho viciado em drogas que mata a própria mãe para manter o vício, o idoso espancado covardemente por causa de uma mínima aposentadoria, a criança jogada pela janela, a adolescente violentada e assassinada de maneira brutal, o bebê recém-nascido abandonado na lixeira, o desvio da merenda escolar que iria alimentar uma multidão de crianças famintas, a mãe que deu à luz no corredor lotado de hospital, o “irmão” que fraudava dinheiro público e agradece a deus *mamom* pela benção recebida, o juiz que aceita suborno, o governante que faz vista grossa às necessidades do pobre, as famílias que sobrevivem literalmente do lixo, o policial que se corrompe no exercício da profissão, o bandido que mata para não morrer (ou prazer mesmo), os conflitos bélicos a que nações são subjugadas por uma minoria poderosa e perversa, as guerras, os assassinatos, as maldades humanas contra seu semelhante, contra a natureza e contra si mesmo. Ora, o que é isso senão o estabelecimento de uma falta? E o que significa essa falta senão o ausentar-se do elemento divino daquele que comete a falta? [...] Ao pecar, a película de santidade que cobria a retina de seus olhos foi rasgada impiedosamente

pelo bisturi da desobediência, e eles perceberam que estavam expostos e desprotegidos. (ARAÚJO, 2013, 17-18)

Pelo que foi exposto por Araújo (2013) pode-se perceber no comportamento de pastores e líderes que as igrejas estão caminhando a passos largos para um abismo teológico. Querendo ser pragmáticas, elas se tornaram insensíveis às necessidades daqueles que as frequentam; buscando o entretenimento, alegram as pessoas com uma programação agradável e divertida, mas afastam cada vez mais os seus frequentadores do ideal cristão. As igrejas pentecostal e neopentecostal brasileiras, pelo desvio da conduta de suas lideranças e pela falta de identidade entre o que ensinam e o que vivem, estão se perdendo no labirinto dos modismos religiosos, e, aproveitando-se da fragilidade e da carência das pessoas, não cumprem o seu papel nem religioso nem social. Querendo ser agradáveis, têm se tornado incapazes de realizar as tarefas mais simples reservadas para elas. E o que é pior – a promessa feita a elas no dia do seu estabelecimento, conforme se vê no Evangelho de Mateus, capítulo 16, versículo 18, não está sendo cumprida, pois elas não conseguem romper as portas do inferno e veem a sociedade que assiste, cada dia mais perversa e corrupta. “Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (MT. 16:18).

Quarto, a igreja precisa separar o teológico/religioso do secular. Embora a palavra secularização seja um conceito, abrangente, polissêmico, estamos usando aqui a concepção de Berger (1985) que afirma ser a secularização:

um processo através do qual alguns setores da sociedade e da cultura são retirados do domínio das instituições dos símbolos religiosos. Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo. (BERGER, 1985, p. 119)

Na verdade, a igreja não consegue lidar com a laicidade do Estado brasileiro, entendendo laicidade como sendo “a formação de um Estado desvinculado de qualquer grupo religioso. Objetiva um espaço público capaz de garantir e resguardar a participação de todas as denominações religiosas sem privilégios a uma tradição de fé, mesmo que esta represente, historicamente, uma maioria”, como afirma (GABATZ, 2019, p. 11).

No Brasil, mesmo após a Constituição da República, em 1891, que promoveu a separação entre igreja e Estado, esse problema continua, conforme atestado na publicação de Rafael Antônio Pinto Ribeiro:⁸⁰

Desde os primórdios a laicização de um Estado não é uma tarefa de fácil realização, existe a necessidade de se enfrentar barreiras solidas permeadas das mais distintas doses de emoção, e desta forma perdendo a imparcialidade tão necessária para o equilíbrio do bom convívio. No Brasil a tarefa não poderia ser diferente. A luta pela laicização tem seus primeiros registros quando da conquista da liberdade religiosa, algo nada comum em um Estado que manteve uma associação extremamente próxima até o final do império, mudança que veio ocorrer somente com o regime republicano que tentou a exemplo das repúblicas do velho continente, a separar Igreja e Estado. [...] sendo esta situação revertida através no decreto 19.941 de abril de 1931, onde o então chefe do governo provisório da República dos Estados Unidos do Brasil dispõe favoravelmente sobre a instrução religiosa nos cursos primário, secundário e normal. (RIBEIRO, 2014, [S./p.]

As igrejas pentecostal e neopentecostal não conseguem fazer claramente essa distinção entre o sagrado e o profano, separar o teológico do secular, principalmente quando procura se envolver com setores ou com instituições da sociedade com os quais não tem condições de lidar, primeiro por não ser áreas afins ao que ela deve servir à sua comunidade e depois por ser um ambiente hostil para ela. Mais uma vez recorremos a Gabatz (2019), com o qual concordamos no sentido de que a laicidade tem relação direta com a igualdade e a liberdade de crença e

em sociedade pluralista como a brasileira, com tantas crenças e opções religiosas, o princípio da igualdade converte-se em um instrumento indispensável ao tratamento de todos os seus indivíduos com respeito a equidade. Já em relação à liberdade religiosa individual, ainda que haja garantia constitucional, a laicidade caracteriza-se como uma diretriz capaz de interditar a promiscuidade entre os poderes públicos e algumas doutrinas religiosas (GABATZ, 2019, p. 12).

As igrejas evangélicas/protestantes criticaram, ao longo da história, o envolvimento da igreja com a política no Império Romano, a cristandade,⁸¹ a partir da suposta conversão de Constantino. O Brasil, após o período da ditadura militar, se envolveu com a política

⁸⁰ RIBEIRO, Rafael Antonio Pinto. **Laicidade do Estado brasileiro**. set. 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/31976/laicidade-do-estado-brasileiro>.

⁸¹ Cristandade é um termo que se entende como um sistema de relação entre a igreja, estado ou qualquer outra forma de poder político, numa determinada sociedade ou cultura. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=o+que+%c3%a9+ cristandade &FORM=QSRE1>.

partidária a ponto de provocar diversas divisões entre seus líderes, e hoje esse é um tema discutido nos círculos pentecostais e neopentecostais como qualquer assunto ligado aos temas religiosos da igreja. Em cada eleição, o número de candidatos evangélicos, dos segmentos pentecostais e neopentecostais cresce significativamente, e recentemente [final do mês de outubro de 2020] o site do jornal *Correio Braziliense*, do Distrito Federal, afirmou que o número de candidatos evangélicos aumentou 34% em relação às eleições passadas.

Nos últimos anos, os evangélicos vêm ganhando mais espaço no ambiente político. Prova disso é o aumento de 34% no total de candidaturas dos representantes deste segmento religioso nas eleições municipais de 2020, em comparação com o pleito de 2016. O Tribunal Superior Eleitoral (TSE) não divulga estatísticas sobre a religião dos candidatos, mas, segundo apuração feita pelo Correio utilizando dados disponibilizados pela Justiça Eleitoral, o número de postulantes a prefeito ou vereador que utilizam pastor ou pastora como primeiro nome na urna é de 4,5 mil. Desse total, 4,2 mil disputam vagas como vereadores.

Candidatos evangélicos estão espalhados por 28 partidos. A legenda com maior número é o Republicanos, que tem 358 candidatos que utilizam pastor ou pastora e concorrem aos cargos de vereador e prefeito. O partido é o mesmo do deputado federal e bispo Marcos Pereira (Rep-SP), atual vice-presidente da Câmara dos Deputados; do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella; e dos filhos do presidente Jair Bolsonaro, o senador Flávio e o vereador Carlos. O Partido Social Cristão (PSC), antiga casa do presidente Bolsonaro, tem 311 pastores e pastoras disputando a eleição. (MEDEIROS; BOSCO, 2020, [S./p.].⁸²

O envolvimento da igreja na política tem trazido sérias consequências para seus pastores e líderes. As mais graves estão visíveis para qualquer de seus membros, como a corrupção de líderes que se envolvem com políticos comprometidos moral e legalmente, os conchavos que de vem participando, vendendo os votos dos membros da igreja em troca de favores, ajuda a fim de obter concessões de emissoras de rádio, doações de terrenos, ajuda financeira. Esses são apenas exemplos do que vem acontecendo por conta dessa união.

Em virtude do histórico de não se preocupar com a formação teológica de seus pastores e líderes, inclusive desestimulado os estudos, as igrejas pentecostais e agora também as neopentecostais não se prepararam para abrir estabelecimentos de ensino visando

⁸² MEDEIROS, Israel; BOSCO, Natália. Candidaturas evangélicas aumentam 34% em relação à última eleição municipal. **Correio Braziliense**, 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/10/4884857-candidaturas-evangelicas-aumentam-34--em-relacao-a-ultima-eleicao-municipal.html>.

à formação de seus obreiros dentro das linhas teológicas defendidas por elas, e o resultado disso é que aqueles que hoje pretendem ingressar numa instituição de ensino superior de teologia entram naquelas que oferecem cursos, mas não seguem a teologia pentecostal na formação teológica dos pastores, conforme Dayton (2018, p. 15):

A formação de teólogos pentecostais brasileiros entre pentecostais tem sofrido de um déficit histórico causado por diversos motivos, inclusive a uma recorrente resistência, até mesmo desconfiança, de pentecostais quanto à educação teológica mais formalmente institucionalizada. O fato de nos últimos vinte anos novas gerações de pentecostais procurarem por instituições teológicas não pentecostais para estudos, quer em nível de graduação quer no de pós-graduação, acaba por produzir na verdade teólogos pentecostais sem teologia pentecostal. Por mais boa-vontade que as instituições tenham ao acolher estudantes pentecostais, a verdade é que elas não têm condições de oferecer orientações cujas episteme e hermenêutica sejam próprias à experiência pentecostal em si mesma, possibilitando assim uma teologia pentecostal que se legitime por si só ainda que em diálogo com outras disciplinas. (DAYTON, 2018, p. 15)

Esse fato por si só, não apresentaria problemas se a igreja fosse capaz de lidar com opiniões diferentes dentro do ministério, mas isso não acontece, e aqueles que se formam nos cursos teológicos de tradição reformada (nas igrejas protestantes históricas) se veem prejudicados muitas vezes pela falta de liberdade de falar e emitir opinião sobre questões doutrinárias e sobre costumes nas igrejas, sendo, em geral, tratados de forma pejorativa, nesse caso, principalmente as pentecostais, pois nas neopentecostais há tanto mais liberdade de expressão como menos preocupação com esses aspectos na condução da igreja, tendo em vista o ecletismo na própria liturgia adotada. Além disso, as igrejas neopentecostais, em geral, são dirigidas por pequenos grupos de obreiros, quase sempre sob a forte liderança daquele que foi o seu fundador, como no caso das igrejas neopentecostais de maior tradição.

Outro aspecto a ser considerado é que os obreiros que pretendem fazer um curso de teologia, não encontrando em sua denominação uma instituição que ofereça essa formação, vão em busca de instituições mantidas por outras igrejas, com cursos reconhecidos pelo Estado, pois a finalidade agora é o reconhecimento do diploma de curso superior, e a ingerência do Estado no reconhecimento desses cursos necessariamente haverá exigências que provocam divergências entre o que é oferecido pelas instituições de ensino e o que é necessário para a formação de um pastor para atuar nas igrejas pentecostais e neopentecostais, mesmo considerando que o número de obreiros que procuram esses cursos

para se capacitar seja pequeno. Não haveria nenhum problema em se estudar teologia numa instituição reconhecida se não fosse pelo rigor imposto nas igrejas quanto ao comportamento dos obreiros sobre o que pode e o que não pode ser ensinado.

Outro fator que preocupa as igrejas pentecostais e neopentecostais é que o currículo desses cursos é caracterizado por poucas matérias de natureza teológica e de disciplinas que contribuam para a formação pastoral dos alunos, a ponto de estudarem três ou quatro anos sem ter uma formação voltada para a interpretação bíblica (hermenêutica) ou para preparar adequadamente um sermão (homilética ou exegese), além de não estudarem disciplinas sobre hiperetologia, poimênica e conhecimentos do comportamento humano, como fundamentos da psicologia.

Entrevistando um recém-formado, membro de uma igreja pentecostal, estudante de uma faculdade de teologia reconhecida pelo MEC. Foi lhe solicitado que fizesse uma exposição sobre a teontologia, abordando a diferença entre a teontologia e a teologia. O aluno disse não estudado o assunto em suas aulas de teologia sistemática durante os dois semestres cursou.

Há ainda mais um problema que pode ser considerado prejudicial à formação teológica dos pastores nas igrejas pentecostais e neopentecostais relacionado com a integralização de disciplinas a fim de fazer a complementação necessária para transformação de certificados de cursos livres em diplomas de curso superior reconhecidos. Para isso basta que o interessado procure uma instituição reconhecida e peça para fazer as disciplinas necessárias para integralizar o curso.

Sem considerar que, muitos obreiros fizeram cursos livres, de qualidade questionável, nos quais ingressaram sem a devida conclusão do ensino médio, e requereram em uma instituição credenciada a validação de seus estudos com base no estudo de duas ou três disciplinas nas quais os conteúdos têm pouca relação com a atividade religiosa e com esse diploma agora reconhecido estão aptos para a consagração ao pastorado.

Quinto, a igreja precisa fazer sua autocrítica. Essa talvez seja a medida mais urgente a ser tomada, mas também a mais difícil, pois se ela não reconhecer que está laborando em erro, frustrando aqueles que a procuram, desejosos de um relacionamento cristão verdadeiro, dificilmente conseguirá se reerguer do abismo que caiu. Durante séculos a igreja não admitiu que precisava mudar, servir, conduzir pessoas à presença de Deus, antes tem se preocupado mais em acumular riqueza, poder, prestígio social, político, mas na medida em que foi obtendo isso, perdeu sua eficiência e eficácia diante daqueles para quem ela deveria atuar,

formando uma caricatura do que seria uma igreja morna, sem brilho, como foi severamente criticada a igreja de Laodiceia, no livro de Apocalipse. A igreja atual, guarda muito de suas características, conforme Apocalipse, capítulo 3, versículos 15 ao 18:

Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu; Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. (AP. 3:15-18)

Poucos textos bíblicos retratam tão bem a condição da igreja atual como esse de Apocalipse. Aliás, para os que usam o Dispensacionalismo como forma de interpretação da escatologia bíblica, a Igreja de Laodiceia representa a igreja atual. Nela se percebe a arrogância de achar que tem tudo e pode tudo, mas também evidencia a cegueira espiritual e sua insensibilidade não percebendo sua própria nudez (destituída de vestimenta espiritual, de santidade). É dessa forma que a igreja atual se apresenta. Portanto, uma autocrítica seria necessária, mas não apenas isso – há necessidade de mudança de propósito, de *modus operandi*, pois as pessoas estão atentas para a realidade de uma igreja que não atende mais a seus anseios espirituais e cobra muito caro pelo serviço de baixa qualidade.

Muitos com críticas severas à igreja fazem uma comparação curiosa entre a igreja primitiva pobre, destituída de qualquer tipo de bens acumulados e a igreja atual rica e pretenciosa, dizendo: – no dia que Pedro e João chegavam ao templo para orar e foram parados por um mendigo aleijado que esmolava ouviu de Pedro a seguinte resposta: “não tenho ouro nem prata, mas o que tenho isso te dou, em nome de Jesus Cristo, levanta e anda” e a igreja atual tem tudo, riqueza, prestígio, mas não tem poder.

Com um olhar imparcial sobre toda essa situação, pode-se ver que o resultado disso será uma igreja enfraquecida, severamente criticada, como já está sendo, pelos que dela saíram. Porém seus líderes não parecem estar preocupados com isso, sentindo-se seguros com suas prebendas, e continua aumentando a procura das pessoas pelas igrejas na busca de soluções para seus problemas. Como os pastores dizem: se um sai, dois chegam, mas a sazonalidade na igreja também é grande e o contingente dos desigrejados continuará aumentando.

4.3 As Causas do Processo de Desinstitucionalização

Após o levantamento dos dados com base em pesquisa com desigrejados, pastores e líderes, foram identificadas as principais causas da frustração, insatisfação e a consequente desinstitucionalização ou abandono das igrejas por membros, caracterizando, dessa forma o que chamamos de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*.

A seguir, identificaremos os grupos nos quais se enquadram os desigrejados ou desinstitucionalizados com suas principais características, embora reconheça que mesmo essa categorização não contempla na totalidade as causas da frustração e insatisfação das pessoas, tendo em vista as limitações da amostra pesquisada. Entendemos que esta [a amostra] deveria ser mais abrangente e realizada em ambientes diferentes do ambiente virtual em que se limitou a pesquisa formal. Mas ao mesmo tempo entendemos que a amostra atente ao que se pretendia descobrir sobre o processo de desinstitucionalização.

O primeiro grupo é o formado por aqueles que frequentaram alguma instituição religiosa e se decepcionaram, por motivos diversos, desde divergência ou decepção com pastores e líderes até aqueles que sofreram algum tipo de problema específico, como desilusão, mágoas, ressentimentos ou foram feridos pelo comportamento de seus líderes e não encontraram respostas que almejavam. Assim, resolveram abandonar as igrejas e se rebelar contra elas. As pessoas desse grupo, demonstram pouco ou nenhum interesse por assuntos que envolvam questões espirituais decorrente de tudo o que sofreram em função do comportamento dos que deveriam ajudá-los a superar suas dificuldades, mas, em vez disso, acumularam ao que já sofriam mais dificuldades e os levaram ao estado de decepção que se encontram ao tomar a decisão de afastarem-se das igrejas.

Percebe-se que a causa da frustração desse grupo é causada por falta de cuidado no tratamento que deve ser dado àqueles que chegam às igrejas procurando superar suas dificuldades decorrentes dos problemas do dia a dia. Os cristãos do primeiro século enfrentavam problemas tão graves como os enfrentados pelos que hoje procuram as igrejas, mas o diferencial estava no modo como esses problemas eram tratados pela liderança. Havia interesse em envolver as pessoas no novo ambiente que passavam a frequentar. O ensino foi

fundamental naquele momento, com a adoção de técnicas que contribuíam para que esse processo fosse efetivo, como demonstrado na *didaquê*, utilizada pelos primeiros cristãos.⁸³

O segundo grupo que faz parte da categoria dos desigrejados. É formado pelos que discordam das igrejas, mesmo sem ter se decepcionado, mas por não aceitarem regras. Esse grupo ataca as lideranças, faz críticas às instituições, mas como justificativas para suas preferências ou dificuldades. Em geral, os componentes desse grupo se sentem incapazes de lidar com as frustrações. Esperam que o fato de se tornarem membros de uma igreja resolva automaticamente seus problemas. Mesmo se considerando cristãos, não vivem como cristãos. Esse modo de comportamento não é novo; na igreja primitiva em Corinto, havia partidos dentro da igreja, como se vê na crítica feita por Paulo àquela igreja descrita em sua primeira carta, capítulo 1, versículos de 11 a 13:

Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloé que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo. Está Cristo dividido? foi Paulo crucificado por vós? ou fostes vós batizados em nome de Paulo? (I CO. 1:11-13)

Pessoas como as pertencentes a esse grupo sempre estiveram presentes nas igrejas e sempre causaram problemas, querem inovações, interferir na direção da igreja. São como aqueles que estavam presentes na igreja de Filadélfia, no livro de Apocalipse, capítulo 3, versículo 9 “Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo” (AP. 3:9). Também estavam presentes na Igreja de Pérgamo, no livro de Apocalipse, capítulo 2, versículos 14 e 15:

⁸³ A *Didaquê* é um catecismo cristão escrito entre 60 e 90 d.C. (talvez até antes da destruição do Templo de Jerusalém), provavelmente na Palestina ou na Síria. Trata-se, certamente, do “documento mais importante da era pós-apostólica, a mais antiga fonte de legislação eclesiástica que possuímos” (Quasten). Ao que parece, é fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que bem retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Essa antiguidade explica por que algumas Igrejas chegaram a considerá-lo um escrito canônico. Apesar de ter sido redigido nos primórdios do Cristianismo, sua mensagem é válida para os dias de hoje. Entre os assuntos tratados, podemos destacar: a repetição das palavras de Mt 5:26, que contribuíram para a definição da doutrina sobre o Purgatório (Did I,5); a proibição do aborto (Did II,2) e do esoterismo e astrologia (Did III,4); a exortação pela unidade dos cristãos (Did IV,3); os sacramentos do batismo (Did VII), confissão dos pecados (Did IV,14; XIV,1) e eucaristia (Did IX-X); o batismo ministrado por imersão (Did VII,1) ou infusão (Did VII,3) e na forma trinitária (Did VII,1.3); a eucaristia vista como alimento espiritual para o cristão (Did X,3) e talvez como sacrifício (Did XIV,2-3); os cuidados a serem tomados contra os falsos profetas e mestres (Did XI-XII); a celebração eucarística realizada aos domingos (XIV,1); e a existência de bispos e diáconos substituindo ou com a mesma dignidade dos profetas e mestres (Did XV,1-2). [O documento está dividido em 4 partes, totalizando 16 capítulos] Disponível em: http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/DIDAQUE_-_A_Instrucao_dos_Doze_Apostolos.pdf.

Todavia, tenho alguma coisa contra ti: é que tens aí sequazes da doutrina de Balaão, o qual ensinou Balac a fazer tropeçar os filhos de Israel, para levá-los a comer carne imolada aos ídolos e praticar imundícies. Tens também sequazes da doutrina dos nicolaítas. (AP. 2:14-15, *grifo nosso*)

Também estavam presentes nas igrejas da Ásia, conforme queixa de Paulo ao seu amigo Timóteo, na segunda carta de Paulo a Timóteo, capítulo 4, versículo 10 “Demas me abandonou, por amor das coisas do século presente, e se foi para Tessalônica [...]” (II TM. 4:10, *grifo nosso*).

Esse é um caso típico decorrente do excesso de oferta em termos de modelos de igreja. Na busca de atrair as pessoas, a postura das igrejas é oferecer o maior leque de opções possíveis para aqueles que estão lá fora, e a busca das pessoas tem sido pela satisfação de seus interesses e uma instituição que ofereça um tipo de produto específico para atender a sua demanda religiosa. Talvez uma coisa sobre a qual não se fala nas igrejas é que a própria vida cristã tem como consequência dificuldades diversas, inclusive, em alguns casos, o sofrimento, pois em nenhum momento encontramos nos textos bíblicos promessas de vida isenta de dificuldades; pelo contrário, as Escrituras dizem que os justos sofrem, têm aflições e passam por privações e angústias, e muitos não têm sido preparados para enfrentar esse tipo de situação.

E um dos problemas enfrentados aqui é a incapacidade de lidar com as adversidades. Muitos querem que as coisas se resolvam de acordo com a sua expectativa, e nem sempre isso ocorre. Falta aos que estão nesse grupo a resiliência que poderia contribuir para a superação dessas e de muitas dificuldades enfrentadas. Não se pode negar, entretanto, que nas igrejas, às vezes, sobram línguas que criticam e faltam braços que acolham, conforme demonstrado por Azevedo (2010).

O terceiro grupo de pessoas que formam os desigrejados é composto por aqueles que frequentaram as igrejas instituídas, em busca de uma interpretação bíblica divergente daquela praticada pela instituição. Entenderam que existem muitas falhas nessas igrejas, ou pelo menos a maioria delas está comprometida com causas alheias ao seu papel com o Evangelho, por exemplo: envolvimento com a política partidária, transformaram-se em empresas, em *holdings* familiares, portanto visam ao lucro, supervalorização dos bens materiais em detrimento dos bens espirituais, mais compromisso com o que é terreno do que com o espiritual do cristianismo.

Os componentes do terceiro grupo, sem problema aparente, resolvem deixar de participar de reuniões em templos e procuram uma prática religiosa sem o envolvimento com as igrejas instituídas. Eles entendem que a prática cristã não depende da igreja, mas continuam se considerando parte do corpo de Cristo. Defendem que a palavra *Eklesia*,⁸⁴ que traduzimos por “igreja”, nunca se referiu a um prédio, mas a um organismo vivo ao qual todos os dias são agregados aqueles que aceitam a fé, conforme descreve Lucas no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículo 47: “... E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar” (AT. 2:47).⁸⁵

Mesmo reconhecendo que, na prática, a perfeição administrativa, organizacional, seja quase impossível de se atingir por motivos diversos, a igreja deve rever os principais aspectos da doutrina e princípios bíblicos, tendo em vista que elas são constantemente desafiadas por novos membros que entendem que o modo como elas vêm agindo não é o ideal. Dessa forma, cada novo grupo que surge, cada igreja que é aberta acha que o seu procedimento é mais puro e correto que o da igreja anterior da qual se desligaram. Afirma Bray (2017)

A história do protestantismo mostra que novas formações que se autodenominam “igrejas” continuam a emergir; cada nova geração se vê obrigada a ratar de assuntos eclesiológicos, assim como seus predecessores do século XVI fizeram. (BRAY, 2017, p. 276)

(...) a raiz do problema está no fato de que enquanto os protestantes creem que sua doutrina deve ser baseada somente nas Escrituras (*sola Scriptura*), nenhuma igreja contemporânea pode almejar recriar com credibilidade o contexto do Novo Testamento e aponta os seguintes motivos:” (BRAY, 2017, p. 280-281):

Primeiro, o Novo Testamento não apresenta detalhes suficiente sobre a organização das igrejas. Tinham bispos? Havia uma pessoa responsável pelas outras? Com que frequência se reuniam e o que faziam nas reuniões? Temos indicadores que nos ajudam a entender que essas perguntas foram examinadas e respondidas, mas não sabemos exatamente como.

Segundo, não importa como as igrejas se autogovernavam na época do Novo Testamento, estavam sempre sujeitas à liderança dos apóstolos, que possuíam certa autoridade ocasional sobre elas, como se pode ver nas inúmeras cartas enviadas por eles às diversas igrejas. Também eram deles as principais decisões em assuntos relacionados à conduta dos cristãos, conforme amplamente demonstrado no livro de Atos dos Apóstolos.

Terceiro, dois mil anos de história deixaram suas marcas. Não imaginamos, por exemplo que um missionário cristão chegue a uma grande cidade

⁸⁴ Uma reunião de cidadãos [de uma cidade] chamados para fora de suas casas e para dentro de algum lugar público; uma assembleia-reunião

⁸⁵ <https://tabernaculodoleao.blogspot.com/2008/02/igreja-invisivel-um-conceito-que-se.html>

ocidental e encontre uma situação semelhante à que o apóstolo Paulo encontrou em Atenas, onde ninguém conhecia nada a respeito de Cristo e seus ensinamentos.

Quarto, hoje a igreja é um fenômeno mundial com diversidade impressionante. O grupo que se estabelece e reivindica ser a igreja do Novo Testamento e exclui todas as outras, acaba descobrindo que é mais um grupo sectário. (BRAY, 2017, p. 281-282)

No artigo *O desafio é não apenas celebrar, mas mudar*, referindo-se às necessidades de implementar mudanças no seio da igreja evangélica, Oscar (2017), faz as seguintes indagações que ele mesmo procura responder:

Se o reformador Martinho Lutero vivesse em nossos dias, em plena era de pós-modernidade, como reagiria ao cenário atual da Igreja Evangélica? Qual reforma proporia para uma igreja multifacetada, multidivida em doutrina, teologia e prática litúrgica? Teria algo a acrescentar ou quem sabe, a retirar, tendo como referência suas 95 teses? Em retrospectiva, observamos que muitas mudanças ocorreram nos cinco séculos transcorridos desde a Reforma Protestante. Mas, se olharmos prospectivamente, veremos que muitas reformas precisam ser realizadas na chamada Igreja Cristã. E, para que essas mudanças sejam feitas com sucesso e sem rejeição, cabe a cada um que busca uma espiritualidade sadia e conformada com os princípios bíblicos apontar novos rumos, tendo a reforma como fonte de inspiração e de conteúdo para manter o barco navegando, mesmo em águas agitadas. (OSCAR, 2017, p. 205)

Sem que as igrejas pentecostais e neopentecostais do século XXI compreendam que esta é a dinâmica a ser adotada e que não há como mudá-la ou como não se submeter a ela, continuarão provocando as mesmas crises que vêm acontecendo no que denominamos de *quarta onda do pentecostalismo* e que chegou dentro delas – o comportamento dos desigrejados ou desinstitucionalizados. Portanto, qualquer ação que pretenda corrigir esse descompasso deve começar com essa visão de mudança ou o barco continuará à deriva.

4.4 Consequências da Desinstitucionalização nas Igrejas

As consequências que o processo de desinstitucionalização vem causando nas igrejas são evidentes, mesmo o universo da pesquisa tendo se limitado aos pentecostais e neopentecostais, como a realizada no presente trabalho, pois o sofrimento, os danos psicológicos, emocionais, causados aos afetados que se afastam das igrejas não se verificam com facilidade. Essas consequências não afetarão somente os desinstitucionalizados – as igrejas também sofrerão; no entanto, para identificá-las a pesquisa deveria ser estendida por mais tempo, o que não cabe em um trabalho dessa natureza.

O que se evidencia perante os que foram pesquisados é que a maioria não pretende retornar ao convívio institucional. Cerca de 70% antes apresentam uma acentuada aversão ao cristianismo institucionalizado, com uma tendência crescente à secularização, em função do crescimento científico e tecnológico. Contudo não é só com esse problema que a igreja deverá lidar – existe a propaganda negativa que o grupo dos desigrejados vem fazendo e fará para desestimular as pessoas a procurarem as igrejas. Se não bastasse isso, há ainda aqueles que se sentem livres e mais úteis ao reino de Deus do que quando participavam de uma igreja institucionalizada, e têm um poder de persuasão maior.

Outro aspecto relevante, também consequência do processo de desinstitucionalização, é que as igrejas pentecostais e neopentecostais não conseguem despertar nas pessoas o desejo do convívio fraterno nas congregações, e isso em razão dos seus próprios erros acumulados ao longo de anos de procedimento, sem atentar que esse comportamento estava e continua prejudicando sua relação com os cristãos. Esse fato já aconteceu nas igrejas protestantes tanto da Europa quanto dos Estados Unidos, no século passado, devido à falta de conexão entre a igreja e a comunidade. Pode-se afirmar quase com certeza que o processo de secularização religiosa é sempre uma consequência da falta de sintonia entre a igreja e aqueles a quem ela deveria servir, e o aumento significativo do conhecimento científico e tecnológico que facilita o acesso a informações que não poderia ser alcançado sem isso.

Outra consequência do processo de desinstitucionalização é que o comportamento errado dos pastores e líderes passa a ser considerado como se fosse o padrão de todos os demais. A capacidade de filtrar os comportamentos errados e destacá-los dos demais não parece tarefa a ser feita pelos desinstitucionalizados, pois a partir do momento em que deixam as igrejas, todos os pastores são tratados sob o mesmo prisma, e quando as pessoas vão se referir ao serviço prestado pelas igrejas à comunidade é o comportamento errado que fica em evidência. A lembrança que vem à mente não é a das coisas boas que aconteceram, e sim a das frustrações, dos desencantos e das decepções que tiveram. Como já foi dito neste trabalho, uma pesquisa nos Estados Unidos mostrou que a profissão de pastor é uma das mais desacreditadas.

5 BUSCANDO SÍNTESES DE RESULTADOS E CONCLUSÕES

Nos tópicos a seguir – “*Conclusões no espelho dos objetivos e hipóteses*” e “*Ampliando as considerações*” – procuramos demonstrar que os resultados obtidos dão margem de segurança para expressar, a partir dessas informações, que a hipótese levantada no início da pesquisa pode ser comprovada e os objetivos propostos foram, se não plenamente, em sua maior parte alcançados. Nesse sentido, sentimo-nos confirmados em levar em frente a hipótese de que existem evidências consistentes em relação à sugestão de uma *quarta onda do pentecostalismo brasileiro* dando sequência ao que Freston (1994) denominou de “*ondas do pentecostalismo*”, e que naquele momento identificou as três primeiras.

Além disso, as novas avaliações dos processos sociais feitos por Bauman (2013) evidenciam que o processo de liquidez por que passa a sociedade e, de forma especial, em relação aos fenômenos religiosos, identificam com clareza que a volatilidade das relações sociais denominada por Bauman de modernidade líquida afeta diretamente o comportamento dos frequentadores das igrejas evangélicas brasileiras, principalmente os seguimentos pentecostal e neopentecostal, potencializados pelo comportamento heterodoxo dos pastores e líderes.

5.1 Conclusões no espelho dos objetivos e hipóteses

Quando iniciamos a busca por respostas que possibilitassem compreender as causas do movimento que sinalizamos como hipótese de uma *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, desinstitucionalização ou desigrejamento, não esperávamos encontrar a situação carregada de sentimentos de aversão às igrejas, acusações aos pastores e líderes, ressentimentos, decepções e frustrações causadas por ferimentos sofridos nas igrejas por posturas equivocadas, opostas ao que se poderia esperar por parte daqueles que buscaram nas igrejas as respostas para suas frustrações, angústias e incertezas na vida.

Tínhamos, entretanto, certeza de que não conseguiríamos apresentar conclusões que colocassem termo ao assunto pesquisado. Pelo contrário, o desejo era que o trabalho realizado fosse apenas a descoberta de novas possibilidades a fim de estimular o avanço de outros pesquisadores sobre o tema, como também reconheceu Moab Cesar de Carvalho

Costa na conclusão de sua tese sobre o *Aggiornamento do pentecostalismo: as assembleias de Deus no Brasil e em Imperatriz, MA (1980-2010)*:

Não temos dúvidas do que as hipóteses investigadas, apesar de todos os esforços empreendidos poderão apresentar desdobramentos e que esse foi um pequeno passo, um contato que pode e deve ser ampliado em todas as suas dimensões. (COSTA, 2017, p. 342)

As pessoas que se prontificaram a responder ao questionário semiestruturado que enviamos nos revelaram um quadro em que se percebe que, embora nova, a situação dos desinstitucionalizados se apresenta quase irreversível, tendo em vista a dimensão que o tema vem tomando, principalmente pela facilidade do uso das redes sociais e a capilaridade dessas redes na sociedade, alcançando as mais diferentes classes sociais, bem como pessoas com os mais diversos interesses e credos religiosos.

O que nos conforta é que nos deparamos com importantes elementos para aprofundar a hipótese de que uma *quarta onda do pentecostalismo brasileiro* está acontecendo de maneira visível, pois tanto na pesquisa formal, realizada com 31 voluntários e 17 pastores/líderes das igrejas, quanto nas entrevistas informais com dezenas de pessoas que se dispuseram a falar sobre o processo de desinstitucionalização ou os chamados desigrejados, as respostas obtidas mostram que tanto o *modus operandi* das igrejas pentecostais e neopentecostais quanto o processo de secularização vêm ressignificando a religiosidade nas igrejas protestantes brasileiras. E mesmo a pesquisa tendo ficado circunscrita aos pentecostais e neopentecostais, o fenômeno não é exclusivo dessas igrejas, mas como levantado por Follmann (2006), é um processo que vem ocorrendo em várias denominações, inclusive na maior igreja cristã brasileira, a Igreja Católica.

O entendimento, do nosso ponto de vista, sobre o fenômeno, é que o processo de desigrejamento é multicausal, extrapolando as razões de natureza pessoal, embora estas possam ser consideradas as mais relevantes, podendo ser apontados principalmente os seguintes motivos para sua ocorrência com tamanha intensidade: o processo de secularização nas igrejas brasileiras decorrentes da própria dinâmica da sociedade; o progresso científico e o avanço tecnológico, tornando a sociedade mais dependente da ciência para explicar e controlar seu mundo social, a ponto de não mais se sujeitar aos dogmas e imposições das religiões instituídas; e, como afirma Gabatz (2019) “a secularização, por seu turno, ensejaria um afastamento da religião da sua clássica posição central na vida da sociedade”. Além

disso, afirma que “a secularização se relaciona com o enfraquecimento dos comportamentos e práticas religiosas em sociedade e está ligada às dinâmicas sociais e culturas que incidem sobre a importância dos fatores religiosos” (GABATZ, 2019, p. 8). Para ele,

o fenômeno histórico e social da secularização está intimamente relacionado com o avanço da modernidade. O direito, a arte, a cultura e a ciência, a educação e outros campos da vida social se consolidam a partir de valores seculares, não religiosos. (GABATZ, 2019, p. 5)

A expressiva participação dos jovens na internet também é um elemento a ser considerado no processo de desinstitucionalização. Enquanto nas igrejas os mais jovens se sentem “engessados” por um modelo conservador, rígido, no qual a participação nos debates é mínima, na internet ocorre a participação eclética de diversas pessoas de crenças ou religiões diferentes e o debate torna-se enriquecedor, com a aprendizagem se tornando significativa e não mecânica, como a que ocorre nas igrejas. Além disso, o grande número de postagens de mensagens dos mais diversos segmentos religiosos tem provocado reflexão, e muitos estão redescobrimdo que o culto não deve ser tão rígido como os realizados nos templos e que a verdade das igrejas é apresentada com outra roupagem em denominações diferentes. E mais: existem contradições que não se encaixam nos modelos fechados das igrejas instituídas.

Aspecto também relevante no processo do surgimento do que estamos sinalizando como possível *quarta onda do pentecostalismo brasileiro* é o aumento do conhecimento científico e tecnológico. A partir do momento que o acesso a esses dados foi facilitado, principalmente pelo grande volume de informações disponíveis na grande rede, a web, e o ingresso de muitos jovens e adolescentes nos cursos superiores nas universidades e Instituições de Ensino Superior, muito do que se tinha como sagrado perdeu o seu encantamento e a sociedade entra numa fase de desencantamento religioso, na perspectiva weberiana, em que os valores mágicos da religião perdem o seu poder.

Essa descoberta por parte daqueles que constituem o contingente dos desinstitucionalizados, caracterizadores do que estamos chamando de *quarta onda do pentecostalismo brasileiro*, pode ser percebida nos motivos alegados por muitos ao responder à questão sobre *qual o principal motivo de sua saída da igreja*. Essas pessoas perceberam que o comportamento dos líderes se distanciava do cristianismo bíblico, pois, entre outras coisas, os líderes foram acusados de abandonar *os membros*, ou seja não

pastoreavam aqueles que passavam por dificuldades, faziam *juízos desnecessários*, faziam as pessoas se sentirem mais culpadas. Além disso, essas pessoas *não tinham liberdade de expressão*, pois qualquer contestação na igreja era tida como rebeldia. Muitos líderes foram acusados de corrupção dentro da igreja, de utilizarem-na como espaço para comercializar todo tipo de produto com o fim único de aumentarem as suas receitas, não havendo prestação de contas nem do que arrecadavam nem de como esses recursos eram aplicados.

Muitos pastores foram acusados de não observar *coerência entre o que as Escrituras ensinam e o que as igrejas pentecostais e neopentecostais fazem/ensinam*. Outros líderes foram acusados de *vaidade ao querer colocar a opinião pessoal em pé de igualdade com a Bíblia*. O *pecado no âmbito do ministério da igreja* foi outro motivo alegado por pessoas que se afastaram das igrejas tendo em vista que muitos pastores e líderes acusados de cometerem pecados não sofreram nenhum tipo de punição, mas estavam sempre prontos para punir qualquer desvio de conduta dos membros. Muitos foram acusados de cometer abuso religioso e de manter uma vida de aparência, numa situação de clara hipocrisia, incompatível com o que pretendiam ensinar. Todos esses motivos fizeram com que as pessoas perdessem o encanto com o cristianismo praticado nas igrejas e perceberam que o desligamento institucional seria a forma mais coerente para desenvolver a vida cristã mais efetiva, dedicada e centrada nas Escrituras, separada das instituições religiosas.

Entendemos, a partir dessas informações, que a hipótese levantada no início da pesquisa pode ser comprovada, e os objetivos propostos foram, se não plenamente, em sua maior parte alcançados. Neste sentido, sentimo-nos confirmados em levar em frente a hipótese de que existem evidências consistentes em relação à sugestão de uma *quarta onda do pentecostalismo*.

5.2 Ampliando as Considerações

Ao concluir todo este nosso processo de estudo, tínhamos certeza de que não conseguiríamos apresentar resultados que colocassem termo ao assunto pesquisado. Restaram muitas dúvidas, mas seria necessário realizar nova pesquisa a fim de que esses elementos que não foram aqui contemplados fossem esclarecidos, porém, ficou claro que o processo de desinstitucionalização denominacional é irreversível e o que estamos denominando de *a quarta onda do pentecostalismo brasileiro* provocou uma reação muito

forte nessa geração que vive na pós-modernidade ou na modernidade líquida, para ser mais atual. O processo é multicausal, multifacetado e necessita do engajamento de todos os protestantes e neopentecostais para enfrentá-lo.

A pesquisa que concluímos veio reforçar para nós, com mais aportes teóricos e empíricos, o que já havíamos assimilado ao longo de nossa longa trajetória de convívio no meio religioso pentecostal. De fato, convivendo ao longo dos últimos 44 anos no ambiente religioso da igreja pentecostal e mantendo relacionamentos no estreito espaço compartilhado pelas igrejas pentecostais e neopentecostais na estrutura religiosa brasileira, percebemos nas últimas décadas, principalmente a partir do final do século passado, que a insatisfação com o *modus operandi* dessas igrejas vem provocando um problema considerado grave no âmago do evangelicalismo brasileiro: o afastamento de muitos dos seus membros em um movimento sem precedentes no meio evangélico: a desinstitucionalização dessas igrejas, ou utilizando um neologismo criado por eles mesmo – os desigrejados ou sem igrejas, do inglês *churchless*.

Nas entrevistas e conversas informais, dezenas delas, feitas com pessoas desse contingente, chamou-nos a atenção não apenas o grande número de pessoas que optavam por praticar o cristianismo descompromissado com as igrejas, como constatou Hervieu-Léger (2014, p. 139): “A paisagem religiosa da modernidade é caracterizada por um movimento irresistível de individualização e de subjetivação das crenças e das práticas. A modernidade religiosa é o individualismo”, e de que a crença religiosa, como afirma Hervieu-Léger (2014, p. 42), “escapa totalmente ao controle das igrejas e instituições religiosas”, mas que havia algumas coincidências que apontavam para um modo de agir que poderia ser analisado de maneira mais formal, pois o que no princípio pareceu ser um movimento de rebeldia, influência do liberalismo religioso e inconformismo por parte das pessoas que queriam mudanças e não eram ouvidas, foi se generalizando e revelava algo mais comprometedor da parte das lideranças das igrejas – pastores, bispos, apóstolos e líderes de departamentos.⁸⁶ A partir dessa constatação, mesmo de maneira informal,

⁸⁶ Departamentos nas igrejas pentecostais e neopentecostais são as estruturas em que são organizados os membros, e contam com os seguintes, cada um deles com um líder, coordenador, diretor, de acordo com o modelo adotado pela igreja – Departamento de Senhoras (inclui as mulheres casadas ou que já foram casadas); Departamento de Senhores/Homens (inclui os homens casados ou que já foram casados); Departamento de Jovens/Mocidade (inclui todos os solteiros membros da igreja); Departamento de Adolescentes (inclui todos os adolescentes da igreja com idade entre doze e dezoito anos); Departamento Infantil (inclui todas as crianças com até onze anos); Departamento de Evangelismo (organiza o trabalho de evangelização externo da igreja); Departamento de Casais (inclui todos os casais casados da igreja); Departamento de Ensino (organiza todo sistema de ensino na igreja); Escola Bíblica Dominical; Escola Sabatina (Igreja Adventista do Sétimo Dia);

começamos as entrevistas e conversas com muitas dessas pessoas e ficamos admirados com o que aqui chamamos de coincidência, mas que pode ser classificado como “padrão de comportamento” ao reagirem ao que estava acontecendo nas igrejas pentecostais e neopentecostais.

A partir dessa constatação, passamos a olhar o problema na seguinte perspectiva: “o processo da desinstitucionalização dos membros das igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras decorrente do modelo de organização eclesiástica como elemento caracterizador de uma nova onda pentecostal ou a *quarta* onda do pentecostalismo,⁸⁷ e esse problema era, na verdade, a consequência, e não a causa, como em princípio imaginávamos. Percebemos também que a causa estava de alguma forma relacionada ao comportamento das lideranças das igrejas evangélicas, inclusive as reformadas, mas principalmente entre as pentecostais e neopentecostais, por conta do *modus operandi*.

Entendida, ainda que parcialmente, a conjuntura dos fatos, o problema em foco estava claro – buscar elementos que ajudassem a caracterizar o surgimento *da quarta onda do pentecostalismo* – começamos a estruturar uma forma de trabalho que poderia ser adotada para detectar as causas desse comportamento inédito entre os membros das igrejas pentecostais e neopentecostais – recorte que elegemos como universo de pesquisa, entre os protestantes/evangélicos brasileiros.⁸⁸

Ao empreender essa pesquisa elegemos como objetivo geral caracterizar as causas da frustração, insatisfação e a consequente desinstitucionalização ou abandono da igreja por alguns membros, entre os quais muitos dedicados e comprometidos com a igreja, pois mesmo após se afastarem das igrejas permaneciam ligados ao cristianismo, e alguns dos que entrevistamos demonstravam mais entusiasmo em servir agora mais que antes, quando ainda estavam ligados a uma instituição.

cursos de capacitação e treinamento), sempre sob a supervisão do pastor da igreja ou de um dos pastores adjuntos, quando a igreja é grande (a igreja é considerada grande quando conta no seu rol de membros com mais de quinhentos membros) e os líderes desses departamentos são sempre escolhidos pelo pastor da igreja.

⁸⁷ E aqui, mais uma vez chamamos a atenção para a obra publicada por Paulo Rogério Rodrigues Passos em 2014, sob o título de “*A 4ª onda Pentecostal e os batalhadores no Brasil*” – *O reencantamento religioso pela via do consumo*, pela editora Novas Edições Acadêmicas, ISBN 978-3-639-61256-1. Relembrando, como dissemos, que embora os títulos sejam semelhantes, há uma diferença substancial no enfoque dado nos dois trabalhos. Ou seja, levantamos a hipótese de que o que o autor referido denomina de 4ª onda, deve ser mais bem entendido como uma derivação avançada da *terceira onda*, mantendo-nos dentro da lógica de Paul Freston.

⁸⁸ Aqui chamamos de protestantes/evangélicos os membros de todas as igrejas protestantes/evangélicas brasileiras – protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais.

Em um segundo momento, buscamos argumentos para propor solução ao fenômeno que vem se tornando gigantesco no âmbito das igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras com o surgimento desse processo que, em nosso entender, seguindo a concepção de Freston (1994), pode ser caracterizado como *quarta onda do pentecostalismo*, como pretendemos sugerir a partir do tratamento dado ao estudo do pentecostalismo brasileiro por Freston (1994) e Mariano (2014).

Nesse sentido, foi elaborado questionário semiestruturado para ser respondido por pessoas que se enquadrassem na categoria dos desinstitucionalizados/desigrejados, independentemente da denominação religiosa a que estivesse ligado até o momento do afastamento, inclusive as protestantes históricas, tendo em vista que, no primeiro momento, não havia indicadores, mesmo empíricos, que deixassem claro que os desigrejados proviam em sua maioria das igrejas pentecostais e neopentecostais. Mas para evitar que o objeto a ser pesquisado se tornasse maior que a possibilidade de fazer a pesquisa, por uma questão de tempo e delimitação imposta pelos objetivos e proposta de trabalho, optamos por limitar a pesquisa aos pentecostais e neopentecostais.

Procedido o levantamento dos dados pela pesquisa formal com 48 participantes – 31 desigrejados e 17 pastores – e somado às entrevistas e conversas informais realizadas – pois ao mesmo tempo que disponibilizamos os formulários na plataforma *Google Formulários* – tanto o problema quanto uma proposta de solução ficaram mais claros. Entendemos aqui o sentido da terceira Lei de Newton, que diz “a toda ação corresponde uma reação, de mesmo módulo, mesma direção e de sentidos opostos”.⁸⁹ Os levantamentos evidenciaram que a atitude das pessoas em abandonar as instituições religiosas foi a forma de mostrar aos pastores e líderes que o modelo de trabalho estava produzindo aqueles resultados. As pessoas demonstraram que ser cristão não é, de fato, pertencer a uma denominação religiosa, mas internalizar os princípios e valores cristãos influenciando pela ação, e não pela pregação carregada de ideologia⁹⁰ a forma de viverem o cristianismo.

Ao ver como agem os desigrejados, percebemos que invariavelmente existem feridas não cicatrizadas deixadas na vida daquelas pessoas por homens que foram procurados por

⁸⁹ TERCEIRA Lei de Newton. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/terceira-lei-newton.htm#:~:text=%20Terceira%20lei%20de%20Newton%20%201%20For%C3%A7as,a%20seguir%20mostra%20uma%20situa%C3%A7%C3%A3o%20na...%20More%20>.

⁹⁰ Ideologia, aqui tomada significa qualquer sistema de ideias e normas que orienta a maneira de pensar e de agir das pessoas. Aponta para ideias e maneira de pensar que caracterizam um grupo particular, em como as ideias que guiam a conduta desse grupo (CHAMPLIM, 1991, p. 206).

serem considerados seus cuidadores, homens que deveriam ter o remédio para a dor, mas em vez disso infligiram maior sofrimento à dor que já sentiam.

Ficou claro que a forma de agir dos pastores, bispos, apóstolos e patriarcas atuais, que reivindicam para si o direito de ser os únicos representantes do sacerdócio na igreja, o que contraria um dos princípios fundamentais da reforma, vem servindo de combustível para os desinstitucionalizados mostrarem os desmandos da liderança atual, pois, na opinião deles, as lideranças não permitem a contestação de nenhuma de suas decisões exatamente com a alegação de que têm o selo de garantia de que suas decisões e escolhas são respaldadas pelos cargos que ocupam. Na opinião de Queiroz (2017), o próprio Lutero afirmou que os pastores efetivamente têm autoridade para o ensino e a liderança da Igreja, mas afirmou também que essa função é designada pela própria congregação e é algo que pode ser dado e tirado por ela, visto que a ordenação de um ministro por meio da oração e da imposição de mãos não lhe confere uma marca indelével, ou o que poderia ser chamado de natureza espiritual permanentemente diferenciada. Isso faz com que os que estão descontentes com as lideranças apontem diversas atitudes que justificam mudanças na direção das igrejas, e que não podem ser feitas pela postura dos pastores que se acham como os únicos capazes de proceder a qualquer mudança no sistema.

Os dados levantados na pesquisa tanto com os desigrejados quanto com os pastores e líderes, mas principalmente com as dezenas de pessoas com as quais abordamos o assunto, evidenciaram a necessidade de solução de várias incongruências percebidas nas igrejas, entre elas eliminação do mito do super-homem de Deus, pois essa situação impede que qualquer medida seja tomada contra aquele que está na direção da igreja, tendo em vista que ele é o ungido do Senhor. Para afirmar isso, utilizam de forma descontextualizada passagens bíblicas, como o Salmo 105, versículo 15: “Não toqueis os meus ungidos, e não maltrateis os meus profetas” (SL. 105:15). Ou primeiro livro das Crônicas, capítulo 16, versículo 22 “Não toqueis os meus ungidos, e aos meus profetas não façais mal” (I CR. 16:22). No sentido aqui posto, “tocar” significa falar mal, ir contra e literalmente agredir fisicamente.

Com base também nos levantamentos feitos a partir de conversas com pessoas que hoje estão afastadas das igrejas, formando não somente o dos desigrejados, mas outro grupo que igualmente cresceu nas igrejas nos últimos anos, os desviados, percebe-se a necessidade que a igreja tem de estabelecer critérios claros nos seus Estatutos e Regimentos Internos, tendo em vista que raramente está prevista punição para a liderança maior da igreja nesses documentos, bem como não fica claro a quem cabe estabelecer uma eventual punição a um

pastor presidente de uma igreja pentecostal ou como tirar um pastor da liderança de uma igreja neopentecostal. Isso vem ocorrendo devido ao modelo de gestão em que os líderes são os donos das igrejas e não há quem exerça qualquer tipo de autoridade sobre eles.

Uma terceira questão levantada nas entrevistas tanto na plataforma Google Formulários com desigrejados e pastores e líderes diz respeito à prática pastoral ou à teologia pastoral. No Evangelho de Marcos, capítulo 10, versículos 42 ao 45, Jesus ensina que a maneira de ser grande no reino de Deus é servindo:

Mas Jesus, chamando-os a si, disse-lhes: Sabeis que os que julgam ser príncipes dos gentios, deles se assenhoreiam, e os seus grandes usam de autoridade sobre eles; Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal; E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos. (MC. 10:42-45, *grifo nosso*).

Como afirma Azevedo (2010), o que falta às igrejas são homens que se coloquem como servos, e não como senhores. O autor afirma: “o poder de um líder é o poder do serviço. A força de um líder é a forma do seu exemplo. A autoridade de um líder está na sua obediência à Palavra de Deus” (AZEVEDO, 2010, p. 54).

Mesmo não sendo o único motivo, está claro que o comportamento dos líderes, pastores, bispos, apóstolos e patriarcas tem provocado o afastamento das pessoas das igrejas. Ainda como afirma Azevedo (2010), os líderes confundem poder para servir (pois são pastores), com poder para mandar. O pastor não tem que ser o dono da igreja, deve servi-la. O poder dele não é para presidir, ele não é Jesus, mas deveria se considerar, como todas as pessoas, servo dele.

A quarta atitude que tem contribuído para o afastamento das pessoas das igrejas é a dificuldade dos líderes para perdoar aqueles que erram, que cometem atos falhos nas igrejas. Hoje, literalmente, a igreja pratica o que Jesus condenou nos fariseus, coando mosquitos e engolindo camelos: “Condutores cegos! Que coais um mosquito e engolis um camelo” (MT. 23:24). É comum ouvir relatos de truculência, ameaças e agressões durante reuniões para tratar de pequenos problemas causados por pessoas que poderiam fazer sombra para as lideranças. Também é comum tirar pessoas da liderança quando estas apresentam ideias contrárias às de seus superiores. Ressaltando que os pastores das igrejas menores, submissas

às igrejas maiores (sedes), gozam de certa autonomia somente dentro da sua congregação, mas a liderança maior os trata como qualquer membro da igreja.

Ao responderem às questões sobre “O que foi decisivo para você se desinstitucionalizar e qual a postura dos pastores diante da sua decisão?”, os desinstitucionalizados participantes da pesquisa apontaram diversas atitudes que vão além daquelas aqui registradas, mas a lista das atitudes dos líderes que vem provocando o afastamento das pessoas da igreja poderia continuar com mais citações, mas não creio que esse trabalho esgotaria o assunto, mesmo que acrescentássemos muitas outras ações praticadas no âmbito da direção das igrejas que têm prejudicado aqueles que as procuram.

No entanto queremos citar uma quinta atitude que, por não ser posta em prática, tem contribuído muito para o êxodo que estamos vendo acontecer nas igrejas – o tipo de mensagem que é apresentada nos cultos das igrejas pentecostais e neopentecostais. Primeiro, por faltar base teológica, hermenêutica e homilética para que os pregadores apresentem outro tipo de mensagem; segundo, por ser uma mensagem com a qual podem interpretar pelo método alegórico as Escrituras, retirando delas aquilo que eles querem, e não o que o texto bíblico ensina, fazendo uma eisegese, isto é, o intérprete do texto bíblico insere nele a sua própria interpretação, resultando em uma opinião sobre o texto em vez de uma interpretação! Em vez de uma exegese, ou seja, fazer a análise e interpretação ou explicação detalhada e cuidadosa do texto bíblico lido.

Como muita frequência se percebe nas mensagens pregadas nas igrejas pentecostais e neopentecostais que o pregador faz a leitura de um texto e apresenta uma mensagem eloquente, mas sem nenhuma relação ou fundamento no texto bíblico. Os pastores leem as Escrituras por ler, mas não fazem dela a aplicação correta para seus ouvintes. Gritam, gesticulam, cobram atitudes e comportamentos que eles mesmos não estão dispostos a praticar, impõem uma conduta para a igreja, mas eles mesmos estão distantes de colocar em prática, conforme nos ensina o evangelista Lucas: capítulo 11, versículo 46: “E ele lhe disse: Ai de vós também, doutores da lei, que carregais os homens com cargas difíceis de transportar, e vós mesmos nem ainda com um dos vossos dedos tocais essas cargas” (LC. 11:46).

Matos (2017) reuniu um grupo de eminentes pastores e líderes das igrejas reformadas e juntos analisaram o cenário da igreja evangélica brasileira, chegando à conclusão de que ela precisa passar por uma nova reforma, mais profunda que a realizada no século XVI, a fim de corrigir os próprios erros e não transferir a responsabilidade que é somente sua. Os

levantamentos feitos e os resultados observados deixaram evidente o que tal processo é, de fato, necessário.

A verdade é que a igreja evangélica brasileira do século XXI passou por muitas mudanças, influenciada por fatores diversos, e continua mudando. Hoje trilha caminhos antes nunca trilhados. Mas isso não parece ter muita importância para um grupo específico de igrejas, as pentecostais e neopentecostais, talvez embriagadas pelo elixir do rápido crescimento, do acúmulo de receitas, dos valores elevados das prebendas de seus líderes, estão alheias aos problemas que estão ocorrendo no interior delas. Na verdade, elas não se prepararam adequadamente para receber o contingente que chegou de forma torrencial, e não tinha em estoque alimento e acomodações para tanta gente. Além disso, o sal que deveriam usar para preparar os alimentos para essa grande multidão – o ensino eficiente da palavra de Deus, lembrando o que muitas vezes é usado em discursos pastorais – tornou-se insípido e teve que ser jogado fora, pois não servia para mais nada diante do que precisava ser feito.

A grande questão que a igreja do século XXI precisa responder com urgência é “que caminhos adotar tendo em vista o que está acontecendo?” Que resposta ela precisa ter para buscar uma saída para a situação?

Responder a essas e a outras indagações relacionadas ao tema não é tarefa fácil. Segundo algumas lideranças pentecostais, algo precisa ser feito a fim de não chegar ao ponto em que estão a Europa e os Estados Unidos, que já se tornaram, na visão dos mais pessimistas, pós-cristãos ou pós-igrejas cristãs. Mais que isso: poderemos chegar a ser um país pós-cristianismo.⁹¹ Embora não seja objeto de preocupação ou debate da sociologia, nem foi levantada a hipótese de se discutir esse tema no presente trabalho, em um país cristão como o Brasil, com quase 90% da população se declarando cristã, de acordo com o Censo de 2010 do IBGE, esse é um dado que preocupe talvez não a curto, mas a médio e longo prazos.

Tanto na Europa quanto nos Estados Unidos a igreja deixou de fazer a diferença na vida das pessoas, e as estatísticas deixam claro que elas não estão interessadas em se envolver

⁹¹ Pós-cristianismo significa afirmar que a fé não é mais um elemento crucial no diálogo entre aqueles que acreditam, e a cultura na qual estão inseridos. A opinião é do teólogo italiano Carmelo Dotolo, professor de teologia das religiões na Pontifícia Universidade Urbaniana. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/565573-pos-cristianismo-a-fe-incide-cada-vez-menos-nas-escolhas-sociais-entrevista-com-carmelo-dotolo>.

com as igrejas instituídas. Pelo contrário, a cada dia o número de pessoas descompromissadas com a igreja vem crescendo de forma quase exponencial.

Talvez fosse interessante que os atuais líderes das igrejas pentecostais e neopentecostais, procurando retomar a direção certa em sua caminhada, parassem para olhar o próprio desempenho fora dos padrões bíblicos e retomar o novo curso. Quem sabe uma retomada aos princípios bíblicos, eliminando-se a aplicação aleatória do método alegórico de interpretação bíblica e tirar dela o que ela realmente ensina. Devemos eliminar definitivamente o método de interpretação alegórica e o método histórico-crítico que vêm sendo usados há séculos e adotar um princípio mais coerente, que passe por uma leitura cuidadosa, uma interpretação isenta da passionalidade denominacional e uma aplicação que realmente nos possibilite mudar. O Evangelista Moody afirmava que “a Bíblia foi deixada para mudar nossas vidas, e não para aumentar nosso conhecimento”. Mas também precisa estar atenta ao perfil dos desigrejados ou desinstitucionalizados que estão abandonando as igrejas por não concordar com seu *modus operandi*.

A pesquisa realizada para fundamentar esta tese detectou três principais grupos entre os desigrejados. Cada um desses grupos se caracteriza por comportamentos bem específicos, e a tendência, de acordo com a dinâmica do movimento dos desinstitucionalizados, é que eles continuem crescendo em decorrência da insatisfação de mais pessoas e da efetiva propaganda feita pelos desigrejados na internet.

O primeiro grupo é o formado por aqueles que frequentaram alguma instituição religiosa e se decepcionaram com ela por motivos diversos, como divergência ou decepção com pastores e líderes, pois sofreram algum tipo de problema pessoal e não encontraram respostas que almejavam; assim, resolveram abandonar e se rebelar contra as igrejas. Esse grupo é o mais radical e seus componentes não pretendem continuar com nenhuma prática religiosa. Podem ser classificados no jargão evangélico como desviados.

O segundo grupo, que faz parte da categoria dos desigrejados, é formado pelos que discordam das lideranças das igrejas, mesmo sem terem sido decepcionados, por não aceitarem regras. Na verdade, não querem compromisso com o Evangelho, não querem se submeter, querem os benefícios, mas não querem “pagar o preço” desses benefícios exigidos pelos que praticam um cristianismo de verdade.

O terceiro grupo de pessoas que formam os desigrejados é composto por aqueles que frequentaram as igrejas instituídas e buscaram uma interpretação bíblica divergente daquela praticada pela igreja. Entenderam que existem muitas falhas: as instituições, ou pelo menos

a maioria delas, estão comprometidas com causas alheias ao seu papel com o Evangelho, por exemplo: com a política partidária, transformaram-se em empresas, em *holdings* familiares, portanto visam ao lucro, passaram a supervalorizar os bens materiais em detrimento dos valores espirituais, mais compromisso com o que é terreno do que com os princípios espirituais do cristianismo.

Por outro lado, as dimensões que o processo de desinstitucionalização vem tomando não são analisáveis em uma pesquisa como a que foi feita, pois o sofrimento, os danos psicológicos, sociais, emocionais causados aos que se afastam das igrejas não se verificam com facilidade, pois necessitariam de informações que não foram buscadas nesta pesquisa. Porém o que se evidencia perante os que foram pesquisados é que a maioria não pretende retornar ao convívio institucional, cerca 70% antes apresentam uma acentuada aversão ao cristianismo institucionalizado.

Percebe-se pela atitude das pessoas que as igrejas pentecostais e neopentecostais não conseguem despertar em todos o desejo e a importância do convívio fraterno nas congregações, e isso em razão dos seus próprios erros acumulados ao longo de anos, sem se atentar de que esse comportamento é prejudicial. Também se percebe nas conversas informais com os desigrejados e nos dados levantados na pesquisa que a igreja deve buscar resgatar sua credibilidade a fim de voltar a crescer, conquistando fiéis para compor seu rol de membros e, de maneira muito rápida, deve tomar algumas medidas para amenizar o grande estrago já feito, sem a pretensão de solucionar o problema, mas de forma a dar os primeiros passos em direção a um recomeço.

A igreja deve superar a propaganda negativa causada pelo fenômeno mais grave que qualquer outro tipo de problema enfrentado por ela ao longo dos séculos. Cada pessoa, ao se sentir ferida, preterida, desvalorizada, humilhada, explorada, torna-se um propagandista contra a igreja institucionalizada. O perfil da maioria dos que se afastam da igreja constitui-se de pessoas com um senso crítico aguçado, bom nível de escolaridade e bom nível de informação, muitos deles com formação em cursos superiores, que usam muito bem as redes sociais, colocando o tema “desigrejados” como um dos mais discutidos na internet, e para cada crítica quanto à postura de um desigrejado, existem muitos que a defendem.

A igreja deve também repensar e mudar seu *modus operandi*, pois o modelo adotado é ultrapassado e anacrônico, tendo em vista que a liturgia não consegue chamar a atenção das pessoas, pois fala uma coisa, mas a realidade é outra.

Sem dúvida, a igreja, precisa ajustar sua mensagem ao propósito da evangelização e formação de cristãos maduros, que consigam caminhar sozinhos, enfrentando as dificuldades do dia a dia, como afirma Bobsin (2015, p. 4) quanto à necessidade de as igrejas serem capazes de “descongelar a tradução das doutrinas para que possam ser relevantes para os novos tempos”.

A igreja precisa separar o teológico/religioso do secular. Embora a palavra secularização seja um conceito, abrangente, polissêmico, estamos usando aqui a concepção de (GABATZ, 2019). Para ele,

o fenômeno histórico e social da secularização está intimamente relacionado com o avanço da modernidade. O direito, a arte, a cultura e a ciência, a educação e outros campos da vida social se consolidam a partir de valores seculares, não religiosos. (GABATZ, 2019, p. 5)

Dessa forma, a igreja deve se preocupar com a abordagem teológica a fim de desenvolver seu papel isento das paixões que tendem a prevalecer quando se confunde os dois campos de atuação – teológico e secular.

De acordo com Gabatz (2019) o debate acerca do laicismo no Estado brasileiro tem ganhado espaço nos últimos anos, mas mesmo com esses debates, as igrejas ainda não têm consciência da separação entre as duas instituições – Igreja e Estado. Para esse autor, a laicidade “trata-se, pois, de um processo social estreitamente relacionado com a esfera política. Refere-se à formação de um Estado desvinculado de qualquer grupo religioso” (GABATZ, 2019, p. 11). Entretanto, as igrejas pentecostal e neopentecostal não conseguem fazer claramente a distinção entre o sagrado e o profano, não conseguem separar o teológico do secular, principalmente quando procuram se envolver com setores ou com instituições da sociedade com as quais não têm condições de lidar, primeiro por não ser áreas afins ao que ela deve servir à sua comunidade e depois por ser um ambiente, de alguma forma, hostil para elas.

A igreja precisa fazer sua autocrítica. Esta talvez seja a medida mais urgente a ser tomada, mas também a mais complexa, pois se ela não o fizer estará laborando em erro, frustrando aqueles que, desejosos de um relacionamento cristão verdadeiro a procuraram, e dificilmente conseguirá se reerguer do abismo em que caiu, considerando que a mudança só ocorre a partir do reconhecimento da necessidade de mudar.

Lançando-se um olhar imparcial sobre toda essa situação, pode-se ver que o resultado será uma igreja enfraquecida, severamente criticada, como já está sendo, pelos que dela saíram. E o que é pior: os seus líderes não estão preocupados. Sentem-se seguros, com suas altas prebendas e também em função da grande procura das pessoas pelas igrejas na busca de soluções para seus problemas, que continua aumentando. Hoje, o que mais preocupa os líderes são as inovações necessárias para continuar atraindo mais pessoas, embora essa tentativa de oferecer algo diferente tenha se tornado na realidade mais um aspecto negativo, como afirma Antônio Flávio Pierucci ao tratar sobre a desmoralização dos cultos nas igrejas neopentecostais:

Elas oferecem um tipo de religião que é muito pouco exigente eticamente. Ou seja, as religiões estão deixando de propor pautas de conduta, de dizer o que é certo, o que é errado e estão oferecendo serviços que na linguagem de sociologia da religião se chamam de serviços mágicos (PIERUCCI, 2010, [S./p.]).

Sem as igrejas pentecostais e neopentecostais do século XXI compreenderem que essa é a dinâmica a ser adotada e não há como mudá-la ou como não se submeter a ela, vão continuar provocando as mesmas crises que vem acontecendo desde a chegada de uma possível *quarta onda do pentecostalismo* invadindo-as, incitando o comportamento dos desigrejados ou desinstitucionalizados. Portanto, qualquer ação para corrigir esse descompasso deve começar com essa visão de mudança, ou o barco da desinstitucionalização continuará parando em portos cada vez mais próximos uns dos outros e se enchendo de insatisfeitos que estão abandonando as igrejas para uma prática cristã à parte das igrejas instituídas.

REFERÊNCIAS

- ADRIANO FILHO, José. **Estudos de Religião**, Ano XXII, n. 35, 28-39, jul./dez. 2008.
- AMARAL, Paulo Cesar. A igreja está tão doente quanto o mundo. **Revista Ultimato**. 2013. Disponível em: <https://www.pcamaral.com.br/2013/11/a-igreja-esta-tao-doente-quanto-o-mundo.html>.
- ANDRADE, Ana Luíza Mello Santiago. Constantino. **InfoEscola – Navegando e Aprendendo**. [S./d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/constantino/>.
- ARAÚJO, Abildes Valadão de. **Vendedores de ilusão: a triste realidade do comércio da fé**. Rio de Janeiro: Danprewan, 2013.
- ARAÚJO, João Pedro Gonçalves. **Educação e Conversão religiosa**. Curitiba: Appris, 2014.
- AZEVEDO, Israel Belo de. **Gente cansada de igreja**. São Paulo: Agnus, 2010.
- BARNA, George, **Revolução**. São Paulo: Abba Press, 2007.
- BASILIO, Marcio Pereira. Tempos Líquidos. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 23, jan./abr. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222010000100016.
- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado** – elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, Peter L. **Os múltiplos Altares da Modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017a.
- BERGER, Peter L. **O Imperativo Herético: possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa**. Petrópolis: Vozes, 2017b.
- BÍBLIA King James – BKJ. São Paulo: Abba Press. 2012.
- BLEDSOE, David Allen. **Movimento Neopentecostal Brasileiro: Um estudo de Caso**. São Paulo: Hagnos, 2012.
- BOBSIN, Oneide. **“Uma Igreja da Reforma precisa estar sempre sendo reformada”**. Entrevista especial com Oneide Bobsin. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/548502-uma-igreja-da-reforma-precisa-estar-sempre-sendo-reformada-entrevista-especial-com-oneide-bobsin>.
- BOUDON, Raymond; BOURRICAUD, Francois. **Dicionário Crítico de Sociologia**. São Paulo: Ática, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os Deuses do Povo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 3 nov. 2018.

BRAY, Gerald. **Igreja**: um relatório teológico e histórico. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

CANCIAN, Renato. O papel que as crenças religiosas desempenham na vida social. **Pesquisa Escolar – Sociologia**. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/religiao-o-papel-que-as-crencas-religiosas-desempenham-na-vida-social.htm?cmpid=copiaecola>.

CAMARGO, Cândido Procópio F. de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

CAMPOS, Idauro. **Desigrejados**: Teoria, história e contradições do niilismo eclesiástico. São Paulo: Bvbooks, 2017.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A realidade das religiões no Brasil no Censo do IBGE-2000. *In*: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (org.) **Sociologia da Religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Vozes, 2011.

CHAGAS, Tiago. Confissão positiva: O que é e como funciona a teologia que prega prosperidade e saúde através do poder da palavra. **Gospel +**, 13 jan. 2012. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/confissao-positiva-teologia-prega-prosperidade-29281.html>.

CESAR, Marília de Camargo. **Feridos em nome de Deus**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

CONDE, Emílio. **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CORREA, Alan. **Dissidentes da Igreja**: entendendo e defendendo a igreja. São Paulo: Reflexão, 2014.

CORREA, Marina. **Dinastias Assembleianas**: Sucessões familiares nas Igrejas Assembleias de Deus no Brasil. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

COSTA, Moab Cesar de Carvalho. **Aggiornamento do pentecostalismo**: as assembleias de Deus no Brasil e em Imperatriz-MA (1980-2010). Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2017.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. **A persistência dos deuses**: religião, cultura e natureza. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do neopentecostalismo**. Natal: Carisma, 2018.

DEYOUNG Kevin; KLUCK Ted. **Porque amamos a igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

FERNANDO, Jorge. **Lutero e a igreja do pecado**. Osasco: Novo Século Editora, 2007.

FOLLMANN, José Ivo. O Mundo das Religiões e Religiosidade – alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. *In*: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo. **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

FOLLMANN, José Ivo. Por onde caminham as religiões e religiosidades hoje: notas para uma reflexão sobre a “secularização encantada”. *In*: WACHHOLZ, Wilhelm (org.). **O luteranismo no contexto religioso brasileiro**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2007.

FOLLMANN, José Ivo. Trânsito religioso e o permanente peregrinar. Entrevista especial com José Ivo Follmann. **Revista IHU Online**, ano XIX, n. 546, p. 2. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/513484-transito--religioso-e-o-permanente-peregrinar-entrevista-especial-com-jose-ivo-follmann>.

FRESTON, Paul. Breve História do Pentecostalismo Brasileiro. *In*: ANTONIAZZI Alberto, *et al.* **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

GABATZ, Celso. Secularização, laicidade e laicismo: perspectivas conceituais e compreensivas. **Revista Latinoamericana de Derecho y Religion**, v. 5, n. 1, 2019.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin, GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIRALDI, Luiz Antônio. **Semeadores da Palavra**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

GONZALES, L. Justos. **A história ilustrada do cristianismo: a era dos mártires até a era dos sonhos frustrados**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011. v. 1.

HAHN, Adriano Luis. Jesse Souza e as Classes Sociais no Brasil: Uma leitura analítico-Racional. *In*: FOLLMANN, José Ivo. **Dialogando com Jesse Souza**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o Convertido: a religião em movimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

LOPES, Augustus Nicodemus. **O que estão fazendo com a igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro**. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: Uma breve história da interpretação**. 3. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

LOPES, Rodrigo Herrero. Secularização: O que é? Características, causas e exemplos. **Gestão Educacional**. [S./d.]. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/secularizacao-o-que-e/>.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. (Dossiê Religiões no Brasil). **Estudos avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

MATOS, Alderi de Souza (org.). **Uma Nova Reforma: após quinhentos anos, o que ainda precisa mudar**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

MATOS, Alderi de Souza. Breve História do Protestantismo no Brasil. **Vox Faifae: Revista de Teologia da Faculdade FASSEB**, v. 3, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.faifa.edu.br/revista/index.php/voxfai/fae/article/view/27>. Acesso em: 10 out. 2018.

MATTOS, Paulo Ayres. Prefácio. *In*: DAYTON, Donald. **Raízes teológicas do pentecostalismo**. Natal: Carisma, 2018.

MAYRINK, José Maria. Protestantismo tem várias divisões no país. **Estadão**, 30 out. 2017. Disponível em <https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,protestantismo-tem-varias-divisoes-no-pais,70002065412>.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. *In*: SOUZA, Beatriz Muniz; SÁ MARTINO, Luis Mouro. **Sociologia da Religião e Mudança Social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

MCLISTER, Walter. **Neopentecostalismo: a história não contada**. Rio de Janeiro: Ano Domini, 2012.

MIRANDA NETTO, Antônio Garcia *et al.* **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986.

NASCIMENTO, Adão Carlos; MATOS, Alderi de Souza. **O que todo presbiteriano inteligente deve saber**. Santa Bárbara do Oeste, SP: SOCEP Editora, 2007.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. **História da Igreja: dos primórdios à atualidade**. 2. ed. Campinas: EETAD, 1982.

OLIVEIRA, Raimundo Ferreira. **Seitas e Heresias, um Sinal dos Tempos**. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

OSCAR, Tito. O desafio é não apenas celebrar, mas mudar. *In*: ZÁGARY, Maurício. **Uma Nova Reforma: Após 500 anos, o que ainda precisa mudar?** São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues. **Igreja Neopentecostal Fonte da Vida: A restauração da individualidade como estratégia de conversão e empoderamento da classe média brasileira**. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues. **A quarta onda pentecostal e os batalhadores no Brasil: O reencantamento religioso pela via do consumo**. Saarbücken: Nova Edições Acadêmica, 2014.

PEREIRA LOPES, Edson *et al.* **Questões Teológicas de Ontem e Hoje**. São Paulo: Reflexão, 2010.

PICOLOTTO, Mariana Reinisch. **O Pentecostalismo no Brasil: uma reflexão sobre novas classificações**. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/65741>. Acesso em: 26 nov. 2018.

PIERUCCI, Antonio Flávio. A des-moralização das religiões. **Casa Poderosa dos Filhos de Yemanjá**, 29 jun. 2010. Disponível em: <https://soberanayemanja.blogspot.com/2010/06/des-moralizacao-das-religioes.html>.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O Desencantamento do Mundo**: Todos os passos do conceito em Max Weber. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

PORFÍRIO, Francisco. Modernidade líquida. **Mundo Educação – Sociologia**. [S./d.]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/modernidade-liquida.htm>.

QUEIROZ, Sérgio. A revolução dos sacerdotes adormecidos. *In*: MATOS, Alderi de Souza Maurício (org.). **Uma Nova Reforma**: após quinhentos anos, o que ainda precisa mudar. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

RIBEIRO, Bráulia. Do lixo ao luxo: a teologia pentecostal e a construção do self na cultura brasileira. *In*: MATOS, Alderi de Souza Maurício (org.). **Uma Nova Reforma**: após quinhentos anos, o que ainda precisa mudar. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA. **História Mundial da Renovação Carismática Católica**. Disponível em: <https://www.rccbrazil.org.br/interna.php?paginas=42>. Acesso em: 20 out. 2018.

ROBERTS, Richard Owen. **Avivamento**. São Paulo: Shedd Editora, 2015.

ROMEIRO, Paulo. **Supercrentes**: O Evangelho Segundo Kenneth Hagin, Walnice Milhomens e os profetas da prosperidade. São Paulo: Mundo Cristão, 1993.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ROSALES, Alex; CUNHA, José Carlos. **Protestantismo, Pentecostalismo e Neopentecostalismo**: Das questões preliminares ao comércio da fé. Editora Cruz: Goiânia, 2018.

SAIBA história. **O celibato na igreja católica começou**. Disponível em: <https://saibahistoria.blogspot.com/2009/05/o-celibato-na-igreja-catolica-comecou.html>, acessado em 05.05.2020.

SANCHIS Pierre. **Religião, Cultura e Identidades**: Matrizes e matizes. Petrópolis: Vozes, 2018.

SARAIVA, Ivan. **Esperança Viva**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

SCHAEFFER, Francis A. **A igreja do final do século XX**. Viçosa/MG: Ultimato, 1995.

SCHWERTLEY, Brian M. **Sola Scriptura e o Princípio Regulador do Culto**. São Paulo: Os Puritanos, 2001.

SELL, Carlos Eduardo; BRUSEKE, Franz Josef. **Mística e Sociedade**. Itajaí: Editora Univali; São Paulo: Ed. Paulinas. 2006.

SILVA, Ronaldo Teixeira. Leitura-Analítico-Reflexiva das classes sociais no Brasil na Concepção de Jesse Souza. *In*: FOLLMANN, José Ivo. **Dialogando com Jesse Souza**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2018.

SILVA, Rodrigo. **Evidências**: guia de estudo. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2020.

SILVESTRE, Armando Araújo. Concílio de Trento. **InfoEscola – Navegando e Aprendendo**, [S./d.]. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/concilio-de-trento/>.

SOUSA, Ricardo Barbosa. **A Espiritualidade: O evangelho e a igreja**. Viçosa/MG: Ultimato, 2013.

SOUSA, Ricardo Barbosa. **Identidade Perdida**. Curitiba: Encontro, 2012.

SOUZA, Beatriz Muniz; SÁ MARTINO, Luiz Mauro. **Sociologia da Religião e Mudança Social: Católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto; MENEZES, Renata de Castro (org.) **As Religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto; MENEZES, Renata de Castro (org.) **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2011a.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto; MENEZES, Renata de Castro (org.) **As religiões no Brasil: Continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2011b.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto; MENEZES, Renata de Castro (org.). **Religiões em Movimento: o Censo de 2010**. Petrópolis: Vozes, 2013.

THORN, Joe. 25 marcas de um cristão desviado. **Voltemos ao Evangelho**. Disponível em: <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2012/12/joe-thorn-25-marcas-de-um-cristao-desviado/>.

UCHOA, Miguel. A multiface da Igreja Evangélica Brasileira. *In*: MATOS, Alderi de Souza (org.). **Uma Nova Reforma – Após quinhentos anos, o que ainda precisa mudar**. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

VALLE, Rogério; SARTI, Ingrid. O risco das comparações apressadas. *In*: ANTONIAZZI Alberto *et al.* **Nem Anjos Nem Demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VIOLA, Frank. **Reimaginando a igreja**. Brasília: Editora Palavra, 2008.

VIOLA, Frank; BARNA, George. **Cristianismo Pagão? A origem das práticas de nossa igreja moderna**. São Paulo: Abba Press Editora, 2005.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

ANEXOS

Anexo 1 – Definição de Termos – Glossário

Arminianismo⁹²– Arminianismo foi a forma que Jacó Armínio, (português brasileiro), (*Jacobus Arminius, em latim* – 10 de outubro de 1560 – 19 de outubro de 1609), encontrou para contrapor a teologia calvinista, apresentando cinco pontos. Esses pontos dizem respeito à doutrina bíblica da Soteriologia (doutrina da salvação) e vista foi adotado pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. O arminianismo surge na Holanda, coincidentemente onde o Calvinismo tinha proeminência.

Para confrontar os cinco pontos apresentados pelo Calvinismo, foram apresentados os cinco pontos do Arminianismo. Para Armínio, o livre-arbítrio dá a cada pessoa a capacidade de decidir sobre aceitar ou não a salvação proporcionada pelo sacrifício vicário de Cristo. Com base na capacidade de escolher, o arminianismo apresenta os seguintes pontos principais:

1. Deus aprova ou reprova com base na fé ou na incredulidade previstas – ***A expiação proporcionada na cruz é ilimitada;***
2. Cristo morreu por todos e por cada homem, embora somente os crentes serão salvos – ***A expiação proporcionada na cruz é ilimitada;***
3. O homem é tão depravado que é necessário que a graça divina tanto para a fé quanto para as boas obras – ***O pecado original não impossibilita*** o homem de fazer escolhas relacionadas à sua vida espiritual;
4. Pode-se resistir a graça divina – **O homem pode ou não aceitar o sacrifício vicário de Cristo**
5. Se todos os verdadeiros regenerados perseveram com certeza na fé, é uma questão que exige maior investigação – ***A eleição não é incondicional.***

Calvinismo – A expressão “Calvinismo” foi aparentemente usada pela primeira vez em 1552, numa carta do pastor luterano Joachim Westphal, de Hamburgo. O calvinismo também é chamado de Fé Reformada, Confissão Reformada ou Teologia Reformada, se caracterizando tanto como movimento religioso protestante, quanto como ideologia sociocultural com raízes na Reforma Protestante iniciada por João Calvino, em Genebra.

⁹² Disponível em: <https://www.respostas.com.br/arminianismo/>.

João Calvino – (Noyon, 10 de julho de 1509 — Genebra, 27 de maio de 1564), aderiu ao protestantismo entre 1532 e 1536, tendo passado por Genebra, onde veio a ser considerado o grande “reformador universal”. Participou do Conselho da Cidade, em assuntos eclesiásticos, mesmo sem poder decidir, pois era estrangeiro, mas onde exerceu grande influência a respeito de seu governo civil, ajudando a elaborar leis, fundando a Academia de Genebra (treinado reformadores para toda a Europa) e tornando Genebra o principal centro protestante da Europa. Ajudou a estabelecer grandes reformas na Igreja na cidade, onde trabalhou até a sua morte, em 27/05/1564, deixando um legado imenso e muitas obras publicadas.

O sistema calvinista pode se resumir nos chamados Cinco Pontos do Calvinismo, elaborados durante o Sínodo de Dort realizado na Holanda, entre 1618 e 1619, conhecidos pelo acróstico **TULIP**:

T de Total Depravity (*Depravação Total*)

U de Unconditional Election (*Eleição Incondicional*)

L de Limited Atonement (*Expição Limitada*)

I de Irresistible Grace (*Graça Irresistível*)

P de Perseverance of the Saints (*Perseverança dos Santos*).⁹³

Confissão positiva – A Confissão Positiva é uma prática de algumas igrejas neopentecostais para conseguir bênçãos. De acordo com a Confissão positiva, a pessoa “confessa” que tem aquilo que quer ter, e assim será feito. A Bíblia não ensina a Confissão Positiva. O ensino da Confissão Positiva surgiu entre algumas igrejas cristãs no século XX, ficando associada à Teologia da Prosperidade e a várias igrejas novas. Influenciados por novos movimentos, que interpretavam a Bíblia de maneira muito diferente do normal, como a Ciência Cristã e o Novo Pensamento, alguns pregadores começaram a ensinar que podemos forçar o mundo a nos dar o que queremos, invocando as palavras da Bíblia.

Cristianismo histórico – Conforme Lopes (2015)* é sinônimo de igrejas históricas organizadas dos Estados Unidos e Europa mandaram os primeiros missionários que vieram ao Brasil trazendo o Evangelho de Cristo, que hoje abençoa milhões de brasileiros. As igrejas históricas organizadas criaram e sustentam as sociedades bíblicas que traduziram a Bíblia do

⁹³ Disponível em: <https://www.infoescola.com/religiao/calvinismo/>.

grego e do hebraico para o português, permitido assim que hoje milhões de brasileiros que não leem nem grego e nem hebraico leiam a Palavra de Deus em português. Entre as principais igrejas históricas estão a igreja Luterana, igreja Anglicana, igreja Presbiteriana, igreja Batista, igreja Metodista e igreja Congregacional.

Essas igrejas se denominam históricas, e, portanto, adotam o cristianismo histórico, pois ao considerarem que surgiram a partir da reforma do século XVI, tem uma história e as demais igrejas, pentecostais, neopentecostais, surgiram a partir do início do século XX, e não têm, antes, surgiram da dissidência nas igrejas tradicionais. Além disso, as igrejas históricas consideram vanguardistas na luta pela liberdade religiosa no Brasil no tempo em que era império e só havia liberdade de culto para os católicos.⁹⁴

Desigrejados – Caracterizam as pessoas que após permanecerem por algum tempo como membros das igrejas pentecostais, neopentecostais, principalmente, após discordarem dos procedimentos litúrgicos se afastaram e em alguns casos com por graves divergências. Hervieu-Léger (2015) “o que caracteriza a religiosidade das sociedades modernas é a dinâmica do movimento, mobilidade e dispersão de crenças”.

Desinstitucionalizados – Neste trabalho, caracterizam as pessoas do segmento evangélico pentecostal e neopentecostal que se desligaram das instituições religiosas das quais fizeram parte, principalmente por discordarem dos ritos e administração eclesiástica. Hervieu-Léger (2015) “o panorama religioso que antecede ao novo milênio vem marcado pela difusão do crer individualista, pela disjunção das crenças e das pertencas confessionais e pela diversificação das trajetórias percorridas por ‘crentes passeadores’.

Desviados – Nas igrejas evangélicas são considerados desviados os membros que por razões pessoais ou de discórdia com a direção das igrejas resolvem abandonar essas denominações, não fazendo parte mais das igrejas e em sua maioria esses desviados voltam às mesmas práticas do passado, quando não frequentavam as igrejas, tais como vícios e hábitos sociais consideradas impróprias para os evangélicos.

Dispensacionalismo – A palavra “dispensação” vem do latim “*dispenso*”, que significa “*pesar*” ou “*administrar*”, como um mordomo. Esse vocábulo tem sido usado de vários

⁹⁴ *Disponível em: <https://www.facebook.com/AugustusNicomemusLopes/posts/s%C3%B3-lembrandoas-igrejas-hist%C3%B3ricas-organizadas-dos-estados-unidos-e-europa-mandar/912387332147012> /. Acesso em: 27 nov. 2018.

modos, [...]. Mas o que mais nos chama a atenção é aquele que segundo pensam alguns intérpretes, envolve períodos de tempo durante os quais Deus estaria tratando com os homens de maneiras específicas. Essa ideia foi popularizada pela Bíblia Anotada de Scofield – tradução portuguesa da *Scofield Reference Bible*, e desenvolvida de vários modos por intérpretes posteriores. [...] Uma dispensação apontaria para os caminhos de Deus, os métodos através dos quais ele opera e trata com os homens (CHAMPLIM 1991, p. 186-187). “O Dispensacionalismo é um sistema teológico que apresenta duas distinções básicas: (1) Uma interpretação consistentemente literal das Escrituras, em particular da profecia bíblica. (2) A distinção entre Israel e a Igreja no programa de Deus”.⁹⁵

O Dispensacionalismo é um método de interpretação da escatologia bíblica criado por Charles C. Ryrie (1925-2016), teólogo americano, com mestrado e doutorado pelo Seminário Teológico de Dallas, Texas e do qual foi professor emérito. Possui doutorado pela Universidade de Edinburgo (Escócia) e pelo Seminário Teológico da Universidade Drew, em Nova Jersey. Os dispensacionalistas, seguindo os ensinamentos do criador dessa forma de interpretação da Escatologia Bíblica, alistam os seguintes períodos para o Dispensacionalismo, durante os quais Deus tem tratado com o homem: inocência, consciência, governo humano, promessa, lei mosaica, graça e milênio e cada uma delas com um representante se destacando. Assim temos na dispensação da inocência, Adão e Eva, na dispensação da consciência Abel, na dispensação do governo humano, Noé, na dispensação da promessa, Abraão, na dispensação da lei, Moisés, na dispensação da graça, a igreja e na dispensação milenial, o reino de Cristo.

Esoterismo – Esoterismo é o nome genérico que evidencia um conjunto de tradições e interpretações filosóficas das doutrinas e religiões que buscam transmitir um rol acerca de determinados assuntos que dizem respeito a aspectos da natureza da vida que estão sutilmente ocultos. Um sentido popular do termo é a percepção de que transmitem um conhecimento enigmático ou incomum, sempre com vetor oculto. Segundo alguns, o esoterismo é o termo para as doutrinas cujos princípios e conhecimentos não podem ou não devem ser “vulgarizados”, sendo comunicados a um restrito número de partidários adeptos.⁹⁶

Evangelicalismo – É um termo que descreve um movimento dentro do protestantismo que é caracterizado por uma ênfase em ter uma relação pessoal com Jesus Cristo. Esse

⁹⁵ Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/dispensacionalismo.html>.

⁹⁶ Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esoterismo>. Acesso em: 15 jan. 2020.

relacionamento começa quando uma pessoa recebe o perdão de Cristo e renasce espiritualmente. Aqueles que adotam essa crença são chamados evangélicos. A palavra evangelicalismo é derivada das palavras gregas *euangelion*, que significa “boas notícias” e *euangelizomai*, que significa “proclamar como uma boa notícia”. Esta boa notícia é que “Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu a Cefas e, depois, aos doze” (1 Coríntios 15:3b-5). O evangelicalismo se baseia nesta boa notícia, que é o Evangelho de Cristo, e na sua pregação.

G-12 – Causando muitos conflitos dentro das igrejas evangélicas, a visão celular dos 12, ou G12, criada pelo pastor colombiano César Castellanos Dominguez – Missão Carismática Internacional (MCI) – foi introduzida no Brasil em 1998 pelo Apóstolo Renê Terra Nova, fundador do Ministério Internacional da Restauração, após participar de um encontro da MCI em Bogotá. Terra Nova adotou nova nomenclatura para a Visão Celular que passou a se chamar Movimento Celular ou M-12. O G12 é um movimento que nasceu inicialmente no seio do neopentecostalismo, com o propósito de provocar o crescimento das igrejas evangélicas por meio de pequenos grupos conhecidos como células. Essas células atuam em reuniões nas casas dos fiéis e geralmente são compostas por doze pessoas. O número doze refere-se ao modelo do discipulado de Jesus Cristo, que separou para si doze homens para instrução, capacitação e testemunho das Boas Novas.

Huguenotes – Era todo seguidor do movimento reformador, protestantismo, na França. A maioria era calvinista, seguidores de João Calvino, reformador suíço, que estabeleceu na França, sua base de atuação no protestantismo e membros da Igreja Reformada. A origem do título é baseada no nome do religioso suíço, Besançon Hugues, que também exerceu influência sobre os seguidores da reforma na França, mas ele mesmo não era francês. Os huguenotes foram severamente perseguidos na França e vítimas do massacre havido na noite de São Bartolomeu, quando se diz que as águas do Rio Sena ficaram vermelhas com o sangue dos protestantes. Nessa noite, de 23 para 24 de agosto de 1572, milhares de protestantes huguenotes foram cruelmente assassinados pelos franceses católicos que não aceitavam naquele país as ideias dos reformadores. O massacre daquela noite foi um episódio, da história da França, na repressão ao protestantismo, engendrado pelos reis franceses, que eram católicos.

Igrejas Evangélicas Históricas – Conjunto de igrejas formado principalmente pelas igrejas presbiterianas, metodistas, wesleyana, luteranas, congregacional, batistas e outras igrejas menores, mas associadas a uma das convenções dessas igrejas e que não aderiram ao movimento da renovação carismática que começou a acontecer no Brasil a partir de 1910.

Junta Ministerial – Junta Ministerial é um órgão deliberativo e executivo da Convenção Regional da Assembleia de Deus nos Estados e no Distrito Federal, com a incumbência de discutir questões de natureza administrativa e disciplinar que ocorre no âmbito do ministério da igreja, ou seja, dos obreiros – Evangelistas e Pastores, por qualquer tipo de transgressão praticada ou quando se tratar de mudança de obreiros de uma igreja para outra. No caso de mudança de obreiro na direção da igreja, atua como corpo deliberativo e executivo. Em geral, os membros da Junta Ministerial são os próprios dirigentes das Convenções Estaduais e do Distrito Federal e completada quando necessário por um pastor, geralmente, amigo pessoal do presidente da convenção, que não faz parte da Mesa Diretora da Convenção. Nas Assembleia de Deus quando Junta Ministerial é acionada, raramente ouve os membros da igreja envolvida e impõe a decisão que ela tomar sem levar em consideração eventuais discórdias e aqueles que não concordam deixam as igrejas.

Membro de Igreja – Entende-se por membro de igreja as pessoas que formalmente passaram a fazer parte do rol de membros de uma igreja evangélica, história, pentecostal ou neopentecostal. Esse fato se dá em todas as igrejas a partir do momento que a pessoa que pretende fazer parte daquela comunidade religiosa recebe as instruções sobre como deve ser o seu comportamento e é batizado nas águas.

Método Alegórico – Método de interpretação da literatura bíblica criado por Filo de Alexandria, no segundo século no qual se aplicava a alegoria na interpretação bíblica. Para Filo de Alexandria, o texto bíblico sempre quer dizer algo diferente daquilo que está visível. Aliás, a palavra alegoria, vem do grego e literalmente significa “*dizer outra coisa*”.⁹⁷

Método Gramático-Histórico – Lopes (2013) afirma que o método de interpretação do texto bíblico, criado em Antioquia da Síria no século IV por Luciano de Samosata ou Luciano de Antioquia. Esse método utiliza o sentido literal do texto, ou seja, busca-se entender o sentido que o autor pretendeu dar ao texto. Muito embora o nome “gramático-

⁹⁷ Dicionário on-line de português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/alegoria/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

histórico” somente tenha sido dado ao método após a reforma do século XVI, “os princípios que caracterizavam esse tipo de interpretação já estavam presentes em Antioquia: procurar alcançar o sentido do texto por meio da busca da intenção do seu autor, considerando o contexto histórico em que foi escrito” (LOPES, 2013, p. 135), para depois fazer a sua aplicação nas diversas situações do cotidiano.

Método histórico-crítico – Adriano Filho (2008), afirma que o método foi criado após as ideias iluministas, no final do século XVIII e desde sua criação tem influenciado fortemente as igrejas atuais.

Modelo episcopal de administração eclesiástica – Forma de governo eclesiástico Episcopal ou Prelático – Constitui-se uma hierarquia eclesiástica, onde o Governo é centralizado na figura de um dirigente (bispo, pastor), responsável pelas decisões e destinos da igreja, mas que possui um grupo de subalternos, o Colégio Episcopal, responsáveis pela administração da gestão do sistema. Há também o modelo episcopal monárquico onde um só é vitalício e governa a Igreja, eleito pelos cardeais, e é a autoridade máxima. É a forma de governo mais antiga.⁹⁸ Episcopal: Essa forma de governo é caracterizada por ter um “Líder Maior”, geralmente chamado de Episcopo, Papa, Bispo, Pastor Presidente e até Apóstolo, que governa todos os outros líderes e demais membros da igreja. É ele quem toma todas as decisões. Ou seja, “Um” governa a “Todos” (Igreja Episcopal, Universal, Católica, Assembleia de Deus e a maioria das igrejas neopentecostais);⁹⁹

Mundo – Na concepção evangélica, principalmente entre os pentecostais e neopentecostais, a expressão “mundo” caracteriza o modo de viver de um membro da igreja que inclua participação em ambientes, espaços, shows, diversões, lazer, que não estejam restritos ao ambiente das igrejas ou no contexto religioso daquelas igrejas, e.g. ir ao cinema, desde que não seja para assistir a um filme evangélico, ir ao estádio de futebol, ao show de um artista não evangélico, ao teatro, ouvir músicas de cantores não evangélicos, assistir a determinados programas de televisão etc.

Neopentecostais – É o resultado da transformação e readaptação das igrejas pentecostais que veio à tona no final da década de cinquenta do século passado, Giraldi (2015) e que hoje

⁹⁸ Disponível em: <http://files.facteologia.webnode.com.br/200000887-a4b83a6abc/ADMINISTRA%C3%87%C3%83O%20ECLESI%C3%81STICA%20Resumo.pdf>.

⁹⁹ Disponível em: <https://filosofiacalvinista.blogspot.com/2012/01/os-modelos-de-governo-eclesiasticos-suas.html>.

se fazem presentes nas mais diversas áreas do contexto nacional, da mídia ao cenário político. São os novos cristãos surgidos entre os pentecostais, protestantes cuja ênfase estava em realizar cultos de libertação espiritual usando métodos não ortodoxos, para os padrões das igrejas pentecostais. O *Neopentecostalismo* ou *Terceira Onda do Pentecostalismo* é uma vertente do evangelicalismo, conglomerando igrejas do movimento de Renovação Cristã. Fora do Brasil, essas igrejas são chamadas também de carismáticas, aqui esse termo é reservado a um movimento da Igreja Católica Apostólica Romana. *Neopentecostalismo* ou *Terceira Onda do Pentecostalismo* são os termos que designam o crescimento do movimento pentecostal no Brasil e na América Latina, Mariano (2014), a partir dos dissidentes do evangelicalismo que congrega denominações oriundas do pentecostalismo clássico ou mesmo das igrejas cristãs tradicionais (batistas, metodistas, presbiterianas, congregacionais etc.), o neopentecostalismo é considerado um movimento sectário e o termo foi aplicado pela primeira vez na década de 1970, para as igrejas que adotaram muitas das doutrinas e práticas das igrejas pentecostais e do movimento carismático, mas não se tornaram formalmente alinhados com algum deles. Na década de 1980, Charles Peter Wagner cunhou o termo *Terceira Onda*, a fim de distinguir o tipo de espiritualidade carismática que ele defendia desde o pentecostalismo.

Pentecostalismo – Pentecostalismo é o movimento de renovação carismática evangélica baseado na crença de que a experiência do batismo no Espírito Santo deve ser normativa para todos os cristãos. É a doutrina pentecostal de grupos religiosos cristãos, originários do seio do protestantismo histórico, que adotaram as manifestações sobrenaturais do poder do Espírito Santo na vida do crente após o Batismo do Espírito Santo, a prática dos dons do Espírito Santo, conforme descritos nas Epístolas de Paulo aos Romanos e Primeira Epístola aos Coríntios, sendo o mais evidente o falar em línguas estranhas (glossolalia). O pentecostalismo é o movimento que mais influencia, hoje, as manifestações da religiosidade dos evangélicos brasileiros e em boa parte do mundo aonde estas igrejas chegaram.

Pós-pentecostalismo – Neste trabalho, pós-pentecostalismo é definido como a fase considerada após o neopentecostalismo, na perspectiva apresentada por Freston (1994) das três ondas do pentecostalismo brasileiro em que descreve os três momentos do movimento pentecostal iniciado no Brasil, com a chegada das igrejas Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911). No primeiro momento foi chamado de pentecostalismo clássico, com suas características peculiares, até aproximadamente 1950. O segundo

momento, a partir de 1950/1960 quando surgem as novas igrejas pentecostais, Igreja do Evangelho Quadrangular e Igreja de Nova Vida, Igreja O Brasil para Cristo, Igreja Deus é Amor. Aqui inicia-se o que foi chamado de deuteropentecostalismo, nas quais não se observava por exemplo o sectarismo das igrejas anteriores. Quanto ao sectarismo, exceção feita na Igreja Deus é Amor e práticas de evangelismo com base no rádio, revistas e jornais e já dissidentes dessas igrejas, surgem as igrejas chamadas neopentecostais, Igreja Universal do Reino do Deus, Renascer, Igreja Internacional da Graça de Deus, Comunidade Sara Nossa Terra. Portanto, o retrato que se tem agora do movimento pentecostal brasileiro é o que se pode chamar de pós-pentecostalismo, pois as igrejas que tiveram suas origens nos movimentos anteriores não guardam mais identidade com aquelas, formando desta forma o que se pode chamar de igrejas pós-pentecostais. Suas principais características é a de que não valorizam os princípios que marcaram o surgimento do pentecostalismo clássico, como batismo com o Espírito Santo, a glossolalia ou xenolalia, curas ou atualidade dos dons espirituais, supervalorizam os recursos da mídia na evangelização e atração de novos membros.

Ralé brasileira – Neste trabalho será adotada a mesma definição dada por Jesse Souza que traduz esse estrato da sociedade, conforme citado por (SILVA, 2018, p. 85) “uma classe constituída por negros recém-libertos, mulatos, mestiços, que, em análise atenta da sociedade brasileira, seriam os herdeiros diretos da escravidão [...] portanto, não se encontra na hierarquia social, que presta os serviços da força ao conjunto da sociedade, que trocou o ‘trabalho estável de escravo’ pelo trabalho eventual e contingente, é a classe destituída, a ralé, eu se encontra na miséria do período de transição agrária para a indústria até os nossos dias. [...] o negro deixou de ser escravo oprimido pela força, mas passou a ser humilhado moralmente, vivendo pobre nas favelas enquanto a aristocracia rural deixou de ser senhor de engenho para ser o rico industrial, morador da cidade”.

Religião – Neste trabalho religião será entendida como “uma devoção a tudo que é considerado sagrado. Também será entendido como culto que aproxima o homem das entidades a quem são atribuídos poderes sobrenaturais ou uma crença em que as pessoas buscam a satisfação nas práticas religiosas ou na fé, para superar o sofrimento e alcançar a felicidade.

Religião é entendida também como um conjunto de princípios, crenças e práticas de doutrinas religiosas, baseadas em livros sagrados, que unem seus seguidores numa mesma comunidade moral, chamada Igreja. Todos os tipos de religião têm seus fundamentos, algumas se baseiam em análises filosóficas, que explicam o que somos e porque viemos ao mundo”.¹⁰⁰ Ainda de acordo com o Dicionário de Ciências Sociais (1986, p. 1058), “religião são sistemas de crença, prática e organização que conformam uma ética que se manifesta no comportamento de seus seguidores”.

Teologia da Prosperidade – Teologia da prosperidade (também conhecida como Evangelho da prosperidade) é uma doutrina religiosa cristã que defende que a bênção financeira é o desejo de Deus para os cristãos e que a fé, o discurso positivo e as doações para os ministérios cristãos irão sempre aumentar a riqueza material do fiel. A Teologia da Prosperidade busca a interpretação de textos bíblicos para fazer com que os fiéis entendam que Deus tem saúde e bênçãos materiais para entregar ao seu povo

WEB – nome pelo qual a rede mundial de computadores internet se tornou conhecida a partir de 1991, quando se popularizou devido à criação de uma interface gráfica que facilitou o acesso e estendeu seu alcance ao público em geral. Web é uma palavra inglesa que significa teia ou rede. O significado de web ganhou outro sentido com o aparecimento da internet. A web passou a designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a *World Wide Web* (*www*). A web significa um sistema de informações ligadas por meio de hipermídia (hiperligações em forma de texto, vídeo, som e outras animações digitais) que permitem ao usuário acessar uma infinidade de conteúdo na internet. Para tal é necessária ligação à internet e um navegador (*browser*) onde são visualizados os conteúdos disponíveis.¹⁰¹

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.significados.com.br/religiao/>. Acesso em: 14 nov. 2018.

¹⁰¹ Disponível em: <https://www.significados.com.br/web/>. Acesso em: 13 out. 2018. (texto adaptado).

Anexo 2 – Questionário – Desinstitucionalizados

1. Endereço de e-mail *
2. NOME
3. ENDEREÇO
4. IDADE
 - 18 a 25
 - 26 a 30
 - 31 a 35
 - 36 a 40
 - 41 a 45
 - Mais de 45
5. ESCOLARIDADE
 - Ensino Fundamental
 - Ensino Médio
 - Ensino Superior Incompleto
 - Ensino Superior Completo
 - Pós-graduado
6. RENDA MENSAL
 - Entre 1 e 2 salários mínimos
 - Entre 3 e 4 salários mínimos
 - Entre 5 e 7 salários mínimos
 - Mais de 7 salários mínimos
7. O que te levou a frequentar uma igreja evangélica?

8. Como foi sua experiência de ingresso na igreja evangélica?
9. Você era um dizimista fiel – contribuía mensalmente?
10. Antes de sua adesão a uma denominação cristã, você frequentava alguma igreja?
11. Qual a denominação você frequentava ao desinstitucionalizar-se?
12. Exerceu funções de liderança na igreja?
13. O que foi decisivo para você desinstitucionalizar-se?
14. Você tem alguma crítica com relação às denominações religiosas?
15. Há quanto tempo tomou a decisão de se desinstitucionalizar?
16. Qual a postura dos pastores diante da sua decisão?
17. Como você analisa a postura da igreja em relação aos desigrejados?
18. Qual sua sugestão para minimizar esse desapontamento dentro da Igreja?
19. Antes de sair desta igreja, você havia frequentado outras denominações?
20. Como você desenvolve seu relacionamento com Cristo fora da igreja?
21. Você participa de algum tipo de reunião eclesiástica?
22. Após o seu afastamento da instituição, você continua praticando o cristianismo?
23. Você chegou a compartilhar sua frustração com a liderança da denominação?
24. Você tem intenção de voltar ao convívio de uma instituição religiosa? Justifique.
25. Você mantém vínculos de amizade com os antigos amigos da igreja?
26. Você continua restituindo o dízimo? Se sim, como faz isso fora da instituição?

Anexo 3 – Questionário – Pastores / Líderes

1. NOME
2. IDADE
 - 20 a 30
 - 31 a 40
 - 41 a 50
 - 51 a 60
 - acima de 60 anos
3. Em qual denominação exerce o pastorado hoje?
4. Há quanto tempo exerce o pastorado na denominação?
5. Exerceu o pastorado em outra denominação?
6. Em seu pastorado, o senhor tem o hábito de visitar os membros em seus lares e ouvir possíveis queixas?
7. Qual o percentual de crescimento numérico de sua igreja nos dois últimos anos?
8. Nos últimos dois anos houve casos de pessoas desinstitucionalizadas (desigrejadas) em sua igreja?
9. Quando soube que algum membro da igreja havia se afastado, qual sua reação?
10. Qual a justificativa apresentada pela pessoa que se afastou?
11. Em sua opinião, o que contribui para o afastamento das pessoas da igreja?
12. O senhor acha que a liturgia do culto contribui para que as pessoas se afastem das igrejas?
13. Qual tem sido sua atitude com objetivo de evitar que as pessoas se afastem da igreja?
14. Qual sua sugestão aos pastores das igrejas onde está ocorrendo a desinstitucionalização?

Anexo 4 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOS SINOS

Pesquisador responsável: Jacildo da Silva Duarte

Aluno do Curso de Doutorado em Ciências Sociais – Matrícula nº 1759149

Endereço: Rua 10, chácara 178, lote 43 – Setor Habitacional Vicente Pires – DF, CEP – 72007-390

Fone: (61) 99654-1818 – E-mail: jacildo.unisinos@gmail.com

Nome do participante: _____

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa **“A desinstitucionalização religiosa nas igrejas frente a nova realidade nas igrejas pentecostais e neopentecostais brasileiras: novos caminhos de uma quarta onda?”** que tem como objetivos levantar motivos que fazem com que as pessoas criem rejeição às práticas desenvolvidas nas igrejas pentecostais e neopentecostais e delinear novas expectativas, por parte dos desigrejados, após a desinstitucionalização das igrejas pentecostais e neopentecostais.

O motivo que nos leva a estudar este tema é por ser uma área de estudo ainda não explorada com a especificidade e profundidade com que deve ser tratado e não ter recebido ainda o tratamento necessário para levantar suas causas. Além disso, meu interesse em pesquisá-lo se deve também à sua relevância, como movimento social que vem mudando a forma dos movimentos pentecostal e neopentecostal no cenário da igreja evangélica brasileira, como elemento caracterizador de uma “nova onda pentecostal”.

Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: **questionário com seis perguntas fechadas e vinte e uma perguntas abertas**. Ressaltando que caso não se sinta à vontade para responder a qualquer das questões abertas, sinta-se à vontade para deixá-la em branco.

O motivo deste convite é que você se enquadra nos critérios de inclusão: **foi participante de uma igreja evangélica, e por algum motivo deixou de participar das reuniões da igreja na qual congregava, mantém interesse em continuar como um cristão, mesmo estando desinstitucionalizado, isto é, desligado da igreja à qual pertenceu.**

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade decorrente por parte do pesquisador responsável.

Sua identidade, bem com as informações oferecidas serão tratadas com sigilo e privacidade. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem sua permissão.

Ao participar voluntariamente da pesquisa, você automaticamente está autorizando o pesquisador utilizar as informações prestadas no questionário de levantamento de dados para compor o conteúdo de sua tese acima descrita.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de assentimento bem como o questionário, serão anexados ao trabalho da tese como parte dos seus anexos e o questionário preenchido estará à disposição da banca

examinadora que poderá solicitá-lo, caso em que também todas as informações serão mantidas sob sigilo pelos componentes da banca examinadora.

Caso haja danos devidamente comprovados, decorrentes de sua participação nesta pesquisa, o pesquisador assumirá a responsabilidade pelos esclarecimentos necessários a quem solicitá-los.

Brasília, DF, ____ de _____ de 2020

Assinatura do participante na pesquisa:

CPF do participante na pesquisa:

Anexo 5 – Informações sobre os Pesquisados

NOMES	IDADE	ESCOLARIDADE	RENDA MENSAL	DENOMINAÇÃO RELIGIOSA
A	31 a 35	Superior Completo	Entre 1 e 2 salários mínimos	Igreja vivo por ti
B	18 a 25	Pós-graduado	Entre 5 e 7 salários mínimos	Evangélico Cristão
C	31 a 35	Pós-graduado	Entre 1 e 2 salários mínimos	Anglicana
D	18 a 25	Ensino Médio	Entre 1 e 2 salários mínimos	Assembleia de Deus
E	31 a 35	Superior Incompleto	Entre 1 e 2 salários mínimos	Assembleia de Deus
F	36 a 40	Pós-graduado	Mais de 7 salários mínimos	Assembleia de Deus
G	36 a 40	Pós-graduado	Mais de 7 salários mínimos	Assembleia de Deus
H	31 a 35	Pós-graduado	Mais de 7 salários mínimos	Fortaleza-CE
I	Mais de 45	Pós-graduado	Mais de 7 salários mínimos	Assembleia
J	26 a 30	Superior Completo	Entre 3 e 4 salários mínimos	Congregação Cristã no Brasil
K	26 a 30	Superior Incompleto	Entre 1 e 2 salários mínimos	Assembleia de Deus
L	26 a 30	Superior Incompleto	Entre 3 e 4 salários mínimos	Assembleia de Deus
M	31 a 35	Superior Completo	Mais de 7 salários mínimos	Assembleia de Deus
N	41 a 45	Superior Completo	Entre 5 e 7 salários mínimos	Batista
O	Mais de 45	Pós-graduado	Entre 5 e 7 salários mínimos	Neopentecostal
P	36 a 40	Superior Incompleto	Entre 1 e 2 salários mínimos	Neopentecostal
Q	31 a 35	Pós-graduado	Mais de 7 salários mínimos	Batista
R	26 a 30	Superior Incompleto	Entre 1 e 2 salários mínimos	Sara Nossa Terra
S	31 a 35	Pós-graduado	Entre 3 e 4 salários mínimos	Assembleia de Deus
T	18 a 25	Ensino Médio	Entre 1 e 2 salários mínimos	Assembleia de Deus
U	31 a 35	Pós-graduado	Entre 1 e 2 salários mínimos	Igreja de Deus no Brasil.
V	26 a 30	Superior Completo	Entre 1 e 2 salários mínimos	Nenhuma igreja constante
W	26 a 30	Superior Incompleto	Entre 1 e 2 salários mínimos	Catolicismo Apostólico Romano
X	Mais de 45	Superior Completo	Mais de 7 salários mínimos	Igreja Batista
Y	41 a 45	Superior Incompleto	Entre 3 e 4 salários mínimos	Assembleia de Deus
Z	Mais de 45	Fundamental	Mais de 7 salários mínimos	Assembleia de Deus
AA	18 a 25	Superior Completo	Mais de 7 salários mínimos	Igreja Evangélica Plenitude Cristã.
AB	Mais de 45	Ensino Médio	Mais de 7 salários mínimos	Assembleia de Deus
AC	18 a 25	Superior Incompleto	Entre 3 e 4 salários mínimos	Ministério Apostólico Luz para os Povos
AD	36 a 40	Ensino Superior Completo	Entre 1 e 2 salários mínimos	El Shadai
AE	36 a 40	Pós-graduado	Mais de 7 salários mínimos	Igreja Assembleia de Deus.